



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**  
**CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**ANA CAROLINE COSTA VIEIRA**

**LAR DOCE LAR?**  
**UM ESTUDO SOBRE AFETIVIDADE DE IDOSOS**  
**RESIDENTES EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA**  
**EM FORTALEZA**

**FORTALEZA**

**2012**

ANA CAROLINE COSTA VIEIRA

LAR DOCE LAR?  
UM ESTUDO SOBRE AFETIVIDADE DE IDOSOS  
RESIDENTES EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA  
EM FORTALEZA

Dissertação submetida à banca examinadora convidada pela Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Processo de mediação: trabalho, atividade e interação social.

Orientadora: Profa. Dra. Zulmira Áurea Cruz Bonfim.

FORTALEZA  
2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

---

V7131

Vieira, Ana Caroline Costa.

Lar doce lar? Um estudo sobre afetividade de idosos residentes em instituições de longa permanência em Fortaleza / Ana Caroline Costa Vieira. – 2012. 215 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2012.

Área de Concentração: Processo de mediação: trabalho, atividade e interação social.

Orientação: Profa. Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim.

1.Envelhecimento – Fortaleza(CE) – Aspectos psicológicos. 2.Asilo para idosos – Fortaleza(CE) – Aspectos psicológicos. 3.Asilo(Psicologia). 4.Psicologia ambiental-- Fortaleza(CE). 5.Idosos – Política governamental – Fortaleza(CE). 6.Assistência à velhice – Política governamental – Fortaleza (CE). I. Título.

CDD 155.945098131

---

ANA CAROLINE COSTA VIEIRA

LAR DOCE LAR?:  
UM ESTUDO SOBRE AFETIVIDADE DE IDOSOS  
RESIDENTES EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA  
EM FORTALEZA

Dissertação submetida à banca examinadora convidada pela Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Psicologia. Área de Concentração: Processo de mediação: trabalho, atividade e interação social.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Zulmira Áurea Bomfim (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Sylvia Cavalcante  
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

---

Profa. Dra. Isolda Günther  
Universidade de Brasília (UNB)

À minha irmã, Tatá, unha de quem sou carne, pelo simples fato de existir na minha vida e me mostrar que sempre devemos buscar crescer primeiramente como seres humanos. Ao meu marido, Leo, por todos os dias adubar e regar comigo nosso jardim, deixando todas as flores mais vivas e coloridas, para que assim possamos juntos admirar as belas borboletas.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço às pessoas que me incentivaram a iniciar essa jornada quando eu mesma não acreditava ser capaz. Às minhas irmãs, Sarah Nobre (Tatá) e Cybele Moreira, que mesmo distantes geograficamente me transmitiram força, me nutriram e me reanimaram nos momentos difíceis. À minha mãe, Dione Costa (Mamilda), por ter tido o discernimento de nos ensinar que a educação é a nossa via principal de crescimento, e ter, por esse motivo, feito o possível e o impossível para nos dar uma educação de qualidade. Por sentir tanto orgulho de sua caçulinha, fez com que eu buscasse corresponder a esse sentimento. Ao meu amigo e cunhado Daniel Nobre (Deniel), por contribuir na decisão de mudança de caminhos, pelas poucas, calorosas e sábias palavras que tanto me fortaleceram.

Agradeço aos que me acompanharam durante esse processo de metamorfose que foi o mestrado na minha vida. Leo Vieira, meu amor, meu companheiro, pela sua paciência, pelo colo nos momentos de angústia, pelo seu exemplo de perseverança, mostrando que fomos capazes de alcançar todos os nossos objetivos, pois “juntos somos mais fortes”. Por ter estado ao meu lado nos momentos dolorosos, cansativos e também nos saborosos. À minha família escolhida: “Tia” Socorro, Camilla Lopes, Tallita Araújo, Eliardo Vieira, Achilles Furtado, Klayton Barros e Lauren Vieira, pela compreensão das ausências em momentos importantes. Aos meus colegas de turma do mestrado (Turma “Europa e América Latina”) que lutaram comigo, batalha por batalha, para conquistar o nosso tão sonhado “Me.”.

Agradeço, em especial, à Zulmira Bomfim (querida Zul), orientadora serena, afetiva antes de qualquer coisa, cuidadosa em cada palavra dita. Por ter feito parte da minha formação desde a graduação no nosso querido Lócus – Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental, até o mestrado. Por ter me acompanhado em momentos importantes e difíceis, por ter acreditado e me incentivado a crescer, a ser curiosa, a deixar minha criatividade fluir e a não ter tanto medo do desconhecido.

Agradeço à amigas especiais, que fizeram parte diretamente desse processo me ajudando desde o projeto para a seleção do mestrado até a comemoração na defesa, ouvindo, sugerindo autores interessantes, emprestando livros, coletando dados comigo e, inclusive, me cobrando

seguir em frente: minha amiga-mestra Helenira Fonsêca; minhas amigas-cunhadas Tallita Araújo, Camilla Araújo; minhas doces amigas-mestrandas, Elívia Camurça, Edgla Barros e Camila Alves; meu casal de amigos, agora também mestres, Eugênia Marques e Marcelo Ferreira; e as psicólogas clínicas, humanistas e gestalt-terapeutas, como eu, Joice Camêlo (futura mestra) e Nara Barreto.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP por ter contribuído financeiramente na minha formação como mestra. À Universidade Federal do Ceará – UFC, por onde andei durante seis anos da vida (graduação e pós-graduação), onde me formei psicóloga e onde espero aprender e crescer ainda mais daqui para frente.

Ao Assistente em Administração do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Hélder Carmo, por ser tão solícito, prestativo e cuidadoso em todos os momentos que precisamos.

Ao Lócus – Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental, que nos meus anos de graduação contribuiu imensamente para meu crescimento tanto profissional como pessoal com ricos e calorosos encontros, nos grupos de estudos, nas pesquisas, nas trilhas urbanas e ecológicas, nas reuniões de planejamento e avaliação (sempre nutritivas), nas comemorações de aniversários e no descanso após o almoço.

Agradeço ao LACEP pelo auxílio com tabelas e os gráficos. Em especial, ao coordenador do núcleo, Prof. Walberto Santos, e à aluna, Emanuela, pela atenção e cuidado.

Agradeço à banca pelas contribuições de valor inestimável para a conclusão desse estudo. Agradeço à Profa. Dra. Sylvia Cavalcante pela atenção e disponibilidade na qualificação e pelas colocações cuidadosas e construtivas, que me estimularam a buscar novas possibilidades para a pesquisa. Agradeço à Profa. Dra. Isolda Günther pelas sugestões na qualificação e por ter sido uma das razões, por meio dos seus livros e artigos, pela minha paixão pelo tema.

Finalmente, agradeço a todas as Instituições de Longa Permanência para Idosos que contribuíram de forma bastante solícita na coleta dos dados dessa pesquisa. Aos idosos que me mostraram que a vida deve ser digna em todas as fases, desde a infância até a velhice. Que todo ser humano, independentemente da idade, merece respeito, carinho, atenção e cuidado.

“Os homens realizam-se uns com os outros e não  
sozinhos.”

(Bader Sawaia)



## RESUMO

O objetivo principal dessa pesquisa foi estudar a afetividade de idosos residentes em Instituições de Longa Permanência, na cidade de Fortaleza – CE, sendo estas consideradas lugares de moradia para os que aí vivem. Buscou-se verificar questões como as políticas públicas existentes, relacionar as condições de moradia com o nível de satisfação dos idosos residentes, assim como avaliar seus processos de apropriação do espaço e a relação desta com o envelhecimento. Com o intuito de se ter um panorama da distribuição das Instituições de Longa Permanência para Idosos – ILPI - existente na cidade de Fortaleza, fizeram parte do nosso campo de pesquisa um total de 21 idosos distribuídos em seis instituições, sendo uma de cada Secretaria Executiva Regional – SER – que a cidade está dividida. Utilizou-se como referencial teórico a Psicologia Ambiental e a Psicologia Social e seus métodos e técnicas, como os grupos focais, as entrevistas individuais, o diário de campo e o instrumento gerador dos mapas afetivos, este como método de apreensão dos afetos. Por meio das imagens de agradabilidade e de pertencimento geradas foi possível visualizar sentimentos e qualidades positivos dos residentes, o que revela uma estima positiva com relação ao lugar. Já nas categorias de pertencimento como *sobrevivência* e *pertencimento ao passado* foram registrados sentimentos e qualidades despotencializadores do sujeito, o que deflagra uma estima negativa dos residentes com relação às ILPIs. Na busca de contemplar esses objetivos percebeu-se que, apesar da população brasileira estar em pleno processo de envelhecimento, a sociedade atual está despreparada para lidar com esse tema. As políticas públicas existentes são muito recentes e ainda estão em processo de implantação. Os órgãos públicos que deveriam contribuir e apoiar o desenvolvimento de instituições como as de longa permanência para idosos (ILPI) se restringem às funções de cobrança, julgamento e multa. Percebe-se que esses idosos residentes em ILPIs estão desassistidos tanto no que concerne às políticas públicas, como ao apoio da família e da sociedade em geral.

**Palavras-chave:** Envelhecimento; Psicologia Ambiental; Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI); Afetividade.

## ABSTRACT

The main purpose of this study was to investigate the affection of the elderly at Long Term Institutions in the city of Fortaleza - CE, which are considered dwelling places for those who live there. We verified issues such as the current public policies; housing conditions relate to the level of satisfaction of elderly residents and assess their processes of space appropriation and its relation to the aging. In order to have an overview of the Long Term Institutions distribution, in Fortaleza, a total of 21 elderly people distributed in six institutions were part of our field research, one from each Regional Executive Secretary – RES, where the city is divided. As a theoretical framework we had Environmental Psychology and Social Psychology, its methods and techniques such as focus groups, personal interviews, field diary and the instrument to generate affective maps as a method to seize emotions. Through the images of pleasantness and belonging generated we could visualize positive feelings and qualities of residents, revealing a positive esteem about the place. Regarding the categories of belonging as survival and belonging to the past we recorded feelings and qualities that weakened the person, which triggers a negative esteem of residents in relation to LTCF. Seeking to contemplate these goals we realize that, despite the Brazilian population being in full process of aging, the current society is unprepared to deal with this issue. The existing public policies are very recent and still under implementation. Governmental entities which should help and support the development of institutions such as Long Term Care Facilities for the elderly (LTCF) are only with the role of charge, prosecute and fine. We realize that these elderly residents are disadvantaged in public policy and, moreover, they have no support from family and even society in general.

**Keywords:** Aging. Environmental Psychology. Institute of Long Term Care Facilities (LTCF) for Elderly. Affectivity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Desenho 1 – R3 – Imagem de agradabilidade .....	64
Desenho 2 – R4 – Imagem de pertencimento .....	67
Desenho 3 – R1 – Imagem de pertencimento .....	69
Desenho 4 – R2 – Imagem de pertencimento .....	70
Desenho 5 – R5 – Imagem de pertencimento.....	71
Figura 1 – Modelo explicativo e representacional da apropriação, segundo Pol (1996) .....	30
Figura 2 – SER I .....	36
Figura 3 – SER II .....	37
Figura 4 – SER III.....	38
Figura 5 – SER IV.....	39
Figura 6 – SER V.....	40
Figura 7 – SER VI .....	41
Figura 8 – Secretarias Executivas Regionais (SER) de Fortaleza .....	42
Figura 9 – Caracterização dos respondentes .....	100

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 - Sintético para articulação de sentidos e construção dos mapas .....	49
Quadro 2 – Imagens da ILPIs com suas respectivas qualidades e sentimentos.....	60
Quadro 3 – Mapa afetivo (R3) .....	63
Quadro 4 – Mapa afetivo (R4) .....	67
Quadro 5 – Mapa afetivo (R1) .....	68
Quadro 6 – Mapa Afetivo (R2).....	69
Quadro 7 – Mapa Afetivo (R5).....	70
Quadro 8 – Análise de conteúdo dos diários de campo .....	95
Quadro 9 – Análise das transcrições dos grupos focais e das entrevistas .....	101
Quadro 10 – Subcategorias e unidades de análise da categoria: Fatores que levaram à entrada na instituição .....	102
Quadro 11 – Subcategorias e unidades de análise da categorias: Modos de se referir sentidos atribuídos à vida na ILPI.....	105
Quadro 12 – Subcategorias e unidades de análise da Categoria: Identificação.....	111
Quadro 13 – Subcategorias e unidades de análise da Categoria: Apropriação.....	114
Tabela 1 – Caracterização da amostra de respondentes .....	55
Tabela 2 – Lista de profissões dos respondentes .....	56
Tabela 3 - Tempo de permanência na instituição X Idade dos idosos .....	58

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BPC Benefício de Prestação Continuada

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPARDES Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

IPEA Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

ILPI Instituição de Longa Permanência para Idosos

LOAS Lei Orgânica da Assistência Social

MDS Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome

OMS Organização Mundial de Saúde

ONG Organização Não Governamental

SER Secretaria Executiva Regional

SUAS Sistema Único de Assistência Social

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1 O TORNAR-SE IDOSO .....</b>	<b>18</b>
<b>2 AMBIENTE E AFETIVIDADE NA PSICOLOGIA AMBIENTAL.....</b>	<b>22</b>
2.1 Psicologia Ambiental .....	22
2.2 Afeto .....	25
2.3 Apropriação do Espaço .....	31
<b>3 LAR DOCE LAR? O IDOSO E SEU LUGAR DE MORADIA .....</b>	<b>34</b>
3.1 Instituições de Longa Permanência Para Idosos – ILPIs .....	34
3.2 Histórico do Cuidado com Idosos no Brasil e em Fortaleza – Assistência Social Como Política Pública .....	41
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>44</b>
4.1 Tipo de Estudo .....	44
4.2 Instrumentos Utilizados .....	44
4.2.1 Mapas Afetivos – Instrumento de Apreensão dos Afetos .....	44
4.2.1.2 Adaptação do Instrumento Gerador dos Mapas Afetivos.....	48
4.2.2 Grupos Focais e Entrevistas Individuais .....	49
4.2.3 Diário de Campo .....	51
4.3 Procedimentos na Coleta de Dados .....	53
4.3.1 Análise dos dados qualitativos dos mapas afetivos .....	47
4.3.2 Análise dos Grupos Focais e das Entrevistas .....	50
4.3.3 Análise dos Diários de Campo .....	52
<b>5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>55</b>
5.1 Caracterização da Amostra .....	55
5.2 As Imagens das Instituições de Longa Permanência .....	59
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>77</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>79</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>83</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>202</b>

## INTRODUÇÃO

Em toda minha infância, por ser filha de militar, morei em várias casas, em lugares diferentes. Acompanhando minha família de cidade em cidade, íamos construindo o sentido de *lar* nesses lugares onde nos estabelecíamos por um a, no máximo, seis anos, até chegar o momento da próxima transferência. Essas constantes mudanças fizeram com que eu sentisse falta de um espaço com o qual pudesse identificar-me e ancorar-me.

Ao iniciar o curso de Psicologia na Universidade Federal do Ceará – UFC, em 2003, pude entrar em contato, como membro do Lócus - Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental, com temáticas relativas à relação pessoa-ambiente que sempre me interessaram, mas que eu ainda não era capaz de nomear como Psicologia Ambiental.

Na qualidade de pesquisadora, tive o prazer de investigar a vinculação afetiva com o lugar e a qualidade de vida do sujeito usuário do Campus Universitário do Benfica ao participar como bolsista de extensão do Projeto “Qualidade de Vida no Campus do Benfica” (2006), existente até o presente momento, utilizando como metodologia de pesquisa os mapas-afetivos. Esse projeto tem como objetivo promover a qualidade de vida no Campus do Benfica, por meio da elaboração de diagnóstico sociofísico, da sensibilização para a necessidade de mobilização e participação na construção coletiva de um campus agradável e acessível a todos seus usuários. Baseia-se na intervenção interdisciplinar e interdepartamental, pautada na Psicologia Ambiental, sob a coordenação da Professora Doutora Zulmira Áurea Cruz Bomfim, também coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Psicologia Ambiental – LOCUS.

Em 1994, após morarmos seis anos em Recife, minha cidade natal, minha família e eu nos mudamos definitivamente para Fortaleza, no Ceará, onde residimos até hoje. Em 2005, porém, tive a experiência de morar seis meses com uma prima, seu marido e duas filhas pequenas, em uma pequena cidade da Alemanha, chamada Recklinghausen. Apesar do pouco tempo de estadia, percebi uma cultura bastante diferente da cultura brasileira.

Essa atmosfera alemã me encantou. Impressionei-me com a infraestrutura das cidades que possibilita o livre tráfego de crianças, jovens, adultos e idosos, seja como pedestres, ciclistas ou motoristas. O cuidado com o ambiente é perceptível em vários aspectos. A economia de energia e a produção de energia renovável são questões muito presentes. Placas de captação de energia solar, cataventos para transformação de energia eólica em energia elétrica são fáceis de

serem encontrados não somente nas fábricas, mas também em residências. Há um cuidado com a coleta seletiva de lixo, questão que no Brasil ainda está em processo de conscientização da população. Tonéis de lixo estão distribuídos por toda a cidade. Eles apresentam cores diferentes e desenhos explicativos que sinalizam qual o tipo de resíduo que o cidadão alemão deve depositar ali. Existe também uma preocupação com a preservação do patrimônio histórico do país. Andando pelas ruas das cidades - o que a grande maioria dos cidadãos faz, andar, e não dirigir pelas cidades - podemos visualizar frequentemente fachadas de museus e de prédios antigos sendo restauradas.

Pude perceber com essa experiência que países desenvolvidos, como a Alemanha, tem uma organização distinta da dos países em desenvolvimento, como o Brasil, ou ainda da organização dos países subdesenvolvidos, pois possuem características diferentes. Uma das que podemos observar é o envelhecimento da população e a diminuição na quantidade de filhos por família. Podemos confirmar esse dado observando as estatísticas. Na Alemanha, segundo o Departamento Federal de Estatística – Statistisches Bundesamt - , a taxa de natalidade tem diminuído bastante e a expectativa de vida tem aumentado. Para cada mil cidadãos, 8,3 nascem enquanto 10,92 morrem. A população está retraindo, isto é, morrem mais pessoas do que nascem. A expectativa de vida, em 2005, era de 81,7 anos para as mulheres e 76,2 anos para os homens. Em 2008, a população total era de 82,002 milhões de habitantes. Já em 2011, com uma população total de 81,8 milhões, sendo 20,6% de idosos, as mulheres estavam vivendo até os 82,4 anos e os homens até os 77,8 anos.

Com o aumento na expectativa de vida o país precisou dar condições para que esses idosos tivessem uma boa qualidade de vida, isto é, o mínimo no que diz respeito à moradia e à saúde. Assim, em 2005, a quantidade de residências para idosos, na Alemanha, era de 10424; em 2009, já somavam 11634, sendo 4637 privadas e 6373 públicas, o restante são instituições filantrópicas (624). Apesar do aumento de mais de mil residências em cinco anos, apenas um quarto (23,5%) dos idosos aposentados moram nesses lares (Dados de 2010).

No Brasil, a despeito da escassa quantidade de pesquisas detalhadas sobre o assunto, segundo reportagem do portal R7, publicada no dia 04 de maio de 2011, um estudo feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA – revelou que, dos 20 milhões de idosos brasileiros existentes (Censo 2010), apenas 83 mil vivem em instituições residenciais. Não há uma quantidade suficiente de instituições públicas para atender à demanda crescente de idosos.



No Brasil, funcionam 3.548 asilos (públicos e privados). No entanto, a pesquisa mostrou que o governo, nas esferas estadual e municipal, tem apenas 218 asilos em todo o país. O governo federal tem apenas uma instituição para os idosos, o Abrigo Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, que atende 298 pessoas. O estudo apontou que mais da metade das instituições brasileiras, 65,2%, são filantrópicas. E a contribuição do setor público representa apenas 22% das receitas desses lugares. (JÚNIOR, 2011)

O Brasil, vivenciando o seu processo de desenvolvimento, também está envelhecendo e a taxa de natalidade tem diminuído. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2010 -, crianças do sexo masculino e feminino de 0 a 4 anos, representavam 5,7% e 5,5%, respectivamente, da população total em 1991. Em 2000, estes percentuais caíram para 4,9% e 4,7%, chegando a 3,7% e 3,6%, em 2010. Percebe-se também o envelhecimento da população brasileira observando o percentual de idosos com relação à população total (aproximadamente 192 milhões de habitantes). Em 1991, era de 4,8%; em 2000, era de 5,9% e chegando, em 2010, a 7,4%.

Essas questões nos estimularam a investigar os seguintes aspectos, no que diz respeito à população idosa brasileira: Como se dá essa relação entre os idosos e seus lares (instituições de longa permanência onde vivem)? Como as condições ambientais de moradia, envolvendo as dimensões culturais e temporais, impactam na qualidade de vida de idosos em instituições de longa permanência, na cidade de Fortaleza?

Buscaremos responder estas questões procurando neste estudo investigar a afetividade dos idosos em relação às instituições de longa permanência para idosos – ILPI, - existentes na cidade de Fortaleza. Tendo como objetivos específicos: avaliar a existência de políticas públicas em relação às instituições de longa permanência para idosos, na cidade de Fortaleza; relacionar as condições ambientais das instituições de longa permanência – as ILPs – na cidade de Fortaleza, com o nível de satisfação dos idosos em relação a esses espaços; avaliar o processo de envelhecimento dos idosos conhecendo os processos de apropriação destes com relação às instituições de longa permanência. Segundo a Anvisa - Agência Nacional de Vigilância Sanitária - as ILPIs “ são instituições governamentais ou não-governamentais, de caráter residencial, destinadas a domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade, dignidade e cidadania” (CAMARANO; KANSO, 2010).

No capítulo primeiro, discorreremos sobre o envelhecimento numa visão histórica e cultural, as mudanças nas demandas e no perfil desse público específico da sociedade. Trataremos do surgimento das instituições de longa permanência para idosos – ILPIs e sua importância no cuidado do idoso. Discutiremos sobre a construção da assistência social como política pública.

No capítulo segundo, conversaremos sobre a história do surgimento e estabelecimento da Psicologia Ambiental como disciplina, assim como seus principais conceitos. Em seguida, aprofundaremos a afetividade e a apropriação do espaço, conceitos sobre os quais essa pesquisa se embasou. Nossa análise é qualitativa, para a qual nos utilizamos dos seguintes instrumentos de pesquisa: os grupos focais, entrevistas individuais, diário de campo e os mapas afetivos.

Traremos toda a parte de procedimentos metodológicos utilizados, como o tipo de estudo, o local da pesquisa, os instrumentos utilizados, assim como a análise e coleta de dados, no capítulo terceiro. No quarto capítulo, apresentaremos a caracterização dos sujeitos da pesquisa e faremos uma discussão nos utilizando dos resultados alcançados a partir dos instrumentos utilizados, acima citados. Por último, faremos algumas considerações finais sobre o estudo, avaliando que objetivos foram alcançados e sugerindo novas pesquisas sobre o assunto.

## 1 O TORNAR-SE IDOSO

A memória habita os encontros e desencontros amorosos, os sentimentos de solidão, abandono, ódio, as escolhas, as diferentes faces da sexualidade e as perdas que compõem o cotidiano. Escrever é saber atualizar os tempos da memória, enlaçando passado, presente, futuro (MUCIDA, 2009, p. 15).

Percebendo tanto o aumento do contingente de idosos como também a transformação de suas características e demandas, Neri (2004) diz que “o progresso social desfrutado por vários países deu origem ao aumento no número de idosos ativos, saudáveis e envolvidos socialmente, em lugar de idosos incapacitados e que morriam cedo, até então predominantes”. Essa mudança no perfil dos idosos fez com que surgisse uma preocupação comum entre os profissionais das áreas que estudam sobre o tema: a busca por um envelhecimento em que a saúde, a independência física e cognitiva e a autonomia moral sejam preservadas (GALHARDONI, R.; LIMA, A. M. M.; SILVA, H. S, 2010).

Segundo Mucida (2009), a velhice tem várias designações devido à dificuldade de nomear o que ela verdadeiramente é. Diz que cada época, cada cultura, cada política pública vigente, e ainda, cada sujeito constrói concepções diferentes da velhice e, conseqüentemente, diferentes formas de tratá-la no seu cotidiano.

Um conceito atualmente utilizado em pesquisas para traduzir o envelhecer com boa saúde é o envelhecimento ativo ou “envelhecimento bem-sucedido”, utilizado pela primeira vez por Robert James Havinghurst (ALVES; TOMASINI, 2007). Segundo o “modelo de envelhecimento bem-sucedido”, de Rowe e Kahn (1997, *apud* ALVES; TOMASINI, 2007),

as pessoas que envelhecem de forma bem-sucedida são aquelas que apresentam baixo risco de doença e incapacidades (...); que estão utilizando ativamente habilidades de resolução de problemas, conceitualização e linguagem; que estão mantendo contato social e estão participando em atividades produtivas.

Outro modelo teórico que diz respeito ao envelhecimento bem-sucedido é o modelo de Baltes e Baltes (1990 *apud* GALHARDONI; LIMA; SILVA, 2010), chamado modelo SOC (“Seleção, Otimização e Compensação”). Para esses autores, os idosos que envelhecem de forma bem-sucedida são aqueles capazes de optar pelas atividades que alcançam um melhor desempenho e evitar as que têm maior dificuldade de executar. Dessa forma, os idosos

“aperfeiçoam as habilidades que ainda estão preservadas, utilizando esforços para mantê-las; e compensam as habilidades comprometidas” (GALHARDONI; LIMA; SILVA, 2010, p. 869).

Contudo, para Mucida (2009), “não há regras de bem-viver, bem-envelhecer aplicadas a todos”, apesar do que os livros de autoajuda tentam preconizar. Segundo essa autora, não existe um roteiro do que o sujeito deve fazer para se tornar um idoso saudável. Para ela, “se a autoajuda ajudasse teríamos um quadro homogeneizado e respostas infalíveis ao imponderável da vida” (p.32). O envelhecimento corporal dependerá de um conjunto de fatores como “herança genética, cuidados com a alimentação, hábitos de vida, radicais livres, exercício físicos, investimentos libidinais, laços sociais, projetos, capacidade de suportar mudanças e os lutos necessários das perdas e modificações” (MUCIDA, 2009, p. 72). Além desses traços sociais, os traços pessoais, psicológicos e emocionais também irão influenciar nesse processo.

Porém, na busca de entender melhor o que acontece com o sujeito nessa fase do ciclo da vida e na tentativa de acessar o que o sujeito pensa e sente, Caldas e Guerra (2010) fizeram um estudo sobre as imagens e representações que os idosos relatavam de si próprios em diferentes contextos. Foi percebido que o envelhecimento estava diretamente ligado à qualidade de vida e aos vínculos afetivos construídos ao longo dela. Essa pesquisa traz algo inovador. Diferentemente da maioria das pesquisas realizadas sobre o tema, procura observar a forma como os próprios idosos se veem e não o que os outros dizem a respeito dos mesmos.

Observa-se ainda que a possibilidade de envelhecer de maneira bem-sucedida depende dos recursos de que se dispõe para enfrentar as dificuldades, principalmente dos recursos internos, e estes dependem de uma série de fatores, como a história de vida e a forma como cada um entende o processo de envelhecimento e a velhice (CALDAS; GUERRA, 2010).

Este estudo revela, ainda, que o declínio da velocidade de percepção do idoso poderia ser minimizado por sua participação social mais ativa. Após a pesquisa, as autoras listaram as dificuldades/problemas na velhice e também suas recompensas de acordo com os próprios idosos. Importante salientarmos, porém, que essa lista não se aplica a todos os idosos, mas sim que apontam algumas dificuldades e recompensas que esses sujeitos podem vir a apresentar, mas não necessariamente, nesse período da vida.

Dificuldades/problemas na velhice: incapacidade, perda da utilidade social, aposentadoria, exclusão devido a questões sagradas, esquecimento, raciocínio lento,

desgaste físico, perda de resistência, doença, demência, senilidade, degeneração física e mental, inatividade, declínio da imagem, enfeio da aparência do corpo, aparecimento de rugas, preconceito, desrespeito aos idosos, assexualidade, dependência, inutilidade, exclusão dos prazeres da vida, rejeição familiar, isolamento, abandono, solidão, tristeza, depressão, institucionalização como morte social, proximidade da morte.

Recompensas na velhice: experiência, conhecimento, participação, independência, integração, autonomia física e mental, presença de apoio e suporte familiar, participação em grupos extrafamiliares, passe livre em transporte coletivo, fila preferencial. (CALDAS; GUERRA, 2010)

De tudo que já foi colocado até o presente momento sobre o envelhecimento, gostaríamos de enfatizar um aspecto que acreditamos ser fundamental para explicitar a nossa visão sobre o mesmo. Esse ponto importante é colocado em pauta na política de envelhecimento ativo da Organização Mundial de Saúde - OMS (2005). Para a OMS o envelhecer bem é uma construção coletiva. A OMS alerta para a necessidade de se “favorecer oportunidades para que os indivíduos possam optar por estilos de vida saudáveis e, ainda, fazer controle do próprio *status* de saúde” (GALHARDONI; LIMA; SILVA, 2010, p.869).

Essa visão é enfatizada pela Política Nacional do Idoso que prevê que “a família, a sociedade e o Estado devem assegurar ao idoso todos os direitos de cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida” (FURINI; LEITE; PERLINI, 2007). Percebe-se, assim, que a forma como o sujeito vai envelhecer não é uma questão meramente de responsabilidade pessoal.

É característico, em todos os países do mundo, que o cuidado dos idosos seja feito por um sistema informal, que inclui a família, amigos, vizinhos e membros da comunidade. Geralmente, é uma atividade prestada voluntariamente, sem remuneração, e é a família que predomina como alternativa nesse sistema (CALDAS; VERAS, 2010).

A família é a primeira entidade responsável pelos cuidados diretos tanto da pessoa idosa como do espaço domiciliar da mesma. Normalmente eram as mulheres que cuidavam dos idosos, fossem elas esposas, filhas, netas, irmãs, sobrinhas, cunhadas, etc. Com a mudança do papel da mulher no mercado de trabalho, onde estas saem do espaço domiciliar para trabalhar, assim como seus maridos, os idosos estão ficando sozinhos e acabam tornando-se um entrave no dia-a-dia corrido da família, principalmente quando exigem cuidados especiais (FURINI; LEITE; PERLINI, 2007). É nesse momento, quando os filhos não conseguem conciliar o cuidado com o

idoso e suas atividades laborais, que a busca por instituições de longa permanência torna-se uma opção para as famílias. Essa opção, na cultura brasileira, ainda aparece em último lugar, posto que cerca de 80% dos idosos ainda são cuidados por suas famílias (CALDAS; VERAS, 2010).

O atendimento ao idoso deve ser, preferencialmente, na modalidade não asilar, porém naquelas situações em que os idosos não possuem condições que garantam sua própria sobrevivência é responsabilidade do Estado manter instituições asilares para abrigar estas pessoas. Além disso, a Política Nacional do Idoso norteia ações que visam ao desenvolvimento dos idosos, garantindo autonomia e independência no atendimento de suas necessidades específicas – autossuficiência, saúde, moradia e segurança – conforme preconiza a Lei número 8.842/94. (FURINI; LEITE; PERLINI, 2007).

A observação da relação dos indivíduos com seu entorno, no caso da nossa pesquisa, do idoso com seu espaço de moradia, possibilita a coleta de importantes informações sobre sua qualidade de vida, sobre a forma como ele se sente nesse local e como se identifica com o mesmo.

Segundo Cavalcante e Mourão (2011),

o lugar onde o indivíduo nasceu, o lugar onde vive ou os lugares onde viveu e que se tornaram importantes para ele constituem referências para a construção identitária realizada ao longo da vida do sujeito, na busca de sua individualidade.

Segundo Pol & Valera (1999, p.85), a identidade social e pessoal se apóiam na identidade de lugar ou *place-identity*. Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983, *apud* MACEDO, 2008) dizem que a identidade de lugar pode ser pensada como um subsistema da identidade do eu e sua função seria descrever e socializar a pessoa por meio de suas interações com o mundo físico.

Dessa forma, percebe-se a importância do estudo do lugar de moradia de modo a investigar qual a percepção que os idosos têm de si, assim como compreender sua qualidade de vida, pois de acordo com Pol & Valera (1999), se existe uma identidade de lugar potente, o nível de satisfação global do cidadão é mais elevado.

## 2 AMBIENTE E AFETIVIDADE NA PSICOLOGIA AMBIENTAL

### 2.1 Psicologia Ambiental

A Psicologia Ambiental surge praticamente contemporânea à Psicologia, pois “*los psicólogos siempre habían estudiado las relaciones entre los estímulos del ambiente y las respuestas humanas*” (GARCÍA-MIRA, SABUCEDO & ROMAY, 2002, p. 23). A diferença é que a Psicologia Ambiental propôs uma perspectiva molar de análise do ambiente, e não apenas molecular como fazia tradicionalmente a Psicologia. Isto quer dizer que, por exemplo, por meio do estudo de um bairro pode-se ter uma visão de propriedades que constituem, definem e são comuns a um conjunto de bairros (GARCÍA-MIRA, SABUCEDO & ROMAY, 2002).

*La comprensión del significado que la gente atribuye a entorno en los que vive será útil para entender las relaciones entre el ambiente y el comportamiento, y además permitirá analizar la estructura conceptual general que determina la representación mental de la gente cuando interpreta su entorno. (GARCÍA-MIRA, SABUCEDO & ROMAY, 2002, p. 23).*

Pode-se destacar, segundo García-Mira, Sabucedo & Romay (2002), três momentos no desenvolvimento da Psicologia Ambiental como disciplina. O primeiro, do início do século até a década de 60, quando foram feitas as primeiras pesquisas sobre percepção e estímulo por Fechner e Wundt. Nesse mesmo período, Kurt Lewin propôs a Teoria de Campo, um novo olhar para a realidade que se opunha ao reducionismo linear que até então prevalecia.

A Psicologia Ambiental foi institucionalizada, influenciada pela crise ambiental, na década de 70, no segundo momento do seu desenvolvimento (1969 a 1984). Ela existe como disciplina na Europa, nos Estados Unidos, no Canadá e, atualmente, no Brasil.

*La creciente e progresiva asunción de que el ambiente en general es un factor determinante de los comportamientos que rigen por una parte el bienestar de los ciudadanos, y por otra el entramado de relaciones interpersonales relacionadas con la calidad de vida urbana, supone un reconocimiento hacia a la disciplina de la Psicología Ambiental que se ha visto enormemente impulsada en los últimos años (GARCÍA-MIRA, SABUCEDO & ROMAY, 2002, p.23)*

O terceiro momento (1986 até hoje), conhecido como Psicologia Ambiental Verde, em contraposição à Psicologia Ambiental Arquitetural, foi o da sua consolidação. O evento que

aconteceu no Rio de Janeiro, denominado Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), ou também como ECO-92, Rio-92, Cúpula ou Cimeira da Terra Eco 92, foi emblemático no sentido de discutir sobre as questões ambientais e sugerir propostas de ação. Nessa ocasião e até os dias de hoje, destaca-se a participação política e o comprometimento dos cidadãos com a realidade social.

A Psicologia Ambiental tem como interesse de estudo a inter-relação entre a conduta individual e de grupos com o seu entorno, seja este natural ou construído. “Tem por objetivo compreender os processos psicossociais derivados das relações, interações e transações entre as pessoas, grupos sociais, comunidades e seus entornos sócio-físicos.”<sup>1</sup>

De acordo com García-Mira, Sabucedo & Romay (2002), a Psicologia ambiental poderia ser dividida entre dois enfoques: 1. De personalidade; 2. Integral. No primeiro enfoque, o de personalidade, o papel do ambiente é secundário, já o segundo enfoque busca perceber a inter-relação entre pessoa-ambiente. O enfoque integral, base desse trabalho, se divide em: a. interacionista (o foco é a interação entre a pessoa, o entorno físico e o entorno social, considerados como entidades separadas); b. organísmico (pessoas e ambiente se compõem de elementos que se relacionam; o todo é maior que a soma das partes); c. transacional (estudo das relações de transformação entre os aspectos psicológicos ambientais das unidades holísticas).

Nosso estudo se utiliza do enfoque integral, mais especificamente da perspectiva teórica transacional, onde o fenômeno é parcialmente definido dependendo das qualidades e da percepção do observador e o todo não está dividido em elementos separados (ARAGONÉS & AMÉRICO, 1998), mas sim que todos os elementos influenciam-se de forma holística, como uma teia, interdependentemente.

*El holismo es la teoría que considera que el individuo y su ambiente físico actúan con un conjunto regido por las leyes físicas e biológicas. De esta interacción resulta una experiencia, una vivencia subjetiva que a su vez introduce nuevas modificaciones en dicho conjunto. (...) Se considera la relación individuo-ambiente como una totalidad integrada por elementos, donde lo esencial es la estructura y el proceso que rige las relaciones. (GARCÍA-MIRA, SABUCEDO & ROMAY, 2002, p.25)*

---

<sup>1</sup> Retirado da nota de aula da disciplina optativa de Psicologia Ambiental, ministrada pela Profa. Dra. Zulmira Bomfim, na Universidade Federal do Ceará.



O ambiente para a Psicologia Ambiental é uma categoria teórica importante, que opera em diversos níveis de referência, desde o ambiente global até o microambiente. Segundo Moser (2001), existem quatro níveis de referência ambiental: nível I (microambiente); nível II (vizinhança-comunidade); nível III (individual-comunidade; habitantes); nível IV (societal). Foi enfatizado neste estudo o nível I, a moradia, mais especificamente, as instituições de longa permanência para idosos, na cidade de Fortaleza.

As dimensões cultural e temporal são consideradas por Moser (2001) aspectos importantes para a compreensão destes níveis ambientais. Por exemplo, no Brasil e em outras sociedades latino-americanas, devido à falta de segurança, as pessoas optam, de forma mais frequente, por morar em apartamento (imóveis coletivos), mas, nas sociedades anglo-saxônicas, isto é, Canadá e Estados Unidos da América, é comum ver casas individuais, sem muros, com belíssimos jardins. Será que essa diferença influencia na qualidade de vida do sujeito?

O bem-estar do sujeito é influenciado pela forma como o ambiente é capaz de corresponder às necessidades de cada pessoa de diferentes culturas e, assim, facilitar a apropriação (MOSER, 2001), isto é, esses processos, desde a cultura do país até a cultura da família, são singulares e diversos, diferem de pessoa para pessoa. De acordo com Pol (1996), o modo de apropriação de cada família e de cada indivíduo é influenciado pelos modelos culturais, pelo seu papel social, pelas formas e estilos de vida, intervindo inclusive as referências de imagem de si mesmo e do próprio corpo.

As faixas etárias do ciclo de vida também influenciam no processo de apropriação do sujeito com seu entorno e devem ser observadas no momento da intervenção do psicólogo ambiental. Segundo Bronfenbrenner (1993, 1995)<sup>2</sup>, nas diferentes faixas de desenvolvimento as características da pessoa e do ambiente interagem, se mantêm e se modificam durante o curso da vida, dependendo no modo como a pessoa apreende e negocia com seu ambiente.

No caso da nossa pesquisa com idosos, a Psicologia Ambiental contribui ao observar os fatores que influenciam no período da aposentadoria, as características ambientais (se o lugar corresponde às suas necessidades e expectativas), a institucionalização (e toda mudança nos referenciais simbólicos do sujeito idoso, o que muitas vezes pode gerar sensações de estresse, depressão e ansiedade).

---

<sup>2</sup> Retirado da nota de aula da disciplina optativa de Psicologia Ambiental, ministrada pela Professora Dra. Zulmira Bomfim, na Universidade Federal do Ceará.

O papel da Psicologia Ambiental segundo Juan (1998) é avaliar as necessidades dos grupos envolvidos e sugerir intervenções que facilitem e potencializem as necessidades psicossociais. Por exemplo, no ambiente institucional, lócus da nossa pesquisa, o comportamento humano e as características do entorno estão em íntima relação. Esta pode gerar o que Juan (1998) denominou como: espaços sociofugidios (inibem as interações sociais) ou espaços sociópetos (estimulam a interação).

Juan (1998) enfatiza a importância de estimular a relação entre instituição e comunidade a fim de diminuir a marginalização, estigma e distanciamento da comunidade dos ambientes institucionais tais como presídios, hospitais psiquiátricos e asilos de velhos. A promoção dessa aproximação (física e simbólica) da comunidade aos problemas sociais converge com a proposta atual da Psicologia Ambiental de ser mais politizada e assim estimular o desenvolvimento de cidadãos mais conscientes de sua realidade social. Quanto às residências para idoso, o autor alerta que precisa ser um ambiente especializado, onde deve ser considerado: acessibilidade da comunidade e arquitetônica; conforto físico, ajudas sócio-recreativas e de orientação, características de segurança, sala dos cuidadores e disponibilidade de espaço.

Acreditamos que a estrutura física e a necessidade de pessoal especializado para cuidar dos idosos são questões de extrema importância quando tratamos de instituições de longa permanência. Porém, nosso estudo procura ir além, buscando entender como se dá a apropriação desse espaço pelos idosos residentes, pois acreditamos que ao dar ênfase à afetividade do sujeito ampliamos nosso olhar. Deixamos de acreditar que os vulneráveis, os excluídos da sociedade, precisam apenas se alimentar e de um lugar para dormir.

Para isso, fazemos uso do estudo sobre a afetividade em uma busca por um olhar mais humano para outro, não como objeto de estudo, mas como cidadão, sujeito que sofre, que ama, que é capaz de modificar o ambiente onde vive, assim como é influenciado por ele. Dessa forma, o psicólogo ambiental e o psicólogo social, através desse olhar diferenciado, podem contribuir bastante na transformação social.

## **2.2 Afeto**

A felicidade é desejar um Bem imperecível que, sendo capaz de ‘comunicar-se igualmente a todos’

e de ser por todos compartilhado, permite o exercício da liberdade.

(Marilena Chauí)

Os afetos (sentimentos e as emoções) têm despertado o interesse de muitos pesquisadores. Autores brasileiros como Bomfim (2003, 2008, 2010), Sawaia (2011), Lane (1995) e Brandão (2008) buscam aprofundar-se nas questões concernentes às políticas públicas, cidadania, questões ético-políticas, tendo a afetividade como uma categoria importante de suas pesquisas em Psicologia Social e Psicologia Ambiental.

O estudo da afetividade pela Psicologia Ambiental baseia-se na vertente histórico-cultural da Psicologia Social. Como já mencionado, essa perspectiva teórica tem uma visão de mundo monista. Concepção segundo a qual a realidade é constituída por um princípio único, que acredita, então, que a razão e a emoção são indissociáveis, e que o individual está totalmente implicado com o social, não podendo, assim, ser separados. Esta visão se contrapõe à visão dualista, também presente na Psicologia, que divide sujeito/objeto, corpo/mente.

Lane e Camargo (1995) nos coloca que:

Várias pesquisas realizadas no nosso grupo apontaram para a importância das emoções como mediação entre as categorias constitutivas do psiquismo humano, levando-nos a considerar a Afetividade como uma das categorias fundamentais, ao lado da Consciência e da Atividade, sendo a Identidade uma categoria-síntese da relação indivíduo-sociedade. (Lane, 1995).

Espinosa, Vygotsky e Heller, de acordo com Sawaia (2011), são autores que trouxeram contribuições fundamentais para o estudo da afetividade. Para estes autores a emoção é positiva, histórica, é “a matéria-prima básica à condição humana” (SAWAIA, 2011, p.102), ela é “constitutiva do pensamento e da ação, coletivos ou individuais, bons ou ruins” (SAWAIA, 2011, p.102).

Espinosa era racionalista absoluto, isto é, acreditava que tudo, inclusive as emoções e os sentimentos, era passível de inteligibilidade, e criticava qualquer forma de irracionalismo e superstição. O racionalismo absoluto para Espinosa, segundo Chauí (1995), é “a confiança na capacidade libertadora da razão”. A inovação do pensamento de Espinosa (1632-1677), para sua

época e ainda para os dias atuais, apresentava-se em um conjunto de teses, das quais destacamos as seguintes:

3. O homem é livre por ser uma parte da Natureza divina, dotado de força interna para pensar e agir por si mesmo; (...) 5. O poder político nasce da força coletiva da massa reunida num só ato de decisão (...) esse poder é civil, não devendo jamais subordinar-se ao poderio religioso-teológico, sob a pena de transformar-se em tirania sobre os corpos e espíritos; 6. A teologia é uma ausência de saber verdadeiro que pretende conseguir a obediência e submissão das consciências a dogmas indemonstráveis, sendo por isso mesmo um poder tirano e não um conhecimento. (CHAUI, 1995).

Para Chauí (1995), “a filosofia de Espinosa se apresenta como um divisor de águas entre a liberdade (de pensamento, de expressão e de ação) e a servidão (ética, política e teológica)”, é uma filosofia política que remete à humanidade. Espinosa denominou o “princípio da humanidade” (valores éticos universais) como potência de ação e potência de padecimento. Compõem a potência de ação as paixões positivas, ela é base da ética, da sabedoria e da ação coletiva democrática. Já o seu contrário, a potência de padecimento é composta pelas paixões tristes, negativas e alegrias passivas, que, associada à ignorância e à superstição, gera servidão.

Potencializar pressupõe o desenvolvimento de valores éticos na forma de sentimentos, desejo e necessidades, para superar o sofrimento ético-político. Segundo Espinosa, a ética só aparece no homem quando ele percebe que o maior bem que faz para o seu ser é um outro ser humano. Dessa forma, o homem se torna ético em função dessa paixão. (SAWAIA, 2011, p.115)

Seguindo o pensamento monista, Vygostky (1991 apud BOMFIM, 2010) diz que a base do pensamento é o motivo, isto é, “ele propõe trabalhar com a linguagem da emoção e entende o pensamento a partir da motivação, ou seja, dos desejos, necessidades e emoções” (BOMFIM, 2010, p. 58). Os motivos “são estados portadores de um valor emocional estável, desencadeadores da ação e do pensamento” (SAWAIA, 2010, p.105). Ou seja, para esse autor, o racional e o emocional são indivisíveis e as funções psicológicas superiores estão em constante processo e movimento de construção-desconstrução-reconstrução (materialismo dialético).

A teoria da ligação afetiva de Bowlby (2006) contribui também para nossa pesquisa no instante em que fala da importância que tem para os seres humanos a formação de vínculos afetivos com outros seres humanos, e como seus rompimentos podem gerar diferentes intensidades de raiva, tristeza, depressão, ansiedade e desligamento emocional. Diz-nos ainda que a família, de origem ou criada por ele, é fundamental para que esse sujeito tenha a possibilidade

de se sentir seguro, autoconfiante, mostrar-se cooperativo, prestativo e capaz de explorar o mundo a sua volta.

Acreditamos que esse conceito de Bowlby sobre formação e rompimento de vínculos afetivos é de interesse para nós ao tratarmos de idosos em instituições de longa permanência. Pudemos perceber, durante as visitas às ILPIs, a dor, ainda presente, pelo rompimento de vínculos familiares, com os amigos, vizinhos, pessoas do bairro e com a comunidade, como também a tendência desses idosos a buscarem construir a noção de família dentro das instituições onde moram, entre si e com os funcionários, quando possível.

A autora Giuliani (2004) também escreve sobre o afeto e o define como:

sentimentos, disposições de ânimo, emoções, etc – que as pessoas sentem de várias maneiras, formas, graus, de acordo com diferentes percepções, em relação aos lugares onde nascem, vivem e atuam; e também em relação às outras pessoas que vivem e atuam nos mesmos locais (GIULIANI, 2004, p. 89).

A autora chama atenção para o fato da existência de laços afetivos com os lugares terem o poder de qualificar nossa existência individual e coletiva como positiva ou negativa. Isto é, os laços afetivos que construímos com os lugares que fazem parte da nossa história, “certamente contribui, forte e positivamente, para definir nossa identidade, dar sentido à nossa vida, enriquecê-la com valores, metas e significados” (GIULIANI, 2004, p. 90). Para Ainsworth (1989, p. 711 *apud* Giuliani, 2004), os laços afetivos são “como um vínculo relativamente duradouro, em que o parceiro é importante por ser um indivíduo único e não ser intercambiável com nenhum outro. Em um laço afetivo, há um desejo de se manter próximo ao parceiro.”. O desejo pela estabilidade residencial, um dos indicadores de apego ao lugar, pode ser inferido a partir do conceito citado.

Segundo Giuliani (2004) foi com Fried (1963) e na geografia humanista de orientação fenomenológica (como Tuan -1974 em seu estudo sobre *Topofilia*) que surgiu de forma mais concreta o interesse pelo conceito de apego ao lugar. Os geógrafos humanistas focalizaram seus estudos na experiência individual e nos efeitos psicológicos da estabilidade no espaço residencial, e diziam contrariamente ao que diz Fried (1963) que “os laços afetivos em questão são universais e necessários para o relacionamento ‘autêntico’ com o ambiente” (GIULIANI, 2004, p. 93). Já

Fried (1963) não se refere aos laços afetivos como sendo universais, além de acreditar que estes podem apresentar tanto aspectos positivos quanto negativos.

Como pudemos perceber, Giuliani (2004) faz referência às relações de apego entre as pessoas e o ambiente, enquanto Bowlby (2006) faz menção ao vínculo interpessoal. Outro aspecto interessante para nossa pesquisa, pois acreditamos que os idosos não apenas romperam vínculos afetivos com as pessoas com quem se relacionavam, mas também com o lugar onde viviam, pois nesse lugar estava esculpida sua identidade.

Ainda segundo Giuliani (2004), existem três tipos de processo que podem levar a um sentimento de apego: 1. **Apego funcional**: onde o ambiente satisfaz as necessidades (base mais cognitiva); 2. **Apego simbólico**: a estabilidade se refere mais ao reforço dado à identidade pelo significado que o lugar tem para o indivíduo; 3. **Apego emocional**: onde existe um longo tempo de residência e de familiaridade, sendo o ambiente assim, o “porto-seguro”, um centro para orientação (DOVEY, 1985 *apud* GIULIANI, 2004). Estes três tipos de apego podem existir concomitantemente.

Eles dão ênfases diferentes à importância da estabilidade e, portanto, às consequências da mudança de um local para o outro. Estamos sugerindo que as diferenças entre os três tipos de processos podem ser obscuras quando apenas o local atual é considerado, mas se tornam mais evidentes quando a relação entre a re-alocação e laços pessoais/lugares durante um ciclo de vida são levados em consideração. (GIULIANI, 2004, p.95)

E são justamente esses aspectos que nos interessam na nossa pesquisa, pois tratamos da afetividade com relação às Instituições de Longa Permanência, porém o rompimento de laços afetivos com outros espaços e com as pessoas, assim como a formação de novos é um aspecto fundamental para que observemos e assim possamos compreender como se dá afetividade dos idosos residente com relação a esses espaços de moradia. Segundo Fried (*apud* GIULIANI, 2004) o processo de formação e rompimento de vínculos afetivos com o lugar é dinâmico, devendo-se levar em consideração tanto o local atual como a re-alocação durante o ciclo de vida.

Podemos conjecturar que a necessidade de segurança e proteção prevalece durante certos estágios da vida (por exemplo, infância e velhice). (...) O forte apego que os idosos exibem em relação ao lar poderia, assim, ser visto como a re-emergência da necessidade dominante de segurança e proteção. Recursos físicos debilitados e capacidade diminuída de adaptar os padrões espaciais de comportamento a mudança no ambiente imediato contribuem para que os idosos afastem-se do novo e procurem segurança

Bomfim (2010) toma o afeto (sentimentos e emoções) como categoria mediadora da intersubjetividade. Este define o nível de implicação do sujeito com seu entorno. É orientador das ações cotidianas. Para essa autora, de acordo com Sawaia (1999), a afetividade é “um eixo orientador de observação e de análise (*por que e como*) e de ética (*para que*)”.

Ter como referência o sentir para compreender a cidade é estar implicado na experiência, no cotidiano, é ter o afeto, as emoções como palco mediador das construções e das descobertas. A forma como o habitante se implica na cidade já é um indicador de sua ação. Por isso, a afetividade é um indicador de ética e de cidadania na cidade (BOMFIM, 2010).

Em sua tese de doutorado em Psicologia Social, onde estudou o tema cidade e afetividade, Bomfim (2010) tomou a categoria social e afetiva, estima, como “eixo orientador de implementação de ações que pretendam buscar o envolvimento da população em questões urbanas e ambientais.” (BOMFIM, 2010, p.216). A estima, segundo essa autora, é indicador de potência de ação e de cidadania.

Como dissertado acima, a potência, segundo Espinosa, é conceituada como “o direito que cada indivíduo tem de ser, de se afirmar e de se expandir (ESPINOSA, 1998 apud SAWAIA, 2010)”. A potência de ação gera movimento, desenvolvimento e conseqüentemente liberdade.

Bomfim (2010), por exemplo, encontrou em sua pesquisa, na análise complementar, as imagens de contraste, insegurança, pertencimento e agradabilidade. As imagens de contraste e insegurança refletem uma estima negativa da cidade, o que dificulta o processo de apropriação, de identificação do sujeito com a mesma. Sentimentos como medo, tristeza, insegurança, solidão, desesperança, desconforto, ambigüidade de emoções e sentimentos e descaso foram encontrados, o que demonstra uma potência de padecimento e leva a uma implicação negativa com o lugar. Já as imagens de pertencimento e agradabilidade geram uma potência de ação, o sujeito se apropria do lugar onde vive e conseqüentemente gera uma estima positiva com relação à cidade.

Para o melhor entendimento de como se dá essas relações estudadas pela Psicologia Ambiental, faz-se necessário um detalhamento das suas categorias principais. Uma delas é a apropriação do espaço. Segundo Cavalcante & Elias (2011), é por meio da apropriação que o indivíduo se projeta, introjeta e transforma o lugar em “um lugar seu”. Vejamos essas categorias de forma mais aprofundada.

### 2.3 Apropriação do Espaço

*El conocimiento es importante, pero lo es más la vivencia del lugar, la responsabilización, el sentirse agente de la conservación o la transformación del medio, es decir, apropiárselo, para desarrollar conductas ecológicas responsables. (POL, 1996)*

O apropriar-se de um lugar é agir sobre ele ativamente, não apenas de forma instintiva, como fazem os animais, mas de forma consciente, intencional, com o objetivo de transformá-lo e, após essa transformação, identificar-se com ele. Para isso o sujeito é influenciado pela cultura vigente, pelo tempo histórico e pelas inter-relações sociais. A apropriação é, portanto, um processo multifatorial, mutável e dinâmico de intercâmbio entre sujeito (ativo) e o seu entorno, que exige uma constante reapropriação. “Nesse aspecto, a noção de apropriação se aproxima daquelas de ‘apego ao lugar/vínculo com o lugar’ (*place attachment*) e identidade de lugar” (CAVALCANTE & ELIAS, 2011).

Cores, formas, luz, odores, perspectivas podem favorecer a apropriação ou desapropriação do espaço pelo sujeito. De acordo com os estudos feitos por Pol (1996) no meio urbano, nossa cultura exacerbadamente individualista, facilita muito mais a desapropriação do que a apropriação da cidade pelos cidadãos.

*Las ciudades cada vez más impersonales con una excesiva cantidad de información que el ciudadano no puede dominar, la manipulación a través de los mas media y una organización del espacio construído sin ninguna relación con sus propias necesidades y aspiraciones; la rapidez con que se modifica el espacio urbano, obligando a las gentes a reorientar-se, se oponen a la apropiación de este entorno (POL, 1996).*

Segundo Pol (1996), os processos psicossocais da apropriação são extremamente complexos, onde cognição, afeto, aspectos simbólicos e estéticos os influenciam. Além disso, influenciam também as relações com outras pessoas ou com outros grupos sociais. Segundo Barbey (1976 *apud* Pol, 1996), “o modo de apropriação de cada família e de cada indivíduo depende dos modelos culturais, funções sociais, formas e estilos de vida. Envolve igualmente a imagem de si mesmo e do próprio corpo”.

O sujeito se apropria do seu entorno, dos objetos, das coisas a partir do momento que estes vão tomando algum significado para ele ou para o coletivo. Isso só é possível através do uso, das experiências, ao longo do tempo. Apropriação é, então, a transformação de um espaço



em um lugar repleto de significado para o sujeito (CANTER, 1977, 1976 *apud* POL, 1996). É o processo de transformação e criação de significados do espaço como resultante da intersecção entre Psicogênese (aspectos pessoais, individuais ou de grupo), Sociogênese (aspectos sociais, culturais, geográficos e históricos) e Topogênese (MUNTAÑOLA, 1981, 1979, *apud* POL, 1996). Essa significação se transforma de acordo com a mudança das coordenadas desse cruzamento, marcando a interdependência entre o social, o individual e construtivo.

Pol (1996) cita definições sobre apropriação de vários autores. Na tentativa de resumi-las em uma só, formulou o modelo explicativo e relacional (Ver Figura 1), e define a apropriação como composta por dois elementos complementares: *por ação-transformação* e *por identificação*. Ela é um processo cíclico e temporal, instável, que se transforma, mas com o passar do tempo, a partir do momento que afeta a imagem do eu, tende a se tornar mais rígido.

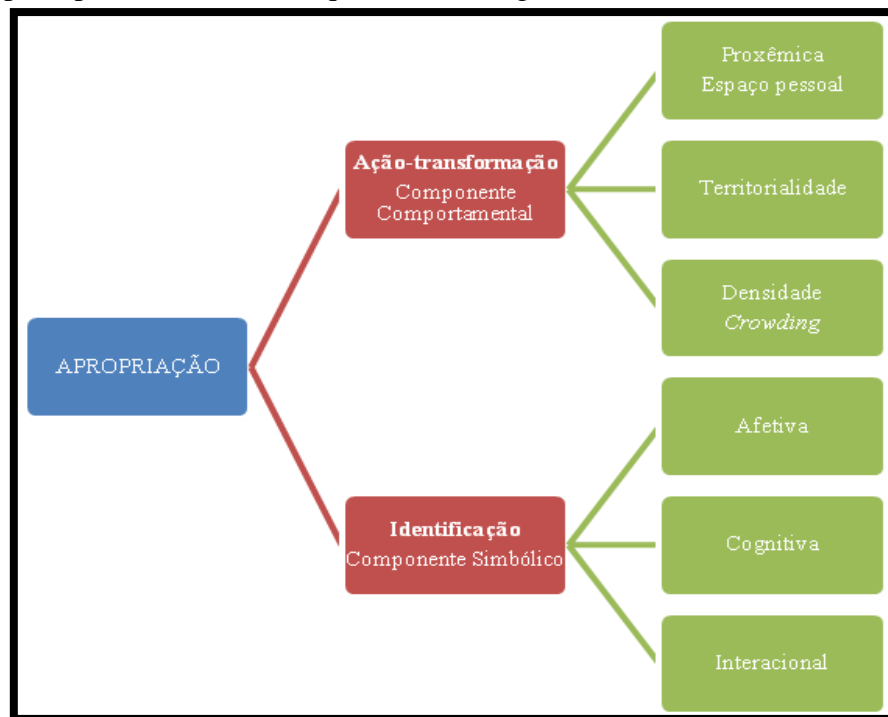


Figura 1 – Modelo explicativo e representacional da apropriação, segundo Pol (1996)

Segundo este autor, a *ação-transformação* é definida como conduta territorial manifesta. Como falamos acima, a conduta territorial humana não se trata de um comportamento meramente instintivo, mas sim intencional. Em ambientes privados, ocorre primeiro a apropriação por *ação-transformação* e depois por *identificação simbólica*. Já nos ambientes

públicos nem sempre se pode seguir essa sequência e o processo de apropriação se volta mais para o componente de *identificação*.

Segundo Pol (1996) a apropriação *por identificação* “compreende os processos simbólicos, cognitivos, afetivos e interativos, tanto evolutivos como estruturais, através dos quais o espaço transforma-se em lugar e se produz a identificação do sujeito ou grupo com seu entorno”.

*La acción-transformación y la identificación simbólica conforman un proceso ciclico continuo, presente en todo el ciclo de vida de las personas, si bién según la etapa o el estadio puede primar más uno que el outro. La secuencialización y la resistencia al cambio en el proceso acción-transformación – identificación es fácilmente reconocible en los espacios directamente gestionados (habitación, casa, oficina – según el status del trabajador – etc.), pero puede explicar también el apego al lugar de origen, la ciudad o incluso, en parte, los nacionalismos (POL, 1996).*

Após a transformação do espaço em um lugar cheio de sentido com o qual o sujeito se identifica simbolicamente e reforça a sua própria identidade, gera-se uma resistência à mudança. Com o passar da idade, o indivíduo vai se apropriando mais por identificação do que por ação-transformação. Mudanças muito profundas não são bem-vindas, principalmente para os idosos. (Pol e Moreno, 1992).

*Se da una cierta secuencialización entre la apropiación por acción-transformación como más primária, y la apropiación por identificación como más elaborada, pero que a su vez em sus aspectos interactivos deviene uso del espacio, conducta territorial y por tanto acción-transformación. Es pues un proceso cíclico y temporal, cambinate e inestable, aunque paradójicamnente em la medida que afecta la identidad, la autoimagen del sujeto (o del coletivo), es resistente al cambio (Pol, 1996).*

Pintar a casa toda de uma cor bem diferente, que está na moda, mas com a qual o idoso não se identifica; mudar para um apartamento bem menor, pois todos os filhos já casaram e o idoso não pode ficar sozinho naquela casa grande onde antes cabia todo mundo. Todas essas mudanças, se não forem feitas com cuidado, podem gerar um nível de ansiedade alto e uma sensação de impotência e frustração prejudicial à saúde e **bem estar** do idoso.

### 3 LAR DOCE LAR? O IDOSO E SEU LUGAR DE MORADIA

#### 3.1 Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI)

Por meio do Conselho Municipal do Idoso foi possível termos acesso a uma lista com todas as instituições que trabalham com idosos, diretamente ou indiretamente, espalhadas nas seis regionais da cidade de Fortaleza. Nessa lista encontramos um total de 161 instituições. Após uma breve verificação, constatou-se que nem todas se tratavam de residências para idosos, pois estes apenas participavam de atividades oferecidas nestes locais, ou ainda, eram locais que ofereciam cursos de aperfeiçoamento com o objetivo de atualizar os conhecimentos de profissionais que trabalham com idosos.

As instituições que constam nessa lista estão dessa forma distribuídas nas seis Secretarias Executivas Regionais (SER) da cidade de Fortaleza:

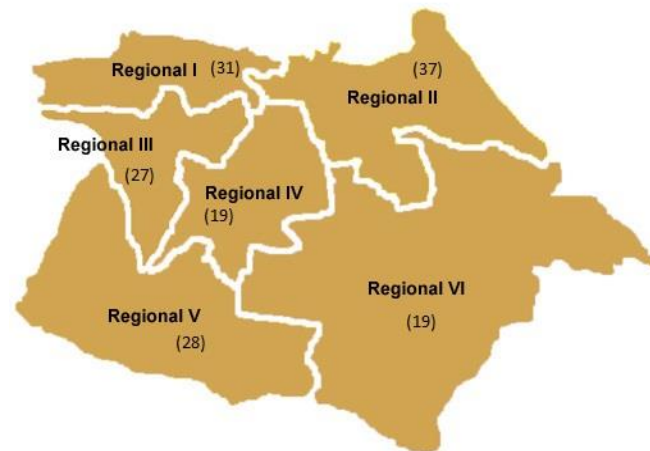


Figura 8 – Secretarias Executivas Regionais (SER) de Fortaleza

Nosso filtro neste estudo foram instituições onde os idosos permaneçam – instituições de longa permanência – isto é, que se utilizam desses espaços como seu lugar de moradia. Dessa forma, buscamos uma instituição em cada SER, das seis SER que a cidade de Fortaleza é dividida, por conveniência.

Camaro e Kanso (2010) identificaram, no Brasil, 3295 ILPIs, onde 65,2% é de natureza filantrópica e 6,6 % pública. As autoras acreditam que essa grande quantidade de ILPIs de caráter filantrópico se deve ao fato de que assim ficariam isentas de taxas e de alguns

impostos, poderiam receber doações e ajuda de voluntários ou pessoas cedidos pelo Estado. Esse estudo verificou ainda que as instituições criadas entre 2000 e 2009 eram, em sua maioria, privadas com fins lucrativos (57,8%), mas este perfil mudou ao longo do tempo.

As instituições brasileiras vivem principalmente do recurso aportado pelos residentes e/ou familiares. Aproximadamente 57% das receitas provêm da mensalidade paga por esses. Financiamento público é a segunda fonte de recursos mais importante, responsável por aproximadamente 20% do total. Além disso, as instituições contam também com recursos próprios, que compõem 12,6% do total do financiamento.

Segundo Camarano e Kanso (2010), a origem das instituições de longa permanência para idosos – ILPI – está relacionada com “os asilos, inicialmente dirigidos à população carente que necessitava de abrigo, frutos da caridade cristã diante da ausência de políticas públicas”. Estes locais ofereciam comida para as pessoas necessitadas, que não se restringia aos idosos, e lugar para estas dormirem.

O envelhecimento da população e o aumento da sobrevivência de pessoas com redução da capacidade física, cognitiva e mental estão requerendo que os asilos deixem de fazer parte apenas da rede de assistência social e integrem a rede de assistência à saúde, ou seja, ofereça algo mais que um abrigo. Para tentar expressar a nova função híbrida dessas instituições, a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia sugeriu a adoção da denominação Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). (CAMARO; KANSO, 2010)

Uma pesquisa feita em 2008 pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES - observou que a tendência, com a redução da natalidade e da mortalidade infantil, ligada ao aumento da expectativa de vida da população, é o surgimento de uma demanda cada vez maior de idosos para as ILPI. No Brasil, pode-se perceber esse processo de envelhecimento da população nos resultados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – Revisão 2008 da Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período 1980-2050. Esse estudo mostra que urge a necessidade de um olhar mais minucioso e atualizado para essa parcela específica da população.

Face a este novo cenário, o mobiliário urbano, as edificações públicas, privadas e para fins de moradia, os meios de transporte público, os conteúdos das disciplinas associadas à área médica, o próprio mercado de trabalho, os sistemas público e privado de saúde, bem como a previdência e a assistência social deverão passar por reestruturações para assegurar a inclusão, na família, na cidade e na sociedade de modo geral, de um contingente a cada dia mais volumoso de idosos. (REVISÃO 2008 - PROJEÇÃO DA

POPULAÇÃO DO BRASIL POR SEXO E IDADE PARA O PERÍODO 1980-2050, (IBGE).

Segundo um estudo feito sobre as condições de atendimento e caracterização das ILPIs pelo IPARDES, em 2008, estas podem ser divididas nas seguintes categorias: 1. Privada sem finalidade lucrativa; 2. Privada com finalidade lucrativa; 3. Instituições públicas. Podem ser classificadas em: 1. De pequeno porte: até cinco vagas; 2. De médio porte: entre 16 a 49 vagas; 3. De grande porte: 50 ou mais vagas.

De acordo com as modalidades, as ILPIs podem ser chamadas de: 1. Abrigo: moradia provisória para pequenos grupos com atendimento personalizado; 2. Asilo: assistência social para idosos – saúde, alimentação, higiene e lazer; 3. Casas de Repouso: moradia provisória ou definitiva, substituindo o ambiente familiar, para idosos em situação de abandono; 4. Casa-Lar: alternativa de residência para pequenos grupos de no máximo oito idosos; 5. República: composta por um pequeno grupo de idosos independentes e é cofinanciada por recursos de aposentadoria, benefício de prestação continuada, renda mensal vitalícia entre outros.

O nosso estudo teve como local de pesquisa seis Instituições de Longa Permanência para Idosos – ILPIs - existentes na cidade de Fortaleza, uma de cada Secretaria Executiva Regional (SER). A SER I é composta por 360 mil habitantes, localizada no extremo oeste da cidade e composta por 15 bairros: Vila Velha, Jardim Guanabara, Jardim Iracema, Barra do Ceará, Floresta, Álvaro Weyne, Cristo Redentor, Ellery, São Gerardo, Monte Castelo, Carlito Pamplona, Pirambu, Jacarecanga e Moura Brasil. Veja a Figura 2.

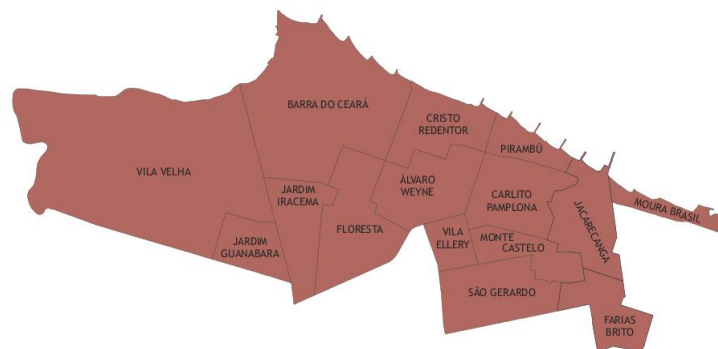


Figura 2 – SER I

A ILPI da SER I está localizada no bairro Jacarecanga, é a maior existente em Fortaleza e já está em atividade há mais de cem anos. É composta por mais de 230 idosos distribuídos entre quartos (os idosos independentes), compartilhados por quatro idosos, ou em enfermarias (os idosos dependentes). Todos os espaços são divididos por gênero, isto é, homens e mulheres ficam separados. Possui profissionais das áreas de enfermagem, terapia ocupacional, médicos, serviço social, fisioterapia, telemarketing e recursos humanos. É uma instituição sem fins lucrativos e tem como finalidade prestar assistência integral às pessoas idosas carentes, de ambos os sexos, considerando os dispositivos constitucionais e a Lei 8.742, de 7 de dezembro de 1993 – LOAS – Lei Orgânica de Assistência Social. Segundo a categorização discriminada acima, a ILPI da SER I por nós pesquisada é uma instituição privada sem fins lucrativos, de grande porte (por ter mais de 50 moradores) e se inclui na modalidade de asilo.

Na SER II moram 325.058 pessoas distribuídas em 20 bairros (Aldeota, Cais do Porto, Cidade 2000, Cocó, De Lourdes, Dionísio Torres, Engenheiro Luciano Calvalcante, Guararapes, Joaquim Távora, Manuel Dias Branco, Meireles, Mucuripe, Papicu, Praia de Iracema, Praia do Futuro I e II, Salinas, São João do Tauape, Varjota, Vicente Pinzon). Veja a figura 2. Segundo a Prefeitura Municipal de Fortaleza, “A Regional II abrange a Aldeota, bairro com grande adensamento comercial e de serviços, responsável por importante fatia da arrecadação municipal.” (SILVA, 2008).

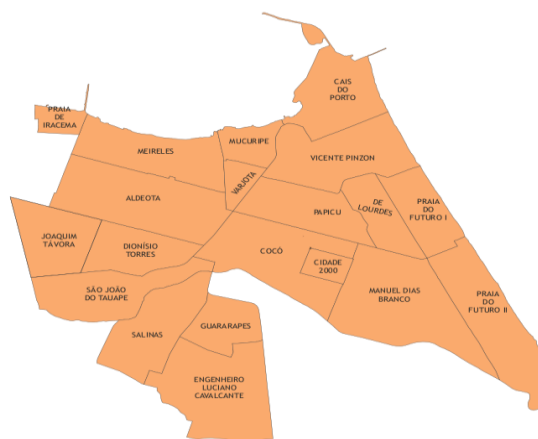


Figura 3 – SER II

A instituição da SER II estudada fica no bairro Joaquim Távora, é uma instituição religiosa onde moram 28 mulheres, tendo a mais velha 80 anos de idade. Cada idosa possui um quarto individual. Das instituições pesquisadas apenas esta e outra possibilitavam essa condição a

suas residentes. Apenas mulheres moram nessa ILPI. De acordo com a classificação das ILPIs está se encaixa como instituição privada sem fins lucrativos, de médio porte (possui entre 16 a 49 vagas) e está na modalidade asilo.

A SER III possui 378 mil habitantes distribuídos em 17 bairros: Amadeu Furtado, Antônio Bezerra, Autran Nunes, Bonsucesso, Bela Vista, Dom Lustosa, Henrique Jorge, João XXIII, Jóquei Clube, Olavo Oliveira, Padre Andrade, Parque Araxá, Pici, Parquelândia, Presidente Kennedy, Rodolfo Teófilo e Quintino Cunha. Veja a figura 3.

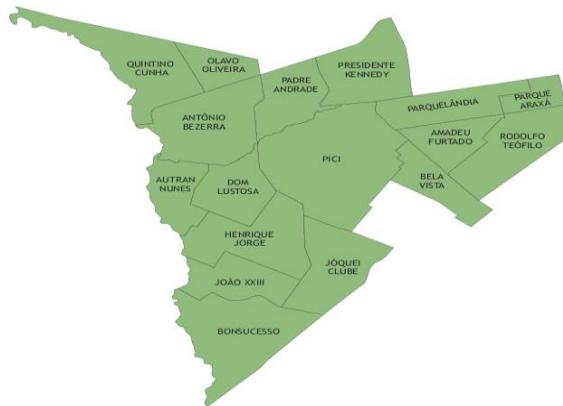


Figura 4 – SER III

A ILPI da SER III por nós pesquisada está localizada no bairro Parque Araxá. Nessa ILPI moram 13 idosas (acima de 65 anos) e 3 mulheres, com 56, 50 e 40 anos de idade que foram acolhidas pela instituição devido a um pedido da justiça por estarem sofrendo maus-tratos onde moravam. A idosa mais velha tem 100 e mora há 4 anos na instituição. Apenas mulheres moram nessa ILPI. Ela se caracteriza por ser uma instituição filantrópica religiosa (sem fins lucrativos), de pequeno a médio porte e na modalidade casa de repouso.

A SER IV tem uma população de aproximadamente 305 mil habitantes e abrange 19 bairros (São José Bonifácio, Benfica, Fátima, Jardim América, Damas, Parreão, Bom Futuro, Vila União, Montese, Couto Fernandes, Pan Americano, Demócrito Rocha, Itaoca, Parangaba, Serrinha, Aeroporto, Itaperi, Dendê e Vila Pery). Veja figura 4.

(...) seu perfil socioeconômico é caracterizado por serviços, com uma das maiores e mais antigas feiras livres da cidade, a da Parangaba, além de vários corredores comerciais, entre eles, o da Avenida Gomes de Matos, no Montese. (...) A SER IV concentra 15 creches e 28 escolas de ensino infantil e fundamental. Já a rede de saúde é formada por 12 unidades de atendimento básico, além de três Centros de Atenção Psicossocial (Caps)

e um Centro de Atendimento à Criança (Croa). A Regional possui ainda a segunda maior emergência do Estado do Ceará, o Frotinha da Parangaba, que realiza uma média de 16 mil atendimentos por mês. (ROMCY, 2008)

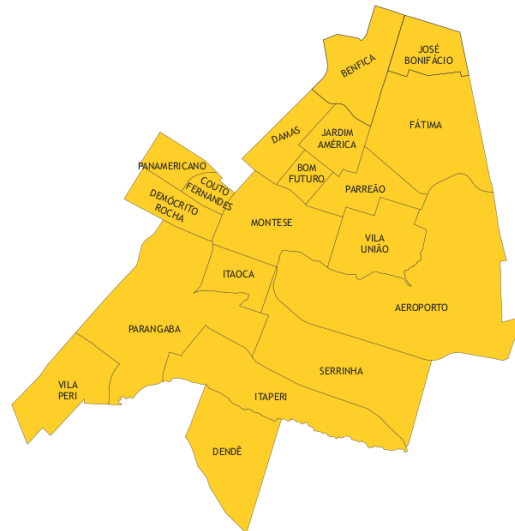


Figura 5 – SER IV

A instituição da SER IV que fez parte da nossa pesquisa fica no bairro Benfica é composta por 32 idosas, sendo 4 dependentes e 28 independentes. Moram em quartos individuais e apenas mulheres vivem nesse lugar. Esta ILPI se caracteriza como uma instituição de médio porte, privada sem fins lucrativos e se inclui na modalidade asilo.

A SER V é composta por 570 mil habitantes em 18 bairros (Conjunto Ceará, Siqueira, Mondubim, Conjunto José Walter, Granja Lisboa, Granja Portugal, Bom Jardim, Genibaú, Canindezinho, Vila Manoel Sátiro, Parque São José, Parque Santa Rosa, Maraponga, Jardim Cearense, Conjunto Esperança, Presidente Vargas, Planalto Ayrton Senna e Novo Mondubim.). Veja figura 5.

A instituição da SER V fica no bairro Maraponga tem 30 anos de funcionamento e é composta por 8 idosas, apenas mulheres. A mais velha tem 90 anos e chegou há pouco tempo na instituição. Uma idosa de 85 anos mora lá há 30 anos. Essa ILPI se caracteriza como de pequeno porte, é uma instituição filantrópica religiosa (sem fins lucrativos), e está na modalidade de asilo.



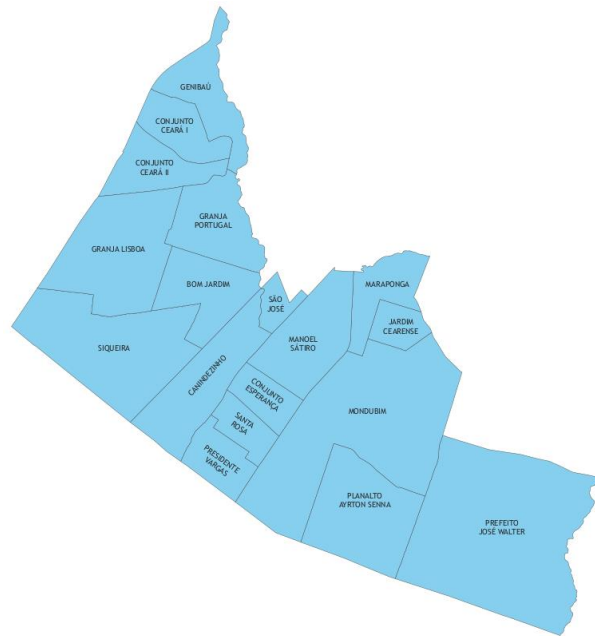


Figura 6 – SER V

A SER VI tem uma população de aproximadamente 600 mil habitantes, que preenche 42% do território de Fortaleza dividido em 29 bairros (Aerolândia, Ancuri, Alto da Balança, Barroso, Boa Vista - unificação do Castelão com Mata Galinha, Cambeba, Cajazeiras, Cidade dos Funcionários, Coaçu, Conjunto Palmeiras - parte do Jangurussu, Curió, Dias Macedo, Edson Queiroz, Guajerú, Jangurussu, Jardim das Oliveiras, José de Alencar - antigo Alagadiço Novo, Messejana, Parque Dois Irmãos, Passaré, Paupina, Parque Manibura, Parque Iracema, Parque Santa Maria - parte do Ancuri, Pedras, Lagoa Redonda, Sabiaguaba, São Bento - parte do Paupina, e Sapiranga). Veja figura 6.

Na instituição da SER VI, está localizada no bairro Lagoa Redonda onde moram 46 idosos, entre homens e mulheres. Funciona há 19 anos aproximadamente. Inicialmente tinha o intuito de ser uma instituição particular, mas com tantos pedidos da justiça, hoje apenas 4 idosos são particulares. Essa ILPI é privada sem fins lucrativos, de médio porte e está na modalidade asilo.

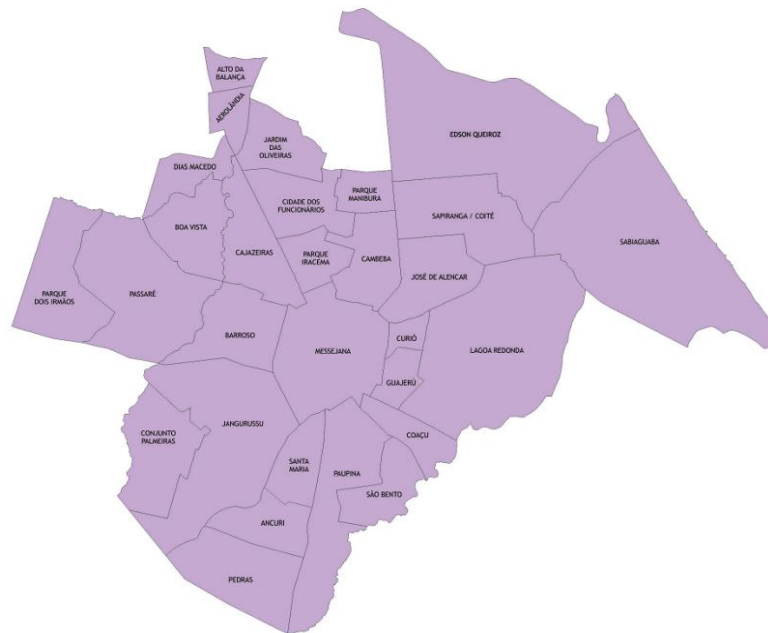


Figura 7 – SER VI

### 3.2 Histórico do Cuidado com Idosos no Brasil e em Fortaleza – Assistência Social Como Política Pública

Há pouco mais de vinte anos, que a assistência social recebeu o *status* de política pública. Antes disso, eram as instituições religiosas e organizações não-governamentais - ONGs que ofereciam comida e habitação aos desamparados. Em 1993, cinco anos após a promulgação da Constituição Brasileira, a chamada constituição cidadã, a Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS foi publicada.

Segunda a Cartilha da LOAS Anotada (2010), ainda está em formação no Brasil o tripé da seguridade social: assistência social, saúde e previdência social (LOAS ANOTADA – Lei Orgânica da Assistência Social – Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS, 2010).

O Benefício de Prestação Continuada da Assistência Social – BPC que garante aos idosos (acima de 65 anos) e às pessoas com deficiência, seja qual for a idade, com renda mensal bruta familiar *per capita* menor que ou igual a  $\frac{1}{4}$  (um quarto) do salário mínimo atual, um salário mínimo, foi estabelecida pela LOAS. Para isso, essas pessoas precisam comprovar que nem ele nem a família têm condições de se manter. O BPC faz parte da Proteção Social Básica no âmbito do Sistema Único de Assistência Social – SUAS e é um direito de cidadania assegurado pela proteção social não contributiva de Seguridade Social.

O BPC é coordenado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS e operacionalizado pelo Instituto Nacional de Seguro Social – INSS. O benefício foi regulamentado pela Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS, Lei número 8.742/93 e pelos Decretos número 6.214/2007 e número 6.564/2008.

Em 2003, no governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, o Estatuto do Idoso foi aprovado, reforçando a importância do cuidado de toda a sociedade com o idoso. Buscando entender o histórico das políticas públicas direcionadas especificamente para os idosos, o IPARDES concluiu que,

A política de assistência social adquiriu um novo estatuto com a Constituição de 1988, reconhecida como política pública e como direito do cidadão no contexto da seguridade social. Mas foi a partir da promulgação da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), em 1993, que teve andamento seu processo de reorganização. (...) A LOAS por sua vez propõe que essa política, de natureza não-contributiva, forneça mínimos sociais para a população mais carente, garantindo assim o atendimento de suas necessidades básicas, avançando também na definição de serviços, programas e projetos que devem compor o escopo de atuação da assistência social (IPARDES, 2008)

Em Fortaleza, a atenção despendida para essa parcela da população no que se refere a políticas públicas, é recente. O Conselho Municipal da Pessoa Idosa foi criado, em 2008, com o objetivo de “elaborar diretrizes para a formulação, implementação e fiscalização da política de atenção à pessoa idosa”. A Coordenadoria de Idosos, vinculada à Secretaria de Direitos Humanos, foi criada, em 2009, para articular diferentes políticas públicas municipais e mobilizar a população em busca de seus direitos.

Também foi organizada pela Prefeitura, pela Secretaria de Direitos Humanos e pela Coordenadoria Especial do Idoso a *Cartilha da Pessoa Idosa: Direitos e Informações*. Por meio dessa cartilha é possível ter acesso a uma série de informações, em linguagem popular, sobre os direitos dos idosos nas áreas da saúde, educação, cultura, lazer, esporte e trabalho. Segundo ela,

estudos do IBGE – 2010 - mostram a população idosa (com mais de 60 anos) formada por 909.475 habitantes, sendo o total da população cearense de 2.452.185 habitantes, isto é, em torno de 37% da cidade é constituída por idosos.

De acordo com o Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa, na cidade de Fortaleza, são vários os estabelecimentos que oferecem atividades a essa população, tanto particulares quanto públicos e ainda filantrópicos. Esse conselho tem a finalidade de averiguar se esses estabelecimentos estão em condições adequadas para atender às demandas dos idosos.

Estas instituições, conhecidas como abrigo, asilo, lar, casa de repouso, clínica geriátrica, entre outras denominações, têm a função de oferecer aos idosos, dependentes ou independentes, serviços na área médica, odontológica, psicológica, fisioterápica, entre outras, isto é, uma equipe interdisciplinar deve atuar junto a esse grupo no intuito de oferecer um atendimento integral.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por meio do Conselho Municipal do Idoso foi possível termos acesso a uma lista com todas as instituições que trabalham com idosos, diretamente ou indiretamente, espalhadas nas seis regionais da cidade de Fortaleza. Nessa lista encontramos um total de 161 instituições.

Após uma breve verificação, constatou-se que nem todas se tratavam de residências para idosos, pois estes apenas participavam de atividades oferecidas nestes locais, ou ainda, eram locais que ofereciam cursos de aperfeiçoamento com o objetivo de atualizar os conhecimentos de profissionais que trabalham com idosos.

Buscamos pesquisar apenas instituições onde os idosos permaneciam o tempo todo, isto é, onde eles moravam. Entramos em contato com as diretoras das instituições, marcamos uma reunião de apresentação do projeto de pesquisa e, após a concordância com relação à pesquisa ser feita naquele estabelecimento, em outro momento, convidamos de três a cinco idosos para fazerem parte do encontro do grupo focal.

Foram pesquisadas seis instituições, uma de cada SER de Fortaleza. Inicialmente tínhamos como meta trabalhar com dezoito idosos, sendo três de cada instituição. Além disso, almejávamos que estes dezoito idosos morassem na instituição há, pelo menos, cinco anos. Porém, precisamos adaptar a pesquisa às questões próprias do campo.

As visitas às ILPIs aconteceram principalmente no período de março a junho de 2012. Algumas visitas tiveram a colaboração de dois ajudantes de pesquisa e uma pesquisadora, e a maioria foi feita pela própria pesquisadora de maneira individual. A ajuda dessas pessoas foi fundamental para o bom andamento do momento da coleta de dados, tendo em vista que estivemos em espaços muito ricos de informações e o relato deles, após os encontros, enriqueceram ainda mais nossos dados.

Todos os envolvidos nessa pesquisa foram informados da não obrigatoriedade dos mesmos responderem a todas as perguntas solicitadas. Esclarecemos que a qualquer momento eles poderiam desistir de participar da pesquisa. Tivemos o cuidado de explicar sobre o que esta se tratava e demos total liberdade para que todos aceitassem ou não o convite feito por nós para participar dos grupos.

Sempre quando iniciamos o grupo focal a pesquisadora deixava claro que a qualquer momento, se não estivesse se sentindo à vontade, os respondentes poderiam parar de responder às

perguntas. Essa idosa (R8), de 92 anos e morando há vinte anos na ILPI, iniciou o grupo focal, mas pediu para sair logo depois, pois acreditava que estavam dizendo que ela não estava falando a verdade. Sua decisão foi acolhida, ela devolveu seu instrumento gerador dos mapas afetivos e a pesquisadora continuou o grupo com as outras três idosas que haviam se proposto a participar do grupo.

O tempo médio de aplicação do instrumento gerador dos mapas afetivos foi uma hora. As entrevistas individuais aconteceriam logo após a aplicação, mas, devido ao tempo excessivo despendido na aplicação do instrumento, percebemos que ficaria muito cansativo para os idosos. Escolhemos então, não fazer as entrevistas individuais semiestruturadas e, assim como foi feito na pesquisa de Bertini (2007), gravar o momento da aplicação do questionário. Todos os idosos tendem a falar bastante sobre sua vida, seu passado, durante a aplicação do instrumento, talvez como uma forma de afirmar sua identidade, sua história, por isso que as gravações foram muito importantes, sendo utilizadas depois para análise de conteúdo.

Após serem gravadas, as aplicações dos instrumentos geradores dos mapas afetivos foram transcritas. Para a análise dos dados qualitativos foi utilizada a análise de conteúdo. Além do uso desses instrumentos, esse estudo foi submetido ao Comitê de Ética e foi solicitado aos participantes que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

#### **4.1 Tipo de Estudo**

O enfoque da pesquisa qualitativa está na descrição e observação dos fenômenos de maneira não reducionista, isto é, busca observar a realidade total dos fenômenos numa perspectiva holística, que tem como princípio que o todo é diferente da simples soma de suas partes (COLLADO; LÚCIO; SAMPIERRI, 2006).

O enfoque qualitativo considera que conhecimento é o produto inacabado de um processo de construção da informação dentro de uma realidade que não está dada, mas que acontece na relação entre pesquisador e pesquisado. Sua legitimidade está amparada na qualidade, coerência e clareza da expressão dos sujeitos envolvidos no processo. (ROCHA; GÓIS, 2010)

Essa pesquisa é do tipo qualitativo. Almeja observar como se dão as relações cotidianas dos idosos com seu espaço vivido e suas inter-relações com os sujeitos que fazem parte da rotina da instituição de longa permanência onde moram. Para isso, foram utilizados quatro métodos de pesquisa qualitativa: o instrumento gerador dos mapas afetivos, os grupos focais, as entrevistas individuais e o diário de campo.

## 4.2 Instrumentos Utilizados

### 4.2.1 Mapas Afetivos – Instrumentos de Apreensão de Afetos

“Não se reconhece mais a existência de um saber dos saberes, que esteja fora da mediação cultural.”  
(GERMANO, 2001 *apud* BOMFIM, 2010).

Bomfim (2010), em sua tese de doutorado, se propôs a pesquisar a estima que os moradores residentes em São Paulo e Barcelona sentiam por suas cidades. Para isso deparou-se com um grande desafio metodológico, pois tinha como objetivo acessar as sensações e os sentimentos sem ser impregnada pelos processos racionais. Assim, inovou a pesquisa sobre o tema elaborando “uma análise qualitativa baseada na articulação entre significados, qualidades e sentimentos atribuídos no desenho” (BOMFIM, 2010, p.137). Esta análise inicia-se pela coleta de dados feita através do instrumento gerador dos mapas afetivos, onde “desenhos e metáforas são os principais recursos para a revelação dos afetos”.

O desenho é a criação de uma situação de aquecimento para a expressão de emoções e sentimentos e a escrita traduz a dimensão afetiva do desenho. As metáforas são recursos de síntese, aglutinadores da relação entre significados, qualidades e sentimentos atribuídos aos desenhos (BOMFIM, 2008).

Esta metodologia proposta por Bomfim (2010) está fundamentada na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (1991), que afirma serem os afetos constitutivos do subtexto da linguagem sobre o objeto estudado. Bomfim (2010) enfatiza que tanto a metáfora como os desenhos “caracterizam-se pelo cultivo da intimidade, refletem a experiência da vida cotidiana e

permitem o *insight* comunitário e o contato com a coletividade”, o que coaduna com a finalidade da sua pesquisa de apreender os afetos.

No momento da aplicação do instrumento gerador dos mapas afetivos, o pesquisador deve salientar, no início, a importância do sujeito responder ao questionário, questão por questão, na ordem como são apresentadas, pois este foi construído de forma que as primeiras questões servem de aquecimento para as questões seguintes.

Na primeira folha do instrumento é pedido que o sujeito desenhe, no caso da pesquisa de Bomfim, a representação que possui de sua cidade, já no nosso caso, a forma como representa, vê e sente a instituição onde mora.

Na segunda questão, surgem perguntas relativas ao desenho solicitado na primeira página. Pergunta-se o seu significado, pois quem faz a interpretação do desenho não é o pesquisador e sim o respondente. No outro item, pede-se que o respondente descreva seus sentimentos a respeito do desenho. Em seguida, solicita-se que, em seis palavras (sentimentos, qualidades ou substantivos), o respondente procure sintetizar seus sentimentos em relação ao desenho. Nesse item, não tem problema aparecerem palavras repetidas, pois o objetivo é clarificar ainda mais os sentimentos.

Na terceira questão do instrumento pergunta-se o que este pensa sobre a cidade (no nosso caso, sobre a instituição) onde mora. Até aqui as perguntas solicitadas são bastante semelhantes, mas a ideia é justamente captar algo que ainda não foi dito, fazer com que o respondente aprofunde seus sentimentos, podendo até ressignificá-los.

A quarta questão possui “afirmações baseadas nas dimensões que foram levantadas no pré-teste, voltadas para avaliação dos respondentes em uma escala de 0 a 10” (BOMFIM, 2010, p.145), para o respondente avaliar o que sente sobre a cidade. Ela irá gerar uma escala do tipo Likert que será utilizada com o tratamento estatístico complementar, contudo esta questão não foi trabalhada na nossa pesquisa, pois “por ser um estudo qualitativo, nossa principal preocupação não era com a representatividade estatística da amostra, mas com a qualidade das informações obtidas” (PINHEIRO, 2009, p. 81, *apud* QUINTELA, 2010).

A quinta questão foi o momento da elaboração de “uma nova síntese de compreensão do sentido da comunicação complexa do afeto” (BOMFIM, 2010, p. 146) por meio da metáfora. Solicita-se que os respondentes façam uma comparação da cidade (no nosso caso, da instituição onde moram) com algo. Na nossa pesquisa, percebemos que facilitou bastante a compreensão dos



idosos quando, ao final da pergunta, complementávamos com: a instituição onde o (a) senhor (a) mora “é como se fosse...”.

A sexta questão trata dos caminhos percorridos com maior frequência e o que o respondente costuma fazer durante essas trajetórias na sua cidade. Na sétima e oitava questões, na pesquisa de Bomfim (2010), pergunta-se sobre a participação do respondente em associações, seja ela qual for (cultural, de bairro, etc.), e em movimentos sociais, mesmo que temporária.

Por fim, pede-se informações sobre as características demográficas do respondente, isto é: sexo, idade, origem, cidade e estado de residência habitual, tempo de residência na cidade, escolaridade, situação laboral e salário mensal.

Os mapas afetivos são recursos indicados para intervenções psicossociais, porque acessam sentimentos à realidade da vida cotidiana. Como eles são uma forma de acessar os significados atribuídos pelo indivíduo a um objeto de sua realidade, eles podem ser aplicados não somente às questões urbanas ou à cidade, mas também a ambientes microssociais em que ocorre uma maior identificação do *self*. (BOMFIM, 2008)

Após a aplicação dos instrumentos geradores dos mapas afetivos, no pré-teste, os dados são transferidos para um mapa, os chamados mapas afetivos, definidos pela autora como a metodologia de apreensão dos afetos. As respostas que surgiram foram então categorizadas pela autora em quatro dimensões: contraste, insegurança, agradabilidade e pertencimento.

#### *4.2.1.2 Adaptação do instrumento gerador dos mapas afetivos*

O instrumento gerador dos mapas afetivos foi adaptado para ser utilizado com o grupo pesquisado. Bertini (2007), assim como Ponte (2010), fizeram uso dos mapas afetivos ao trabalharem com idosos durante sua pesquisa de mestrado. Bertini (2007) estudou a afetividade de idosos que frequentavam ou moravam no centro da cidade de Fortaleza com relação a este espaço, e Ponte (2010) estudou a afetividade de religiosos consagrados, padres e irmãos idosos, com relação à moradia na casa de saúde. Ambos perceberam a necessidade de fazer modificações no instrumento gerador dos mapas afetivos para facilitar a sua aplicação com esse público. Constataram que seria mais apropriado solicitar que os idosos descrevessem, ao invés de desenhar, “a forma de ver, representar ou sentir” o Centro de Fortaleza, no caso de Bertini (2007), e a casa de saúde, no caso de Ponte (2010).

Assim como Quintela (2010), que estudou a afetividade de idosos religiosos consagrados com relação ao seu espaço de moradia (casas de saúde), também não nos utilizamos do tratamento estatístico complementar proposto por Bomfim (2010), tendo em vista que foram poucos os respondentes que fizeram parte da amostra.

Na nossa pesquisa fizemos uso dessas modificações propostas por Bertini (2007) e por Ponte (2010), não sendo necessário um pré-teste. Durante a aplicação do instrumento gerador dos mapas afetivos, gravamos as descrições que foram feitas pelos idosos sobre a instituição onde moram. Fizemos a aplicação do instrumento em grupo, salvo em locais onde o espaço não permitia que a pesquisadora pudesse garantir o sigilo aos idosos participantes. Além disso, com idosos mais dependentes, buscamos trabalhar de forma individual devido à dificuldade para estes sentir de responder ao questionário sozinhos.

A questão seis foi modificada da originalmente proposta por Bomfim, pois a pesquisa por nós proposta tem como foco os espaços residenciais. Perguntamos, então, sobre os lugares que os idosos costumam ficar na instituição onde moram e por quê. Na sétima questão, para darmos conta do que estabelecemos como sendo nossos objetivos de pesquisa, acrescentamos as seguintes perguntas: qual frequência costuma receber visitas; se sai da instituição e qual o objetivo quando a resposta é positiva; se participa de alguma atividade e qual seria se a resposta for positiva; como se sente com os outros idosos residentes, com quem é mais apegado e por que; como se sente com os profissionais, com qual é mais apegado e por que.

Finalmente, na questão sobre características demográficas do respondente, acrescentamos as seguintes perguntas: profissão, tempo de aposentadoria e tempo de residência na instituição. Os itens origem e cidade foram excluídos do nosso instrumento gerador dos mapas afetivos.

#### *4.2.2 Grupos Focais e Entrevistas Individuais*

Fizemos uso, além do instrumento gerador dos mapas afetivos e dos diários de campo, de grupos focais e de entrevistas individuais e semiestruturadas. Estas últimas foram utilizadas quando não era possível trabalhar em grupo. Concluimos que os grupos focais poderiam facilitar a nossa ida a campo e a nossa visualização do objeto pesquisado devido à quantidade de instituição que almejávamos pesquisar e às vantagens deste tipo de método de

pesquisa. Além disso, segundo Oliveira e Freitas (2010), os grupos focais combinam elementos de duas técnicas muito importantes utilizadas nas ciências sociais: a entrevista individual e a observação participante.

Os grupos focais apresentam algumas vantagens interessantes para nossa pesquisa, como: fornecer resultados rápidos, permitir ao pesquisador aumentar o tamanho da amostra nos estudos qualitativos, aumentar a profundidade e qualidade das verbalizações e expressões, proporcionar facilidade na condução, baixo custo, e é adequado para captar as experiências de vida das pessoas em qualquer processo social dinâmico – político, profissional, comunitário, familiar, etc. (OLIVEIRA; FREITAS, 2010).

Segundo Barbour (2009), “os grupos focais proporcionam uma oportunidade de gerar dados que são bons candidatos à análise pela abordagem do interacionismo simbólico, que enfatiza a construção ativa do significado”. Acreditamos que a interação entre os participantes nos grupos focais pudesse também facilitar a fala dos idosos sobre seus sentimentos com relação às ILPIs. Nos *focus group*,

O foco ou o objeto de análise é a interação dentro do grupo. Os participantes influenciam uns aos outros pelas respostas às ideias e colocações durante a discussão, estimulados por comentários ou questões fornecidos pelo moderador (pesquisador ou outra pessoa). (OLIVEIRA; FREITAS, 2010, p.326).

Em dois momentos foram utilizadas as entrevistas semiestruturadas. Segundo Günther (2008), as entrevistas semiestruturadas são baseadas em uma lista de temas e de questões, no nosso caso a lista de questões do instrumento gerador dos mapas afetivos, a serem seguidas de acordo com uma ordem ou referencial. A autora enfatiza que o face a face proporcionado pelas entrevistas promove um contato mais próximo e amplia a possibilidade de percepção de componentes verbais e não verbais, como aparência, humor, estado de saúde do respondente, combinando assim informações de diferentes tipos e fontes com relação ao respondente, o que conseqüentemente enriquece a pesquisa.

#### 4.2.3 *Diário de Campo*

*“Testimonio del proceso de maduración intelectual y analítica de quien lo redacta.”*

(JORBA, 2000 *apud* MONTERO, 2006).

O trabalho de campo confere à pesquisa uma quantidade tão vasta de informações que, ao se limitar aos registros mais formais, como questionários estruturados e entrevistas estruturadas gravadas e posteriormente transcritas, o pesquisador tenderá a perder uma parte preciosa dos dados.

Segundo Montero (2006), os diários de campo são “testemunhos das mudanças que ocorrem através do tempo no processo de investigação”, o que os torna de valor ímpar tendo em vista a caráter dinâmico e repleto de “transformações dentro e fora de si” nas pesquisas nas ciências sociais. Ele é um procedimento de registro de dados bastante utilizada em pesquisas qualitativas onde a observação participante se faz presente e também pode ser utilizada como estratégia de autorreflexão na área pedagógica (FRIZZO, 2010).

O diário de campo nos permite acessar questões mais cotidianas da pesquisa, como reflexões feitas pelo pesquisador, humor do mesmo no momento da ida a campo, descrições mais detalhadas dos espaços estudados, das rotinas do local, facilidades e dificuldades na relação com o campo, entre outras questões que perpassam essa etapa.

Conforme Argilaga (1995, *apud* FRIZZO, 2010), o diário de campo possui dois tipos de conteúdos: os *reflexivos* que refletem “o ponto de vista, as ideias e preocupações do pesquisador”; e os *descritivos* que têm como objetivo “captar uma imagem do local, pessoas, ações e conversas observadas” (FRIZZO, 2010, p. 179).

Esses dados coletados pelo diário de campo, se utilizados de forma complementar à pesquisa, têm a possibilidade de transmiti-la de forma mais fiel e assim proporcionar a produção de um conhecimento mais amplo, mais crítico e condizente com a pluralidade de aspectos da realidade social vigente.

O diário de campo se apresenta como uma estratégia de registro dos dados, onde o pesquisador coloca suas percepções, angústias, questionamentos e informações, tornando-se um ‘amigo silencioso’ que não pode ser subestimado quanto a sua importância (MINAYO, 1996 *apud* FRIZZO, 2010)

O diário de campo é uma valiosa técnica complementar nas investigações e intervenções comunitárias, pois “*combina rigurosas observaciones de campo con análisis e*

*interpretaciones de los hechos que ellas presentan o ilustran, y sus relaciones con aspectos teóricos”* (MONTERO, 2006, p. 303).

Segundo Montero (2006), deve-se apresentar descrições do local e reflexões do pesquisador da forma mais detalhada possível e, dependendo de como foi produzido, pode se tornar um interessante documento para publicação.

## **4.3 Procedimentos na Coleta de Dados**

### *4.3.1 Análise dos Dados Qualitativos dos Mapas Afetivos*

“O objetivo das técnicas que compõem a Análise de Conteúdo é realizar inferências acerca de mensagens e comunicações, abarcando o conteúdo manifesto e podendo estender-se ao conteúdo latente” (LÓPEZ-ARANGUREN apud ROCHA; GÓIS, 2010)

Para a análise dos dados nos utilizamos da análise de conteúdo. Seguimos, para isso, os seguintes passos: pré-análise, codificação, categorização.

A pré-análise é

a fase da organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas, tem por objetivo tornar operacional e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. (BARDIN, 1997)

É na fase de codificação que acontece a transformação dos conteúdos brutos em representações, em unidades, que “permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo” (HOLSTI, 1969 *apud* BARDIN, 1977). Esta fase é dividida em duas partes: a fragmentação do texto e a catalogação das unidades. Fragmentamos o texto em: a) unidades de registro: “constou de segmentos de significação, que, na investigação, corresponde às respostas dadas às perguntas e à representação do desenho da cidade” (BOMFIM, 2010, p.149); b) e unidades de contexto: “segmento que permite a compreensão da unidade de registro, definida pelas perguntas ao questionário e pela solicitação do desenho” (BOMFIM, 2010, p.149). As respostas de cada indivíduo foram catalogadas, na pesquisa de Bomfim, quanto ao: 1. Tipo de

desenho; 2. Perspectiva de como se vê o desenho; 3. Elementos dos desenhos; 4. Signos emblemáticos; 5. Estrutura geral dos mapas cognitivos (Lynch); 6. Significado do desenho; 7. Qualidade da cidade; 8. Sentimentos; 9. Representação; 10. Trajetos e caminhos.

Por fim, chegamos à fase de categorização, onde todas as respostas são divididas em categorias e colocadas em um quadro sintético (Quadro 1) dividido nos seguintes itens: identificação do respondente, estrutura do desenho, significado, sentimento, metáfora e sentido.

As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos. (...) é um processo de tipo estruturalista e comporta duas etapas: o inventário: isolar os elementos; a classificação: repartir os elementos, e, portanto procurar ou impor uma certa organização às mensagens (BARDIN, 1977, p. 117-118).

Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
Número: Sexo: Idade: Escolaridade: Cidade: Tempo de residência (quando não originário)	Mapa cognitivo de Lynch: desenho de monumentos, caminhos, limites, confluências e bairros.  Mapa Metafórico: desenho que expressa, por analogia, o sentimento ou o estado de ânimo do respondente.	Explicação do respondente sobre o desenho	Atributos do desenho e da cidade, apontados pelo respondente,	Expressão afetiva do respondente ao desenho e à cidade.	Comparação da cidade com algo pelo respondente, que tem como função a elaboração de metáforas.	Interpretação dada pelo investigador à articulação de sentidos entre as metáforas da cidade e as outras dimensões atribuídas pelo respondente (qualidade e sentimentos)

Quadro 1 - sintético para articulação de sentidos e construção dos mapas afetivos (BOMFIM, 2010)

Na última dimensão do quadro, a de sentido, Bomfim (2010) utilizou-se da análise do subtexto, do sentido e do motivo. Articulou a imagem da metáfora com o sentimento e a qualidade relatados pelos respondentes. “A este processo de articulação de sentidos, denominamos de construção de mapas afetivos” (BOMFIM, 2010, p. 152).

Na pesquisa de Bomfim (2010) foram encontradas as imagens de “contrastes” (sentimentos e qualidades despotencializadores ou potencializadores), “atração” (sentimentos e

qualidades potencializadores), “destruição” (sentimentos e qualidades despotencializadores), “agradabilidade” (sentimentos de satisfação ambiental), “caixa de surpresa” (sentimentos e qualidades polarizados, mas que existe satisfação ambiental) e “movimento” (sentimentos e qualidades polarizados).

#### *4.3.2 Análise dos Grupos Focais e das Entrevistas*

Como utilizamos o gravador em todos os encontros, para iniciar a análise dos grupos focais e das entrevistas individuais semiestruturadas foi preciso fazer a transcrição desses encontros e, posteriormente, a elaboração de categorias de análise e de unidade de sentido (como foi detalhado no item 4.2.1.1). O quadro gerado se encontra no Apêndice.

Na análise de conteúdo definimos categorias e subcategorias que correspondiam aos objetivos da pesquisa. As categorias foram: 1. Fatores que levaram à entrada na instituição; 2. Modos de se referir à vida na instituição; 3. Sentidos atribuídos à vida na instituição; 4. Apropriação; 5. Identificação.

Na categoria 1 encontramos as subcategorias: 1. Adoecimento; 2. Morte do cônjuge; 3. Família não pôde/não quis cuidar (abandono). As subcategorias da categoria 2 foram: 1. Boa; 2. Boa, mas quero ir embora, prefiro meu lugar; 3. Ruim. As subcategorias da categoria 3 foram: 1. Positivo se comparado ao passado; 2. Negativo se comparado ao passado. Na categoria 4 as subcategorias suscitadas foram: 1. Participação de atividades na ILPI; 2. Modos de se referir a instituição; 3. Estrutura física da instituição. As subcategorias da categoria 5 foram: 1. Relação entre os idosos residentes; 2. Relação entre os idosos e os funcionários; 3. Vínculos fora da ILPI.

Faremos uma discussão sobre os dados obtidos no item 5.2.

#### *4.3.3 Análise dos Diários de Campo*

Fazendo uso da análise de conteúdo, já devidamente detalhada no item 4.2.1.1 de análise qualitativa dos mapas afetivos, geramos um quadro de categorias (ver em APÊNDICES). Os próprios objetivos específicos da pesquisa serviram como categorias para as unidades de análise. Discutiremos os dados coletados por esse instrumento no item 5.2 imagens das ILPIs.

## 5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

“Um cantinho da gente é tão bonzinho, a gente se deita e se levanta a hora que quer, é muito melhor a gente estar no cantinho da gente.”

(R19)

### 5.1. Caracterização da Amostra

Nosso estudo contou com uma amostra de 20 sujeitos (seriam 21, mas uma idosa apenas começou a participar do grupo focal e logo desistiu de responder ao questionário), residentes em instituições de longa permanência para idosos, com idades entre 60 e 87 anos ( $m = 76,47$ ;  $dp = 8,95$ ), sendo a maioria do sexo feminino (90%), com ensino fundamental incompleto (40%) e com idade entre 76 a 86 anos (36,8%). Uma descrição mais detalhada acerca dos participantes pode ser observada na Tabela 1.

Tabela 1 - Caracterização da amostra de respondentes (n = 20)

Variável	Nível	f	%*
Idade	Até 70 anos	5	26,3
	De 71 a 75 anos	5	26,3
	De 76 a 86 anos	7	36,8
	Acima de 87 anos	2	10,5
Sexo	Feminino	18	90,0
	Masculino	2	10,0
SER**	I	3	15,0
	II	3	15,0
	III	2	10,0
	IV	4	20,0
	V	4	20,0
	VI	4	20,0
Ocupação	Sim	2	10,5
	Não	17	89,5



Tempo de Aposentadoria	Até 1 ano	1	5,6
	De 2 anos a 26 anos	8	44,4
	De 27 a 50 anos	3	15,0
	Não sabe ou não é aposentado	6	30,0
Renda Mensal	De 0 a 2 salários mínimos	17	89,5
	De 2 a 4 salários mínimos	2	10,5
Tempo de Instituição	Até 18 meses	5	27,8
	De 19 a 60 meses	4	22,2
	De 61 a 120 meses	5	27,8
	Mais de 120 meses	4	22,2

**Nota:** \*Porcentagem válida (foram desconsiderados os participantes que não responderam); \*\***SER:** Secretaria Executiva Regional.

Encontramos no grupo estudado uma diversidade enorme de profissões (ver tabela 2), sendo a maioria profissões que não exigem escolaridade, já no que concerne à renda mensal e à ocupação o grupo se torna bastante homogêneo. A grande maioria dos idosos respondentes (89,5%) não tem ocupação, atualmente, e a mesma porcentagem (89,5%) recebe entre zero a dois salários mínimos. Quando observamos mais atentamente as profissões dos idosos residentes nas ILPIs estudadas (costureira, dona de casa, doméstica, agricultor(a), operário, bordadeira, etc.), a renda média e a escolaridade dos mesmos percebemos que se trata de um público de baixa renda e pouca escolaridade que provavelmente trabalhava em locais com condições precárias, o que pode ter afetado a forma como estes envelheceram e, conseqüentemente, sua saúde atual. Falaremos mais sobre essa questão no item seguinte.

Tabela 2 - Lista de profissões dos respondentes

<b>Profissões</b>	<b>F</b>	<b>%</b>
Agricultor e Operatório	1	5,0
Agricultora	1	5,0
Agricultora e Dona de Casa	2	10,0
Aposentada	1	5,0
Bordadeira	1	5,0
Confecção e Dona de Casa	1	5,0
Costureira	2	10,0
Cozinheira	1	5,0
Cuidadora de criança	1	5,0
Desenho	1	5,0
Doméstica	3	15,0

Dona de Casa	1	5,0
Empregada doméstica e cuidadora de idosos	1	5,0
Enfermeira	1	5,0
Professora	1	5,0
Nenhuma	1	5,0

O tempo de residência na instituição é um dado interessante a ser observado, tendo em vista que a formação de novos vínculos com este ambiente, com os funcionários e com os outros idosos residentes requer um tempo para o conhecimento da cultura local e conseqüentemente para haver uma adaptação (BOWLBY, 2006).

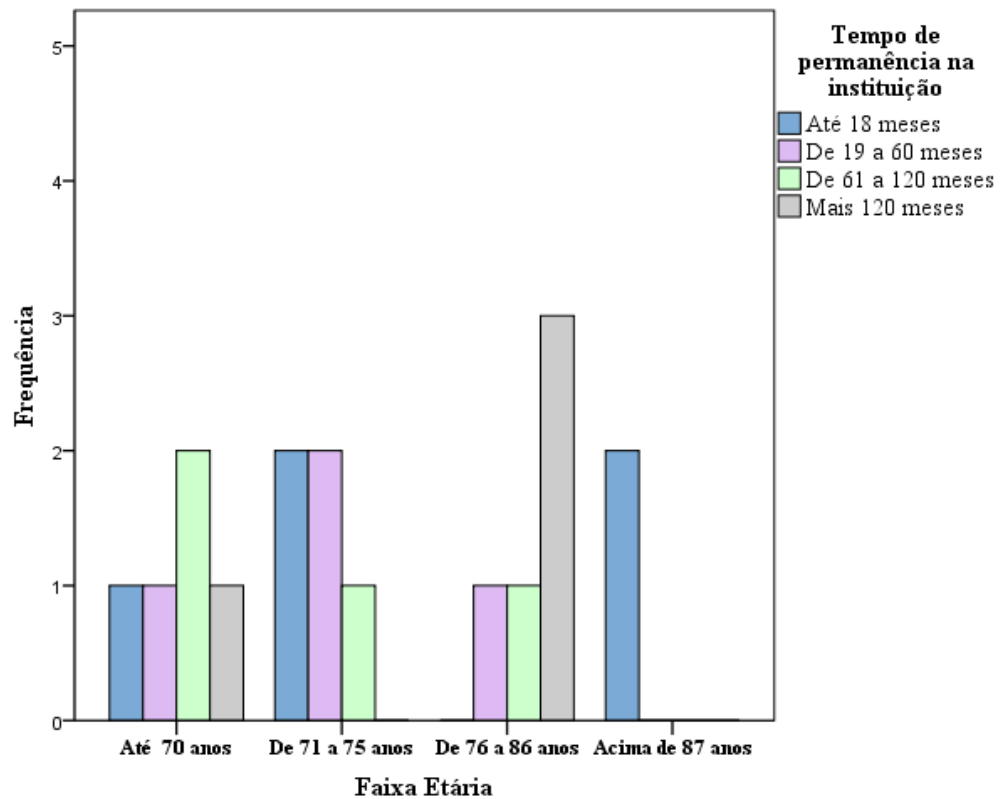
Além disso, o processo de apropriação da ILPI pelo sujeito requer tempo e uso, como citamos acima (POL, 1996). Ao chegar à ILPI, o idoso busca adaptar o espaço às suas necessidades, passa por um processo que chamamos de personalização, isto é, um processo de “transformação-adaptação-organização espacial” (POL, 1996). O sujeito

*dota al entorno de un significado para los otros y para si mismo, con un cierto nivel de intencionalidad que en el proceso interactivo con los demás reforzará el propio yo o lo modificará cambiando el mismo significado del lugar (POL, 1996).*

O idoso busca trazer seus objetos pessoais (como fotos e roupas), procura se adaptar à rotina local, se apresentar aos idosos residentes mais antigos e aos funcionários. Para que todo esse processo aconteça, como já mencionamos, precisa-se de um tempo considerável. Alguns se apropriam mais rápido, outros não, pode variar bastante de idoso para idoso, de acordo com sua história de vida, sua cultura familiar e sua própria noção de eu e imagem de si mesmo. O fato de morarem muito tempo na ILPI não assegura que o idoso tenha se apropriado desse espaço, se identifique ou se sinta pertencente a este, pois, segundo Giuliani (2004):

*O tempo de residência é mais uma consequência do que uma causa do ‘apego funcional’, no sentido de que, se o local for satisfatório – ou, alternativamente, se não houver possibilidade de mudanças para melhor -, a tendência é ficar, mas quando o ambiente deixa de ser satisfatório, o apego diminui e uma mudança pode ser positiva (Schumaker e Taylor, 1983, apud Giuliani, 2004)*

Tabela 3 - Tempo de permanência na instituição X Faixa etária



Tivemos um grupo bastante diversificado no que se refere ao tempo de residência na instituição. Cinco idosos moravam na ILPI até, no máximo, um ano e meio; quatro moravam entre 1 ano e meio e cinco anos; cinco entre cinco a dez anos; e quatro com mais de dez anos. Dois idosos não responderam a essa pergunta, pois não sabiam informar. Veja na tabela 3 que, os idosos estudados com idade acima de 87 anos, moram de zero a um ano e meio na ILPI. O que difere da diversidade de tempo de moradia registrada entre idosos com idades de 70 a 86 anos. Acreditamos que essa característica dá-se ao fato de que os idosos acima de 87 anos falecem e os que chegam nessa idade, trazidos pelas famílias ou abandonados, são idosos bastante debilitados que normalmente tendem a falecer logo. Segundo Mucida (2009, p. 77) “O corpo desabilitado do sujeito, morre em pouco tempo”. A autora nos fala ainda,

A ausência de prazer no cotidiano sem perspectivas para o futuro, a precariedade de laços afetivos, o abandono, o isolamento e a solidão são alguns dos caminhos que podem esgarçar o laço do corpo, tornando-o mais frágil e propenso a doenças. Um corpo reduzido às necessidades básicas torna-se sem lugar para o desejo (MUCIDA, 2009, p. 76).

## 5.2 As Imagens das Instituições de Longa Permanência

Bomfim (2010), ao elaborar o instrumento gerador dos mapas, em sua análise complementar (escala Likert), encontrou as seguintes categorias: *contrastes*, *insegurança*, *agradabilidade* e *pertencimento*. “Os sentimentos, emoções e palavras contraditórias que apresentam uma polarização positiva ou negativa” foram definidos como fazendo parte da categoria *contrastes*. Quando o sujeito se referia a algo, às vezes, negativo, instável ou inesperado, esses sentimentos e emoções foram classificados na categoria *insegurança*. Já na categoria *agradabilidade* encontrou qualidades positivas, assim como sentimentos de vinculação à cidade. Na categoria *pertencimento* estavam sentimentos, palavras e emoções de identificação com a cidade. Após as análises qualitativas dos mapas afetivos as imagens encontradas pela pesquisadora foram: *contrastes*, *atração*, *destruição*, *agradabilidade*, *movimento* e *caixa de surpresa*.

No estudo de Ferreira (2006) sobre a afetividade de jovens no último ano do ensino médio de escolas públicas do sertão semiárido cearense com seu entorno e fatores que influenciaram sua decisão de migrar ou não, e também no de Alencar (2010) sobre a participação social e estima de lugar de jovens estudantes moradores dos bairros da Regional III da cidade de Fortaleza, foram encontradas as imagens de *pertencimento*, *agradabilidade*, *contrastes* e *insegurança*. No estudo de Ponte (2010) sobre a afetividade de idosos de vida religiosa consagrada com relação a sua moradia na casa de saúde, foram encontradas as imagens de *contrastes*, *insegurança*, *agradabilidade* e *atração*. Todas essas categorias já haviam sido propostas por Bomfim (2010) em sua tese de doutorado.

Na análise dos mapas afetivos em nossa pesquisa, em que se buscou verificar a afetividade de idosos residentes em instituições de longa permanência, foram encontradas as imagens de *agradabilidade*, *pertencimento*, *pertencimento ao passado* e *pertencimento como sobrevivência*. Veja o Quadro 2, a seguir:

IMAGEM (frequência)	QUALIDADE DAS ILPIs	SENTIMENTOS COM RELAÇÃO ÀS ILPIs
AGRADABILIDADE (5 idosos)	Um lugar para comer, dormir, descansar e passear; um lar muito bom, sossegado, divertido, elegante, cheio de plantas; onde tem festinha, tem presentes, não tem zoada, é calmo, deseja ficar até	Transmite paz e saúde; como se estivesse em casa, com a família; de recordação do tempo que morava no interior; amor, carinho; amizade, união, gostar de

	Deus chamar; um lugar de família, gente, que se tem a assistência que precisa; um lugar para onde nosso Senhor trouxe, que acha tão bom.	ajudar; fé, satisfação, felicidade, alegria.
PERTENCIMENTO (9 idosos)	É “muito boa e as irmãs são muito boas conosco”; tem rosa, coqueiros, pássaros, plantas, e que é “o lugar certo para minha moradia”; “uma grande casa de recolhimento que recolhe todo mundo que tem precisão”; um lugar que é de Deus, tem remédios, saúde e bom coração; tem apoio, brincadeiras, festas, assistência (médica), segurança, é uma casa recomendável, muito boa; tem bastante descanso, tem vida boa; é a casa de Deus, não tem o que falar; um lugar muito bom de se morar.	Amor, luz e força; tranquilidade, paz, liberdade, autoconfiança, alegria e sentimento de capacidade; alegria, sentimento de tratamento (“vim me tratar”); sentem-se “como uma menina quando passa pelas plantinhas”; amizade; alívio, bondade; carinho, se sente bem, é tratada como filha; passa muito bem; felicidade, desejo, vontade.
PERTENCIMENTO AO PASSADO (4 idosos)	Não falta nada, é bom; um lugar onde as pessoas são maravilhosas, não mexem com ninguém, onde não passa bem e também não passa mal; um lugar onde passa bem, onde tem fé que vai deixar de tomar os remédios, para ir para casa ajudar a neta; um lugar onde todo dia penso em ir embora, pois é melhor estar no canto da gente;	Emoção, saudade da liberdade, da família (vontade de “ver meu filho”), vontade de ficar boa do Mal de Parkinson; fé em Deus, saudade da terra natal, vontade de viver em paz, trabalhar, voltar para casa, para família; se sente bem, tem fé e amor; preocupação com minha mãe, vontade de vê-la e de sair daqui.
PERTENCIMENTO COMO SOBREVIVÊNCIA (2 idosos)	É boa, é ótima, lembra trabalho e ajuda; uma casa para morar que tem o pão de cada dia, “muito abençoada por Deus, uma casa muito boa, apoia todo mundo que vive aqui, cego, aleijado, tudo”.	“Se sente feliz mesmo sem ser; sossego, ‘feliz por estar nessa casa, senão estaria na rua, quem sabe sendo estuprada”.

Quadro 2 – Imagens da ILPIs com suas respectivas qualidades e sentimentos.

Na categoria de *agradabilidade* encontramos sentimentos de vinculação ao lugar e qualidades positivas com relação ao mesmo (BOMFIM, 2003). Elementos naturais, ambientes ao ar livre, lugares sem muitos ruídos, com temperaturas amenas e que transmitem segurança favorecem o surgindo de sentimentos potencializadores no sujeito. Na nossa pesquisa, 5 das 20 imagens encontradas foram de agradabilidade. Podemos citar as falas de duas idosas nos grupos focais que retratam isso:

R9: Um **sítio** assim... Com muita... De manhã cedo, a gente acorda, os **passarinhos todos cantando**, lugar pra gente **passar**. (...) Pronto, eu represento como se fosse uma **casa de fazenda**, né? Porque tem muito **alpendre**, assim, é muito bonito, sabe? É uma coisa maravilhosa. (...) Aqui é **muito bom ao ar livre**. (Mulher, 72 anos, mora há 6 anos na ILPI).

R9: **Eu me deito a hora que quero**. (...) É animado, tem muitas festas. (...) Às vezes, a gente senta lá fora, lá também é muito bom; a gente vê aquela avenida (...) É, isso. A

gente vai pra missa. (...) Tem as orações, tem o terço toda noite. A gente se senta mais as colegas pra conversar. (Mulher, 72 anos, mora há 6 anos na ILPI).

R9: (...) Muito alegre. (...) **Às vezes, eu fico sozinha, às vezes eu saio e vou passear.** É muito bom aqui, viu? (...) se eu estivesse morando sozinha ou morando com amiga ou com qualquer outra pessoa eu não me sentiria bem. **E aqui eu me sinto bem, porque é como eu estivesse na minha casa.** Sabe? (Mulher, 72 anos, mora há 6 anos na ILPI).

R9: É nessa sala aqui que não gosto de ficar. Sempre que eu tô melhor, vou lá pra fora. **Ali é fresco, aqui é muito quente.** Aqui é bom pra assistir televisão. (Mulher, 72 anos, mora há 6 anos na ILPI).

A idosa (R9) descreveu um sítio, um campo, uma fazenda, com muito jardim, pássaros cantando, com lugar para caminhar, sossegado, espaço reservado, animado, com festas, e a ajudante da pesquisa escreveu em seu instrumento gerador do mapa afetivo. A imagem de agradabilidade fica visível quando a idosa cita elementos positivos da ILPI como plantas, ser sossegado, parecer estar em casa com a família. Podemos notar que a presença de elementos naturais e espaços ao ar livre favoreceram o surgimento da imagem de agradabilidade.

Essa idosa mora em uma ILPI localizada na SER IV onde “Nesse lugar, cada idosa tem seu quarto. Moram sozinhas, decoram seus quartos do jeito que querem”. Diário de campo – SER IV.

As idosas residentes organizam tudo da forma como querem e têm a privacidade para receber visitas de familiares ou de amigos nas suas “casas”, forma como se referem aos quartos. A sensação de liberdade, de poder decidir o que vai fazer durante o dia, também se mostram muito importantes na categoria de agradabilidade. Essa ILPI fica bem perto de uma avenida e em um bairro onde acontecem vários eventos culturais, próximo a uma universidade e de vários estabelecimentos comerciais. A proximidade da ILPI com esses espaços pode facilitar o acesso dos idosos a atividades diferentes das oferecidas pela instituição. Esse fator pode propiciar uma sensação de bem-estar por sentir-se fazendo parte da coletividade. Como mencionamos acima, participar de atividades diversas e estimular várias áreas do corpo, além do contato com outros sujeitos, facilita com que o sujeito tenha um “envelhecimento bem-sucedido”.

Outro exemplo que podemos citar é o da idosa abaixo que mora na ILPI da SER V pesquisada. Nessa ILPI, como na maioria das ILPIs estudadas, os quartos são compartilhados por, aproximadamente, cinco idosas o que não confere tanta privacidade, como na ILPI da SER IV citada acima. Pude sentir essa falta de privacidade durante o grupo focal quando a dona da instituição sempre interrompia o grupo focal e chegou até a sentar juntamente com as idosas

durante o grupo (ver diário de campo nos APÊNDICES). Nessa instituição surgiram muitos elogios até desproporcionais às outras ILPIs.

Nessa ILPI da SER V, assim como na da SER IV, também só moram mulheres, mas em número bastante reduzido. Ela está localizada em um lugar afastado, em uma rua de areia, visivelmente com pouca infraestrutura, apesar de estar em funcionamento há 30 anos. Podemos perceber a categoria de agradabilidade nas seguintes falas de uma mesma idosa:

R11: Minha filha, é porque é muito bom, **tem paz**, tem amor, tem carinho, é bom. Como 5 vezes por dia [risos]. (...) Aqui é tão bom, **é calmo, não tem zoada**. Durmo bastante. (Mulher, 70 anos, mora há 7 anos na ILPI).

R11: Aqui é bom demais. Eu sofria... (...) Aqui é bem melhor. Estou aqui há 5 anos. (...) É isso aí. Eu não tinha saúde antes, passava mal, sofria. (...) Agora tem tudo, **tem saúde, tem comida, tem carinho, tem visita, tem festinha**. (Mulher, 70 anos, mora há 7 anos na ILPI).

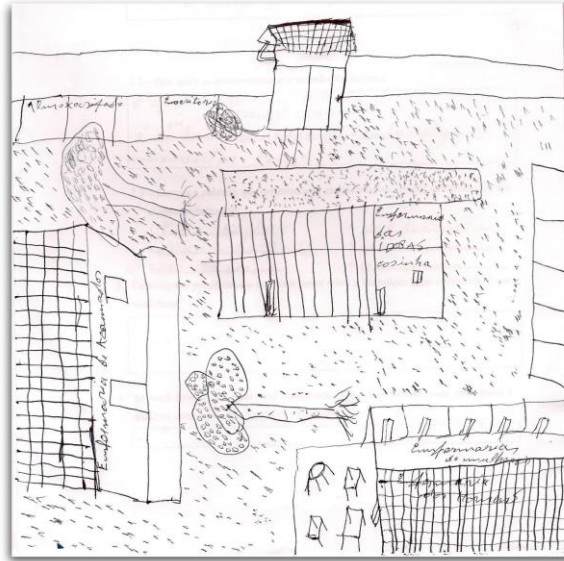
A idosa (R11) traz a questão de que antes sofria e depois ficou melhor ao vir morar na ILPI, apenas na descrição do desenho, o que, inicialmente, nos gera uma sensação que a imagem seria de *pertencimento como sobrevivência*, mas não foi o que apareceu na análise do mapa afetivo. Surgiu sim uma imagem de agradabilidade refletida nas festas, nos presentes, por ser um lugar calmo, sem zoada, onde tem comida e onde se pode dormir a vontade. Além dos sentimentos de amor, paz e carinho.

Esse episódio nos lembra o que Góis (1993 apud ROCHA; GÓIS, 2010) diz em sua Ideologia da Submissão e da Resignação. Nesta, o fatalismo e o caráter oprimido são expressões da exclusão do sujeito oprimido da vida. No fatalismo há uma interiorização da dominação e uma forte sensação de impotência e de incapacidade. Para Martin-Baró (1998 apud RICHIA; GÓIS, 2010), o fatalismo se expressa por meio de ideias, sentimentos e comportamentos. O comportamento de submissão, de conformismo, de tendência à passividade, a falta de memória e perspectiva, e a atenção dada apenas ao presente, assim como os sentimentos de resignação, aceitação e distanciamento emocional são característicos do fatalismo.

Em todas as instituições nas quais estivemos pudemos perceber a presença de uma grande parte desses comportamentos e sentimentos explicitados. Identificamos os idosos residentes nas ILPIs como sujeitos oprimidos, excluídos, pois, como para classe oprimida, definida por Góis (1993; ROCHA; GÓIS, 2010), a luta pela sobrevivência é mais imediata. Eles

acreditam não ser possível que haja alguma transformação em suas vidas, mostram-se assim, sujeitos descrentes, acomodados, características que, segundo Martin-Baró (1998 apud ROCHA;GÓIS, 2010), é comumente encontrada em povos latino-americanos.

Um exemplo de desenho que reflete a imagem de agradabilidade pode ser visto a seguir:



Desenho 1 – R3 – Imagem de agradabilidade

Observemos agora o mapa afetivo gerado abaixo:

IDENTIFICAÇÃO	ESTRUTURA	SIGNIFICADO	QUALIDADE	SENTIMENTO	METÁFORA	SENTIDO
<p>Nº: 3</p> <p><b>SEXO:</b> Masc.</p> <p><b>IDADE:</b> 63a</p> <p><b>ESCOLAR.:</b> Ens. Méd. Inc.</p> <p><b>PROFISSÃO:</b> Desenhista</p> <p><b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ILPI:</b> 8ª</p>	Cognitivo.	Esse desenho representa a ILPI onde mora.	A ILPI é um lugar para comer, dormir, descansar e passear.	Transmite paz e saúde.	(não respondeu)	Essa ILPI é aquela em que sua <u>agradabilidade</u> se expressa no sentimentos de paz e saúde que transmite e por ser um lugar para comer, dormir, descansar e passear.

Quadro 3 - Mapa afetivo (R3)



O respondente R3 fez um desenho de estrutura cognitiva, isto é, segundo os mapas cognitivos de Lynch, este deveria representar desenho de monumentos, caminhos, limites, confluência e bairros, quando a cidade é o ambiente da pesquisa. Quando a instituição se torna o ambiente pesquisado, faz-se uma adaptação, correspondendo assim os mapas cognitivos a estrutura física concreta deste espaço e não a uma abstração. Esse idoso buscou representar o espaço onde mora, com paredes, plantas, cadeiras, mesas, portas, janelas e escreveu o nome de cada compartimento da ILPI. Por não ter construído a metáfora, não pudemos nomear a ILPI, mas sua imagem de agradabilidade ficou visível ao defini-la como um lugar para comer, dormir, descansar e passear, momentos vivenciados, normalmente, em espaços considerados agradáveis. R3, que já mora há oito anos nesta instituição, reforça a imagem de agradabilidade ao escrever que este espaço transmite paz e saúde.

Na análise do mapa afetivo dessa idosa (R18) surgiu a imagem de agradabilidade pelo fato desta ter se referido às qualidades positivas da ILPI onde mora que são: assistência médica, ter alguém para ajudá-la e que ela também pode ajudar, além de não precisar se responsabilizar por nada. Essa último motivo nos chamou atenção, pois como diz Mucida (2009),

Não são raros os idosos que justificam a dificuldade com o texto da vida pela conjunção entre velhice e falta de desejo. A velhice passa a ser o alibi para tudo, promovendo ausência de implicação do sujeito com aquilo que lhe concerne. (...) Essa escrita deve perseverar até a morte (MUCIDA, 2009, p. 32)

Percebemos a falta de motivação presente em muitos idosos respondentes na nossa pesquisa. Em algumas ILPIs que propunham atividades para os idosos residentes muitos deles dizem não participar por falta de vontade, de desejo. Isto é, pelo que foi dito acima, vimos que um dos fatores importantes para que o sujeito tenha um “envelhecimento bem sucedido” é que este se mantenha ativo, mesmo após a aposentadoria. Atividades fora e dentro da ILPI para estimular os movimentos, a coordenação motora, a memória, o contato com o outro são de extrema importância no processo de envelhecimento. O desafio me parece conseguir conciliar as atividades propostas pela ILPI (quando proposta) com a motivação dos idosos, pois muitos colocaram como lugar preferido para estar na ILPI sua cama e, em segundo lugar, na sala em

frente para televisão. Lugares de desconexão com o ambiente, lugar de passividade, e porque não dizer, lugares de padecimento.

Das cinco imagens de agradabilidade apresentada, três surgiram da análise dos mapas afetivos de três idosas de uma mesma ILPI, localizada na SER IV. Esta apresenta bastante espaço ao ar livre, assim como plantas e jardins por todos os espaços da instituição. Moram apenas mulheres e cada uma tem seu quarto, seu espaço particular.

A categoria *pertencimento*, assim como foi encontrado com Bomfim (2003, 2008, 2010) e nos outros estudos acima citados, se refere a sentimentos, palavras e emoções de identificação com o lugar. Observemos os seguintes discursos nos grupos focais que exemplificam essa categoria:

R15: **Sinto amor, sinto paz, sou feliz aqui, muito feliz**, graças a Deus. (...) Tudo de bom, tem almoço, tem merenda [risos], tudo. (...) Tudo de bom. **Aqui é uma casa de Deus**. Muito ótima, não me falta nada, graças a Deus, são tudo bom pra mim, são bons. Não tenho que falar de nada aqui. (...) **Aqui eu sou muito feliz, eu sou uma andorinha** [risos]. É ótimo aqui... Vivo muito feliz, graças ao meu bom Deus. (...) Eu me alimento bem, estou bem, graças a Deus. **Por isso fico feliz, não me falta nada**. (Mulher, 65 anos, mora há 2 anos na ILPI).

No desenho desta idosa (R15) o ajudante da pesquisadora, cometeu o mesmo equívoco que a pesquisadora com o respondente R14, buscando facilitar a visualização da idosa com relação à imagem que representaria a forma como ela vê e sente o lugar onde mora. A idosa descreveu Jesus Cristo e o ajudante da pesquisadora desenhou algo semelhante no instrumento gerador dos mapas afetivos, mas o correto seria ela escrever a descrição da idosa e não desenhar por ela. Na análise do mapa afetivo desta idosa percebemos a imagem de pertencimento expressa nos sentimentos de alegria, amor e felicidade suscitados por ela, além do fato de comparar a ILPI com sua casa.

Pudemos observar, em vários respondentes, a presença da religião no seu cotidiano, seja na ida às missas, como na fé que vai melhorar para poder voltar para casa, para família e ter uma vida digna. Acreditamos que a fé tem uma característica muito importante que é ajudar o religioso a ultrapassar momentos de crise, mas também pode ser despotencializadora no momento em que o religioso se coloca de maneira passiva na vida, deixando a responsabilidade de tudo para outro, mesmo que seja um santo ou uma entidade superior.

Nas situações em que nos vemos sem outra possibilidade de escolha, o fanatismo religioso pode ser um mecanismo de defesa para o oprimido e também de submissão para o dominador. Essa característica também se encontra no fatalismo, acima discutido, e na consciência mágica definida por Freire (1980 apud ROCHA; GÓIS, 2010). O sujeito oprimido “atribui a falta de mudança nas condições em que vive a uma força superior, Deus, o Destino, ou qualquer outra entidade sobrenatural” (MARTÍN-BARÓ, 1998 apud ROCHA; GÓIS, 2010), “o sujeito entrega seu futuro a entidades supranaturais (FREIRE, 1980 apud ROCHA; GÓIS, 2010).

R12: *Aqui eu tenho paz, descanso. Aqui eu só tenho descanso, graças a Deus. Como muito bem, durmo bem, graças a Deus (...). Aqui eu descanso, eu me alimento bem, graças a Deus. Não tenho doença.* (Mulher, 68 anos, mora há 1 mês na ILPI).

Na análise do mapa afetivo desta idosa (R7) surgiu novamente a imagem de pertencimento, muito comum entre todos os respondentes. Ela descreveu um lugar bom e sadio. Apesar de morar há apenas um ano na ILPI, já apresenta elementos de identificação com o lugar ao falar que esta é uma casa recomendável, com festas, apoio, segurança, amizades, brincadeiras e por transmitir sentimentos de alívio e bondade, além da amizade já citada. Compara a ILPI com o hospital onde trabalhou quando era enfermeira por sentir que tem assistência médica, entre outras coisas. Lugares que transmitam segurança, com assistência médica e que possam construir uma rede de amizades, facilita com que este idoso se identifique e se sinta pertencente a este lugar.

A idosa (R12) descreveu seu desenho assim: “antes não tinha paz e agora tem tudo”. A imagem de pertencimento se expressa nas qualidades e nos sentimentos descritos por ela. Na comparação da ILPI com um *pedaço do céu*, onde tem tudo, onde se sente bem, tem uma vida boa, com descanso e alimentação, podemos observar o vínculo da respondente com esse lugar que não lhe fornece apenas o mínimo necessário para viver, mas mais que isso, fornece carinho e amor, e a trata como filha.

O sentir-se pertencente ao lugar significa que a relação dialética deste com o sujeito gera sentimentos potencializadores, otimistas. O sujeito sente-se identificado quando vê o seu eu refletido e confirmado nesse lugar. Por exemplo, observemos o desenho e mapa afetivo do respondente R4:



Desenho 2 – R4 – Imagem de pertencimento

IDENTIFI- CAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNIFI- CADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
<p>Nº: 4</p> <p><b>SEXO:</b> Fem.</p> <p><b>IDADE:</b> 86 a</p> <p><b>ESCOLAR.:</b> Ens. Fund. Inc.</p> <p><b>PROFISSÃO:</b> Costureira</p> <p><b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ILPI:</b> 8a</p>	Metafórico	Significa que “estou morando nessa casa de idosos”	A ILPI é “uma grande casa de recolhimento que recolhe todo mundo que tem precisão”	Feliz, alegria, sentimento de tratamento (“vim me tratar”)	Como “um coração de mãe, quanto mais cabe gente”	A ILPI <i>coração de mãe</i> é aquela em que sua <u>pertencimento</u> é percebida nos sentimentos de alegria, felicidade e na sensação de estar em tratamento.

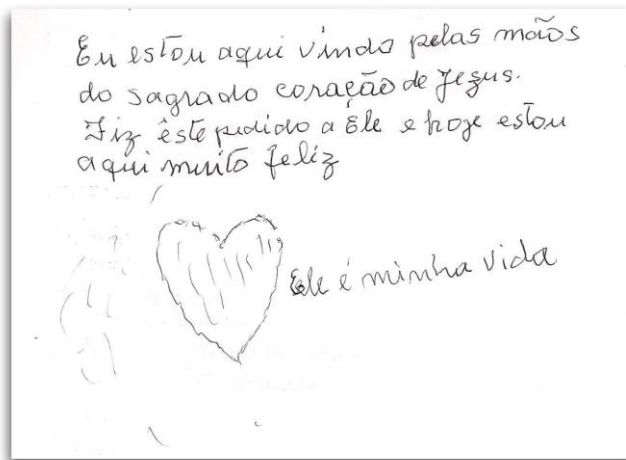
Quadro 4 - Mapa Afetivo (R4)

No desenho, a idosa (R4) representou a ILPI como uma casa com um jardim ao lado. Sua imagem de pertencimento está expressa nos sentimentos de felicidade, de alegria e por sentir estar em tratamento nesse lugar, isto é, sendo cuidada por outras pessoas. Sente-se acolhida na ILPI, onde mora há oito anos, e a compara ao coração de mãe, onde sempre cabe mais um.

Localizamos a categoria de *pertencimento* nos seguintes sentidos dos mapas afetivos: “um lugar certo para moradia e nas sensações de liberdade, felicidade, tranquilidade, paz, amor, alegria, autoconfiança e capacidade”; “um espaço que tem remédio, saúde, amizades e transmite tranquilidade”; “sentimentos de felicidade, amor, amizade, alegria, desejo, saúde e por ser um lugar muito bom de se morar”.

Percebemos nos trechos dos discursos acima relatados que os vínculos afetivos, seja entre os idosos ou pela ILPI, geram o sentimento de pertencimento dos residentes. Ouvimos de vários respondentes que o fato de terem uma boa relação entre si e com os funcionários gerava sensações agradáveis e um sentimento de fazer parte daquele lugar. Esse lugar deixa de ser um simples espaço de estar sobrevivendo e passa a ser um lugar repleto de sentimentos positivos, com amor, paz, sossego, amizade, etc. O que o torna um local propício à identificação, à ação e à transformação do sujeito com relação a este e vice-versa.

As três seguintes imagens e mapas também foram de pertencimento. Essa categoria apresentou-se em 9 das 20 das imagens coletadas.



Desenho 3 – R1 – Imagem de pertencimento

IDENTIFI- CAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNIFI- CADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
<b>Nº:</b> 1  <b>SEXO:</b> Fem.  <b>IDADE:</b> 76 a.  <b>ESCOLARID.:</b> Ens. Fund. Inc.  <b>PROFISSÃO:</b> Costureira  <b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ILPI:</b> 1a e	Metafórico.	Este desenho significa o “o meu amor por esta casa tão boa que eu encontrei”.	A ILPI é “muito boa e as irmãs são muito boas conosco”	Amor, luz e força.	“Como se eu estivesse em meu lar”	A ILPI <i>meu lar</i> é aquela em que seu <u>pertencimento</u> é percebido no amor por todas as irmãs e pelo amor por esta casa tão boa.

6m.						
-----	--	--	--	--	--	--

Quadro 5 – Mapa afetivo (R1)

Na análise do mapa do respondente R1, podemos perceber que a idosa, apesar do pouco tempo de moradia, apenas um ano e seis meses, já formou vínculos com a instituição e com as pessoas (as irmãs) que fazem parte desta. Seu pertencimento se apresenta no sentimento de amor que tem pela ILPI e por compará-la com seu lar.

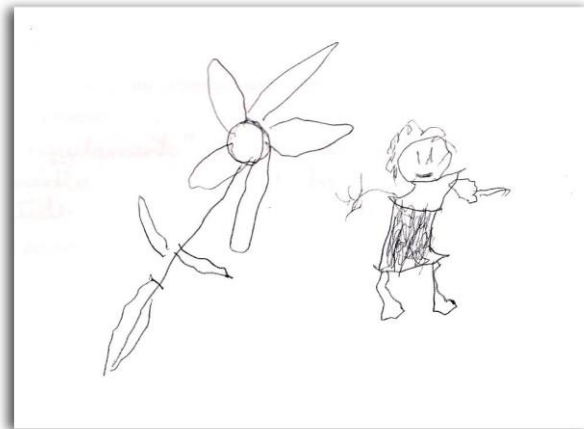


Desenho 4 – R2 – Imagem de pertencimento

IDENTIFI- CAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNIFI- CADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
<b>Nº:</b> 2  <b>SEXO:</b> Fem.  <b>IDADE:</b> 74ª  <b>ESCOLAR.:</b> Ens. Méd. Com.  <b>PROFISSÃO:</b> Aposentada  <b>TEMPO DE RESIDÊNCIA</b> : 3 meses	Metafórico.	Esse desenho “significa para mim liberdade, felicidade”	ILPI que tem rosa, coqueiros, pássaros, plantas, e que é “o lugar certo para minha moradia”.	Desperta sentimentos de amor, tranquilidade, paz, liberdade, auto-confiança, alegria e por sentir-se capacitada.	“O que eu quero não posso comprar, é só amor, amor, amor, só Deus pode dar, me ajudando a amar”	A ILPI <i>amor, amor, amor</i> é aquela onde seu <u>pertencimento</u> é percebido por ser um lugar certo para moradia e nas sensações de liberdade, felicidade, tranquilidade, paz, amor, alegria, auto-confiança e capacidade.

Quadro 6 – Mapa Afetivo (R2)

Na análise do mapa do respondente R2 foi enfática a imagem de pertencimento, pois a idosa citou vários sentimentos de identificação com esse lugar quando cita: a liberdade, a paz, a autoconfiança, o amor e sensação de ser capaz. Para essa idosa, a ILPI onde mora seria um espaço potencializador, propício para moradia. Destacamos, porém, o tempo de estadia da mesma, de apenas três meses. Cogita-se que nesse tempo, a idosa não tenha tido as experiências que podem surgir com a maior convivência na instituição, tanto com o espaço físico em si (falta de privacidade, despersonalização) como com os funcionários e na inter-relação com as outras idosas.



Desenho 1 – R5 – Imagem de Pertencimento

IDENTIFI- CAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNIFI- CADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
<b>Nº:</b> 5 <b>SEXO:</b> Fem. <b>IDADE:</b> 68a <b>ESCOLAR.:</b> Ens. Fund. Inc. <b>PROFISSÃO:</b> Dona de casa <b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ILPI:</b> 3ª	Metafórica.	Significa “um pé de flor e uma pessoa conversando”	A ILPI é um lugar que é de Deus, tem remédios, saúde e bom coração.	Sentem-se “como umas meninas quando passa pelas plantinhas”; tranquilidade e amizade.	Como o caminho de Deus	A ILPI caminho de Deus é aquela em que seu <u>pertencimento</u> se caracteriza por um espaço que tem remédio, saúde, amizade e transmite tranquilidade.

Quadro 7 – Mapa afetivo (R7)

Esta idosa (R5) que mora há três na ILPI. A análise deste mapa afetivo deflagra a imagem de pertencimento ao relatar os sentimentos de tranquilidade, amizade e comparar a ILPI com o caminho de Deus.

Na análise do mapa afetivo desta idosa (R13) a imagem que surgiu foi, mais uma vez, a de pertencimento. Quase todas as suas respostas foram de elogios à ILPI onde mora. Acreditamos que, o fato da dona da ILPI estar presente no momento do grupo, apesar de termos feito o pedido de um espaço reservado, como comentamos acima, pode ter influenciado nas respostas. Não estamos negando a possibilidade da respondente se identificar com o lugar onde mora, mas, não apenas no grupo focal desta respondente, mas também em outros que aconteceram em outras instituições, acreditamos que o controle e as relações de poder, tão falados na Teoria das Instituições Totais de Goffman (1974), tiveram efeito. Para que exista esse controle não precisa estar alguém presente, averiguando o que é falado, mas o próprio clima da Instituição, as regras e o cotidiano previamente estabelecidos, já transmitem isso.

Observamos em nossa pesquisa, além da imagem de *pertencimento* e de *agradabilidade* que citamos acima, o surgimento de outras duas categorias: a de *pertencimento ao passado* e a de *pertencimento como sobrevivência*. No estudo de Bertini (2007) sobre a afetividade de idosos moradores ou frequentadores do Centro da cidade de Fortaleza com relação a este espaço, foram encontradas imagens de *destruição*, *pertencimento ao passado*, *contrates*, *insegurança*, *agradabilidade*. A imagem de *pertencimento a elementos do passado* se referia a um mesmo espaço, no caso o Centro de Fortaleza, já no nosso estudo se refere a dois espaços diferentes, a moradia antes da ILPI e a moradia atual. A imagem de *pertencimento a elementos passados*, proposta por ela, poderia mostrar-se despotencializadora quando “a significação do presente pelo passado associado a sentimentos negativos pode estar ligada a não aceitação de mudanças tão frequentes dos elementos de identificação e de simbolização no Centro da cidade”. Ou expressava-se como potencializadora da ação desses idosos no centro hoje

Quando o idoso, ao falar e representar seus sentimentos sobre o Centro da cidade remete-se a um tempo do passado quando existiam certos ícones, hoje inexistentes ou transformados, caracterizando o Centro de acordo com que antes ele vivenciou nesse lugar, vinculando-se sempre a sentimentos mais otimistas. Ou de outro modo, essa forma de pertencimento se expressa em uma comparação entre o Centro “de hoje” e o Centro



“de antes”, como também traduz esse pertencer através de verbos sempre no passado (BERTINI, 2007, p. 100).

No nosso estudo encontramos sentimentos despotencializadores quando se tratava da imagem de *pertencimento ao passado*. Percebemos sentimentos como saudade dos vínculos familiares e/ou com sua terra natal e sentimentos nostálgicos. Continua sendo sentimentos de pertencimento, mas os vínculos construídos anteriormente à estadia na ILPI se torna figura no discurso.

R14: Alegria de viver feliz. Tô num canto muito feliz, gosto muito de estar aqui, elas são muito legais comigo, graças a Deus, não tenho o que dizer, porque não sou daqui, eu sou do Rio Grande do Norte. (...) **Também não tô bom, não me sinto bem, mas vou vivendo** e quero ver se me trato mais, se melhoro mais pra conseguir alguma coisa e ir embora pra algum lugar, pra minha terra Natal, RN. (...) **Não vou dizer que passo mal aqui e tô morrendo de fome? Não, de jeito nenhum.** A gente só passa melhor quando tá na casa da gente, tendo condições né? (...) **Eu digo o seguinte, tô satisfeito, até aqui não tive quase escolha, mas o que eu sinto aqui é saudade da minha terra, quero voltar pra minha terra natal, RN.** (...) Aqui eu tô, tô aqui na espera que esse pessoal me dê a minha saída, que quero ir embora pro meu lugar. (...) Achei estranho que me jogaram aqui pro outro lado, aí fiquei na minha, na minha situação. Seja o que Deus quiser. Não matei, nem roubei, não assaltei ninguém, quero viver minha vida em paz e no dia que sair daqui, sair em paz, como pessoa de bem. (Homem, 70 anos, mora há 3 anos na ILPI).

R14: [a ILPI é como se fosse...] Minha casa, né? (...) Casa dos meus pais, comparavelmente é assim. **Mas a casa da minha mãe é muito melhor.** (Homem, 70 anos, mora há 3 anos na ILPI).

R19: É muito bom aqui, muito bom mesmo, muito bom. Graças a Deus, **não me falta nada, eu tenho tudo, boa dormida, mas é o seguinte, eu tenho vontade de ir embora.** É, o cantinho da gente é melhor, a gente tá mais à vontade né? (...) A Dona Sheila [dona da ILPI - nome fictício] é uma pessoa muito boa, graças a Deus. Não falta nada pra gente, temos tudo nas mãos, a dormidinha é boa, ventilador na cabeceira da cama, bom demais. Mas é porque eu quero ir embora mesmo. (...) O que eu penso daqui é ir embora. Só isso. **Todo dia penso em ir embora.** (...) Não tenho mais casa, mas vou alugar um canto pra mim, se Deus quiser. **Um cantinho da gente é tão bonzinho, a gente se deita e se levanta a hora que quer, é muito melhor a gente estar no cantinho da gente.** (Mulher, 64 anos, mora há 1 ano e 3 meses na ILPI).

**Apesar de falarem que são bem cuidadas** e que gostam da dona da ILPI, ambas falaram que querem ir embora dali, **voltar para casa, para sua família.** Cuidar da mãe, dos filhos. Senti um **desespero pela perda de identidade, de liberdade para ir e vir, seja pela saúde ou pelas regras do abrigo.** (Diário de Campo - SER III)

O idoso (R14) descreveu um lugar para resolver problemas, cuidar de uma perna dormente, cuidar de uma doença, e especificou um hospital. Apesar de não passar bem e também não passar mal na ILPI onde mora há três anos, a imagem de *pertencimento ao passado* se

refletiu no forte sentimento de saudade da família, da terra natal, no desejo de melhorar e voltar a trabalhar. Esse forte desejo de voltar a trabalhar pode ser entendido como a necessidade de sentir-se novamente útil e de ter uma função, uma identidade, estabelecida socialmente.

Para o idoso em geral, um dos momentos de crise é o da aposentadoria. Existe uma mudança vertiginosa no que concerne à diminuição do seu poder aquisitivo, na sua rotina, nas suas inter-relações, na perda de funções social, na forma como a sociedade o percebe. Esse momento exige novos projetos, mas em um período da vida em que o sujeito apresenta mais rigidez e sente medo do novo, do desconhecido.

A aposentadoria pode representar uma perda considerável em vários níveis, provocando a formação de alguns sintomas, como estados depressivos e sentimentos de menos valia, mas pode-se constituir um momento de abertura a novos investimentos na vida. (MUCIDA, 2009, p.58)

No desenho desta idosa (R19), ela pediu que fosse representada a dona da ILPI. A imagem de pertencimento ao passado se refletiu no desejo de todos os dias ir embora, de sair daquele lugar e nos sentimentos de saudade, preocupação e vontade de ver a mãe. A respondente relata ainda que apesar de a ILPI ser como sua casa, ela tem regras, e “nenhum lugar é melhor do que o canto da gente”. Na nossa pesquisa ouvimos por repetidas vezes os idosos residentes chamarem a dona da instituição de mãe por sentirem-se cuidados pela mesma. Outro momento que podemos citar foi quando, no final da aplicação dos questionários, uma idosa que já morava há 30 anos na instituição começou a chorar por acreditar que nós estávamos ali para avaliar e quem sabe fechar a instituição onde ela morava. Vemos essa atitude como uma busca de estabilidade de vínculos e um medo de perder o pouco que tem.

A imagem descrita pela idosa (R10) foi a imagem de Nossa Senhora. As imagens de santos apareceram diversas vezes nos desenhos descritos e também nos desenhados pelos idosos. A busca pela fé, pela esperança, como comentamos com relação à religião, nos remete a uma tentativa de aceitação da situação atual, apesar de um forte sentimento de saudade do passado se apresentar. Tudo isso gerou uma imagem de *pertencimento ao passado*, isto é, existe hoje uma forte nostalgia na descrição do respondente. Um desejo de, apesar de estar em um lugar bom e que não falta nada, voltar ao tempo, voltar a um lugar onde ela se identifica mais, onde viveu, ao lado de pessoas conhecidas (família) e que conheciam sua identidade também.

Na nossa pesquisa surgiu uma nova categoria: *pertencimento como sobrevivência*. Nela encontramos narrativas de um passado repleto de sofrimento e um presente onde o idoso residente tem o que necessita para sobreviver: comida, moradia, remédios etc. O presente é visto como algo cômodo, onde não precisa ter alegria, contanto que não tenha sofrimento. Estar no asilo é a única forma possível de sobrevivência para esses idosos excluídos socialmente, por não terem dinheiro, não terem família ou não terem saúde para trabalhar.

Nesse caso, conseguimos visualizar de forma clara a definição de apego funcional, ao qual fizemos referência acima, classificado por Giuliani (2004). Esse tipo de apego surge quando o espaço é capaz de satisfazer às necessidades básicas do sujeito ou quando não existe alternativa ou possibilidade de mudar para melhor. “O apego será mais forte dependendo do número e da importância das necessidades que são satisfeitas” (GIULIANI, 2004, p. 94). Esse apego tem uma base mais cognitiva e a partir do momento que este espaço não é mais satisfatório o apego tende a diminuir.

A idosa (R6) que mora há doze anos na ILPI descreveu seu desenho (um céu – passado - e um lugar abandonado - presente, mas que ainda é céu). Apesar de ter falado que hoje a ILPI é um lugar abandonado, comparando com o passado, diz não querer sair nem após sua morte (caso não exista céu). Essa imagem poderia ser considerada uma imagem de *pertencimento ao passado*, segundo a classificação de Bertini (2007), pelo fato da idosa fazer referência ao mesmo lugar no passado e no presente. No nosso estudo foi diferente, pois, apesar da sensação desse espaço estar abandonado, ainda é o melhor lugar para morar, por isso nos levou a analisar essa mapa afetivo com a imagem de *pertencimento como sobrevivência*, segundo nossa classificação, isto é, “não sou feliz, mas é melhor estar aqui do que em outro lugar”. Essa imagem transmite uma potência de padecimento, segundo Espinosa, ou de despotencialização, de não implicação da idosa com o lugar onde vive. Nesse caso, mais uma vez podemos visualizar o comportamento e sentimentos fatalistas de conformismo e de aceitação e resignação respectivamente.

Não podemos deixar de relatar uma de nossas primeiras visitas, a qual fez com que experienciássemos uma situação chocante e fez com que pensássemos como a sensibilidade ao sofrimento do outro não é alcançada com o conhecimento, os estudos, mas sim e apenas acessando a nossa humanidade. Uma idosa que completara na semana anterior 105 anos foi fazer doações de presentes (toalhas, lençóis, sabonetes, etc.) para os idosos residentes na ILPI e relatar

sobre sua trajetória de vida. Essa idosa estava acompanhada pela neta, pela filha e por cuidadoras. Visivelmente era uma pessoa de posses, fazia parte de uma classe favorecida da sociedade. A neta e a filha ficaram bastante emocionadas ao verem a situação de abandono dos idosos, pois, como podemos notar nos relatos dos grupos focais, são poucos os que recebem visita da família.

Esse momento nos faz pensar sobre o “sofrimento ético-político” discutido por Sawaia (2011). Este, segundo a autora,

revela a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social, da negação imposta socialmente às possibilidades da maioria apropriar-se da produção material, cultural e social de sua época, de se movimentar no espaço público e de expressar desejo e afeto (SAWAIA, 1995, p.106).

Refletimos se essa visita, em especial, teria sido positiva ou negativa para a autoestima dos idosos que residem na ILPI, pois era gritante a diferença da trajetória deles a daquela idosa visitante. Ela tinha tudo o que eles não tinham: condições financeiras, conforto, carinho da família e saúde. Uma das idosas residentes, por coincidência, há algum tempo atrás, era amiga da idosa visitante e fazia bolos para suas netas quando estas eram crianças. Esta idosa já estava bastante debilitada, acamada e com problema nos olhos. Parece-nos que os idosos residentes nesta ILPI estão tão abandonados pela família e pela sociedade em geral que inclusive se tornaram transparentes aos olhos destas pessoas que nesse dia foram visitar a instituição. Chegamos a ouvir a filha da idosa falando em alto e bom som, pois a idosa visitante tinha perda auditiva, que ela deveria agradecer a Deus todos os dias por não estar naquela situação. Pudemos ver lágrimas nos olhos da idosa que fazia bolos enquanto gritava: *“Para viver assim, é melhor enterrar logo. Enterra! Enterra!”*.

Vivemos em uma sociedade individualista e narcisista, onde o que importa é a satisfação imediata do desejo, dos prazeres, onde impera a falta de privacidade e o enaltecimento do corpo. Tudo precisa acontecer em uma velocidade gigantesca, e tudo se torna rapidamente descartável, inclusive as pessoas. Esquecemos-nos de olhar para o outro, para a humanidade a nossa volta. Segundo Sawaia (2004), o homem precisa do outro para sobreviver, para ser feliz, e é nesse compartilhar que surge a “felicidade pública”. Aquela onde o que importa não é a felicidade imediata de um, mas sim a construção da felicidade de uma coletividade. Como diz Sawaia (2004), “os benefícios de uma coletividade organizada são relevantes a todos, e a vontade

comum a todos é mais poderosa do que o *conatus* individual, e o coletivo é produto do consentimento e não do pacto ou do contrato”.

Os psicólogos sociais e ambientais devem buscar intervir no ambiente em busca da potencialização da ação, tornando os sujeitos críticos e ativos no processo de construção social e na resignificação de paradigmas ultrapassados. De acordo com Sawaia (2010) precisa-se “combater a miséria e a banalização do mal do outro, duas das determinações sociais mais poderosas da exclusão, no final do milênio”.

As análises feitas dos mapas afetivos, das transcrições dos grupos focais e das entrevistas, assim como a análise do diário de campo trouxeram os seguintes resultados quanto as categorias: 5 foram de *agradabilidade* e 9 de *pertencimento*, 4 de *pertencimento ao passado* e 2 de *pertencimento como sobrevivência*.

Nas categorias de *pertencimento ao passado*, assim como *pertencimento como sobrevivência*, estavam presentes sentimentos, palavras, qualidades que demonstravam uma despotencialização dos idosos com relação ao seu lugar de moradia, ou seja, uma potência de padecimento. O desejo do sujeito, apesar de ter alimentação e moradia, é de não estar ali. O que demonstraria que esses sujeitos não se apropriaram e não estão implicados com o lugar onde vivem.

Interessante observar que categorias encontradas em outras pesquisas (*contraste* e *insegurança*) também puderam ser percebidas nos trechos dos discursos dos idosos relativos às categorias de *pertencimento ao passado* e *pertencimento como sobrevivência*. O que dificultou a nossa definição de categorias, mas, por não darem conta das unidades de sentido encontradas, fez com que reconfigurássemos a categoria *pertencimento ao passado*, encontrada por Bertini (2007), e construíssemos uma nova: a de *pertencimento como sobrevivência*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema central da nossa pesquisa foi o estudo da afetividade de idosos residentes em instituições de longa permanência. Definimos também, como um dos nossos objetivos o desejo de averiguar a existência de políticas públicas com relação às instituições de longa permanência para idosos – as ILPIS, na cidade de Fortaleza.

Na busca de contemplar esses objetivos pudemos perceber que, apesar da população brasileira estar em pleno processo de envelhecimento, a sociedade atual está despreparada para lidar com esse tema. As políticas públicas existentes são muito recentes e ainda estão em processo de implementação. Os órgãos públicos que deveriam contribuir e apoiar o desenvolvimento de instituições como as de longa permanência para idosos (ILPI) se restringem a cobrar, julgar e multar. As ILPIs visitadas eram em sua maioria filantrópicas sem fins lucrativos. A manutenção do seu funcionamento depende da “boa vontade” dos demais cidadãos e não do governo. Na realidade, as políticas públicas voltadas para os excluídos, para os abandonados, como estão escritas na teoria, resolveriam uma grande parte dos problemas que pudemos observar nas nossas visitas. A questão é que na prática elas ainda não acontecem como deveriam.

Não existe um número suficiente de ILPIs no Brasil se comparado ao crescimento do número de idosos na população brasileira. Sabemos que não são todos os idosos brasileiros que moram em ILPI, pelo contrário, é uma minoria, mas os idosos que não tem outra opção deveriam ter o direito a uma moradia digna, de qualidade e, principalmente, pública. Como pudemos observar na nossa pesquisa, quem mora nas ILPIs são idosos de baixa renda. Onde estarão morando os idosos pertencentes às classes mais favorecidas? Acreditamos que esses não precisarão morar nesses locais. Por isso que as ILPIs particulares, com o tempo, se tornam filantrópicas, sem fins lucrativos, pois os reais necessitados não tem condições de pagar.

Uma política pública para ser humanizada e realmente alcançar o efeito desejado na nossa realidade social, precisa ser construída, alcançada e mantida em conjunto, Estado e cidadãos. Não faz sentido buscarmos um culpado para o não-funcionamento das políticas públicas, cruzarmos os braços e esperarmos que as coisas aconteçam. A única forma de alcançar um bem social maior é através da participação coletiva e na busca de uma vida digna para todos os cidadãos.

Tínhamos a intuito também de fazer uma relação entre as condições ambientais de moradia com o nível de satisfação dos idosos em relação a esses espaços, no nosso caso, as ILPIs que foram classificadas como locais de moradia, tendo em vista que os idosos dormem, se alimentam, convivem e permanecem, isto é, residem nesse lugar. Assim como, avaliar o processo de envelhecimento dos idosos conhecendo os processos de apropriação destes com relação às instituições de longa permanência.

Nesse aspecto da nossa pesquisa, chegamos a um impasse, pois pudemos visualizar que se tratava de espaços, em sua maioria, carentes de infraestrutura, tanto física como de pessoal especializado no cuidado dos idosos. Por que será então que apesar dessas instituições mostrarem-se extremamente carentes de apoio do Estado e da população em geral, na análise dos mapas afetivos, 14 das 20 imagens transmitiam uma estima positiva com lugar (categorias de *pertencimento* e de *agradabilidade*)?

Como nossa pesquisa se trata de uma pesquisa qualitativa, podemos inferir que a estima desses idosos com relação às ILPIs é uma estima positiva, com reserva. Tendo em vista que os idosos de quem falamos são sujeitos sem possibilidade escolha, em estado de vulnerabilidade, de fragilidade, como poderiam estes reivindicar por algo melhor? Caso precisassem sair do lugar onde moram, para onde iriam? Abandonados pela família, sem poder aquisitivo em uma sociedade consumista, sem saúde física para trabalhar, produzir e assim ser útil para a sociedade capitalista onde estão inseridos, não teriam outro lugar para ir. A ILPI se torna assim a sua única opção.

Acreditamos que o fato de, “pelo menos”, terem o mínimo para garantir a sua sobrevivência, como comida, dormida e remédios, além de não sofrerem violência física, poderia ser uma forma de camuflar as suas insatisfações com relação a esse lugar. Assim, o idoso mostra-se resignado, incumbe Deus ou o destino de todas as escolhas da sua vida, mostram-se passivos, submissos e aceitam Sua decisão, seja ela qual for.

Dessa forma, acreditamos que a grande maioria das instituições de longa permanência existentes no Brasil não se mostra um lugar atrativo para os idosos. Quem faz residência nas ILPIs são idosos que não têm outra opção de moradia ou que a família não pode mais cuidar por motivos diversos. Citando novamente o exemplo da Alemanha, um país desenvolvido que tem uma grande população idosa, os asilos públicos não são tão bem infraestruturados quanto os particulares, mas ainda assim dispõe de um espaço adaptado para as necessidades de

acessibilidade dos idosos, além de funcionários especializados para lidar com as demandas específicas desse público, o que não observamos em nossas idas a campo nos asilos da cidade de Fortaleza.

O Brasil deve fazer uso de exemplos positivos como este e contextualizá-lo para nossa realidade, pois assim como a população desses países desenvolvidos envelheceram, a nossa também está envelhecendo. Como estamos nos preparando para isso? Questões sobre as quais discutimos em nosso estudo se tornarão cada vez mais emergenciais. Podemos verificar isso com o aumento de pesquisa sobre o tema nas últimas décadas.

Qual seria então o “Lar Doce Lar” para o idoso? Como falamos no início desse estudo, o ideal é permanecer em casa sob o cuidado da sua família, dos seus vizinhos, da sua comunidade. Quando isso não é possível o Estado precisa dar condições para que esses sujeitos vivam sua velhice em espaços adaptados para suas demandas. Para que assim, mesmo após a aposentadoria e com a chegada de diversas dificuldades advindas do envelhecimento, continuem se sentindo cidadãos dignos. As Instituições de Longa Permanência para Idosos devem promover acessibilidade, segurança, identificação desses moradores com os espaços para que assim ocorra apropriação.

Essa responsabilidade não é só do governo, nem só do cidadão, ela é coletiva. A sociedade deve se mobilizar para cuidar de seus cidadãos em todas as fases do ciclo de vida. Entretanto, o que observamos hoje é que vivemos em um momento onde apenas o novo tem valor e o que é velho deve ser trocado, jogado fora. Vivemos em um tempo onde o outro se torna secundário, onde o individualismo já chega a desrespeitar os princípios da humanidade. Pensar no sofrimento do outro é olhar para a possibilidade de estar em situação semelhante, preferimos então não entrar em contato com essa possibilidade. Porém, essa não é a melhor saída, pois com o avanço da tecnologia, dos remédios, a tendência é que todos nós vivamos muitos anos, e a marca da idade não é possível de ser apagada. Como nos fala Mucida (2009, p.66), “envelhecer em um mundo que preconiza, valoriza e vive sob o império do novo não é fácil!”.

Para nós, essa pesquisa foi extremamente enriquecedora, tanto para a vida profissionalmente como pesquisadores quanto pessoalmente. Apesar da angústia nas primeiras visitas, perceber que podemos fazer algo por essas pessoas, por meio das nossas pesquisas, ao nos sentirmos afetados com o sofrimento do outro, nos estimulou a seguir em frente.



Por fim, concluímos que o instrumento gerador dos mapas afetivos pode ser utilizado com diversos públicos, se adaptado, como por exemplo, reduzindo seu tamanho, o que mostra sua eficiência quanto a um instrumento de apreensão dos afetos. Urge a necessidade de um olhar mais cuidadoso para essa nossa população idosa, o que nos instiga a continuar desenvolvendo métodos específicos e a promover pesquisas com uma visão mais ampliada da situação de vida destes sujeitos.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, S. S.; TOMASINI, S. L. V.. **Envelhecimento bem-sucedido e o ambiente das instituições de longa permanência**. RBCEH. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, v. 4, p. 88-102, 2007.
- BARBOUR, R.. Capítulo 3 – Fundamentos da pesquisa com grupos focais. IN: **Grupos Focais**. Tradução Marcelo Figueiredo Duarte; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Leandro Miletto Tonetto. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARDIN, L. Tercira Parte – Método. IN: **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977.
- BERTINI, F. M. A.. **Centro de Fortaleza, lugar de transformações: o idoso e os afetos implicados**. 2006. 181 f. Dissertação. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – Ce, 2006.
- BOMFIM, Z. A. Capítulo 5 – Caminhos de Construção da Metodologia de apreensão dos afetos. **Cidade e Afetividade – Estima e Construção dos Mapas Afetivos de Barcelona e de São Paulo**. Fortaleza. Edições UFC, 2010.
- BOMFIM, Z. A. Afetividade e ambiente Urbano: Uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. IN: (ORGS.) PINHEIRO, J. Q.; GUNTHER, H. **Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-ambiente**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2008.
- BOWLBY, J. Capítulo 7 – Formação e Rompimento de vínculos afetivos. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. Tradução Álvaro Cabral; revisão da tradução Luis Lorenzo Rivera – 4ª Edição – São Paulo: Martins Fontes, 2006. – (Psicologia e Pedagogia)
- CALDAS, C. P.; VERAS R. P. Capítulo 12 – O lugar do idoso na família contemporânea e as implicações para a saúde. IN: **Família Contemporânea e Saúde: significados, práticas e políticas públicas**. TRAD, L. A. B. (ORG). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010.
- CAMARANO, A. A.; KANSO, S. **As instituições de longa permanência para idosos no Brasil**. Rev. bras. estud. Popul., São Paulo, v.27, n.1, p.233-235, jan-jun, 2010.
- CAVALCANTE, S.; ELIAS, T. F.. Capítulo 5 - Apropriação. IN: (ORGS.) CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CAVALCANTE, S.; MOURÃO A. R. T.. Capítulo 17 – Identidade de lugar. IN: (ORGS.)
- CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CHAUÍ, M. **Espinosa – uma filosofia da liberdade**. São Paulo: Moderna Coleção logos, 1995.

ELALI, G. A.; MEDEIROS, S. T. F. Capítulo 4 - Apego ao lugar (Vínculo com o lugar – *Place attachment*). IN: (ORGS.) CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FALCÃO, D. V. S. **A Família e o Idoso – Desafios da Contemporaneidade**. Campinas, SP: Papirus, 2010. – (Coleção Vivacidade)

FRIZZO, K. R. Capítulo 8 - Diário de campo: reflexões epistemológicas e metodológicas. IN: (ORGS) SARRIERA, J. C.; SAFORCADA, E.T. **Introdução à Psicologia Comunitária: bases teóricas e metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

GIULIANI, M. V. (2004). O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. IN: TASSARA, E. T.; RABINOVICH, E. P.; GUEDES, M.C., **Psicologia e ambiente**. São Paulo: Educ.

GALHARDONI, R.; LIMA, A. M. M.; SILVA, H. S.. **Envelhecimento bem-sucedido e vulnerabilidade em saúde: aproximações e perspectivas**. Interface, comunicação saúde educação, v.14, n.35, p.867-77, out/dez 2010.

GLEIZER, M. A. **Espinosa & a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

GRAEFF, L. **Instituições totais e a questão asilar: uma abordagem compreensiva**. Estudos interdisciplinares do envelhecimento. Porto Alegre, v. 11, p. 9-27, 2007.

GUERRA, A. C. L. C.; CALDAS, C. P. **Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso**. Revista Ciência e Saúde Coletiva, 15 (6), p. 2931–2940, 2010.

GÜNTHER, I. A. O Uso da Entrevista na Interação Pessoa-ambiente. IN: **Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-ambiente**. Org. PINHEIRO, J. Q.; GUNTHER, H. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2008 GÜNTHER, I. A.

HALL, E. **A Dimensão Oculta**. Rio de Janeiro, Francisco Alves: Editora, 1997.

JUAN, C. S. Ambientes institucionais. IN: ARAGONÉS, J. I. & AMÉRIGO. **Psicologia Ambiental**. Madrid, Ediciones PiRâmides, S. A. 1998.

JÚNIOR, C. **Com mais de 20 milhões de idosos, Brasil tem apenas 218 asilos públicos: Instituições públicas e privadas abrigam 83 mil e mulheres são maioria, diz Ipea**. Disponível em <<http://noticias.r7.com/brasil/noticias/com-mais-de-20-milhoes-de-idosos-brasil-tem-apenas-218-asilos-publicos-20110524.html>>. Data de acesso: abril/2012.

LANE, S. T. M. e CAMARGO, D. Contribuições de Vygotsky para o estudo das emoções. In: LANE, S. T. M. e SAWAIA, B. B. (Org.). **Novas Veredas da Psicologia Social**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1995.

MONTERO, M. Capítulo 10 – Dos técnicas auxiliares en la investigación e intervención comunitarias: las anotaciones o diario de campo y el uso de documentos secundarios. IN: **Hacer para transformar: el método en la psicología comunitaria**. 1ª Edição. Buenos Aires: Paidós, 2006

MOSER, G. **La apropiación de la Psicología Ambiental**. IN: La Ciudad Percibida. Uma Psicologia ambiental de los Barrios de A Coruña. Universidade da Coruña, 1997.

\_\_\_\_\_. Psicologia Ambiental no novo milênio: integrando a dinâmica cultural e a dimensão temporal. IN: Tassara, Eda (ORG). **Panoramas interdisciplinares para uma Psicologia Ambiental do Urbano**. São Paulo EDUC, FAPESP, p. 189- 210, 2001.

MUCIDA, A. **Escrita de uma memória que não se apaga – envelhecimento e velhice**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NERI, A. L.; YASSUDA, M. S., (ORGS); CACHIONI, M.(COLAB.). **Velhice bem-sucedida: Aspectos afetivos e cognitivos**. Campinas, SP: Papirus, 2004. – (Coleção Vivacidade)

OLIVEIRA, F. O.; WERBA, G. C. **Representações Sociais**. IN: Psicologia Social contemporânea: livro-texto. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

OLIVEIRA M., FREITAS, H. Capítulo 11 – *Focus group*: instrumentalizando o seu planejamento. IN: **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. SILVA, A. B., GODOI, C. K., BANDEIRA-DE-MELO, R. (ORG).. 2ª Edição. São Paulo: Saraiva, 2010.

PERLINI, N. M. O. G.; LEITE, M. T.; FURINI, A. C. **Em busca de uma instituição para a pessoa idosa morar: motivos apontados por familiares**. Rev Esc Enferm USP, 41 (2): 229-236, 2007. [www.ee.usp.br/reeusp/](http://www.ee.usp.br/reeusp/)

POL, E. La Apropiación Del Espacio. IN: **Cognición, representación e Apropiación Del Espacio**. Barcelona Monografies Socioambientais. 1996.

Rocha, N. M. F. D. & Góis, C.W. L. “Trajetórias de jovens no mundo do trabalho a partir da primeira inserção: o caso de Sísifo em Maracanaú - Ceará, Brasil”. Psicologia & Sociedade; 22 (3): 466-475, 2010

SAMPIERRE, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. Capítulo 1 - O processo de pesquisa e os enfoques quantitativos e qualitativos: rumo a um modelo integral. IN: **Metodologia de Pesquisa**. 3ª edição. Editora McGraw Hill, 2006.

SAWAIA, B. B. O sofrimento Ético-Político como Categoria de Análise da Dialética Exclusão-Inclusão. IN: **As artimanhas da Exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social.** *Psicol. Soc.* [online]. 2009, vol.21, n.3, pp. 364-372. ISSN 0102-7182.

SOMMER, R. O desenvolvimento e a aplicação dos conceitos de espaço pessoal. IN: DEL RIO, V.; DUARTE, C. R.; RHEINGHANTZ, P. A. **Projeto do lugar. Colaboração entre a Psicologia, Arquitetura e Urbanismo; Rio de Janeiro, 2002.**

STATISTISCHES BUNDESAMT. **Pflegestatistik 2009**, Pflege im Rahmen der Pflegeversicherung Deutschlandergebnisse. Disponível em: <[https://www.destatis.de/DE/Publikationen/Thematisch/Soziales/Pflege/PflegeDeutschlandergebnisse5224001099004.pdf?\\_\\_blob=publicationFile](https://www.destatis.de/DE/Publikationen/Thematisch/Soziales/Pflege/PflegeDeutschlandergebnisse5224001099004.pdf?__blob=publicationFile)>. Data de acesso: abril/2012.

TUAN, YI-FU. **Espaço e Lugar: A perspectiva da Experiência.** São Paulo: Difel, 1983.

VALERA, S.; POL, E. - **Symbolisme de l'espace public et identité sociale**, 1999.

VASCONCELOS, N. A. **Qualidade de Vida e Habitação.** IN: (ORGS) FREITAS, R. H. *Psicologia Social Comunitária: Da solidariedade à autonomia.* 14 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CONSTITUIÇÃO FEDERATIVA DA REPÚBLICA DO BRASIL  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm)  
 Secretarias Executivas Regionais:  
[http://www.fortaleza.ce.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=34&Itemid=50](http://www.fortaleza.ce.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=34&Itemid=50)

## APÊNDICE 1 - ELABORAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE IMAGENS E MAPAS AFETIVOS POR IDOSOS RESIDENTES EM ILPIs

IDENTIFI- CAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNIFI- CADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
<p>Nº: 1</p> <p><b>SEXO:</b> Fem.</p> <p><b>IDADE:</b> 76 a.</p> <p><b>ESCOLARID.:</b> Ens. Fund. Inc.</p> <p><b>PROFISSÃO:</b> Costureira</p> <p><b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ILPI:</b> 1a e 6m.</p>	Metafórico.	Este desenho significa o “o meu amor por esta casa tão boa que eu encontrei”.	A ILPI é “muito boa e as irmãs são muito boas conosco”	Amor, luz e força.	“Como se eu estivesse em meu lar”	A ILPI <i>meu lar</i> é aquela em que seu <u>pertencimento</u> é percebido no amor por todas as irmãs e pelo amor por esta casa tão boa.

IDENTIFI- CAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNIFI- CADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
<p>Nº: 2</p> <p><b>SEXO:</b> Fem.</p> <p><b>IDADE:</b> 74ª</p> <p><b>ESCOLAR.:</b> Ens. Méd. Com.</p> <p><b>PROFISSÃO:</b> Aposentada</p> <p><b>TEMPO DE RESIDÊNCIA :</b> 3 meses</p>	Metafórico.	Esse desenho “significa para mim liberdade, felicidade”	ILPI que tem rosa, coqueiros, pássaros, plantas, e que é “o lugar certo para minha moradia”.	Desperta sentimentos de amor, tranquilidade, paz, liberdade, autoconfiança, alegria e por sentir-se capacitada.	“O que eu quero não posso comprar, é só amor, amor, amor, só Deus pode dar, me ajudando a amar”	A ILPI <i>amor, amor</i> é aquela onde seu <u>pertencimento</u> é percebido por ser um lugar certo para moradia e nas sensações de liberdade, felicidade, tranquilidade, paz, amor, alegria, autoconfiança e capacidade.

IDENTIFI- CAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNIFI- CADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
Nº: 3  <b>SEXO:</b> Masc.  <b>IDADE:</b> 63a  <b>ESCOLAR.:</b> Ens. Méd. Inc.  <b>PROFISSÃO:</b> Desenhista  <b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ILPI:</b> 8ª	Cognitivo.	Esse desenho representa a ILPI onde mora.	A ILPI é um lugar para comer, dormir, descansar e passear.	Transmite paz e saúde.	(não respondeu)	Essa ILPI é aquela em que sua <u>agradabilidade</u> se expressa no sentimentos de paz e saúde que transmite e por ser um lugar para comer, dormir, descansar e passear.

IDENTIFI- CAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNIFI- CADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
Nº: 4  <b>SEXO:</b> Fem.  <b>IDADE:</b> 86 a  <b>ESCOLAR.:</b> Ens. Fund. Inc.  <b>PROFISSÃO:</b> Costureira  <b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ILPI:</b> 8a	Metafórico	Significa que “estou morando nessa casa de idosos”	A ILPI é “uma grande casa de recolhimento que recolhe todo mundo que tem precisão”	Feliz, alegria, sentimento de tratamento (“vim me tratar”)	Como “um coração de mãe, quanto mais cabe gente”	A ILPI <i>coração de mãe</i> é aquela em que sua <u>pertencimento</u> é percebida nos sentimentos de alegria, felicidade e na sensação de estar em tratamento.

IDENTIFI- CAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNIFI- CADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
Nº: 5  <b>SEXO:</b> Fem.  <b>IDADE:</b> 68a  <b>ESCOLAR.:</b> Ens. Fund. Inc.  <b>PROFISSÃO:</b> Dona de casa  <b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ILPI:</b> 3 <sup>a</sup>	Metafórica.	Significa “um pé de flor e uma pessoa conversando”	A ILPI é um lugar que é de Deus, tem remédios, saúde e bom coração.	Sentem-se “como uma meninas quando passa pelas plantinhas”; tranquilidade e amizade.	Como o caminho de Deus	A ILPI caminho de Deus é aquela em que seu <u>pertencimento</u> se caracteriza por um espaço que tem remédio, saúde, amizades e transmite tranquilidade.

IDENTIFI- CAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNIFI- CADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
Nº: 6  <b>SEXO:</b> Fem.  <b>IDADE:</b> 85 <sup>a</sup>  <b>ESCOLAR.:</b> Sem estudos  <b>PROFISSÃO:</b> Doméstica  <b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ILPI:</b> 12a	Metafórico.	Significa que “quando eu morrer quero ficar aqui, se não existir céu mesmo”	A ILPI é boa, é ótima, lembra trabalho e ajuda.	Se sente feliz mesmo sem ser.	Como um céu (hoje, amanhã e sempre)	A ILPI <i>céu</i> ( <i>hoje, amanhã e depois</i> ) é aquela em que seu <u>pertencimento</u> <u>como</u> <u>sobrevivência</u> é caracterizado pelo sentimento de ser feliz mesmo sem ser e pelo desejo de ajudar os outros e de querer ficar - hoje, amanhã e sempre.





IDENTIFI- CAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNI- FICADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
<p>Nº: 9</p> <p><b>SEXO:</b> Fem.</p> <p><b>IDADE:</b> 72<sup>a</sup></p> <p><b>ESCOLAR.:</b> Ens. Fun. Inc.</p> <p><b>PROFISSÃO:</b> Doméstica</p> <p><b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ILPI:</b> 6a</p>	Metafórico.	O desenho “Significa elegância, alegria, conversar com as pessoas”.	A ILPI é um Lar, é muito bom, sossegado, divertido, elegante, cheio de plantas.	Sentimento de como se estivesse em casa, com a família; de recordação do tempo que morava no interior.	Como algo muito bom, ao ar livre.	A ILPI <i>ao ar livre</i> é aquela em que sua <u>agradabilidade</u> é sentida na alegria, nas conversas com as pessoas, por ser um lugar sossegado, divertido, elegante e cheio de plantas e por trazer recordações do tempo que morava no interior.

IDENTI- FICAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNIFI- CADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
<p>Nº: 10</p> <p><b>SEXO:</b>Fem.</p> <p><b>IDADE:</b> 75<sup>a</sup></p> <p><b>ESCOLAR.:</b> Ens. Fun. Inc</p> <p><b>PROFISSÃO:</b> Doméstica</p> <p><b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ILPI:</b> 2a</p>	Metafórico.	O desenho “significa muita coisa, a Mãe da gente”.	Na ILPI não falta nada, é bom.	Emoção, saudade da liberdade, da família (vontade de “ver meu filho”), vontade de ficar boa do Mal de Parkinson.	Como minha casa	A ILPI <i>minha casa</i> é aquela onde seu <u>pertencimento ao passado</u> se reflete na emoção e na saudade da liberdade e da família (do filho), apesar de não faltar nada e ser muito bom.

IDENTIFI- CAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNIFI- CADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
Nº: 11  <b>SEXO:</b> Fem.  <b>IDADE:</b> 70a  <b>ESCOLAR.:</b> Ens. Fun. Com  <b>PROFISSÃO:</b> Bordadeira  <b>TEMPO DE RESIDÊNCIA</b> : 7a	Metafórico.	Significa que “aqui é o céu. É bom demais”.	Na ILPI come muito (5 vezes ao dia), dorme muito, tem festinha, tem presentes, não tem zoada, é calmo, deseja ficar aqui até Deus chamar.	Amor, paz, carinho.	Como um céu.	A ILPI <i>céu</i> é aquela em que sua <u>agradabilidade</u> se expressa no comer e dormir muito, por ser um lugar onde não tem zoada, é calmo, onde tem festinha e presentes e transmite sentimentos de amor, paz e carinho.

IDENTIFI- CAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNIFI- CADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
Nº: 12  <b>SEXO:</b> Fem.  <b>IDADE:</b> 87a  <b>ESCOLAR.:</b> Sem estudo  <b>PROFISSÃO:</b> Cozinheira  <b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ILPI:</b> menos de 1 mês	Metafórico.	Significa uma “Coisa maravilhosa na minha vida. Eu trabalhava muito e aqui só tenho descanso”.	Na ILPI tem bastante descanso, tem vida boa, calma, se alimenta bem, é tratada como uma filha	Amor, carinho, se sente bem, é tratada como filha.	Como um pedaço do céu	A ILPI <i>pedaço do céu</i> é aquela em que seu <u>pertencimento</u> se percebe quando antes trabalhava muito e agora tem tudo, tem descanso, tem uma vida boa, se alimenta bem, se sente bem, é tratada como filha e tem amor e carinho.

IDENTIFI- CAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNIFI- CADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
Nº: 13  <b>SEXO:</b> Fem.  <b>IDADE:</b> 83a  <b>ESCOLAR.:</b> Sem estudos  <b>PROFISSÃO:</b> Nenhuma  <b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ILPI:</b> 20a	Metafórico.	Significa que “É bom demais”	A ILPI é um lugar “bom demais”	Passo muito bem.	Como bom demais	A ILPI <i>boa demais</i> é aquela em que sua <u>pertencimento</u> pode ser percebida no sentimento de felicidade e por passar muito bem nesse lugar.

IDENTIFI- CAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNIFI- CADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
Nº : 14  <b>SEXO:</b> Masc.  <b>IDADE:</b> 72a  <b>ESCOLAR.:</b> Ens. Fund.Com.  <b>PROFISSÃO:</b> Agricultor / operário  <b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ILPI:</b> 3 <sup>a</sup>	Metafórico.	Significa um lugar para “tratar de doenças, melhorar”.	A ILPI é um lugar onde as pessoas são maravi- lhosas, não mexem com ninguém, onde não passa bem e também não passa mal.	Fé em Deus, saudade da terra natal, vontade de viver em paz, traba- lhar, voltar para casa, para família.	Como a casa dos meus pais, mas lá era bem melhor.	A ILPI <i>casa dos meus pais</i> é aquela em que seu <u>pertencimento ao passado</u> é caracterizado pelo desejo de voltar para casa, para família, onde se tem fé em Deus e saudade da terra natal, mas onde se vive em paz.

IDENTIFI- CAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNIFI- CADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
<p>Nº : 15</p> <p><b>SEXO:</b> Fem.</p> <p><b>IDADE:</b> 60a</p> <p><b>ESCOLAR.:</b> Ens. Fund. Inc.</p> <p><b>PROFISSÃO:</b> Dona de casa/agricultora</p> <p><b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ILPI:</b> 2a</p>	Metafórico.	Significa “tudo o que é mais impor- tante na vida”	A ILPI é um lugar tudo de bom, está na casa de Deus, não tem o que falar.	Alegria, amor, felicidade, paz.	Como a minha casa	A ILPI <i>minha casa</i> é aquela em que se <u>pertencimento</u> se reflete na alegria, no amor e na felicidade, e por ser tudo de bom.

IDENTIFI- CAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNIFI- CADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
<p>Nº : 16</p> <p><b>SEXO:</b> Fem.</p> <p><b>IDADE:</b> 86a</p> <p><b>ESCOLAR.:</b> Ens. Fund. Inc.</p> <p><b>PROFISSÃO:</b> Dona de casa/agricultora</p> <p><b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ILPI:</b> não repsoudeu.</p>	Metafórico.	Significa que toda noite reza para Nossa Senhora que é sua santa devota, para ficar boas das pernas.	A ILPI é um lugar onde passa bem, onde tem fé que vai deixar de tomar os remédios, para ir para casa ajudar a neta.	Se sente bem, tem fé e amor.	Como o céu	A ILPI <i>céu</i> é aquela em que seu <u>pertencimento</u> <u>ao passado</u> é percebido no desejo de ficar boa e ir para casa, ajudar a neta, mas é um lugar onde tem amor e passa bem.

IDENTIFI- CAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNIFI- CADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
<p>Nº: 17</p> <p><b>SEXO:</b> Fem.</p> <p><b>IDADE:</b> 80a</p> <p><b>ESCOLAR.:</b> Ens. Superior</p> <p><b>PROFISSÃO:</b> Professora</p> <p><b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ILPI:</b> 13a</p>	Metafórico.	Significa “como eu me sentia: em um lugar agradável, onde os velhinhos se divertiam. Embora ainda tenha alguma coisa, é muito diferente”.	A ILPI é um lugar muito bom de se morar.	Felicidade, amor, amizade, alegria, desejo, vontade.	Como se fosse um abrigo	A ILPI <i>abrigo</i> é aquela em que seu <u>pertencimento</u> é percebido nos sentimentos de felicidade, amor, amizade, alegria, desejo, saúde e por ser um lugar muito bom de se morar.

IDENTIFI- CAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNIFI- CADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
<p>Nº: 18</p> <p><b>SEXO:</b> Fem.</p> <p><b>IDADE:</b> 81a</p> <p><b>ESCOLAR.:</b> Ens. Fund. Inc.</p> <p><b>PROFISSÃO:</b> Cuidadora de criança e recém-nascidos em creches</p> <p><b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ILPI:</b> 2a e 8m.</p>	Metafórico.	Significa não ficar sozinha, não ter responsabilidade por nada, e poder ficar sozinha no quarto.	A ILPI é um lugar de festa, família, gente, que se tem a assistência que precisa.	Amizade, união, gostar de ajudar.	Como um internato, com hora para tudo.	A ILPI <i>internato com hora para tudo</i> é aquela em que seu <u>agradabilidade</u> é sentido no desejo de não ter responsabilidade com nada, de ficar sozinha, mas de ter festas, amizades e a assistência que precisa.

IDENTIFI- CAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNIFI- CADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
<p>Nº: 19</p> <p><b>SEXO:</b> Fem.</p> <p><b>IDADE:</b> 63a</p> <p><b>ESCOLAR.:</b> Ens. Fun. Com.</p> <p><b>PROFISSÃO:</b> Confecção / dona de casa</p> <p><b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ILPI:</b> 1a e 3m</p>	Metafórico.	Significa “Tudo de bem. Uma pessoa maravilhosa. Minha mãe”.	A ILPI é um lugar onde todo dia penso em ir embora, pois é melhor estar no canto da gente.	Saudade, preocupação com minha mãe, vontade de vê-la e de sair daqui.	Como minha casa, só que tem regras.	A ILPI <i>minha casa com regras</i> é aquela em que seu <u>pertencimento ao passado</u> se reflete no pensamento de todo dia de ir embora, pois é melhor estar no canto da gente e no sentimento de saudade e preocupação com a mãe.

IDENTIFI- CAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNIFI- CADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
<p>Nº: 20</p> <p><b>SEXO:</b> Fem.</p> <p><b>IDADE:</b> 86a</p> <p><b>ESCOLAR.:</b> Sem estudos.</p> <p><b>PROFISSÃO:</b> Agricultora</p> <p><b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ILPI:</b> não respondeu</p>	Metafórico.	Significa que está “buscando água nas cacimbas e trazendo pra casa. As malas são deixadas no cantinho, com cuidado pra ladrão não levar”.	A ILPI é um lugar para nosso Senhor a trouxe, e ela acha tão bom.	Fé, satisfação, felicidade, alegria.	Como” uma casona bem alta, bem florida e um bocado de bacurin, pintinhos piando”	A ILPI <i>casona bem alta, bem florida</i> é aquela em que sua <u>agradabilidade</u> é percebida na sensação de ter sido trazida pelo nosso Senhor e pelos sentimen- tos de fé, satisfação, felicidade e alegria.

IDENTIFI- CAÇÃO	ESTRU- TURA	SIGNIFI- CADO	QUALI- DADE	SENTI- MENTO	METÁ- FORA	SENTIDO
<p>Nº:21</p> <p><b>SEXO:</b> Fem.</p> <p><b>IDADE:</b> 66a</p> <p><b>ESCOLAR.:</b> Sem estudos</p> <p><b>PROFISSÃO:</b> Doméstica</p> <p><b>TEMPO DE RESIDÊNCIA NA ILPI:</b> 10a</p>	Cognitivo.	Significa “um lar cheio de gente morando”	A ILPI é uma casa para morar que tem o pão de cada dia, “muito abençoada por Deus, uma casa muito boa, apoia todo mundo que vive aqui, cego, aleijado, tudo”.	Sossego. “Feliz por estar nessa casa, senão estaria na rua, quem sabe sendo estuprada”.	Como uma casa abençoada por vocês.	A ILPI <i>casa abençoada por vocês</i> é aquela em que sua <u>pertencimento como sobrevivência</u> se concretiza em uma casa para morar, com o pão de cada dia, suscitando sentimentos de felicidade por estar nela, senão estaria na rua, podendo até ser estuprada.



## APÊNDICE 2 - DIÁRIOS DE CAMPO

### 2.1 Análise dos Diários de Campo

ANÁLISE DOS DIÁRIOS DE CAMPO	
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	UNIDADE DE ANÁLISE
1. Avaliar a existência políticas públicas com relação às ILPI	“Quando estava lá, chegou uma nutricionista da SER III. A dona da ILPI diz que eles só vão lá para reclamar de detalhes e não percebem o quanto essas idosas melhoraram de vida desde que estão morando lá. Isso a revolta.(...) A dona da ILPI disse ainda que a fiscalização pede coisas praticamente impossíveis. “Pedem que eu tenha um lugar para velório aqui dentro, mas como?”DC – SER III
	"Relataram que as famílias quase não vão visitar seus parentes. O abandono é algo muito presente." DC - SER VI
	“Nesse abrigo moram 13 idosas e 3 mulheres de 40, 50 e 53 anos que sofreram violência em casa e precisavam de um lugar para morar. (...) São muitas histórias, contadas pela dona da ILPI, de sofrimento, maus-tratos e abandono por parte da família dessas idosas.” DC - SER III
2. Relacionar as condições ambientais de moradia das ILPIs, com o nível de satisfação dos idosos em relação a esses espaços;	“Fomos a ILPI da SER IV. Nesse lugar, cada idosa tem seu quarto. Moram sozinhas, decoram seus quartos do jeito que querem”. DC – SER IV
	"O abrigo tem pouca opção de espaço para as idosas ficarem. Só moram mulheres. Tem um local de convivência, como televisão ligada, e o lugar onde ficam as camas. Esse espaço era uma casa que foi sendo modificada para cuidar dessas idosas" Diário de Campo - SER III
	"A casa fica em um local mais escondido, numa rua pequena, de areia.”DC – SER III
3. Avaliar os processos de apropriação dos idosos das ILPIs	“Fiz um grupo com três idosas, nenhuma delas escrevia. Pedi um local reservado, ficamos em um quarto. Não tivemos muita <b>privacidade</b> , pois a dona do abrigo entrava e saía com frequência do local.”DC – SER V.
	“Apesar de falarem que são bem cuidadas e que gostam da dona da ILPI, ambas falaram que querem ir embora dali, voltar para casa, para sua família. Cuidar da mãe, dos filhos. Senti <b>um desespero pela perda de identidade, de liberdade para ir e vir</b> , seja pela saúde ou pelas regras do abrigo.” DC - SER III.

Quadro 8 – Análise de conteúdo dos diários de campo

### 2.2 Reprodução dos Diários de Campo

**Dia 08 de maio de 2012, terça-feira.**

Hoje superei meu medo e consegui agendar todas as visitas às instituições. Estou muito ansiosa, pois não me sinto muito segura com relação à forma como devo abordar os idosos

no momento da aplicação do questionário. Estou com medo de perder alguma informação muito importante por não ter feito os procedimentos corretos. De qualquer forma, acredito que passei para uma próxima etapa por ter conseguido marcar.

Meu prazo já está mais do que extrapolado. A finalização da aplicação dos instrumentos deveria ter acontecido ainda em abril, mas isso será feito apenas no final de maio. Até julho preciso entregar a dissertação pronta.

### **Dia 09 de maio de 2012, quarta-feira.**

Hoje visitei a instituição da SER VI. Escolhi este espaço para ser o primeiro, pois foi o que eu melhor fui colhida pela diretoria. Tomamos café da manhã juntas, conversamos sobre toda a história de vida delas, suas dificuldades em cuidar do asilo, etc. Ambas são enfermeiras e se mostraram bastante cansadas com as dificuldades de se trabalhar com idosos carentes (maioria). Contaram-me que há 19 anos elas atendiam a domicílio e famílias começaram a pedir que elas levassem os idosos para morar com elas. Uma família chegou a ir até a casa delas para deixar uma idosa. Elas foram sendo ajudadas pelas pessoas, não pagavam aluguel, recebiam contribuições, mas sempre passaram por muitas dificuldades. Relataram que as famílias quase não vão visitar seus parentes. O abandono é algo muito presente. Lá se encontram em torno de 46 idosos (mulheres e homens). Elas possuem também uma outra casa onde ficam os idosos acamados. Quando eu estava conhecendo a casa, no início do mês passado, antes de levar toda a papelada para o Comitê de Ética (carta de aceitação), fui conhecer essa outra casa. Neste local estava uma idosa que havia acabado de falecer. Os funcionários estavam bastante abatidos e a atitude de uma das donas da ILPI foi pedir para que eles enxugassem as lágrimas e seguissem em frente. Percebi a emergência de cuidado psicológico também para esses funcionários, além do cuidado com os idosos.

Nesse momento, na quarta-feira, dia 9/05, fui lá para visualizarmos quem faria parte do grupo focal e onde aconteceria o grupo da sexta-feira, dia 11/05.

### **Dia 11 de maio, sexta-feira.**

Primeiro grupo para aplicação do instrumento gerador dos mapas afetivos (SER VI). Tive a colaboração de um ajudante de pesquisa para o preenchimento dos questionários daqueles idosos que possivelmente não conseguissem escrever. Dos 4 idosos, 2 mulheres e 2 homens, apenas 1 escreveu sozinho. Senti muito dificuldade de finalizar os questionários, pois um idoso sentia uma necessidade muito grande de falar, narrar sua vida antes do abrigo. Falas desse idoso (R14) que me chamaram atenção: “não matei ninguém para estar preso aqui”; “eu trabalhava, não era um vagabundo”; “pode olhar lá em casa na minha carteira de trabalho”. Senti-me muito comovida com a história dele, que não importa se é verdade ou não, mexeu bastante com minhas emoções.

Saí com dor de cabeça do asilo. Pareceu-me que este idoso tinha alguma debilidade cognitiva, mas isso não diminuiu a importância do sofrimento relatado por ele por estar ali, “preso”.

Havia levado uma atividade para depois da aplicação do instrumento, mas a aplicação demorou em torno de 1 hora. Já chegou no horário do almoço.

#### **Dia 14 de maio de 2012, segunda-feira.**

Hoje tive a colaboração de uma ajudante de pesquisa e de uma pesquisadora, mestranda curso de Administração - UECE, na coleta de dados. Fomos a ILPI da SER IV. Nesse lugar, cada idosa tem seu quarto. Moram sozinhas, decoram seus quartos do jeito que querem. São 32 idosas no total, sendo 4 idosas acamadas. A diretora havia pedido com que eu fizesse alguma atividade com todas as idosas menos debilitadas. Disse que eram 28 no total. Nos organizamos para isso dessa forma: 1. Momento de aquecimento (despertar) – com música (Carinhoso – Tom Jobim) e movimento, olhar nos olhos, passear pela sala, tocar o outro, etc.; 2. Momento de sensibilização – música que fizesse referência aos sentimentos; 3. Utilizando revistas, pedimos que recortassem o que mais chamasse mais atenção, sem se preocupar em explicar nada, ficassem apenas na sensação; 4. Construíssem um mural com aquelas imagens. Somente após esse momento eu chamaria 4 idosas para preencher o questionário em grupo.

Chegamos 8h30, horário programado, mas a diretora havia esquecido a nossa visita. Foi então pedir para organizassem a sala e avisassem para as idosas do grupo. Fui pessoalmente

chamando uma a uma em seus quartos. Começamos tudo às 9h, aproximadamente. O grupo tinha apenas 14 idosas. A música ficou muito baixa, pois o espaço tinha muitas janelas.

### **Dia 15 de maio de 2012, terça-feira.**

Hoje fui fazer a aplicação do instrumento gerador dos mapas afetivos na ILPI da SER III. Cheguei lá às 9h10, marquei às 9h. Nesse abrigo moram 13 idosas e 3 mulheres de 40, 50 e 53 anos que sofreram violência em casa e precisavam de um lugar para morar. Das 13 idosas, 1 não saía da cama. O abrigo tem pouca opção de espaço para as idosas ficarem. Só moram mulheres. Tem um local de convivência, como televisão ligada, e o lugar onde ficam as camas. Esse espaço era uma casa que foi sendo modificada para cuidar dessas idosas. A dona do lugar mora na mesma casa onde funciona o asilo. Ela dorme com as idosas. Sua filha e neta moram no andar de cima da casa.

Tudo, na casa, foi sendo feito de acordo com as demandas. Os varais de roupa ficam espalhados pela área aberta da casa e se misturam com o lugar de convivência das idosas. A mais velha tem 101 anos. São muitas histórias, contadas pela dona da ILPI, de sofrimento, maus-tratos e abandono por parte da família dessas idosas.

Hoje não fiz a aplicação do questionário em grupo. Tanto por não ter espaço, como por hoje eu estar sem ajudante e as idosas serem bastante debilitadas. Trabalhei com duas idosas individualmente, aplicando o instrumento, gravando em áudio e eu mesma escrevendo, pois ambas não conseguiam, uma por só saber escrever o nome e outra por ter Mal de Parkinson. Apesar de falarem que são bem cuidadas e que gostam da dona da ILPI, ambas falaram que querem ir embora dali, voltar para casa, para sua família. Cuidar da mãe, dos filhos. Senti um desespero pela perda de identidade, de liberdade para ir e vir, seja pela saúde ou pelas regras do abrigo.

Fiquei com o coração apertado quando a primeira respondente (R19) falou que não sabia nem se sua mãe estava viva e que tinha perdido o endereço de todos os seus irmãos. Mas disse que queria voltar logo para casa, para seu canto. Emocionou-se muito, chorou.

A segunda, R10, bastante debilitada, em cadeira de rodas, tremia bastante devido ao Mal de Parkinson e se considera uma “manteiga derretida”, pois “qualquer coisa chora”. No caso

dela, o que mais me chamou atenção em seu discurso foi o desejo de liberdade, o desejo de poder “sair andando”.

Quando estava lá, chegou uma nutricionista da SER III. A dona da ILPI diz que eles só vão lá para reclamar de detalhes e não percebem o quanto essas idosas melhoraram de vida desde que estão morando lá. Isso a revolta. Ela conta que desde que as idosas começaram a viver lá, muitas diminuíram consideravelmente a quantidade de remédios. “E você sabe por quê? Por causa da música!”. Ela disse que desde que descobriu isso, sempre aplica com as idosas. A música, para a dona da ILPI, fez com que as idosas ficassem mais felizes. E agora ela sabe qual música agrada mais uma idosa e qual agrada mais a outra. A dona da ILPI disse ainda que a fiscalização pede coisas praticamente impossíveis. “Pedem que eu tenha um lugar para velório aqui dentro, mas como?”. Realmente o local foi sendo aproveitado como dava para ir alocando as idosas. De todas as instituições que eu já visitei, em nenhuma a dona, a responsável, dormia e morava com os idosos.

#### **Dia 18 de maio de 2012, sexta-feira.**

Havia marcado pela manhã, para ir para a ILPI da SER II, mas eu estava tão cansada que acabei acordando tarde, liguei e marquei de ir à tarde.

(Não registrei a visita no diário de campo)

#### **Dia 21 de maio de 2012, segunda-feira.**

A ILPI da SER V é composta por apenas 8 idosas. A mais velha chegou há pouco tempo e tem 90 anos. Eles têm uma idosa de 85 anos que está lá há 30 anos. Errei o caminho e fui para um local totalmente diferente do local do abrigo. Ficava na Maraponga, mas eu fui parar perto do Marina Parque Hotel. Liguei para lá, me deram o endereço correto e eu consegui chegar às 10h30 (havia marcado às 9h). Fiz um grupo com três idosas, nenhuma delas escrevia. Pedi um local reservado, ficamos em um quarto. Não tivemos muita privacidade, pois a dona do abrigo entrava e saía com frequência do local.

Inicialmente me senti um pouco incomodada, mas depois ela acabou ajudando, falando um pouco da história de vida das idosas dentro e fora do lar. Todas as 3 falaram que lá

era maravilhoso, todas cuidavam muito bem, e percebi um receio das idosas da ILPI ser fechada, devido às respostas muito fechadas. A casa fica em um local mais escondido, numa rua pequena, de areia.

Senti, mais uma vez, muita dificuldade de aplicar o instrumento gerador dos mapas afetivos com idosas em grupo. Todas, dessa vez, não conseguiam escrever e eu estava sem ajudante. “Perdia tempo” escrevendo ao invés de estar de forma mais presente no momento do grupo. Senti falta também de fazer um momento de aquecimento. Pareceu-me até que as participantes haviam sido avisadas para falar bem da instituição, pois foi muito discrepante a fala delas com as das outras de outras instituições.

Interessante perceber também, que o fato de ser em grupo, impedia que as idosas ficassem a vontade para falar o que realmente pensavam, com medo talvez de serem julgadas pelas outras ou, de alguma forma, prejudicar a instituição.

(Não fiz registros no Diário de Campo da visita à ILPI da SER I e SER II).

## 2.3 Caracterização dos Respondentes

CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES (1 A 21)																								
R1	1.1 IDADE	76a.	R4	1.1 IDADE	86a.	R7	1.1 IDADE	87a.	R10	1.1 IDADE	74a.	R13	1.1 IDADE	83a.	R16	1.1 IDADE	86a.	R19	1.1 IDADE	64a.				
	1.2 SEXO	Fem.		1.2 SEXO	Fem.		1.2 SEXO	Fem.		1.2 SEXO	Fem.		1.2 SEXO	Fem.		1.2 SEXO	Fem.		1.2 SEXO	Fem.	1.2 SEXO	Fem.	1.2 SEXO	Fem.
	1.3 TEMPO NA INSTITUIÇÃO	1a. e 6m.		1.3 TEMPO NA INSTITUIÇÃO	8a.		1.3 TEMPO NA INSTITUIÇÃO	1a.		1.3 TEMPO NA INSTITUIÇÃO	2a.		1.3 TEMPO NA INSTITUIÇÃO	20a.		1.3 TEMPO NA INSTITUIÇÃO	missing		1.3 TEMPO NA INSTITUIÇÃO	1a. e 3m.				
	1.4 PROFISSÃO	Costureira		1.4 PROFISSÃO	Costureira		1.4 PROFISSÃO	Enfermeira		1.4 PROFISSÃO	Doméstica		1.4 PROFISSÃO	Nenhuma		1.4 PROFISSÃO	Agricultora/d		1.4 PROFISSÃO	confeção/ dona de				
	1.5 OCUPAÇÃO (ATUALMENTE)	Faz crochê		1.5 OCUPAÇÃO (ATUALMENTE)	Nenhuma		1.5 OCUPAÇÃO (ATUALMENTE)	Nenhuma		1.5 OCUPAÇÃO (ATUALMENTE)	Nenhum		1.5 OCUPAÇÃO (ATUALMENTE)	Nenhuma		1.5 OCUPAÇÃO (ATUALMENTE)	Nenhuma		1.5 OCUPAÇÃO (ATUALMENTE)	Nenhuma				
	1.6 SER IV			1.6 SER I			1.6 SER II			1.6 SER III			1.6 SER V			1.6 SER VI			1.6 SER III					
R2	1.1 IDADE	75a.	R5	1.1 IDADE	68a.	R8	1.1 IDADE	92a.	R11	1.1 IDADE	70a.	R14	1.1 IDADE	70a.	R17	1.1 IDADE	80a.	R20	1.1 IDADE	86a.				
	1.2 SEXO	Fem.		1.2 SEXO	Fem.		1.2 SEXO	Fem.		1.2 SEXO	Fem.		1.2 SEXO	Masc.		1.2 SEXO	Fem.		1.2 SEXO	Fem.	1.2 SEXO	Fem.		
	1.3 TEMPO NA INSTITUIÇÃO	3m.		1.3 TEMPO NA INSTITUIÇÃO	3a.		1.3 TEMPO NA INSTITUIÇÃO	20a		1.3 TEMPO NA INSTITUIÇÃO	7a		1.3 TEMPO NA INSTITUIÇÃO	3a.		1.3 TEMPO NA INSTITUIÇÃO	13a.		1.3 TEMPO NA INSTITUIÇÃO	Não soube dizer				
	1.4 PROFISSÃO	Aposentada		1.4 PROFISSÃO	Dona de Casa		1.4 PROFISSÃO	missing		1.4 PROFISSÃO	Bordadeira		1.4 PROFISSÃO	Agricultor/Oper		1.4 PROFISSÃO	Professora		1.4 PROFISSÃO	Agricultora				
	1.5 OCUPAÇÃO (ATUALMENTE)	Nenhuma		1.5 OCUPAÇÃO (ATUALMENTE)	Nenhuma		1.5 OCUPAÇÃO (ATUALMENTE)	missing		1.5 OCUPAÇÃO (ATUALMENTE)	Nenhuma		1.5 OCUPAÇÃO (ATUALMENTE)	Nenhuma		1.5 OCUPAÇÃO (ATUALMENTE)	Nenhuma		1.5 OCUPAÇÃO (ATUALMENTE)	Auxiliar de escola				
	1.6 SER IV			1.6 SER I			1.6 SER II			1.6 SER V			1.6 SER VI			1.6 SER II			1.6 SER IV					
R3	1.1 IDADE	64a.	R6	1.1 IDADE	86a.	R9	1.1 IDADE	72a.	R12	1.1 IDADE	68a.	R15	1.1 IDADE	65a.	R18	1.1 IDADE	81.	R21	1.1 IDADE	missing				
	1.2 SEXO	Masc.		1.2 SEXO	Fem.		1.2 SEXO	Fem.		1.2 SEXO	Fem.		1.2 SEXO	Fem.		1.2 SEXO	Fem.		1.2 SEXO	Fem.	1.2 SEXO	Fem.		
	1.3 TEMPO NA INSTITUIÇÃO	8a.		1.3 TEMPO NA INSTITUIÇÃO	12 a.		1.3 TEMPO NA INSTITUIÇÃO	6a.		1.3 TEMPO NA INSTITUIÇÃO	1m.		1.3 TEMPO NA INSTITUIÇÃO	2a.		1.3 TEMPO NA INSTITUIÇÃO	2a. e 8m.		1.3 TEMPO NA INSTITUIÇÃO	10a.				
	1.4 PROFISSÃO	Desenho		1.4 PROFISSÃO	Doméstica		1.4 PROFISSÃO	Doméstica/cuid		1.4 PROFISSÃO	Cozinheira		1.4 PROFISSÃO	Agricultora/Dor		1.4 PROFISSÃO	Cuidadora en		1.4 PROFISSÃO	Doméstica				
	1.5 OCUPAÇÃO (ATUALMENTE)	Missing		1.5 OCUPAÇÃO (ATUALMENTE)	Nenhuma		1.5 OCUPAÇÃO (ATUALMENTE)	Nenhuma		1.5 OCUPAÇÃO (ATUALMENTE)	Nenhuma		1.5 OCUPAÇÃO (ATUALMENTE)	Nenhuma		1.5 OCUPAÇÃO (ATUALMENTE)	Nenhuma		1.5 OCUPAÇÃO (ATUALMENTE)	Nenhuma				
	1.6 SER VI			1.6 SER II			1.6 SER IV			1.6 SER V			1.6 SER VI			1.6 SER IV			1.6 SER I					

Figura 9 - Caracterização dos respondentes

## APÊNDICE 3 - TRANSCRIÇÕES DOS GRUPOS FOCAIS

### 3.1 Análise dos Grupos Focais

ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS GRUPOS FOCAIS		
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
1. Averiguar as políticas públicas existentes hoje com relação às ILPI	<b>1.1 Fatores que levaram à entrada na instituição</b>	1.1.1 Adoecimento
		1.1.2 Morte do cônjuge
		1.1.3 Família não pôde/não quis cuidar (abandono)
2. Relacionar as condições ambientais de moradia das ILPIs, com o nível de satisfação dos idosos em relação a esses espaços;	<b>2.1 Modos de se referir à vida na instituição</b>	2.1.1 Boa
		2.1.2 Boa, mas quero ir embora, prefiro meu lugar
		2.1.3 Ruim
	<b>2.2 Sentidos atribuídos à vida na instituição</b>	2.2.1 Positivo se comparado ao passado
2.2.2 Negativo se comparado ao passado		
3. Avaliar os processos de apropriação dos idosos das ILPIs	<b>3.1 Apropriação - territorialidade, densidade, espaço pessoal</b>	
	3.1.1 Participação de atividades na ILPI	
	3.1.2 Modos de se referir a instituição	3.1.2.1 Percepções negativas
		3.1.2.2 Percepções positivas
	3.1.3 Estrutura física da instituição	3.1.3.1 Lugar preferido dentro da ILPI
		3.1.3.2 Lugar que permanece por não ter outra opção dentro da ILPI
		3.1.3.3 Lugar que menos gosta de ficar dentro da ILPI
	<b>3.2. Identificação - aspectos afetivos, cognitivos e interativos</b>	
	3.2.1 Relação entre os idosos residentes	1.2.1 Cooperação
		1.2.2 Conflitos
		1.2.3 Solidão
		1.2.4 Carinho e amizade
	3.2.2 Relação entre os idosos e os funcionários	1.3.1 Sentir-se cuidada
1.3.2 Comparação do funcionário com alguém da família		
1.3.3 Características que facilitam ou dificultam a vinculação dos idosos com os funcionários		
3.2.3 Vínculos fora da ILPI	1.5.1 Permanência de vínculos com pessoas e/ou lugares	
	1.5.2 Ausência de visitas da família	

Quadro 9 – Análise das transcrições dos grupos focais e das entrevistas – categorias e subcategorias



SUBCATEGORIAS	UNIDADE DE ANÁLISE
1.1.1 Adoecimento	<p>P6: "E é porque eu cheguei aqui doente. Quando cheguei aqui eu melhorei, criatura. (...) <b>Cheguei aqui não podia andar</b>, eu me segurava nas paredes. De qualquer maneira vou morrer amanhã ou depois (...)"</p> <p>P14: "O que eu lembro (...), é que eu vim por causa da minha melhora do que eu senti lá dentro da minha casa. <b>A perna dormente, o braço...</b> Adormeceu. Outro problema que aconteceu também sei lá, uma coisa horrível, uma coisa incrível, <b>ai vim pra cá.</b>"</p> <p>P16: "Eu cheguei aqui, não sabia se vinha pra cá não. <b>Porque eu fiquei assim com a cabeça meio doida, ai arrumaram pra eu vir pra cá</b>, mas cheguei aqui não sabia de nada. Foi quando eu fiquei melhor, mas passei bom tempo no Eusébio. (...) <b>Quando eu vim pra cá, eu não sabia de nada, fiquei num quarto como uma doida.</b> Graças a Deus que eu tô boa né? Só tem o negócio das minhas pernas, mas tenho fé em Deus que fico boa cedo."</p>
1.1.2 Morte do cônjuge	<p>P5: "Eu, quando <b>meu esposo faleceu</b>, a doutora falou que não ia durar nem um mês. Eu agradeço a Deus, porque cheguei aqui desmaiando mesmo. (...) É desmaiando, morrendo... <b>Aí, acabou-se o ataque de nervos que eu tinha, que eu não podia nem sair né? Eu desmaiava.</b> E hoje agradeço a Deus, tomo remédio de manhã até de noite. Mas não sinto mais nada.(...) Era, tinha minha casa, tinha tudo. Mas <b>meu esposo faleceu</b>, ai fiquei desmaiando e a doutora me pegou e trouxe pra cá. Tem 3 anos que ele morreu."</p> <p>P19: "Eu sou uma pessoa só, <b>viúva</b>, por isso que me botaram aqui."</p>
1.1.3 Família não pôde/não quis cuidar (abandono)	<p>P9: "Minha mãe faleceu, eu cheguei aqui em pranto. Em pranto, sabe? <b>Minha irmã me botou pra fora de casa:</b> 'você pode arrumar suas coisas, pode ir embora, não quero você aqui mais!' Quer dizer, ela queria sossego na casa, sabe? 'Essa casa não é sua, é minha, foi mamãe que deixou tudo aqui pra nós, pra mim.'(...) Então, minha filha, <b>eu digo que não tenho ninguém.</b>(...)ai fiquei em pranto, <b>entrei aqui em depressão.</b> Cheguei e encontrei muita gente boa aqui, teve uma mulher muito boa aqui que fizeram o favor de levar. Eu não almoçava, não jantava, era só dentro de casa chorando, <b>pensando na minha mãe.</b> Porque a gente pensa mesmo, mãe é mãe, ninguém substitui"</p> <p>P7: "Minha filha, eu não sei nem te explicar. Porque eu cheguei muito contrariada, chorando muito, não queria aceitar, mas eu não podia, porque <b>eu não tinha mais ninguém em casa.</b>"</p>

Quadro 10 – Subcategorias e unidades de análise da categoria (fatores que levaram à entrada na instituição)

SUBCATEGORIAS	UNIDADE DE ANÁLISE
2.2.1 Boa	<p>P6: "Outro dia veio uma senhora aqui conversar com a gente, se eu morrer e não for pro céu, ficar vagando, eu quero ficar aqui. Porque <b>eu acho bom estar aqui.</b>"</p>
	<p>P6: "Diria pouco, que <b>aqui é ótimo.</b> Pra mim mesmo só existem duas coisas que são boas: a saúde e viver bem, o resto é o resto"</p>
	<p>P15: "Sinto amor, sinto paz, <b>sou feliz aqui, muito feliz,</b> graças a Deus. (...) Tudo de bom, tem almoço, tem merenda [risos], tudo.(...)Tudo de bom. <b>Aqui é uma casa de Deus. Muito ótima, não me falta nada,</b> graças a Deus, são tudo bom pra mim, são bons. Não tenho que falar de nada aqui. (...) Aqui eu sou muito feliz, eu sou uma andorinha [risos]. É ótimo aqui... <b>Vivo muito feliz,</b> graças ao meu bom Deus. (...) <b>Eu me alimento bem,</b> estou bem, graças a Deus. Por isso <b>fico feliz, não me falta nada.</b>"</p>
	<p>P16: "Eu acho bom né? <b>Acho bom demais aqui, passo bem.</b> Só não passo tão bem, porque não como carne de jeito nenhum, mas quando o pessoal faz do jeito da comida da dona Joana [nome fictício], o pessoal bota pra mim também. (...) agora aqui gosto que <b>tem missa, tem diversões de todo jeito,</b> tem vez que <b>a gente recebe presente,</b> presente assim, toalha, lençol, qualquer coisa recebe".</p>
	<p>P13: "<b>Sou feliz aqui,</b> todo mundo gosta de mim, gosto muito e me tratam bem."</p>
	<p>P18: "É muito bom, sabe? [risos] (...) <b>É, muito bom,</b> a gente de tarde se arruma, vai lá pra fora, de noite, a gente (...). Bom, lá é muito bom, <b>muito sossegado, é muito divertido, muito elegante,</b> cheio de planta. Lembra quando eu morava no interior. (...) É melhor do que qualquer lugar".</p>
	<p>P9: "<b>Eu me deito a hora que quero.</b> (...) <b>É animado, tem muitas festas.</b> (...) Às vezes, a gente senta lá fora, lá também é muito bom; a gente vê aquela avenida (...) <b>É, isso.</b> A gente vai pra missa. (...) Tem as orações, tem o terço toda noite. A gente se senta mais as colegas pra conversar. P9: "(...) <b>Muito alegre.</b> (...) Às vezes, eu fico sozinha, às vezes eu saio e vou passear. <b>É muito bom aqui,</b> viu?(...) se eu estivesse morando sozinha ou morando com amiga ou com qualquer outra pessoa eu não me sentiria bem. E aqui eu me sinto bem, porque <b>é como eu estivesse na minha casa.</b> Sabe?"</p>
	<p>P2: "Eu gosto"</p>
	<p>P12: "<b>Aqui eu tenho paz, descanso.</b> Aqui eu só tenho descanso, graças a Deus. Como muito bem, durmo bem, graças a Deus (...). Aqui eu descanso, eu me alimento bem, graças a Deus. Não tenho doença."</p>

	P20: " <b>Eu acho muito bom aqui.</b> As moças são muito legais com a gente...".
	P11: "Minha filha, é porque <b>é muito bom, tem paz, tem amor, tem carinho,</b> é bom. Como 5 vezes por dia [risos]. (...) Aqui <b>é tão bom, é calmo, não tem zoada.</b> Durmo bastante."
2.2.2 Boa, mas quero ir embora, prefiro meu lugar	P14: " <b>Alegria de viver feliz.</b> Tô num canto muito feliz, gosto muito de estar aqui, elas são muito legais comigo, graças a Deus, <b>não tenho o que dizer,</b> porque não sou daqui, eu sou do Rio Grande do Norte. (...) Também não tô bom, <b>não me sinto bem, mas vou vivendo</b> e quero ver se me trato mais, se melhora mais pra conseguir alguma coisa e ir embora pra algum lugar, pra minha terra Natal, RN. (...) Não vou dizer que passo mal aqui e <b>tô morrendo de fome? Não, de jeito nenhum. A gente só passa melhor quando tá na casa da gente,</b> tendo condições né? (...)Eu digo o seguinte, tô satisfeito, até aqui <b>não tive quase escolha,</b> mas o que <b>eu sinto aqui é saudade da minha terra, quero voltar pra minha terra natal, RN.</b> (...)Aqui eu tô, tô aqui na espera que esse pessoal me dê a minha saída, que <b>quero ir embora pro meu lugar.</b> (...)Achei estranho que me jogaram aqui pro outro lado, aí fiquei na minha, na minha situação. Seja o que Deus quiser. Não matei, nem roubei, não assaltei ninguém, <b>quero viver minha vida em paz e no dia que sair daqui, sair em paz,</b> como pessoa de bem. "
	P19: " <b>É muito bom aqui,</b> muito bom mesmo, muito bom. Graças a Deus, não me falta nada, eu tenho tudo, boa dormida, mas é o seguinte, <b>eu tenho vontade de ir embora. É, o cantinho da gente é melhor,</b> a gente tá mais à vontade né? (...) A Dona Sheila [dona da ILPI - nome fictício] é uma pessoa muito boa, graças a Deus. <b>Não falta nada pra gente,</b> temos tudo nas mãos, a dormidinha é boa, ventilador na cabeceira da cama, bom demais. Mas <b>é porque eu quero ir embora mesmo.</b> (...)O que eu penso daqui é ir embora. Só isso. <b>Todo dia penso em ir embora.</b> (...)Não tenho mais casa, mas vou alugar um canto pra mim, se Deus quiser. <b>Um cantinho da gente é tão bonzinho, a gente se deita e se levanta a hora que quer, é muito melhor a gente estar no cantinho da gente.</b> "
	P7: "(...). Com o passar dos dias, <b>todo dia eu tinha vontade de ir embora,</b> não tinha nada que me agradasse. Até que foi indo e eu fui amadurecendo mais do que já sou madura e <b>fui me adaptando.</b> Ainda não estou adaptada não, tem 1 ano já. Pelo meu gosto, <b>se dependesse só de mim, eu não vivia aqui.</b> "
2.2.3 Ruim	
2.3.1 Positivo comparado ao passado.	P8: "Eu me sinto muito bem aqui. Às vezes, elas me perguntam o que fiz na vida. <b>A melhor vida que eu tive foi aqui e tô vivendo atualmente,</b> aqui (...). Fora, <b>eu vivia cheia de preocupação, aqui eu tô bem à vontade,</b> ninguém diz nada comigo, nem eu digo com ninguém, se o povo tem medo de mim eu não sei [risos]. Tem gente que não gosta não.".

	<p>P21: "<b>Eu me sinto feliz nessa casa.</b> Senão, eu tava no meio da rua.(...) Tô feliz de estar aqui dentro, graças a Deus. (...) Aqui eu tenho sossego né? (...) <b>Não tinha sossego no meio da rua.</b>"</p>
	<p>P11: "Aqui é bom demais. Eu sofria... (...) Aqui é bem melhor. Estou aqui há 5 anos. (...) É isso aí. <b>Eu não tinha saúde antes, passava mal, sofria.</b> (...) <b>Agora tem tudo, tem saúde, tem comida, tem carinho, tem visita, tem festinha.</b>"</p>
	<p>P12: "Eu tô bem demais, paz aqui eu tenho. Desde os 18 anos que eu trabalho em casa de família e <b>aqui eu descanso,</b> graças a Deus.(...) <b>Minha vida nunca teve tanto amor e carinho.</b> "</p>
<p>2.3.2 Negativo/não tão positivo se comparado ao passado</p>	<p>P6: "Eu já disse que eu gosto daqui, que aqui é bom e pra mim, <b>se eu morasse aqui só, como eu morava na minha casa, eu adorava.</b>"</p>
	<p>"P14:" [a ILPI é como se fosse...] Minha casa, né?(...) Casa dos meus pais, comparavelmente é assim. Mas a <b>casa da minha mãe é muito melhor.</b>"</p>
	<p>P17: "Quando eu vim pra cá, <b>era mais animado né,</b> vou só dizer assim, era mais animado, a gente dançava muito, disso eu me lembrei, dos velinhos dançando.(...) Um lugar muito bom, um lugar sadio. (...) Eu gosto daqui. Eu já disse, é como eu me sentia, assim, num lugar agradável né? Onde as pessoas se divertiam, as velhinhas se divertiam muito. Agora ainda tem alguma coisa, mas é muito diferente. (...) <b>eu gostava daqui porque é agradável, a gente brincava muito, tinha muita gente com quem a gente se comunicava.</b>"</p>

Quadro 11 – Subcategorias e unidades de análise da categoria (modos de se referir à vida na ILPI e sentidos atribuídos à vida na ILPI)

SUBCATEGORIAS	UNIDADE DE ANÁLISE	
1.2 Relação entre os idosos residentes	1.2.1 Cooperação	<p>P17: [idosa com quem é mais apegada]"De repente a que a gente mora mais perto, por exemplo, uma vizinha que <b>sempre levo e trago ela pro refeitório</b> [risos].(...)Porque ela conversa muito, é muito legal, assim, <b>muito comunicativa</b>.(...) Gosto, porque <b>eu tenho dificuldade de me comunicar</b>, aí eu gosto que alguém... [Complete?] Me complete, isso."</p> <p>P18: "<b>Se precisar de ajuda, tenho alguém. Se precisarem de ajuda, eu ajudo.</b> Eu gosto muito de ajudar."</p> <p>P14: "Eu me sinto bem, ninguém mexe comigo, nem eu mexo com eles. <b>Tenho paciência com os outros seres humanos</b>, com a vida. Eu me sinto bem. Uma senhora dessa aí é gente boa, <b>eu respeito</b> como se fosse minha mãe, apesar de ser mais nova, não sei. (...) Sendo de boa conduta, em qualquer canto a gente se dá bem com as pessoas."</p> <p>P13: "Gosto de todas; nenhuma me faz mal.(...) Sou mais apegada à Stelinha. (...) <b>Porque ela é aleijada.</b>"</p> <p>P19: "Tem só duas que sou bem apegada.(...) Aquela mais nova, altona. É <b>mesmo que minha mãe</b>.(...) Ela <b>faz tudo por mim</b>, só diz que não faz mais, porque não pode. (...)ela tem 56 anos, mas tem problema de cabeça. Tem tempo que ela tá bem boa, tem tempo que ela tá bem doente. (...) A outra é aquela gordinha engraçadinha. Eu gosto dela muito. (...)Sabe de nada, mesmo que inocente ela. (...) Eu gosto muito delas.(...) <b>Ela faz tudo por mim</b>.(...) <b>é muito legal comigo</b>, começou a sentar junto comigo. Eu peço pra ela pegar minha calça, eu ponho pra enxugar, aí ela corre, vai buscar. Muitas vezes, quando vou me deitar, vê se a cama tá ajeitadinha, ela vem na frente, bota um pano e diz 'taí, tá tudo direitinho'. Quando vou tomar banho de manhã, ela fica assim encostada na parede do banheiro e diz que tá tudo lá. Tudo isso faz a gente se apegar né?"</p>
	1.2.2 Conflitos	<p>P21: "Tem muitos que eu gosto, agora tem outros que eu não gosto não! <b>Tem uns que gostam de conversar, gosta de brigar</b>, tem uns calmos. Tem uns que eu gosto, não é todos que eu gosto não, não vou mentir. Eu não gosto de mentira"</p> <p>P19: "Bem. <b>Tem dias que elas [as outras idosas] estão meio torcidas com a gente</b>, porque você sabe que são de mais idade que a gente né? A gente tem mais é que dissimular né? Parece que não aconteceu nada.(...) Tem uma assim do meu lado <b>que chama nome</b>, quando é à noite, assim, de madrugada, ela já começa a chamar os nomes dela. <b>Aí vou reclamar, e ela fala um horror de coisa, ela baba em cima de mim.</b> "Mulher deixa disso, tu já tem idade." Mas depois vai cada um pro seu lado."</p>

	<p>P9: "E eu gosto muito de conversar com a pessoa [psicóloga], sabe? Que me entende, sabe? <b>Porque aqui a gente conversa e ‘ai, tu só fala besteira, tu tá é com história’.</b> "</p>
1.2.3 Solidão	<p>P6: "Às vezes, ali tem duas pessoas, não tem ninguém. Antigamente, tinha mais pessoas, era a sala cheia de gente, ligava, falava, era bom demais. Agora, acabou-se. <b>Aqui nós somos 7 velhas doentes, nenhuma fala uma com a outra, é tudo morta nos seus cantos.</b> Eu me sinto feliz, porque nunca fui de me zangar, de brigar, nunca fui dessas coisas. A pessoa vem com um fuxico, faz de conta que não escutei. Não tenho raiva de ninguém, graças a Deus, eu sou feliz. (...) quando cheguei aqui, eu dizia a todo mundo que me perguntava se eu tava gostando daqui, que eu achava o céu. Mas agora, pelo amor de Deus, <b>a casa se acabou, não tem mais ninguém aqui, umas quatro pessoas.</b> (...) Agora não tem ninguém, as portas todas fechadas. <b>Aí eu me sinto mal com isso, porque não tem ninguém.</b>"</p>
1.2.4 Carinho, amizade	<p>P7: "Bem, não tenho nada a reclamar não. Eu sei conquistar, tá entendendo? E sei aceitar como você é, mesmo que eu não tenha aquele... Eu recebo aqui como assim um <b>carinho</b>, tá entendendo? Sempre com o sorriso no lábio, pra <b>não maltratar ninguém, sem ser grosseira com ninguém.</b> (...) Um lugar bom é um lugar de todos, que tem aquele <b>apoio</b>, aquela <b>amizade</b>, aquele <b>sentimento de bondade entre todos.</b> Eu não me acho melhor, porque eu não ando, eu não saio, não chego nem naquele portão lá da frente, porque só saio se for com a minha procuradora. Sabe? Só ando se for de carro, não tenho com quem andar, é todo tempo aqui dentro."</p> <p>P6: "Eu <b>sou amiga de todo mundo</b>, uma que eu não ando na casa de ninguém, ninguém vai na minha casa [risos], quando a gente se encontra, a gente fala ‘bom dia’, ‘boa tarde’, ‘como vai’, ‘tudo bem’."</p> <p>P5: "Tão bom quando a gente mora vizinho, não mora intrigado com ninguém, <b>tudo é amigo</b>"</p> <p>P16: "Aqui <b>o pessoal tudo são bom</b>, do mais novo ao mais velho, <b>tudo é unido.</b>"</p> <p>P12: "Eu <b>me dou muito bem com minhas companheiras</b>, graças a Deus. [mais apegada] A Ana [nome fictício].(...)Desde que cheguei aqui, conheci ela, ela me trata muito bem.(...) Foi minha primeira amiga aqui dentro."</p> <p>P11:"Gosto de tudinho.[mais apegada] É à Stela [nome fictício], que tá lá fora. Porque ela fica mais eu, ri tanto.(...) É. Uma mangadeira [risos].(...) Fica mangando da gente"</p>

1.3 Relação entre os idosos e os funcionári os	1.3.1 Sentir-se cuidado (a)	P6: "Assistência. Nós temos <b>assistência médica</b> . Temos... Sempre tem festas, <b>não faltam brincadeiras</b> , essas coisas. É até o que alivia, entendeu? É o que me alivia. Porque eu fico, às vezes, olhando, compartilhando, mas não posso fazer o que tenho vontade, porque as pernas não deixam, <b>dependo de uma pessoa pra me segurar</b> . Tenho a muleta, mas tem que ter uma pessoa do outro lado, entende? E... É."
		P5: "Deus olha para os pobres. (...) Nem todos tem um bom coração pra ver a pessoa de idade que vem doente e pode comprar um remédio. Hoje, agradeço a Deus que tô dentro, <b>pelos remédios que elas me dão</b> . A gente deve orar e louvar a Deus, sem pensar na doença."
		P14: "O que penso é o que vi aqui o progresso, as coisas aqui, a bondade das pessoas, o pessoal é maravilhoso, é um pessoal bom, né? E daí por diante, <b>a gente tem que dar valor às pessoas que cuidam da gente</b> , que vivem na terra natal deles. Eu tenho que dar valor a eles. (...) É um pessoal bom, que não mexe com ninguém, trata a gente... Me trata mais ou menos, não é muito bem, mas também <b>não passo mal não</b> . "
		P16: "Gosto de todo mundo aqui, as enfermeiras todas são boas, <b>ficam indo não sei quantas vezes no quarto da gente olhar</b> . Eu acho bom."
		P13: "[funcionário com quem é mais apegada] Tem a Sarah [nome fictício] aqui. (...) Porque ela me trata muito bem, me ajuda muito. <b>Quando tô doente, ela tá sempre perto</b> . Ela é uma bênção..."
		P12: " <b>Cuidam de mim</b> , as meninas me tratam bem, eu gosto de todas elas, graças a Deus. (...) Aqui eu me sinto bem, durmo bem e me alimento bem. <b>Tenho remédio</b> , graças a Deus."
1.3.2 Comparação do funcionário com alguém da família	P6: "Aqui tem um [funcionário] que quando fico com ela, eu me sinto bem, me sinto bem mesmo. Tem mais, mas tem uma que não sei por que, quando ela fica aqui, eu me sinto bem como se fosse uma pessoa... <b>Como se fosse minha irmã</b> . (...)É. Aí, eu quero tanto bem a ela, minha filha, <b>como se fosse minha sobrinha</b> . Tanto que tenho uma sobrinha chamada Júlia [nome fictício], e troco o nome da outra por ela. Quando a Júlia vem pra cá, chamo de Marta [nome fictício][risos]."	
	P19: "O que representa pra mim aqui no abrigo sabe o que é? A imagem da dona da casa [risos].(...)Com certeza, ela é uma pessoa muito boa. Pela primeira vez eu ter vindo pra cá, maravilha, maravilha...(...) <b>O que ela me representa é a minha mãe</b> ."	

<p>1.3.3 Características que facilitam ou dificultam a vinculação do idoso com o funcionário</p>	<p>P17: "Eu gosto muito da cozinheira. (...) Porque ela é uma pessoa <b>muito calma</b>, tem umas que se irritam com facilidade e ela não, a Sueli [cozinheira - nome fictício] não. Ela é calma, <b>agradável, gosta de agradecer a todos.</b>"</p> <p>P21: "Pra mim, <b>todos são ótimos</b>, não tenho o que dizer de nenhum. Eu gosto das doutoras, do zelador, gosto de tudinho, respeito a todos. (...) "</p> <p>P16: "[vontade] De ficar boa, né, mulher? E ir pra casa. Vivo bem aqui, porque não tenho intriga com ninguém, todas as duas são boas pra mim, dona Maria [nome fictício]... Não me dão as coisas, mas <b>as pessoas são boas de coração.</b>"</p> <p>P15: "[os profissionais] Também. Eu gosto de todos. (...) <b>Porque são bem educados, tratam a gente muito bem.</b> Não vou dizer nada que não se passa comigo, só digo o que é verdade. (...) Eu gosto de todos, graças a Deus, sou essa pessoa doidinha assim, gosto de todo mundo. <b>Porque todo mundo me trata bem</b>, graças a Deus, sou muito feliz."</p> <p>P14: "Por mim, eles nem são carne nem são peixe. Uns eu conheço, outros eu tenho menos conhecimento, mas <b>não mexo com a vida deles, nem eles mexem com minha vida.</b> Se algum diz uma coisa que não me agrada, deixo pra lá, porque assim a gente vive a vida da gente em paz. (...) Eu gosto das pessoas que não me maltrata com conversa meio chata. Eu gosto de ficar calado, não gosto de maltratar ninguém com conversa não."</p> <p>P3: "[com qual funcionário é mais apegado] É a dona Júlia, a Mara... E a Rita [nomes fictícios] Porque <b>me tratam bem</b>, elas me tratam melhor, dão mais coisas. A Mara <b>me dá um cafezinho [risos], dá comida boa.</b>"</p> <p>P11: [com qual funcionário é mais apegada] Cecília [nome fictício]... Juliana... Gosto dela, amo ela, amo! (...) Porque é boazinha demais. <b>Ela dança, dá carinho</b>, a bichinha é boa. (...) Gosto de tudinho, mas gosto mais da Cecília, há 5 anos já. Ela é <b>tão alegre</b>, dá carinho, dança, <b>canta</b>... É boa demais."</p> <p>P19: "É sim, são ótimos. <b>Eles não dizem nada comigo</b>, como é que eu posso dizer. Não posso dizer nada, eles são ótimos. (...) Dessas aqui ainda não sou muito apegada não, porque elas são meio novatas. Essas não estão nem com 3 meses aqui.(...) <b>A pessoa falou direito comigo, falou brando, não falou com ignorância, me cativa muito.</b> (...) Às vezes, tem gente que cativa mesmo a gente, da gente gostar mesmo da pessoa. <b>Não é por dar nada não, é só pelo jeito da pessoa, cativa a gente.</b>"</p>
<p>1.5.1 Permanê</p>	<p>"P17:" <b>Eu saio toda semana pra casa da minha irmã.</b> Saio sábado e volto segunda-feira. Às vezes, vem me buscar logo sexta-feira e fico por conta [risos]."</p>



<p>1.5 Vínculos fora da ILPI</p>	<p>ncia de vínculos afetivos com pessoas ou lugares fora da ILPI</p>	<p>P4: "Tenho uma <b>nora</b>. [Ela vem] Tem mês e mês."</p> <hr/> <p>P14: "<b>Quero ir embora pra minha casa</b>, vou ver se melhora um pouquinho. Entendeu? (...) Ir lá pra minha casa. É minha casa, tenho muita vontade de ajeitar e vender minha casa, pegar esse dinheirinho, algum dinheiro que arranjar, um sacrifício, e ir embora pra Natal, lá pro Rio Grande do Norte, porque <b>sou de lá, não sou daqui não</b>. (...)É que me trouxeram para cá (...) <b>Minha família</b> é lá no Rio Grande do Norte, <b>quero ir embora pra lá pra ver se minha família me ajuda, meus irmãos e irmãs</b>. (...) <b>Eu quero é voltar pra minha terra natal, ficar lá e resolver minha vida</b> até quando Deus quiser.(...)Eu não matei ninguém, nem furei ninguém, pratiquei crime doloroso com ninguém. <b>Por que não posso voltar pro meu lugar? Tenho que voltar pro meu lugar!</b> Eu tava era trabalhando, minha carteira tá lá assinada na minha casa... (...) cada qual procura o seu destino, como <b>eu procuro ir pra minha terra natal, o meu lugar</b> e ir embora daqui, não quero ficar aqui. Não sei por que eles estão me amarrando desse jeito aqui. Vocês ainda vão explicar né? Quero saber por que eles estão me amarrando aqui dentro, <b>eu quero ir embora daqui!</b>"</p> <hr/> <p>P16: "[vontade]De ficar boa, né, mulher? E <b>ir pra casa</b>. (...) <b>Ajudar minha neta a criar os filhos dela</b>. (...) <b>A minha neta traz massa pra mim, leite pra eu comer mingau</b>, minhas comidas são todas assim de menino pequeno [risos]. (...) Eu vivia mais minha filha, mas ela morreu do coração, aí fui morar mais a minha neta, aí ela tem um filho que morreu. <b>Tenho vontade de encontrar ela, quando sair daqui</b>. (...) [recebe visita?]Domingo. Só lá de casa, da <b>minha neta, é quem cuida de mim</b>. Ontem ela veio lá do Curió pra cá, deixou umas coisas aí. Quero muito bem aos dois meninos dela também, tudo me chama de vó.(...)[sai da ILPI?]Algumas vezes. <b>Domingo agora foram me buscar pra almoçar</b>. (...) <b>Vou pra casa dela</b>, vou almoçar lá no centro. Ela leva pra eu comer fígado, gosto muito."</p> <hr/> <p>P5: "Ah, minha <b>filha</b> sempre vem dia de domingo"</p> <hr/> <p>P15: "[recebe visita?] Eu, demora muito. Minha filha trabalha. Só vem aqui... Já hoje ela ligou pra mim graças a Deus, <b>tô tão feliz que ela ligou pra mim</b>. (...) Foi hoje, graças a Deus, ligou. <b>De vez em quando ela vem fazer umas coisas pra mim, eu gosto</b>.(...) Ela demora, porque trabalha."</p> <hr/> <p>P11: "[recebe visita da família?] Tem, de ano em ano. (...) Meu <b>irmão</b>"</p> <hr/> <p>P19: "<b>Eu sinto saudade da minha mãe</b>, vontade de ver ela.(...) [Chorando] Não sei se ela é viva ou se é morta. Assim mesmo, viva ou morta, eu rezei. (...) nenhum deles [os irmãos] sabem que tô aqui. Se eles soubessem, eu não tava mais aqui não. Eu sou uma pessoa só,</p>
--	--	---

	<p>viúva, por isso que me botaram aqui. <b>Eu tenho só um filho</b>, assim mesmo ele ainda é doente, eu quem sustento, fico cuidando dele. Não sei nem o que esse filho tá fazendo por aí, <b>eu penso de noite, tem noite que eu não durmo</b>, pensando que ele pode se juntar com alguém e fazer a cabeça dele, ele ficar por aí fazendo coisa errada. <b>Eu tô doida pra ir embora pra botar ele dentro de casa e cuidar dele</b>, porque ele era uma pessoa que não saía de casa. Ele não saía de casa nem de noite. Nasceu com problema no espinhaço dele, que atrasou o crescimento, o tratamento dele e ele é epilético também. (...) Mas é só com <b>saudade da minha mãe, longe do meu povo</b>. Aqui eu só tenho <b>uma cunhada e uma sobrinha</b> por parte do esposo. É quem sempre, aqui e acolá, ainda olha pra mim, vem por aqui. Mas é difícil."</p>
	<p>P9: "Aqui é bom, mas tem vezes que eu tô sozinha e <b>me lembro da minha mãe, lembro da minha família</b>, aí eu saio pra ver se eu me sinto melhor, vou conversar, vou olhar os passarinhos. Eu gosto muito de passear, só não gosto mais porque não dá pra eu ficar caminhando, eu já tô velha.(...) Se eu tivesse com a <b>minha família, tinha minha mãe, meus irmãos</b>, aí era melhor né? Eu fico eu e Deus. (...) Quando eu tava com a vista boa, eu saía. Eu ia pra casa duma amiga minha (...)Saio. Por enquanto não to saindo por causa da minha situação que tá muito difícil. Quando eu estiver com meu óculos de grau, eu vou. (...) Vou na casa de uma ex-patroa minha aqui na Antonio Sales "</p>
	<p>P10: "Vontade de ficar boa. <b>Vontade de ver o meu filho. (...) Saudade da minha liberdade. (...)</b> Queria ter minha liberdade."</p>
<p>1.5.2 Ausência de visitas da família</p>	<p>P21: "Todo dia vem visita de fora, mas da gente... <b>A minha [visita] só é Deus</b>. Só Deus que tá mais eu toda hora, todo instante."</p> <p>P13: "[recebe visita da família?] <b>Não</b>. [só de amigos?] É."</p> <p>P12: "[recebe visita da família?] É, <b>tem família não</b>. (...) [recebe visita?] É, de amigos, da igreja evangélica, da minha comunidade".</p> <p>P17: "Olha, depende, porque <b>visita eu não recebo da família</b>, só recebi uma visita da minha família, da minha irmã que veio me buscar de volta [risos]. Foi a única. Agora, visita, por exemplo, das voluntárias, pode ser? Porque é só de quem mais a gente recebe né? Das voluntárias(...)"</p> <p>P10: "[costuma receber visita?] Nunca.(...) <b>Nunca, porque há 10 anos que eu tô aqui e ninguém veio</b>. [vem equipes?]Vem no começo, agora nem tanto."</p> <p>P19: "[com que frequência recebe visita?] <b>De gente minha não</b>. (...) [só] Pessoal de fora, as equipes da Bezerra de Menezes, não sei nem dizer, a equipe da Nossa Senhora das Dores, vem do Montese, vem do Meireles."</p>

Quadro 12 – Subcategorias e unidades de análise da categoria (identificação)

SUBCATEGORIAS	UNIDADE DE ANÁLISE	
3.2.1 Participação, ou não, de atividades na instituição.	P7: "Participo, <b>danço...</b> "	
	P17: "Eu participo de uma <b>atividade de bordado</b> , a gente faz pano de prato pra vender em benefício da casa. (...) Eu também toma conta de dois canteiros de jardim"	
	P21: "Tem é muita, só que a gente não vai. Mas ter, tem. <b>Tem a T.O.; missa na quadra...</b> "	
	P16: "Participo, o pessoal me carrega pela mão, porque não gosto de carrinho não. Vou agarrada na mão até chegar lá. [participa] <b>Da missa, de novena</b> que tem aqui, vejo o pessoal dos colégios."	
	P14: "Participo. Todas às vezes o padre vem, reza a <b>missa</b> , já me confessei umas três vezes..."	
	P12: "[tem alguma atividade que participa com frequência?] Eu tenho não, mas quando tem sou muito comprometida."	
	P9: " <b>Tem uns projetos muito legais aqui, a gente faz</b> , eles criam pra gente. A gente passa a tarde todinha ali, conversa e se diverte. É um sentimento muito bom, a gente esquece tudo o que já passou para trás. Aqui é melhor pra gente né? (...) Quando eu tava boa da vista, eu fazia tapete, eu fazia crochê (...). <b>Eu fazia crochê e pano de prato</b> , mas uma irmã que bordava aqui, uma senhora, dava muito pra gente fazer crochê, ela foi embora e não faço mais. (...) Não participo mais (...)"	
	P6: Eu quando cheguei aqui, trabalhava. Quando cheguei aqui, não tinha porteiro não, eram as velhas que estavam aqui. (...) Era bom, eu adorava [risos] (...) <b>eu trabalhava na portaria e ajudava as meninas daqui</b> , quando cheguei aqui (...) Eu ajudava as meninas, não essas aqui [as idosas], <b>ajudava na cozinha, carregava as comidas do carro pra lá e pra cá, a merenda, o café da manhã, o almoço e a janta. Aí era uma beleza.</b> (...)"	
	E2: "É, fazer ginástica, dança e informática..."	
P11: "Quem sabe quando eu ficar boa faça alguma coisa."		
3.2.2 Modos de se referir a instituição	3.2.2.1 Percepção negativa	
	3.2.2.2 Percepções positivas	P7: "Que é uma casa muito boa, uma <b>casa recomendável...</b> Uma casa que tem muita coisa, <b>tem muita segurança...</b> "
		P6: " <b>É como se fosse um céu, estar no céu.</b> (...) Hoje. Hoje, amanhã e sempre"
		P21: "Chegando aqui com a necessidade, fica morando aqui. <b>Apoiam todo mundo pra morar aqui.</b> Aqui tem aleijado, tem cego, tem padre... É uma casa muito boa. Uma casa muito abençoada por Deus, apoia todo mundo, <b>tanto faz pagar como não pagar</b> , apoia. (...)"
		P9: "Um sítio assim... Com muita... De manhã cedo, a gente acorda, os passarinhos todos cantando, lugar pra gente passear. (...) Pronto, eu represento como se fosse uma casa de fazenda, né? Porque tem muito alpendre, assim, é <b>muito bonito</b> , sabe? <b>É uma coisa maravilhosa.</b> (...) <b>Aqui é muito bom ao ar livre.</b> "
		P12: "Aqui é um <b>pedaço do céu</b> "
		P7: " <b>Meu quarto</b> [risos]. (...) Porque é só onde eu posso ficar, é meu, eu

3.2.3 Estrutura física da instituição	3.2.3.2 Lugares preferidos dentro da ILPI	<p>recebo quem eu quero. É só. Recebo amigos..."</p> <p>P6:"O único lugar que eu gostei de passar minha vida todinha foi ali na <b>minha cama</b> [risos]. (...) Porque eu me sinto bem, à vontade. Antigamente, eu achava meu quarto, o quarto dos outros, mas agora eu acho a cama."</p> <p>P5: "<b>Na quadra</b> [Por quê?] Passeia, a gente fica menos parada, tem festa, fica ouvindo a palavra. (...) É. Vem jovem com violão, canta hino e explica a palavra pra gente."</p> <p>P4: "<b>Gosto de todos os lugares</b>, só não nas portas alheias"</p> <p>P16: "Eu gosto do <b>alpendre</b>. Só vivo acolá sentada, (...) Eu <b>gosto de todo canto</b>, minha filha. Eu só vivo mais lá, porque não posso andar. Se eu pudesse, andava por aqui por todo canto. (...) Se eu pudesse andava isso aqui tudinho, todo dia. [porque fica no alpendre] Porque é mais divertido, <b>vejo o pessoal entrando naquele portão</b>.(...) É, se eu ficar só olhando pra aqui vai ter um bocado de velha acamada na outra casa [risos].(...) Eu vejo os carros chegando, quando saem as pessoas pra ir embora, quando chegam de manhã, que eu tomo o café bem cedo, tomo banho e <b>me sento ali pra olhar o pessoal chegar no trabalho</b>."</p> <p>P15: "<b>O alpendre</b>, que eu também gosto de me sentar ali. (...) [segundo lugar preferido] <b>Meu quarto</b>. Aonde vou me deitar, tô mole e me deito, descanso, aí vou almoçar, vou jantar. (...) É. <b>Porque no quarto, estou deitadinha, risonando, pensando nas coisas boas que já passei</b>; hoje não passo mais, que tô velha já, aí me aquieto, fico no meu canto. [porque é bom ficar no alpendre]<b>Porque chega o pessoal, fala com a gente, a gente tem amizades</b>. Eu gosto assim de conversa, aí eu gosto."</p> <p>P14: "Eu tô aqui dentro e só durmo de noite, de dia não durmo. Só um cochilozinho de dia e pronto, não vou me deitar não, <b>eu fico lá onde tem aqueles cajueiros, por ali</b>.(...) Isso é meio-dia, depois do almoço.(...)Gosto de ficar ali. Só durmo de noite. (...) <b>Eu gosto de ficar no canto que dá certo eu ficar, não todo canto</b>, fico por ali mesmo."</p> <p>P11: "Minha <b>caminha</b>. (...) E <b>no almoço</b> (...). Porque é bom, isso é bom. (...) aqui é bom, a sala é boa [risos], o banho é bom também"</p> <p>P12: "No meu <b>quarto</b> (...). Onde tenho meu repouso. (...) <b>Na área</b> , fico a manhã toda"</p> <p>P9: "[lugar que fica com frequência] Às vezes, de manhã, eu fico no meu quarto, quando não, eu fico sentada no corredor. (...) Cada um tem o seu quarto. (...) <b>Eu gosto do meu quarto</b>. Porque lá eu me deito, <b>a gente fica à vontade. Eu gosto também mais é de ficar lá fora</b>. (...)"</p>
---------------------------------------	---	--

		P18: "Meu quarto"
		P10: "[lugar que prefere ficar] Peço pra vir pra cama. (...) Eu também <b>gosto do salão</b> . (...) Depois é que venho pra cama. (...) A cama pra eu deitar.(...) Porque fica mais à vontade do que na cama.(...) [a cama é o lugar que menos gosta?] É. Só gosto é de dormir mesmo.
		P13: " <b>Na minha arezinha</b> , na minha área. (...) Na <b>cama</b> . (...) Pra descansar"
	3.2.2.3 Lugar que permanece por não ter outra opção dentro da ILPI	P19: "[dois lugares preferidos na ILPI] Bom, só lá mesmo no galpão onde a gente fica. (...) A gente passa o dia lá, depois vem se deitar 10 horas. (...) Segundo lugar? Ah, tem que ser aqui onde a gente vem dormir né? [risos](...) É, <b>a gente tem que gostar dali</b> [do galpão], <b>porque não tem outro lugar</b> [risos]. Tem que ficar ali mesmo né? [Risos] (...) [Risos] Tem um ano e três meses que eu tô aqui e eu não gosto muito dali não, daquele galpão. (...) Eu gosto [de ficar no galpão], o negócio é que quero dizer que <b>a gente fica só naquele canto, só vai de lá pro banheiro, não tem pra onde ir mais</b> . Aqueles quintais que tem ali é do dono, ele não quer nem que a gente siga pra ali não. O que a gente faz é ir dormir ou ir então pro banheiro."
	3.2.2.4 Lugar que menos gosta de ficar dentro da ILPI	P17: " <b>Portaria</b> [risos]. Não gosto, não sei por que, mas eu não gosto." P21: " <b>Não gosto de ficar dentro do quarto</b> não. (...) Porque tem briga, tem confusão, não gosto não." P9: "É <b>nessa sala aqui que não gosto de ficar</b> . Sempre que eu tô melhor, vou lá pra fora. Ali é fresco, <b>aqui é muito quente</b> . Aqui é bom pra assistir televisão."

Quadro 13 – Subcategorias e unidades de análise da categoria (apropriação)

### 3.2 TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL - SER I (44 min.)

**(escrita em negrito: fala da pesquisadora/ajudantes de pesquisa)**

**O que a gente queria com vocês hoje é uma coisa rápida, certo? Pra vocês não ficarem, assim, cansadas, pra responder o questionário, as perguntas que a gente vai fazer pra vocês. A gente queria saber se vocês têm facilidade pra escrever.**

R21 - Eu não escrevo não.

**Então, a senhora vai falando e aí a gente vai escrevendo, certo?**

R5- Pronto.

**E a dona [nome], consegue escrever?**

R5 - Também não sei escrever não.

**Então pronto, não tem problema. E desenhar alguma coisa?**

R21- Eu, desenhar? Não sei fazer nada.

**Nem assim um pouquinho?**

R21 - Não.

**A dona [nome] desenha.**

R4 - Alguma coisinha a gente faz.

**E a senhora também desenha? Dá pra desenhar?**

R21 - A gente faz qualquer coisa.

**Pronto. Aí, pra senhora, dona [nome], eu faço com a senhora, certo? A gente vai fazer em grupo essa primeira pergunta do questionário é vocês fazerem um desenho da forma como vocês veem o [nome da ILPI], da forma como vocês se sentem aqui. Certo? Como vocês sentem e veem o [nome da ILPI] em forma de desenho, não existe desenho certo, desenho errado.**

R21 - Uma casa né?

**É, uma casa que a senhora vai desenhar.**

R21 - Aqui é uma casa.

**É a forma como a senhora vê isso?**

R21 - É uma casa.

**Certo. A senhora vai preferir desenhar?**

R21 - Eu não sei fazer não [risos].

**A senhora faz o que sente e vê do [nome da ILPI]**

R4 - Um lugar de recolhida [acolhida], né?

**Pois a senhora desenha aqui.**

R5 -Eu gosto muito assim de fazer rosas...

**Pronto, pode fazer, pois faça o que a senhora quiser.**

R5 - Lá na Igreja que a menina bota pra gente fazer...

**Quando a senhora pensa no [nome da ILPI], a senhora pensa numa rosa, num jardim?**

R5 - A gente faz umas coisinhas poucas né?

**Pronto, pois pode colocar. Não tem problema, não tem certo nem errado. / Desenhe do jeito que a senhora está dizendo. / Qual o nome da senhora completo?**

R21 - [fala o nome]

**Qual a data do seu nascimento?**

R21 - Sou do dia 6 de fevereiro.

**De que ano?**

R21 - Ah, o ano eu não sei não.

**Certo, depois eu vejo isso. Então, da forma como a senhora desenharia seria uma casa?**

R21 - É, uma casa cheia de idosos.

**Eu posso botar aqui?**

R21 - Pode.

**Vou desenhar aqui uma casa...**

R21 - Se eu não estivesse aqui, tava no meio da rua. Nessa casa abrigando a gente...

**Uma casa assim?**

R21 - É, um prédio grande, cheio de gente morando. [nome da ILPI], cheio de gente morando...

**Essas pessoas aqui é como se elas estivessem morando na casa né? Assim?**

R21 - É. Tá bom.

**Mais alguma coisa?**

R21 - Não.

**Tá bom assim?**

[nome do idoso] É o Lar Torres de Melo, uma casa para idoso que apoia a gente pra morar.

**A senhora mora aqui há 8 anos né?**

[nome do idoso] É, bem há 10 anos já.

**Certo. O que a senhora colocou?**

[nome do idoso] Uma casa de recolhimento.

**Tá certo, deixa eu colocar o nome da senhora aqui. A senhora pode colocar?**

[nome do idoso] Eu sei.

**Pois bote o nome da senhora aqui, por favor. [...] Isabel Sampaio Santos né?**

[nome do idoso] É.

**E o nascimento da senhora? Qual foi o dia que a senhora nasceu?**

Dia 21 de maio...

**Escreva aí. [...] Qual foi o dia?**

26/10/10. Dia 10 de outubro.

**Tá bom, dá pra entender.**

Ah, deixa eu botar aqui o mês.

**10/10/26 né?**

É. [...] É que eu não enxergo.

**Pode escrever embaixo, se for mais fácil. É que tá muito pequenininho o espaço. Qual foi o dia do nascimento?**

21 de maio.

**Pronto, a senhora pode escrever aqui assim ó, aqui do lado. / Quer que eu bote?**

[risos] Quero.

**21 de maio... Qual foi o ano?**

Eu não tô bem lembrada, mas sei que agora esse ano tô completando 68 anos, agora em maio.

**E o desenho, terminou?**

Terminei.

**Pronto, pois vamos passar pra próxima, certo? / Dona Isabel tá terminando. Pronto?**

Pronto.

**Vamos passar para a próxima pergunta, a segunda, no caso, que a primeira foi o desenho: qual o significado que tem o desenho que vocês fizeram, pra vocês?**

Assim, é muito ruim pra mim, dizer as coisas; vão responder tudo igual né?

**Mas a senhora diz do seu jeito, não tem problema não. / Não existe certo nem errado, é o jeito da senhora. Quando a senhora olha pra esse desenho que fez, qual o significado que tem pra senhora?**



O significado teórico é que eu estou aqui internada.

**Pois quer que eu coloque ou a senhora quer colocar?**

Como?

**Escrever.**

Posso dizer assim ‘faz assim e assado’, não tenho mais a cabeça boa né?

**Mas a senhora não disse?**

Eu não sei. Eu não sei fazer desenho, a história...

**Não se preocupe, dona Isabel. Não confie em acertar, não existe certo não. A gente tá querendo saber da senhora, como se sente? Se quiser, eu escrevo o significado desse desenho pra senhora.**

O significado do desenho é que eu vim pra cá, tô aqui morando, nessa casa dos idosos né?

**Então, o significado: “estou morando nessa casa”? É isso?**

É.

**E a Dona Francisca?**

Todos nós né?

**Quando a senhora olha pro seu desenho, de uma flor e uma pessoa, qual o significado que tem pra senhora?**

[falas misturadas]

Eu agradeço muito a Deus...

**Pronto, a gente vai escrever tudo isso aqui no questionário. Vamos passar pra próxima, a gente coloca no questionário essas coisas que a senhora tá dizendo.**

[falas misturadas]

**Vamos passar pra próxima. Dona Francisca, vamos botar nesse desenho todo que a senhora fez. Vamos pra outra questão. Vai, Carol, diz. / Olhando pro desenho, qual o sentimento que esse desenho desperta em vocês? / Sentimento, vamos pensar assim, sentimento. Olhe pra ele, pro seu.**

Eu vejo uma casa de idoso cheia de gente morando.

**Mas qual o sentimento?**

É o coração da gente, que a gente pensa né?

**O que ele diz, o que ele sente?**

Eu me sinto feliz nessa casa. Senão, eu tava no meio da rua.

**Sentimento de tratamento?**

Pra saúde né?

**Posso colocar?**

Pode.

**Então, o sentimento que esse desenho desperta na senhora é de tratamento?**

É, senão eu tava no meio da rua, aqui eu tô feliz.

**Certo.**

Tô feliz de estar aqui dentro, graças a Deus.

**E a senhora, dona Francisca, qual o sentimento quando vê esse desenho?**

Eu, quando meu esposo faleceu, a doutora falou que não ia durar nem um mês. Eu agradeço a Deus, porque cheguei aqui desmaiando mesmo.

**Que sentimento é esse?**

É desmaiando, morrendo... Aí, acabou-se o ataque de nervos que eu tinha, que eu não podia nem sair né? Eu desmaiava. E hoje agradeço a Deus, tomo remédio de manhã até de noite. Mas não sinto mais nada.

**Olhe pra cá, dona Francisca. Aqui a senhora desenhou, né isso?**

Foi.

**Diga o sentimento que a senhora tem quando olha pra cá. A senhora sente o quê?**

Eu me sinto como uma menina, quando a gente passa, olha e diz ‘que coisinha linda!’ É, uma florzinha dessa, a gente pode até tirar [risos].

**Certo, plantar também. A senhora planta?**

É verdade. Desde pequena minha mãe dizia que eu era doida por planta, eu via uma coisinha, plantava e nascia. Onde eu moro, sempre planto uma coisinha e pega. Eu gosto muito de plantinhas.

**Pra continuar falando sobre os sentimentos, se a gente fosse definir em 6 palavras que resumissem esses sentimentos que vocês estão tendo agora, pensando na casa, nesse desenho que vocês fizeram.**

6 perguntas né?

**6 palavras que definam. Pode ser qualquer uma. 6 palavras que possam resumir o que vocês estão sentindo quando olham pro desenho de vocês. Vamos olhar para o desenho. A**

**gente escreve aqui. Diga as palavras que refletem seus sentimentos. / Saúde. Feliz... Que mais? Pode ir dizendo. A senhora falou: remédio, saúde. Que mais? Outra palavra.**

Tão bom quando a gente mora vizinho, não mora intrigado com ninguém, tudo é amigo.

**Amizade, posso botar?**

Pode botar, amizade... É muito bom.

**Diga aí outra, não precisa ser a frase, só a palavra.**

Eu agradeço a Deus.

**A senhora lembra de Deus também?**

**[falas misturadas]**

**Ficou bonita a casa? / Feliz. Que mais? Em quais palavras a senhora pensa quando olha pra esse desenho? Feliz, Deus... Casa. Aqui, olhando pra figura. Que mais? Feliz, Deus, casa pra morar...**

Deus abençoe esse lar. Bem feliz.

**[falas misturadas]**

**Pois faça assim, dona Isabel, pare de se preocupar com o que precisa falar e olhe pra essa casa e pense num sentimento que a senhora tem.**

Coisa boa.

**Tem mais alguma coisa?**

Morar.

**Diz outra palavra. A outra é o que, moradia?**

É. Eu moro nessa casa.

**Que mais?**

O que estou sentindo...

**Sentimento é a outra palavra?**

Estou sentindo alegria.

**Alegria, tá vendo? Tá dizendo. Outra palavra... A senhora disse alegria, moradia, feliz...**

**Bastam as palavras.**

Aqui eu tenho sossego né?

**Pode botar sossego?**

Pode botar. Não tinha sossego no meio da rua.

**Então, vamos passar pra próxima?**

Vamos.

**Se alguém perguntasse pra vocês, pras senhoras, o que pensam sobre o Lar Torres de Melo, o que vocês diriam?**

É uma grande casa [de repouso].

Deus olha para os pobres. Hoje não tinha nenhum pobre aqui dentro né? Nem todos tem um bom coração pra ver a pessoa de idade que vem doente e pode comprar um remédio. Hoje, agradeço a Deus que tô dentro, pelos remédios que elas me dão. A gente deve orar e louvar a Deus, sem pensar na doença.

**[falas misturadas]**

**Então, se a senhora fosse falar sobre o que pensa do Lar Torres de Melo, a senhora ia dizer que é de Deus?**

Deus dá muita paciência a nós, pra que a gente possa sempre atravessar essas barreiras e nem todos tem mesmo força. É como Jesus diz: uns bons, outros ruins [tosse]. Se não querem nada com Deus, o que nós podemos fazer né? [tosse]

**Com certeza, vamos passar pra Rita. O que você pensa sobre o Lar Torres de Melo?**

Chegando aqui com a necessidade, fica morando aqui. Apoiam todo mundo pra morar aqui. Aqui tem aleijado, tem cego, tem padre... É uma casa muito boa. Uma casa muito abençoada por Deus, apoia todo mundo, tanto faz pagar como não pagar, apoia.

**Apoia todo mundo?**

Apoia todo mundo aqui, tanto faz pagar como não pagar. Quando (a gente) chega aqui elas botam remédio no soro.

**E se vocês fossem comparar, se vocês dissessem assim: Lar Torres de Melo é como se fosse...**

**O quê?**

Coração de mãe. É o que mais cabe gente.

Se não fosse o poder de Deus, nós não viveríamos nem na Terra né? Deus disse: Felizes aqueles que confiam no Senhor.

**Pra senhora seria comparado com o quê?**

O caminho de Deus.

**Se a gente fosse dizer assim, o Lar Torres de Melo é grande né? Dois lugares que vocês preferem estar aqui?**

Eu, por mim, como às vezes digo pra doutora, eu tô aqui, porque eu desmaiava, cheguei aqui desmaiada...

**Mas e aqui na instituição, dona Francisca?**

Eu morava com minha filha no Antônio Bezerra né?

**Mas a senhora veio pra cá né? Aqui, onde você costuma ficar? Aqui é grande né? A senhora prefere ficar ali no seu quarto?**

Meu quarto.

**A dona Francisca é no corredor, né?**

É.

**Dona Francisca falou perto do quarto.**

Naquela vila mesmo.

**Pronto, na vila. E o segundo lugar?**

Na frente da casa, sentada.

**Certo. E o segundo lugar?**

Na terapia, passeio de manhã na terapia.

**Fisioterapia né lá?**

É. Botam gelo...

**E dona Francisca, qual o segundo lugar que a senhora gosta de ficar, além da vila?**

Eu agradeço muito, vou à Igreja ali ao lado. O padre explica a palavra pra gente, a gente pega a bíblia.

**Auditório?**

**[falas misturadas]**

**Essa pergunta vou fazer já, mas aqui no Lar, qual o lugar que gosta de ficar?**

Tem um lugarzinho onde a gente faz as orações.

**Onde, no seu quarto?**

No meu quarto.

**E ali por perto do corredor, não é isso?**

É. Na quadra. Bote aí. Vem muita jovem explicar a palavra.

**E desses lugares, dona Francisca, olha aqui pra mim, qual o que vocês mais gostam?**

É da quadra, quando tem festinha. Na terapia...

**E a senhora, gosta mais de que lugar da instituição?**

Na quadra.

**Por quê?**

Passeia, a gente fica menos parada, tem festa, fica ouvindo a palavra.

**Na quadra porque se diverte é?**

É. Vem jovem com violão, canta hino e explica a palavra pra gente.

**A senhora gosta da quadra por quê?**

Não gosto de ficar dentro do quarto não.

**Por que não?**

Porque tem briga, tem confusão, não gosto não.

**Certo. E que menos gostam, onde é, daqui?**

**[falas misturadas]**

Aqui eu gosto de tudo.

**Mas se tiver um lugar assim?**

Agora, uma missa, eu não venho assistir uma missa com padre...

**Na capela né?**

Eu já sou crente, então prefiro outro canto.

**Agora vamos falar sabe de quê? E sobre visita, qual a frequência que vocês recebem visitas aqui?**

Todo dia.

**E a senhora?**

É do mesmo jeito. Vêm muitos, saem nas portas da gente, vão de porta em porta.

A minha (visita) só é Deus. Só Deus que tá mais eu toda hora, todo instante.

Tenho uma nora.

**E a nora vem de quanto em quanto tempo?**

Tem mês e mês.

**Quem sai da instituição aqui? / Só uma perguntinha: e a visita que vocês falam de todo dia?**

É um pessoal de fora.

**E da família?**

Ah, minha filha sempre vem dia de domingo.

**E a senhora?**

Vem uma ou duas vezes na semana.

Tem uma que vem toda semana.

**Semanalmente né? Certo. E vocês costumam sair daqui do Lar?**

Aqui só deixam a gente sair se for mesmo pela morte.

Tem passeio pra praia, pra todo canto.

**A senhora sai com o médico pra visitar a família?**

Saio.

Não.

Eu não saio, porque eu sou doente. Mas se eu fosse boa de saúde, saía.

**[falas misturadas]**

Depois que meu esposo faleceu, não gosto não.

Quando cheguei aqui, eu saía pra todo lugar.

**Mas hoje não sai mais não?**

Não, fico só dentro de casa.

A gente vai pras praias.

**E as atividades? Como é?**

Tem atividade não.

**Vocês participam de alguma?**

Nada. Eu não faço nada.

**Não né?**

Fazer crochê, essas coisas, não tô mais nem fazendo.

**Não tem atividade?**

Não, eu não tô fazendo nada.

**Mas vocês não têm nenhuma atividade frequente aqui não?**

Não.

**Só comer e dormir?**

Tem é muita, só que a gente não vai. Mas ter, tem. Tem a T.O.; missa na quadra...

**Em relação às pessoas que moram aqui, com relação aos outros idosos e idosas, como vocês se sentem aqui?**

A gente se fala, é.

**A senhora se sente como?**

Conversam com a gente, dão bom dia, boa tarde.

**Como a senhora se sente com relação aos outros idosos?**

Porque Deus disse né, que a palavra de Deus é uma só, chega uma pessoa e diz: dona Francisca, você é católica, e a senhora é crente, visitante, tudo bem, minha filha.

**Mas com relação aos outros idosos, dona Francisca, que moram aqui no lar. Como a senhora se sente?**

Bem, tudo bom.

**Tem algum idoso que a senhora é mais apegada? A senhora lembra de algum?**

**[falas misturadas]**

Tem muitos que eu gosto, agora tem outros que eu não gosto não! Tem uns que gostam de conversar, gosta de briga, tem uns calmos. Tem uns que eu gosto, não é todos que eu gosto não, não vou mentir. Eu não gosto de mentira.

**Tem uns mais calmos e que gostam de conversar, não é isso?**

É.

**Tem alguns que você é mais apegada?**

Não. Tem não. Eu converso com tudinho, com os que eu gosto, mas ser apegada eu mesma não.

**Nenhum né? Certo. E com relação aos profissionais que trabalham aqui?**

Pra mim, todos são ótimos, não tenho o que dizer de nenhum. Eu gosto das doutoras, do zelador, gosto de tudinho, respeito a todos.

**Tem algum que a senhora é mais apegada?**

Não. Tudo é igual.

Eles perguntam como a gente tá.

**A senhora se sente bem com relação aos profissionais?**

Sim.

**Tem algum preferido?**

Tem o Bastião, que é da Assembleia de Deus também.

Ela tá falando é dos profissionais!

Tem o Sebastião também porque ele é um servo de Deus.

**É que alguns, Dona Francisca, trabalham aqui né?**

Ela não entende o que tu tá dizendo não.

Os que vão lá visitar, a gente recebe, né?



**Eu digo assim, dos profissionais que trabalham aqui, dos cuidadores, tem algum preferido?**

**Tá, então não tem nenhum preferido não né?**

Chega um velho e diz: como é que vai, dona Francisca? Eu digo: tudo bem. Aí as meninas dizem: Francisca é doida. Sou doida e meia! [risos]

**[falas misturadas]**

Meu pai me botou no colégio, mas eu não aprendi nada.

**E a senhora estudou?**

Só o primeiro ano, mas depois que aceitei Jesus, eu pego a bíblia e leio.

**Primeiro ano do científico?**

Foi só a primeira série. Mas graças a Deus, aprendi a ler Deus né?

Qual a idade da senhora, dona Francisca?

68 anos.

**[falas misturadas]**

A minha identidade tá aí, sou do dia 6 de fevereiro.

**Qual a profissão da senhora, dona Francisca?**

Mesmo quando eu não morava aqui, eu gostava muito de bordar na máquina. Fazia bordado. Mas adoeci da cabeça...

**A senhora era dona de casa?**

Era, tinha minha casa, tinha tudo. Mas meu esposo faleceu, aí fiquei desmaiando e a doutora me pegou e trouxe pra cá. Tem 3 anos que ele morreu.

**Qual sua profissão?**

Doméstica.

**Quanto tempo vocês estão aposentadas?**

Faz um ano e meio, mais ou menos, eu cheguei aqui não era aposentada não. Depois, durei muitos anos, aí me aposentei.

**E a senhora?**

Faz 3 anos que tô aqui, eu pago também o aluguel.

**Vocês recebem quanto mensalmente?**

Eu nem sei dizer quando a gente recebe, porque meu dinheiro fica na mão da (?), eu não levo pro quarto.

**Mas é o que, um salário?**

É um salário.

Desde que me aposentei, não recebi ainda da mão da (?) nem 10 centavos. Meu dinheiro todinho tá na mão dela. Todinho! Eu não tenho onde guardar. E ela diz: deixe aqui.

**[falas misturadas]**

**A senhora disse que já mora aqui há 8 anos é?**

Há 10 anos, mais ou menos. Se eu quero comprar alguma coisa pra mim, eu peço a ela. Ela compra...

**E a senhora, dona Francisca?**

Eu, do mesmo jeito.

**Mas é um salário?**

Um salário.

**E faz quanto tempo que a senhora tá aqui mesmo?**

3 anos. Graças a Deus né...

**Pronto. Terminamos. Faltam só assinar aqui.**

**[falas misturadas]**

[nome do idoso], **isso aqui é um termo de consentimento livre. O que é isso? É um papelzinho dizendo que vocês participaram aqui da pesquisa que a Carol vai olhar e trabalhar em cima da pesquisa de vocês, fazer uma pesquisa pra faculdade pra dizer que vocês concordam com que ela pode trabalhar com esse questionário que vocês fizeram, com desenhos, certo? Aí, quem consegue assinar... Basta esse aqui Carol? / É, esse daqui: assinatura. Deixa eu mostrar pra senhora o que é pra assinar, dona Francisca. Aqui, pra senhora assinar nesse x o seu nome.**

Aqui em baixo né?

**Nesse Xzinho aqui ó, nessa linha onde seta o x. Consegue?**

Ah...

**O nome da senhora?**

Maria Rita Brito de Souza. Brito é minha mãe e Souza é meu pai.

**Hunrrum...**

Tem gente que chega aqui e até o nome muda.

**É?**

Eu não mudo nome não, o nome que minha mãe me batizou é o que eu me chamo.

**Certo.**

Batizou com Maria Rita, eu vou morrer com Maria Rita.

**Tá certo. Isabel Sampaio Santos...** [nome do idoso] **É o nome completo?**

É.

**O RG de vocês tá com vocês?**

O que é o RG?

**A identidade.**

A minha tá na mão da (?).

Eu tô com a minha.

**Pronto, quando a gente for lá pro quarto, a gente pega o número do RG de vocês, tá bom?**

Tá.

A minha tá comigo, porque quando vou pra igreja, eu levo.

**Certo. / Deu certo? Assinou aí, Dona Francisca** [nome do idoso] **? Assinou né? / Pronto.**

**Então, a gente vai lá voltar pro quarto e aí eu pego com ela. Pode deixar. É Francisca...?**

Francisca Camila de Souza. [nome do idoso]

**Então, vamos lá que a gente pega o resto das informações né?**

É.

**Da Isabel** [nome do idoso] **tá ok? / Tá faltando RG, só a identidade.**

#### **4.3 TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL SER II (1h20min.)**

Eu não dou opinião, não sou ninguém. Sou novata.

**Como assim a senhora não é ninguém?**

Não vá gravar uma coisa tão malfeita como eu faço.

**Como assim?! Não, não é não... Eu vou trabalhar com vocês hoje um questionário pra vocês falarem um pouquinho sobre como se sentem aqui na Casa São Vicente. Tá bom?**

Eu me sinto bem... Estamos indo.

**Então, pronto. São alguns questionários e queria saber de vocês se conseguem desenhar ou se vocês preferem me dizer e eu fazer isso.**

Ah, eu não desenho, porque tremo o corpo.

**A senhora gostaria de desenhar?**

Desenhar?

**É, eu digo mais ou menos como a gente vai fazer.**

Eu não sei desenhar nada.

**Nada? A senhora quer falar e eu escrevo?**

Eu só sei desenhar com enxada [risos].

**Vou botar o nome de vocês em cada questionário e a gente vai passando pergunta em pergunta e vocês vão dizendo. Certo? Eu queria que vocês ficassem bem à vontade, sem pressa, pra que a gente possa conversar e vocês possam me ajudar com a pesquisa. Estou fazendo essa pesquisa em um lar de cada regional da cidade de Fortaleza. Esse daqui, acho que é a quinta instituição que estou conversando com os idosos. O nome da senhora é dona Cecília [nome do idoso], né isso?**

É.

**Qual o nome completo da senhora?**

Alves da Costa.

[nome do idoso] **Cecília Alves da Costa. Eu sou Costa também, dona Cecília. Qual foi a data que a senhora nasceu?**

22/11/1925.

**A primeira pergunta que vou fazer pra vocês do questionário é vocês representarem em forma de desenho como vocês veem e sentem a Casa São Vicente. Qual imagem poderia representar a forma como a senhora vê a saca e se sente aqui dentro?**

Não achei.

**Vamos pensar um pouquinho.**

Não gosto de dizer essas coisas não [risos].

**Eu quero que vocês fiquem bem à vontade, estamos falando sobre sentimento. Se vocês fossem pensar numa imagem, qual representaria a Casa São Vicente? Pode ser qualquer imagem. [?] Qual o nome da senhora?**

[nome do idoso] Mariana Antunes da Silva.

**A senhora nasceu em que dia?**

Dia 18 de outubro de 1926.

**E a senhora botou seu nome aqui? Botou né? Pronto.**

Eu tenho 90 anos, mas eu tenho uma cabeça que não tem quem pegue nela aqui [risos], boto logo é quente.

**Qual o nome da senhora completo?**

[nome do idoso] Carmosina Bandeira de Melo.

**Bandeira...**

Tá duvidando? Pergunta quem é meu pai?

*Te ajeita... Te ajeita...*

**Qual foi a data que a senhora nasceu [risos]? Ninguém vai ouvir, só quem vai ouvir sou eu.**

20 de dezembro de...

**De que ano?**

Eu sei de tudinho, é que eu tô embananada.

*1920, tu.*

6 de dezembro de 1920.

**6 de dezembro? Tá certo. Dona Carmosina [nome do idoso], se a senhora fosse representar em forma de uma imagem, como a senhora se vê e sente aqui no lar, qual seria essa imagem pra senhora?**

Como é?

**A forma como a senhora vê e sente a Casa São Vicente.**

Eu me sinto muito bem aqui. Às vezes, elas me perguntam o que fiz na vida. A melhor vida que eu tive foi aqui e tô vivendo atualmente, aqui na Casa São Vicente. Fora, eu vivia cheia de preocupação, aqui eu tô bem à vontade, ninguém diz nada comigo, nem eu digo com ninguém, se o povo tem medo de mim eu não sei [risos]. Tem gente que não gosta não.

**A senhora mora aqui há quanto tempo?**

20 anos.

**Isso que a senhora tá me falando, se fosse representar numa imagem, dona Carmosina, qual seria?**

Pra mim, não tenho inimizade com ninguém não.

**Se fosse um desenho, uma foto, qual seria, uma foto de quê?**

Alegria. A maneira que eu sei. Tem dias que eu tô meio... De repente eu mudo, volto, é assim.

**Mas tem alguma imagem que pra senhora representaria isso que a senhora tá dizendo? E a senhora, já pensou em alguma imagem?**

Essa coisa de imagem é como esses retratos pregados na parede?

**Pronto, é como se fosse isso. Mas se fosse isso pra casa São Vicente, qual seria a imagem? A gente tem a foto né, de alguém que a gente gosta...**

Na Casa São Vicente, quando cheguei aqui, eu dizia a todo mundo que me perguntava se eu tava gostando daqui, que eu achava o céu. Mas agora, pelo amor de Deus, a casa se acabou, não tem mais ninguém aqui, umas quatro pessoas. [?] [ruídos]

Olhe, minha filha, eu vou pedir licença, porque minha presença tá ‘coisando’ os outros, com licença, minha filha. Desculpe. Foi um prazer lhe conhecer, mas por causa da minha presença ficam dizendo mentira.

**Dona Carmosina, a senhora fique à vontade.**

Aqui não tem ninguém importante não.

*É fogo, né?*

**Dona Mariana, então se eu conseguisse desenhar aqui, eu faria o céu e agora ele tá abandonado?**

Agora não tem ninguém, as portas todas fechadas. Aí eu me sinto mal com isso, porque não tem ninguém.

**Então, eu poderia desenhar isso, o céu?**

Ainda é um céu, agora eu vivo assim pelas outras, não é por mim não. Por mim, isso aqui é uma maravilha, pra mim.

**Claro, a senhora está falando a forma como se sente. Ainda é um céu, mas tem pouca gente, né isso que incomoda a senhora?**

Às vezes, ali tem duas pessoas, não tem ninguém. Antigamente, tinha mais pessoas, era a sala cheia de gente, ligava, falava, era bom demais. Agora, acabou-se. Aqui nós somos 7 velhas doentes, nenhuma fala uma com a outra, é tudo morta nos seus cantos. Eu me sinto feliz, porque nunca fui de me zangar, de brigar, nunca fui dessas coisas. A pessoa vem com um fuxico, faz de conta que não escutei. Não tenho raiva de ninguém, graças a Deus, eu sou feliz. Eu sempre digo assim, eu nasci e me criei com pai e mãe e meus irmãos, na minha terra eu sofri demais, passei 28 anos incompletos [?] aí, cheguei e fui trabalhar em casa de família pra ver se dava certo, se não desse certo, eu voltava. Rapaz, eu botei na cabeça que ia ter uma casa, ia ter alguma coisa, cheguei aqui trabalhei em 14 casas pra poder achar uma boa [?] [ruídos]. Trabalhei na Aldeota aqui em duas, a casa mais rica que tem é a do Zé Carneiro, lá era bom, mas era trabalho demais.

Não vou mentir, não trabalho pra morrer, eu trabalho pra viver. Eu não tenho folga, não quero não, aí fui embora. Pediram pra ficar, fiquei mais 15 dias. [?] Era cheio de empregado lá, aí eu era a cozinheira, quando completou os 15 dias, eu fui embora. Aí começou a pedir “pelo amor de Deus”, mas não tinha mais jeito não, já tinha dito a ela. Ela disse “ah, Mariana, mas você é muito orgulhosa”. Que orgulho? [?] Fui embora pra perto da Igreja Santa Luzia.

**A senhora tá aqui há quanto tempo?**

12 anos.

[?] [ruídos] [vozes misturadas]

**Dona Mariana, deixa só eu lhe interromper um pouquinho, só pra gente ir escrevendo aqui, aí a gente vai conversando depois, tá bom?**

Certo...

**A senhora sabe de alguma imagem que lembre quando pensa na Casa São Vicente? Qualquer imagem que a senhora possa colocar.**

Quando eu vim pra cá, era mais animado né, vou só dizer assim, era mais animado, a gente dançava muito, disso eu me lembrei, dos velinhos dançando.

**Eu posso desenhar aqui?**

Pode.

**Eu vou fazer o desenho assim. E a senhora, dona Cecília, qual seria o desenho?**

De quê?

**Quando a senhora pensa na Casa São Vicente, qual é a imagem que vem à sua cabeça? Que represente a forma como a senhora vê e sente a casa?**

Minha filha, eu não sei nem te explicar. Porque eu cheguei muito contrariada, chorando muito, não queria aceitar, mas eu não podia, porque eu não tinha mais ninguém em casa.

**A senhora mora aqui há quanto tempo?**

1 ano. Com o passar dos dias, todo dia eu tinha vontade de ir embora, não tinha nada que me agradasse. Até que foi indo e eu fui amadurecendo mais do que já sou madura e fui me adaptando. Ainda não estou adaptada não, tem 1 ano já. Pelo meu gosto, se dependesse só de mim, eu não vivia aqui.

**Certo. Ok. Então, dona Cecília, assim, com esse sentimento que a senhora tem de não estar adaptada ainda, se fosse pra senhora escolher...**

Ah, minha filha, uma série de coisas, mas são coisas que não convém eu comentar, eu te contar, não adianta. Tem coisas restritas, realmente.

**Mas começando assim o questionário, se a senhora fosse imaginar uma foto, uma imagem, um desenho da casa São Vicente, qual seria esse desenho?**

Ah, não sei não... Não tenho a menor ideia, não.

**Então, descreva como a senhora vê e sente a Casa de São Vicente?**

Um lugar muito bom, um lugar sadio...

**Como a senhora se sente mesmo, tá?**

Eu gosto daqui.

Certo. Então, seria um lugar bom e sadio?

É.

**Eu queria que vocês ficassem bem à vontade pra falar como realmente se sentem. Não tem nada de avaliação aqui, tudo o que está sendo falado aqui vai ser mantido em sigilo. Ok?**

**Então... [ruídos] Dona Antônia, o que significa pra senhora esse desenho aqui de dois velhinhos dançando?**

Eu já disse, é como eu me sentia, assim, num lugar agradável né? Onde as pessoas se divertiam, as velhinhas se divertiam muito. Agora ainda tem alguma coisa, mas é muito diferente.

**A senhora gostaria de escrever o que estava falando ou eu mesma escrevo?**

Faz o que você tá fazendo aí.

**Ok, e a senhora, dona Mariana? Eu desenhei aqui, digamos, esse céu, que a senhora disse assim que chegou e esse lugar abandonado, que ainda é bom. Quero saber da senhora qual o significado quando pensa nessa imagem de céu e de pouca gente?**

Outro dia veio uma senhora aqui conversar com a gente, se eu morrer e não for pro céu, ficar vagando, eu quero ficar aqui. Porque eu acho bom estar aqui.

**Certo. A minha intenção quando pergunto essas coisas pras senhoras é pra saber um pouquinho da opinião de vocês e a impressão que vocês têm desse lugar, desse espaço. Eu estudo psicologia ambiental, então pra mim é extremamente importante saber como vocês se sentem nesse lugar. Estou fazendo essa pesquisa pra diversos idosos.**

Eu me sinto, graças a Deus, muito bem aqui. [?] [ruídos]

**Dona Mariana, a gente vai fazer o seguinte, vou fazer logo as perguntas pra poder liberar, e aí fico conversando com a senhora. Pode ser? Pra não ficar tão cansativo pra vocês né?**



**Essas são perguntas um pouco mais demoradas mesmo, aí depois rapidinho a gente termina. Pra senhora, a gente desenhou aqui um lugar bom e sadio, qual o significado que tem um lugar bom e sadio?**

Um lugar bom é um lugar que seja agradável, eu me sinta bem, as pessoas que me rodeiam todas eu gosto e... Não tenho muita coisa a dizer não.

**Tá ótimo isso que a senhora falou, dona Cecília. Agora, a gente vai passar pros sentimentos. A dona Antônia falou já. Quando a senhora vê esses dois velhinhos dançando, qual o sentimento que desperta na senhora?**

Assim, a gente fica feliz né? A felicidade é uma coisa muito importante na nossa vida. Que mais?

**Mais alguma coisa?**

Não, só isso.

[Dona Antônia fala sobre outros assuntos – **inaudível**]

Eu não posso ficar muito tempo sentada...

**A senhora vai falando enquanto der, tá dona Cecília? Quando não puder mais, aí vejo com a senhora depois. Dona Cecília, a senhora falou de um lugar bom e sadio, qual o sentimento que desperta na senhora esse lugar bom e sadio?**

Um lugar bom é um lugar de todos, que tem aquele apoio, aquela amizade, aquele sentimento de bondade entre todos. Eu não me acho melhor, porque eu não ando, eu não saio, não chego nem naquele portão lá da frente, porque só saio se for com a minha procuradora. Sabe? Só ando se for de carro, não tenho com quem andar, é todo tempo aqui dentro.

**Certo. Eu vou perguntar isso pra senhora mais na frente. Se a senhora fosse dizer 6 palavras que resumissem sentimentos com relação a esse lugar bom e sadio?**

6 palavras?

**Qualquer palavra.**

Amizade.

**Que mais, dona Cecília?**

Assistência. Nós temos assistência médica. Temos... Sempre tem festas, não faltam brincadeiras, essas coisas. É até o que alivia, entendeu? É o que me alivia. Porque eu fico, às vezes, olhando, compartilhando, mas não posso fazer o que tenho vontade, porque as pernas não deixam, dependendo de uma pessoa pra me segurar. Tenho a muleta, mas tem que ter uma pessoa do outro lado, entende? E... É.

**Pronto, as 6 palavras foram. Se alguém perguntasse: dona Cecília, o que a senhora pensa sobre a Casa de São Vicente, o que a senhora diria?**

Que é uma casa muito boa, uma casa recomendável... Uma casa que tem muita coisa, tem muita segurança...

**E se a senhora fosse comparar a Casa de São Vicente com alguma coisa, com o que a senhora iria comparar?**

Com o hospital que trabalhei.

**Com um hospital?**

É.

**Eu tô falando logo com a dona Cecília, porque como ela tá se sentindo um pouquinho mal, a gente faz... Dona Cecília, quais os dois lugares preferidos pela senhora aqui na Casa de São Vicente? Qual o primeiro lugar preferido?**

Meu quarto.

**E o segundo?**

Meu quarto [risos].

*E o terceiro também né?*

O terceiro também [risos].

**Certo. Por que o quarto da senhora?**

Porque é só onde eu posso ficar, é meu, eu recebo quem eu quero. É só. Recebo amigos...

E o lugar que a senhora menos gosta de ficar aqui?

Que menos gosto?

Menos gosta de ficar.

Bem, você me fez uma pergunta que eu não gostaria de responder.

**Ai, dona Cecília, mas não vai sair daqui não. É tão importante pra gente saber disso. A senhora não quer falar? A senhora pode me dizer só por que a senhora não quer dizer?**

Não.

[risos] **Tá bom. Dona Cecília, com que frequência a senhora recebe visitas aqui?**

Não tem uma data, assim, estipulada, sabe?

**Mas a senhora recebe?**

Recebo.

**Não sabe se é de mês em mês?**

Não, tem muita visita, dá impressão que é todo dia, mas não é. Tem dias que passo é uma semana sem ter.

**Mais de mês a senhora passa sem visita nenhuma?**

Não.

**Mas de semana em semana?**

*[Dona Mariana] Quem é pobre entra só às 8 horas, senão, entra às 6 e sai à noite.*

**Dona Cecília, a senhora sai daqui da instituição? Tem algum momento em que a senhora saia? A senhora nunca sai?**

Saio, quando minha procuradora aparece, quer me levar na casa dela, eu vou, mas é muito raro.

**A senhora sai pra quê? Pra ir pra onde?**

Pra casa da minha procuradora, minha sobrinha. Levanto muito cedo, 5 horas estou acordada pra preparar, pra tirar... Eu tenho incontinência urinária noturna, aí eu acordo cedo, porque a moça quando vai levar as coisas lá, quando volta, trás a fralda pra cá. Porque pro lado de lá não pode, é o refeitório né? Então...

**Certo. A senhora participa de alguma atividade aqui? Tem alguma atividade aqui?**

Participo, danço...

**Que mais? Só dança?**

É, danço.

**Certo.**

Às vezes. Só às vezes. Lembro que quando cheguei aqui tinha...

**Tinha muita coisa né? Como a senhora se sente com as pessoas que morar na instituição, com as outras idosas?**

Bem, não tenho nada a reclamar não. Eu sei conquistar, tá entendendo? E sei aceitar como você é, mesmo que eu não tenha aquele... Eu recebo aqui como assim um carinho, tá entendendo? Sempre com o sorriso no lábio, pra não maltratar ninguém, sem ser grosseira com ninguém.

**Tem alguém que a senhora seja mais apegada?**

Tem, à diretoria. Ainda hoje a diretora esteve na minha casa, brincou comigo que ia carregar o espelho... Tem muitas afinidades.

**Por que a senhora tem afinidade com ela?**

Porque simpatizei na hora que eu vi.

**Simpatia né? E como a senhora se sente com relação aos profissionais que trabalham aqui?**

Isso é uma pergunta também que vou te deixar no ar...

**Não vai querer responder?**

Não.

**Tá ok. Tudo bem. Dona Cecília, a senhora estudou até que série?**

Ginásio. Antigamente, na minha época era o científico.

**Completo? Terminou?**

Completo. Eu sou enfermeira.

**Mas enfermeira curso técnico ou universitária?**

Eu sou formada na escola de Ana Nery no Rio.

**Qual a idade da senhora?**

87.

**E aí sua profissão é enfermeira?**

Enfermeira. Ainda sou.

**E hoje em dia, qual é a ocupação da senhora?**

Ficar deitada numa cama [risos]. Quando não, sentada ali do lado de fora.

**A senhora é aposentada há quanto tempo?**

Ai, minha filha, nem sei te dizer. Porque só em Brasília, quando inaugurou, em 60. Em Brasília morei 25 anos. Depois que aposentei, vim pra Fortaleza. E aqui faz não sei quanto tempo que estou aqui.

**Seria mais ou menos uns 20 anos? Uma média...**

Que estou em Fortaleza?

**Que a senhora tá aposentada.**

Sei não.

**Nem mais ou menos?**

Nem mais ou menos. Depois que eu tive esse problema na perna, a minha cabeça falhou muito.

**Hoje em dia a senhora tem alguma renda mensal?**

Tem a minha aposentadoria e tem alguma coisa.

**Mas me diga, entre 0 a 2 salários mínimos, 2 a 4, mais de 4?**

Menos de 4.

**Dona Cecília, se a senhora quiser que eu vá deixar a senhora...**

Não precisa não.

**Eu chamo alguém?**

Não, eu vou segurando na parede.

**Tem certeza? Pois deixa eu lhe levar aqui.**

Serviu?

**Serviu muito, dona Cecília, muito obrigada. Eu só fui logo pra senhora por estar se sentindo mal da perna.**

Olha como tá inchada!

**Pois é, dona Cecília, eu vi.**

Porque tava dependurada.

**Por isso eu quis fazer logo com a senhora.**

**[Interrupção]**

**Obrigada por terem me esperado. Então, vamos lá. Dona Mariana, quando perguntei qual o sentimento da senhora com relação ao desenho do céu e do lugar abandonado, a senhora falou que se sentia feliz, mesmo sem ser. E se a senhora fosse definir em 6 palavras que resumissem o sentimento da senhora com relação a esse desenho, qual seria?**

Não tô entendendo não.

**Eu não desenhei aqui, mas a senhora falou de um lugar animado, que era como se fosse o céu e de um lugar desanimado, porque tinha pouca gente, pouco movimento. A gente falou qual o sentimento da senhora em relação a esse desenho, de se sentir feliz mesmo sem ser. Aí se a gente fosse falar mais sobre esse sentimento, resumindo em algumas palavras que traduzam a forma como você se sente, quais seriam as palavras?**

Eu me sinto bem, graças a Deus.

**Certo. Na realidade, o que eu quero saber, e com relação à senhora também, dona Antônia, quando fala de dois velhinhos dançando e os sentimentos que se despertam e a senhora falou de felicidade. Quais seriam as 6 palavras que resumissem sentimentos em relação a um desenho ou aos elementos que vocês representaram no desenho? O que é sentimento pra senhora, dona Antônia?**

Felicidade. Alegria.

**Tristeza também é sentimento, amor né? Isso são sentimentos né?**

Eu só sei dizer assim, de pai e mãe é muito bom, barriga cheia é melhor, tendo pai e mãe e barriga cheia é melhor.

**Vixe! [Risos] Legal, legal. Certo, então a senhora falou essa frase, como a gente poderia falar em palavras, 6 que resumissem esse sentimento?**

Não sei.

**Sabe, dona Mariana, só dizer palavras que resumam esse sentimento.**

Eu já disse que eu gosto daqui, que aqui é bom e pra mim, se eu morasse aqui só, como eu morava na minha casa, eu adorava. Eu quando cheguei aqui, trabalhava. Quando cheguei aqui, não tinha porteiro não, eram as velhas que estavam aqui. Um dia era eu, a Ester Rocha, a Toíinha também, a dona Alice que morava aqui, a Dilma que mora lá fora, aquela gorda que tem ali. Eram as velhas que tomavam conta da portaria, não tinha negócio de homem não.

*Eram duas, por exemplo, uma dupla duas vezes por semana.*

Era, não trabalhavam o dia todo não, cada uma trabalhava meio dia. Tinha umas que tinha um dia, outras tinham dois, eu tinha três, três ao meio-dia, durante a semana.

**Aham. E era bom isso?**

Era bom, eu adorava [risos]. Era pra vir 7 horas, 6 e meia eu já tava lá.

Muita coisa perigosa [?]. Um rapaz chegou lá e apontou o revólver.

**Foi mesmo?**

Pra nós não, pra secretária. Entraram...

Mas aquilo ali, Toíinha, foi coisa comprada, foi planejado.

Mas acontece né?

Já tava planejado, o portão tava aberto. Um bando de abestado, não sabe tomar conta daquilo não. O marido da atendente é policial, deram parte à polícia [?]. Aí ficou por isso, roubaram mais de dez mil.

Vixe Maria, foi mesmo?!

Foram trazer o dinheiro das mulheres, pra pagar, trouxeram 7 mil de doação e um cheque.

**Dona Mariana, então a senhora disse que se lembra do trabalho da portaria né?**

É.

**Posso colocar isso aqui como palavra: trabalho?**

Pode, eu trabalhava na portaria e ajudava as meninas daqui, quando cheguei aqui [?].

**A senhora tá falando muito de gente, né dona Mariana, parece que a senhora gosta de muita gente né?**

Eu ajudava as meninas, não essas aqui, ajudava na cozinha, carregava as comidas do carro pra lá e pra cá, a merenda, o café da manhã, o almoço e a janta. Aí era uma beleza.

**Era bom ajudar?**

Ave Maria, eu gostava, adorava. E é porque eu cheguei aqui doente. Quando cheguei aqui eu melhorei, criatura. Eu gostava de ajudar, só agora que não posso fazer nada, mas depois que cheguei aqui, veio o pessoal das faculdades procurar casa de idosos e casa de crianças, ela procurou aqui e veio duas vezes na semana por dois anos, aí quando chegou foi pra todo mundo aprender a ler e a escrever. Deus me livre, quero aprender nada não, velho não aprende nada. E aqui pouca gente sabia ler. As que sabiam ler também foram pra aula. Eu fui, foi só quem aprendeu, foi só eu, eu me interessei. Eu nunca tirei menos de 10, toda vida tirava 10 na prova.

**Eu posso botar aqui então, uma das 6 palavras, aprender?**

Aprender como?

**A senhora não aprendeu a ler?**

Aprendi, mas não leio tudo assim [?].

**Mas dizendo dessas 6 palavras, eu botei aqui que a senhora falou que é *bom*, que gosta, *trabalho*, que a senhora lembrou da portaria, *ajudar*, que a senhora gostava de ajudar... Que mais? Mais 2 palavrinhas. Nada? Não vem nada? A senhora vai pensando aí, que vou perguntar à dona Antônia.**

Eu gostava de trabalhar até no que eu não fazia, arrumava minha casa... [?] Cheguei aqui não podia andar, eu me segurava nas paredes. De qualquer maneira vou morrer amanhã ou depois [?].

**Deixa eu passar aqui pra dona Antônia. A senhora falou dos dois velhinhos dançando e que isso desperta um sentimento de felicidade, certo? Se a senhora fosse falar de 6 palavras que resumissem esse sentimento, quais seriam as palavras, olhando o desenho da senhora?**

Amor. Amizade. Saúde. Alegria. Na minha cabeça custa a chegar... Desejo.

**Se a senhora fosse dizer sobre o que pensa da Casa de São Vicente, o que diria?**

É um lugar muito bom de se morar, muito bom. Resume tudo né? Morar, viver e tudo mais.

**Certo, e se a senhora fosse comparar a Casa de São Vicente com alguma outra coisa, compararia com o quê? É como se fosse...**

Como se fosse mudar de vida, por exemplo, eu gostava daqui porque é agradável, a gente brincava muito, tinha muita gente com quem a gente se comunicava. Então... Sei não.

**É como se fosse... Se a senhora fosse comparar, dona Mariana, a Casa São Vicente, seria o que pra senhora?**

É como se fosse um céu, estar no céu.

**Mas isso hoje?**

Hoje. Hoje, amanhã e sempre.

**A senhora falou assim “é como se fosse mudar”, não foi dona Antônia? Como assim?**

Esse ‘mudar’? Nem me lembro mais o que eu disse [risos].

**A senhora consegue comparar com alguma coisa?**

Um abrigo, é um abrigo também.

**Certo. E a senhora, dona Mariana, o que a senhora pensa sobre a Casa São Vicente?**

Diria pouco, que aqui é ótimo. Pra mim mesmo só existem duas coisas que são boas: a saúde e viver bem, o resto é o resto [risos].

**Se as senhoras fossem dizer um lugar aqui da casa São Vicente, qual lugar vocês gostam mais de ficar?**

Na minha casa mesmo.

**E a senhora, dona Mariana?**

Eu sempre gostei de ficar [?], mas tinha hora que eu gostava do meu trabalho, por prazer, eu gostava de ir lá fora, ficar na portaria, bocado de canto.

**Qual o segundo lugar preferido, além do quarto, da casa? Mas hoje em dia, além do quarto, tem algum lugar na casa?**

Eu agora tô ali mais os outros [risos].

**Mas é um lugar que a senhora gosta de estar?**

Eu gosto, porque tem de ser, mas não vou dizer que gosto.

**Os dois lugares preferidos seriam o quarto, a casa?**

Os dois lugares? A casa é um, agora o outro é no salão, onde tem todas as reuniões, a gente se reúne sempre, a turma toda.

**E a senhora, dona Mariana, tem um segundo lugar preferido?**

Tem não.

**O que as senhoras mais gostam, o lugar preferido de todos é o quarto né, a casa?**

É.

**É isso?**



É, no meu caso, a casa.

**Por que a casa?**

Porque a gente se sente à vontade.

O único lugar que eu gostei de passar minha vida todinha foi ali na minha cama [risos].

**É na cama, posso botar aqui ‘cama’?**

Pode botar.

**E a senhora, então, o preferido é a cama?**

É.

**Por quê?**

Porque eu me sinto bem, à vontade. Antigamente, eu achava meu quarto, o quarto dos outros, mas agora eu acho a cama.

**Qual lugar as senhoras menos gostam de estar?**

Portaria [risos].

**Por que a portaria?**

Não gosto, não sei porque, mas eu não gosto.

Se eu pudesse, ainda tava na portaria [risos].

**E a senhora, onde menos gosta de ficar?**

Tanto faz. Tanto faz estar aqui, como acolá. Eu gosto mesmo é da minha cama, o resto tanto faz.

**Não tem nenhum lugar que a senhora diga ‘vixe, não gosto daqui não’, ‘não me sinto bem nesse canto’?**

Só me sinto bem, graças a Deus.

**Com qual frequência as senhoras recebem visitas?**

Olha, depende, porque visita eu não recebo da família, só recebi uma visita da minha família, da minha irmã que veio me buscar de volta [risos]. Foi a única. Agora, visita, por exemplo, das voluntárias pode ser? Porque é só de quem mais a gente recebe né? Das voluntárias.

**Das voluntárias é de quanto em quanto tempo?**

Não tem um tempo determinado, mas as que costumam vir aqui, vem à missa todo sábado, por exemplo. Mas você pergunta visitar a casa?

**A senhora, visita a senhora.**

A mim mesma não tem visita não.

**E a senhora, dona Mariana?**

Eu também não tenho visita não, só a que eu já falei né?

**Todo mês.**

As outras visitas são do pessoal que vem pra cá.

Eu vou lá na casa da minha irmã. Vou lá toda semana.

**Sim, outra coisa que eu ia perguntar. As senhoras saem aqui da instituição?**

Saímos sim, as que podem ainda sair.

**A senhora sai?**

Eu saio toda semana pra casa da minha irmã. Saio sábado e volto segunda-feira. Às vezes, vem me buscar logo sexta-feira e fico por conta [risos].

**Aí toda semana a senhora vai pra casa da sua irmã?**

Não vão me livrar não [risos].

**Certo. E a senhora, sai?**

Como é que eu saio sem perna [risos]?

Ela só sai da cadeira pra cama né?

É, só saio da cadeira pra cama.

Eu dou uma passeadinha de vez em quando.

**E vocês participam de alguma atividade aqui?**

Eu participo de uma atividade de bordado, a gente faz pano de prato pra vender em benefício da casa.

É das voluntárias.

É das voluntárias, mas eu participo.

**Aham... Eu tava vendo lá a senhora fazendo.**

Eu também tomo conta de dois canteiros de jardim.

**E a senhora, participa de alguma atividade?**

Não. Eu não gosto de aperrear ninguém, e a missa pra ir pra acolá é muito difícil. Quando posso, vou só ou o pessoal vem me buscar, mas tem vezes que fico sozinha. Se eu for pra missa, eu fico lá sozinha na igreja, se quiser rezar.

Se você pedisse, alguém lhe levava.

[?] [ruídos]

**Por falar nisso, como é a relação entre vocês idosas? Como vocês se sentem com as pessoas que moram aqui na casa?**

Eu sou amiga de todo mundo, uma que eu não ando na casa de ninguém, ninguém vai na minha casa [risos], quando a gente se encontra, a gente fala ‘bom dia’, ‘boa tarde’, ‘como vai’, ‘tudo bem’.

**E a senhora, dona Antônia?**

Meu caso é o mesmo, a mesma coisa acontece comigo.

**Como a senhora se sente com relação às pessoas?**

Sou amiga de todas, também não tenho nada contra ninguém.

**E tem alguma preferida?**

Não, preferida propriamente, não.

**Preferida não, que a senhora se sente mais apegada.**

De repente a que a gente mora mais perto, por exemplo, uma vizinha que sempre levo e trago ela pro refeitório [risos].

É a Maria Osório, né?

Maria Osório, isso.

**Maria Osório é a vizinha né?**

É, a vizinha.

**Por que a senhora se sente mais apegada a ela?**

*Ela é bem velhinha.*

Porque ela conversa muito, é muito legal, assim, muito comunicativa.

**A senhora gosta?**

Gosto, porque eu tenho dificuldade de me comunicar, aí eu gosto que alguém...

**Complete.**

Me complete, isso.

**E a senhora, dona Mariana, tem alguém que a senhora se sente mais apegada aqui na casa São Vicente?**

Eu não me sinto apegada a ninguém, na verdade. Ao mesmo tempo me sinto apegada a todo mundo.

**Não tem nenhum que a senhora se sinta mais apegada?**

Não. Não tem não. As que eu gosto, tudo são igual.

**E com relação aos funcionários que trabalham aqui, como vocês se sentem?**

Com relação aos trabalhadores daqui, eu finjo que gosto de todos, mas faço de conta que não tô nem aí.

**A senhora finge que gosta.**

Não gosto de cara feia, nem de cara ruim.

**Qual o sentimento que normalmente existe? Finge que gosta. A senhora não gosta?**

Quando sinto que a pessoa não gosta, eu fico meio triste por dentro, mas mostro pra pessoa que estou alegre, satisfeita, quando gosto.

**Certo, tá bom. Tem algum profissional que a senhora se sinta mais apegada?**

Aqui tem um que quando fico com ela, eu me sinto bem, me sinto bem mesmo. Tem mais, mas tem uma que não sei por que, quando ela fica aqui, eu me sinto bem como se fosse uma pessoa... Como se fosse minha irmã. Essa Lourdes que trabalha aí na vizinha, [?] desde aí que peguei amizade a ela.

**Lourdes?**

É. Aí, eu quero tanto bem a ela, minha filha, como se fosse minha sobrinha. Tanto que tenho uma sobrinha chamada Isa, e troco o nome da outra por ela. Quando a Isa vem pra cá, chamo de Lourdes [risos].

**E a senhora, dona Antônia, como a senhora se sente?**

Eu me dou bem com todas.

**Como a senhora se sente com relação aos profissionais?**

Eu me dou bem com todas.

**E qual é o sentimento?**

De amizade.

**Tem alguma preferida? Assim, que a senhora se sente mais apegada?**

A cozinheira [risos]. Eu gosto muito da cozinheira.

**Qual o nome dela?**

É a Sueli.

**Por quê?**

Porque ela é uma pessoa muito calma, tem umas que se irritam com facilidade e ela não, a Sueli não. Ela é calma, agradável, gosta de agradar a todos.

**Certo. Então, vamos à última parte, de dados, tá? A senhora estudou até que ano?**

Até o normal.

**Normal é o científico, né?**

É o pedagógico.

**Como eu coloco aqui?**

*Ela foi professora também. Tu não é professora?*

Ensinei.

**É o ensino médio completo hoje né? Acho que é.**

É completo sim. O normal era só três anos, depois passou pra quatro anos. Eu terminei o normal em Sobral e vim pra Fortaleza, porque tinha entrado o quarto ano normal e eu fiz aqui.

**Certo. Qual a idade da senhora?**

80.

**E da senhora?**

85.

**A senhora estudou até que ano?**

Nenhum dia.

**Ah é, a senhora não estudou?**

Eu fui aprender aqui.

**Começou a aprender aqui...**

Eu até 50 anos não era nem gente, não era registrada.

*Por que com 50 anos você não era gente? [Risos] Você era casada, mãe de 5 filhos!*

[?] [Vozes misturadas] Eu trabalhei numas escolinhas por aqui.

**Foi professora?**

Fui.

*Eu com 50 anos já era vovó [risos].*

Eu nem registrada era, aí quando minha patroa começou a orientar pra aprender escrever meu nome, ‘vá tirar seus documentos, você não tem nenhum, pra pagar NPS, trabalhar de carteira assinada’, tal e tal. Tinha uma pixotinha que era irmã dela, lá na casa da avó estudando e disse ‘Mariana, compra uma cartilha que eu te ensino’. Aí comprei minha cartilha, acho que ainda tenho essa cartilha aí. Depois que cheguei aqui, levei pro professor e foi um sucesso. 50 velhinhas. Comprei a cartilha, aí as meninas me ensinaram. Tu acredita que eu lia e fechava a cartilha todinha numa noite?

**Olha aí, tá vendo? E a senhora hoje tem alguma ocupação?**

Não.

**A senhora tá aposentada há quanto tempo?**

Não sei quantos anos, é que antes de eu vir pra cá já tava aposentada. Estou aqui há 13 anos, acho que uns dois anos antes.

**Uns 15 anos, mais ou menos?**

Isso.

**Certo. E o rendimento da senhora, de 0 a 2, de 2 a 4 ou mais de quatro salários mínimos?**

1 salário.

**E a senhora há quanto tempo tá aposentada, dona Mariana?**

Eu me aposentei com 60 anos, eu tenho 85.

**25 anos. E o rendimento da senhora?**

1 salário. Dou graças a Deus. Agora não vejo nem a cor do meu dinheiro. A menina entrega tudo lá, porque tô aqui.

**Já resolve né?**

É. Porque aqui não entra ninguém se não for aposentado.

**Ah tá. Aqui, eu só preciso do nome das senhoras: Mariana Antunes da Silva. Aí eu preciso só do RG da senhora depois, eu pego onde?**

Como é?

**O número da identidade da senhora? A Sônia deve ter né o número?**

Não, quem tem é minha sobrinha. Eu tenho uma carteira de identidade aí, mas é analfabeta.

**Mas tem o número, é só o número que eu preciso pra poder botar aqui no documento. Hoje é dia 18 né?**

Se quiser esperar eu ir lá atrás.

**Eu vou com a senhora. [...] 18/05/2012.**

Você passa lá na minha casa né, lá na frente?

É.

Quando fui lá pra registrar, pra fazer carteira, aí o pessoal na fofoca, que fofoca é uma desgraça, disse que só quem tira carteira é quem for num sei o quê. Mas eu não sou nada, porque não tenho documento nenhum. Eu não fui tirar não, mas fui dizer que não sabia ler nem escrever. Eu sabia assinar meu nome muito ruim, mas sabia. Eles diziam que eu era analfabeta. Aí quando foi na minha vez, ‘sou analfabeta’.

**[Interrupção]**

**Faltam 10 minutinhos pra eu sair.**

Quando me aposentei, minha patroa falou ‘vim ajeitar o documento dela, pra quem lê e escreve’, aí tirei a carteira. Aí tenho outra aí. [?]

**A senhora assina aqui. Pronto, aí a gente vai lá pra pegar o RG né, a identidade?**

Sim.

**Pronto. Era isso. MUITÍSSIMO obrigada. Desculpa aí o tempo.**

Desculpa também a minha falha [risos].

**Não, foi ótimo. Foi ótimo.**

### 3.4 TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS - SER III (43min.)

**Como a senhora estava dizendo?**

É muito bom aqui, muito bom mesmo, muito bom. Graças a Deus, não me falta nada, eu tenho tudo, boa dormida, mas é o seguinte, eu tenho vontade de ir embora. É, o cantinho da gente é melhor, a gente tá mais à vontade né?[PERTENCIMENTO POR SOBREVIVÊNCIA]

**A senhora tá aqui há quanto tempo?**

Já tô com 1 ano e 3 meses aqui.

**Qual o nome da senhora completo?**

Meu nome é Maria Abigail Fonteles. A Dona Emília é uma pessoa muito boa, graças a Deus. Não falta nada pra gente, temos tudo nas mãos, a dormidinha é boa, ventilador na cabeceira da cama, bom demais. Mas é porque eu quero ir embora mesmo.

**Pro seu cantinho né?**

É.

**Dona Abigail, quando a senhora nasceu?**

Eu nasci em 1948.

**Qual dia?**

Dia 6 de novembro.

**A senhora fez...?**

63 anos. Vou fazer 64 no final do ano agora.

**Dona Abigail, deixa eu lhe perguntar uma coisa, se a senhora fosse fazer um desenho...**

Desenho não faço não.

**Não tem problema não [risos], eu faço pra senhora aqui.**

Pois é, não faço desenho de jeito nenhum [risos].

**Não tem problema não. Se a senhora fosse fazer um desenho, vamos pensar assim, se a senhora fosse pensar numa imagem, como se fosse uma foto, um retrato desse aqui, mas fosse uma imagem do abrigo, desse abrigo que a senhora tá morando há 1 ano e 3 meses.**

**Qual seria a imagem pra senhora?**

Das pessoas daqui?

**Uma imagem que representasse esse lugar.**

Você diz os moradores, é?

**No lugar como um todo, os moradores, como a senhora se sente aqui. Uma imagem que a senhora veja que lhe represente.**

O que representa pra mim aqui no abrigo sabe o que é? A imagem da dona da casa [risos].

**É mesmo? A dona Emília?**

É sim. Com certeza.

**Então, a dona Emília pra senhora é como se representasse...**

Com certeza, ela é uma pessoa muito boa. Pela primeira vez eu ter vindo pra cá, maravilha, maravilha...

**A dona Emília também representa como a senhora se sente aqui?**

Hum?

**A senhora pode dizer que a relação com a dona Emília representa também?**

Representa. Quer dizer, se ela representa a mim?

**Eu digo assim, a imagem que a senhora imagina, que vem à sua cabeça.**

Quem vem à minha cabeça é ela [risos].

**Certo, então vamos passar pra próxima.**

Pois é.

**Digamos então que o desenho da senhora, essa primeira questão do questionário que tô perguntando pra senhora aqui, como a senhora vê e sente o abrigo, certo? Um desenho, no caso, uma imagem que represente como a senhora vê aqui o abrigo e como a senhora se sente aqui. Seria dona Emília mesmo?**



Ela mesma [risos].

**Eu vou fazer aqui um desenhinho, dizendo que é a dona Emília. Tá certo?**

Tá bom.

**Vou botar um vestidinho nela, o cabelinho curto...**

[Risos] É ela quem brilha aqui no pedaço.

**Pronto, pois vamos passar pra próxima pergunta. Tá bom? A senhora fique bem à vontade.**

Tá certo.

**Não tem pergunta certa, nem errada, viu? Tem a sua resposta pras perguntas. Essas perguntas que vou fazer pra senhora agora são sobre esse desenho, pra conhecer suas opiniões e suas impressões. Certo?**

Certo.

**Então, como a senhora explicaria o significado desse desenho da senhora, que foi a dona Emília? Qual o significado que a dona Emília tem pra senhora?**

Eu não sei nem responder [risos]. Tudo de bem, nada de ruim, só tudo de bem. Ela é uma pessoa maravilhosa, demais. A senhora quer que eu fale alguma coisa dela é?

**Não, do que a gente tá desenhando, é uma conversa, não se preocupe com nenhuma formalidade não.**

Eu sei.

**Então, o significado do desenho, a senhora falou assim: “tudo de bom, tudo de bem, uma pessoa maravilhosa”. Esse é o significado do desenho pra senhora né?**

Hunrrum.

**E quando a senhora olha pra esse desenho, qual o sentimento que chega na senhora?**

O que ela me representa é a minha mãe.

**Qual o sentimento quando a senhora pensa ‘essa aqui é a dona Emília, a representação da minha mãe’. Qual o sentimento?**

[Risos] O sentimento é que ela é minha mãe, eu tenho saudade dela, deixei ela viva, não sei se ela ainda é viva, eu vivo preocupada. Quando eu sair daqui vou à procura dela, ver se ela ainda é viva, porque eu ia embora pra Belém do Pará, onde tá meu irmão, ele ia me levar, porque sou viúva, mas ele disse que não ia, porque ainda tinha minha mãe. Se eu fosse ter notícia de lá, não ia dar tempo de eu chegar pra ver mais ela, aí não fui. Aí eu saí e deixei ela viva, não sei se ela

ainda é viva. E eles não sabem que eu vivo aqui, nenhum sabe, nenhum irmão meu, nenhuma pessoa amiga, porque moram longe. Eu não tenho contato com eles mais.

**Com os irmãos?**

Não. Entraram lá em casa e levaram uns papéis que têm os endereços deles. Eu não tenho mais. Agora, quando eu chegar lá, vou ver se consigo de novo. Meus irmãos iam todo final de ano pra lá, vou ver se consigo o endereço deles de novo.

**Certo, Dona Abigail. A senhora falou de saudade, de preocupação. Se a gente fosse resumir tudo isso, esses sentimentos de querer rever, se a gente fosse definir em 6 palavras, quais seriam as palavras? Qualquer palavra. Certo?**

Eu sinto saudade da minha mãe, vontade de ver ela.

**Saudade... Certo. A senhora fica emocionada?**

[Chorando]

**Pode chorar, dona Abigail, tem problema não.**

Não sei se ela é viva ou se é morta. Assim mesmo, viva ou morta, eu rezei. Nenhum povo meu sabe da minha notícia, nenhum. Meu irmão do Belém do Pará gosta muito de mim, ele queria me levar pra não ficar sofrendo aqui, mas eu não quis ir, porque mamãe ainda era viva. E agora esse povo nem sabe que eu tô aqui, nem minha irmã que mora em Bela Cruz sabe, nenhum deles sabem que tô aqui. Se eles soubessem, eu não tava mais aqui não. Eu sou uma pessoa só, viúva, por isso que me botaram aqui. Eu tenho só um filho, assim mesmo ele ainda é doente, eu quem sustento, fico cuidando dele. Não sei nem o que esse filho tá fazendo por aí, eu penso de noite, tem noite que eu não durmo, pensando que ele pode se juntar com alguém e fazer a cabeça dele, ele ficar por aí fazendo coisa errada. Eu tô doida pra ir embora pra botar ele dentro de casa e cuidar dele, porque ele era uma pessoa que não saía de casa. Ele não saía de casa nem de noite. Nasceu com problema no espinhaço dele, que atrasou o crescimento, o tratamento dele e ele é epilético também.

**A gente tá falando aqui no meio de tantas emoções né?**

É.

**A senhora tem condições de continuar respondendo?**

Tenho.

**A gente tava falando das 6 palavrinhas, a senhora citou saudade, vontade de ver.**

Mas eu já respondi né?

**A senhora falou um monte de palavra aí...**

Você quer 6 palavras, mas e aí, como eu respondo essas 6 palavras?

**Qualquer palavra que lembre, assim, que resuma esses sentimentos que a senhora está sentindo aí. Diga aí, o que mexeu com todos esses sentimentos.**

Não sei dizer.

**Qualquer coisa que vier, não tem certo nem errado.**

O que tenho pra dizer é isso, que eu quero sair daqui e achar minha mãe, ver ela ou viva ou morta. Não sei se ela ainda é viva, só isso. Tem 6 palavras aí, não?

**Saudade, vontade de ver a mãe, sair daqui... Eu tô botando assim, as palavras que na realidade seriam só uma né?**

Ah sim, não sei. Não sei dizer não.

**Só mais duas.**

Mais duas é?

**Fale do seu sentimento aí, que mexeu com tanta coisa que foi tão emocionante, você chorou.**

**A gente pode usar alguns desses sentimentos que a gente colocou, que a senhora falou sobre saudade, preocupação... Preocupação com o seu filho?**

Eu tenho preocupação com esse menino, é demais a preocupação que tenho com ele, muito.

**Filho?**

É.

**Se alguém perguntasse pra senhora o que pensa do abrigo, o que a senhora diria?**

Eu penso o que do abrigo?

**É, daqui.**

O que eu penso daqui é ir embora. Só isso. Todo dia penso em ir embora.

**Certo.**

Não tenho mais casa, mas vou alugar um canto pra mim, se Deus quiser. Um cantinho da gente é tão bonzinho, a gente se deita e se levanta a hora que quer, é muito melhor a gente estar no cantinho da gente. Aqui, graças a Deus, eu tô muito bem, mas tá tendo um porém, porque não tenho meu benefício, que tá ou cancelado ou cortado, eu não sei, não tô recebendo.

**Dona Abigail, se a senhora fosse comparar esse lugar que a senhora tá morando com outra coisa, a senhora compararia com o quê? Tipo assim, aqui é como se fosse...**

O que eu tenho que comparar é com a minha casa mesmo [risos].

**É como se fosse a sua casa?**

Sim, só não é assim de eu chegar e meter a mão nas coisas na cozinha. Não.

**É como se fosse a casa da senhora, só que tem regras.**

Tem regras sim, não é que nem em casa né? Mas o que eu compararia igualmente seria à minha casa.

**Certo. Qual o lugar que a senhora gosta mais de estar aqui no abrigo? Dois lugares preferidos que a senhora gosta de ficar.**

Bom, só lá mesmo no galpão onde a gente fica.

**Galpão onde tem a televisão né?**

É. A gente passa o dia lá, depois vem se deitar 10 horas.

**E qual o segundo lugar que a senhora mais gosta?**

Segundo lugar? Ah, tem que ser aqui onde a gente vem dormir né? [risos]

**O dormitório aqui? Quarto? A sua cama.**

É.

**Então, segundo lugar seria a cama da senhora.**

É [risos].

**Então, o lugar que a senhora mais gosta é o galpão?**

É, passo o dia ali sentada...

**Por que a senhora gosta mais dali, por ficar ali sentada, assistindo televisão?**

É, a gente tem que gostar dali, porque não tem outro lugar [risos]. Tem que ficar ali mesmo né?  
[Risos]

**Tá bom.**

Agora a senhora vai anotar... Tá gravando é?

**Não se preocupe que tudo o que a senhora tá dizendo é só pra mim, não é pra ninguém não.**

Mas eu não tô falando nada de mal não né?

**Tá não. Eu tô dizendo isso, porque como sou psicóloga, o que a senhora tá me falando se emocionando, tudo é só pra mim.**

Mas é só com saudade da minha mãe, longe do meu povo. Aqui eu só tenho uma cunhada e uma sobrinha por parte do esposo. É quem sempre, aqui e acolá, ainda olha pra mim, vem por aqui. Mas é difícil.

**Tem algum lugar aqui que a senhora não goste de ficar, aqui no abrigo?**

[Risos] Tem um ano e três meses que eu tô aqui e eu não gosto muito dali não, daquele galpão.

**A senhora só fica lá então, porque não tem outro jeito?**

É, não tem, tem que ficar lá mesmo.

**Certo. Mas por que a senhora não gosta de lá do galpão, dona Abigail?**

[Risos]

**Pode dizer, ninguém tá ouvindo. Por que a senhora não gosta de estar ali?**

Eu gosto, o negócio é que quero dizer que a gente fica só naquele canto, só vai de lá pro banheiro, não tem pra onde ir mais. Aqueles quintais que tem ali é do dono, ele não quer nem que a gente siga pra ali não. O que a gente faz é ir dormir ou ir então pro banheiro.

**Tá. Tem algum lugar aqui que a senhora goste de ficar no abrigo?**

Tem, mulher, lá mesmo. [Risos]

**É lá porque só tem ele, mas é o lugar que menos gosta, porque também só tem lá?**

É [risos]. Não é pra eu assinar não?

**Já já. Já tá terminando aqui. Só falta essa. Qual a frequência que a senhora recebe visita aqui? A senhora recebe visita?**

De gente minha não.

**De quem a senhora recebe, pessoas de fora?**

Pessoal de fora, as equipes da Bezerra de Menezes, não sei nem dizer, a equipe da Nossa Senhora das Dores, vem do Montese, vem do Meireles.

**Equipes que vem fazer visita, conversar?**

É, equipe que se junta tudo e vem a equipe, é, pois é.

**Certo. Tem algum momento que a senhora sai do abrigo?**

Não, só assim quando for pra resolver algum problema.

**Por exemplo?**

Já saí duas vezes aqui, eu fui tirar meu título e minha identidade. E agora vou ter que tirar o CPF e ela também vai comigo, a gente vai de carro e volta de carro.

**Certo.**

Eu tava sem documento, sabe?

**Hunrrum. Aí a senhora foi lá pra poder resolver isso né?**

Foi.

**E a senhora participa de alguma atividade aqui?**

Não.

**Como a senhora se sente com as outras idosas aqui?**

Bem. Tem dias que elas estão meio torcidas com a gente, porque você sabe que são de mais idade que a gente né? A gente tem mais é que dissimular né? Parece que não aconteceu nada.

**Então, como a senhora diria que é a convivência? Como a senhora se sente com essas pessoas que moram aqui?**

Tem uma assim do meu lado que chama nome, quando é à noite, assim, de madrugada, ela já começa a chamar os nomes dela. Aí vou reclamar, e ela fala um horror de coisa, ela baba em cima de mim. “Mulher deixa disso, tu já tem idade.” Mas depois vai cada um pro seu lado.

**Então, a gente poderia dizer assim que a senhora se sente bem, mas tem momentos difíceis?**

Tem não.

**Não tem não, esses momentos assim pra senhora é tranquilo?**

Do jeito que eu tô dizendo, não, não, isso daí é só uma passagem.

**Não tem problema?**

Não, tem não. De jeito nenhum, é só passagem mesmo.

**A senhora leva numa boa.**

É que nem irmão com irmã, é do mesmo jeito.

**Eu sei. E tem alguém que a senhora é mais apegada dos idosos aqui?**

Tem só duas que sou bem apegada.

**Quem?**

Aquela mais nova, altona. É mesmo que minha mãe.

**Qual é o nome dela?**

Francisca. Ela faz tudo por mim, só diz que não faz mais, porque não pode.

**A Francisca é idosa ou é funcionária?**

Não, ela é idosa. Quer dizer, ela não é de idade não, ela tem 56 anos, mas tem problema de cabeça. Tem tempo que ela tá bem boa, tem tempo que ela tá bem doente.

**E qual é a outra que a senhora disse?**

A outra é aquela gordinha engraçadinha. Eu gosto dela muito.

**Qual o nome dela?**

Nós chamamos de Cida, mas é Maria Aparecida o nome dela. Sabe de nada, mesmo que inocente ela.

**Mas ela é idosa também, não?**

Não, ela tem 40 anos. Eu gosto muito delas.

**Por que a senhora gosta mais da dona Aparecida? A dona Francisca a senhora disse que ela faz tudo.**

Ela faz tudo por mim.

**E a dona Maria Aparecida, porque a senhora se sente apegada?**

A Cidinha é muito legal comigo, começou a sentar junto comigo. Eu peço pra ela pegar minha calça, eu ponho pra enxugar, aí ela corre, vai buscar. Muitas vezes, quando vou me deitar, vê se a cama tá ajeitadinha, ela vem na frente, bota um pano e diz ‘taí, tá tudo direitinho’. Quando vou tomar banho de manhã, ela fica assim encostada na parede do banheiro e diz que tá tudo lá. Tudo isso faz a gente se apegar né?

**Coisa boa. É verdade. Com certeza. E dos profissionais que trabalham aqui, como a senhora se sente?**

Os profissionais?

**É, os cuidadores, as pessoas que fazem comida.**

Rapaz, quem faz comida é a dona mesmo, sabe?

**Hunrrum, como a senhora se sente? Ah, a dona Emília também faz parte dos profissionais que cuidam né?**

É sim, são ótimos. Eles não dizem nada comigo, como é que eu posso dizer. Não posso dizer nada, eles são ótimos.

**Tem algum que a senhora é mais apegada?**

Dessas aqui ainda não sou muito apegada não, porque elas são meio novatas. Essas não estão nem com 3 meses aqui.

**Mas tem uma que a senhora goste mais um pouquinho?**

Tem, aquela mais franzinazinha.

**A senhora sabe qual o nome dela?**

É a dona Sônia.

**Dona Sônia... Por que a senhora é mais apegada a ela?**

Porque o jeito dela me agrada melhor [risos].

**O que ela faz pra que a senhora se sinta (melhor) mais... né?**

Você não sabe que a fala da pessoa cativa a gente? Pois é, é o jeito da pessoa de falar com a gente, cativa muito a gente.

**O jeito que ela fala com a senhora, né?**

É. Do mesmo jeito é essa menina, a Cidinha, a Francisca... O jeito delas de falar com a gente cativa muito a gente, muito mesmo.

**É verdade, dona Abigail.**

A pessoa falou direito comigo, falou brando, não falou com ignorância, me cativa muito. Agora mesmo quando saí do banheiro e ela chegou lá, disseram assim, não sei o que eu falei ‘sim, dona do mundo’. ‘Eu não sou dona do mundo nem de nada aqui não.’ É uma que tava sentada assim e se chama Branca, sabe? [Risos]

**Dona Abigail, pronto, as perguntas acabaram. Eu só preciso fazer algumas perguntas da senhora, algumas informações, certo?**

Às vezes, tem gente que cativa mesmo a gente, da gente gostar mesmo da pessoa. Não é por dar nada não, é só pelo jeito da pessoa, cativa a gente.

**Pelo jeito de olhar, de falar...**

É. Com certeza.

**Dona Abigail, a senhora estudou?**

Pouco [risos].

**Mas a senhora chegou a estudar um pouco, foi pra escola?**

Fui.

**A senhora ficou estudando até que série?**

Até... Nesse meu tempo, era diferente dos estudos de hoje, mais moderno. Não, moderno é hoje, primeiro os estudos não eram modernos assim não. Quando a gente estudava era um monte de livro, agora não precisa desse monte de livro.

**É só o computador [risos].**

É. Eu estudei um bom tempo, era escola pelo Governo né, colégio pelo Governo.

**A senhora lembra até que série estudou?**

Acho que até a 5ª. Mas a quinta naquele tempo não... Hoje é diferente né?

**Hunrrum... Certo. A senhora tem 63 anos né?**

63 anos, eu já tô me esquecendo do que eu sei [risos]. Não sei mais nada.

**Qual é a profissão da senhora?**



Minha profissão? Bem, quando não era casada ainda, eu trabalhava em confecção. Aí depois que eu me casei, o esposo não me deixou mais trabalhar. Vivi 34 anos com ele, aí fiquei em casa mesmo, sendo doméstica.

**Dona de casa?**

É. Ele não deixou mais eu trabalhar.

**A senhora tem alguma ocupação atual, alguma coisa que faça pra ganhar dinheiro ou não?**

**A senhora fica mais aqui né?**

É.

**A senhora tá aposentada?**

Ainda não, tenho idade, acho que meu benefício tá cortado.

**A senhora recebe alguma coisa?**

Não.

**E a senhora tá aqui há 1 ano e 3 meses, né isso?**

É. Vou ver se ajeito agora, quando ajeitar meus documentos. Eu não tinha nenhum, levaram tudo.

Vou ver se ajeito agora.

**Certo. Dona Abigail, a senhora consegue assinar?**

Vou ver se eu assino, é mais a minha vista.

**É aqui assim ó, nesse x.**

É o nome todo é?

**É. Assinatura né, não precisa ser o nome completo não.**

Aí se eu for botar aqui vai sair fora do papel.

**Mas a senhora assina só assim ou assina mais, o nome completo?**

Eu assino mais, mas pode sair fora?

**Pode, não tem problema não. Pronto, aí... É Maria Abigail Fonteles, né isso?**

É.

**A senhora tem o seu RG aí?**

Não, não tô com ele não, ela é quem tem.

**Pronto, a dona Emília né?**

É.

**Tá certo, pois eu vou pedir.**

E tem o título também, que eu tirei agora tudo, lá no Paulo Sarasate. É que me levaram tudo, tudo, tudo... Eu ainda tenho que ir até lá no Cartório Eleitoral, assinei uma declaração e mandaram eu ir lá. Eu não botei meu endereço certo. Tenho que botar meu endereço certo quando eu já tiver lá, sabe?

**Certo. Tá bom, dona Abigail, pois muito obrigada, viu?**

De nada.

**Acabou o questionário. Deixa eu desligar aqui.**

**(continuação) Dulcineia**

**Qual o nome completo da senhora, dona Dulcineia?**

Dulcineia Gonçalves de Brito.

**Quando foi que a senhora nasceu?**

Em 1936.

**Dia e mês?**

7 de setembro.

**Certo. A senhora tem 76, vai fazer 76 esse ano?**

Acho que é.

*É, porque eu sou de 38, vou fazer 74.*

**76 anos a senhora vai fazer, né Dona Dulcineia? Hoje a senhora tem 75. Dona Dulcineia, se eu pedisse pra senhora desenhar, a senhora não vai precisar desenhar, mas se fosse imaginar uma imagem ou desenhar mesmo aqui, como a senhora se sente, como a senhora vê aqui o abrigo? O que a senhora desenharia? Deixa a imaginação...**

Pode ser qualquer coisa?

**Qualquer coisa.**

Uma imagem de um santo.

**Pode ser a imagem de um santo. Qual seria o santo?**

Nossa Senhora.

**Tá certo. Dona Dulcineia, o que a imagem da Nossa Senhora significa pra senhora?**

Muita coisa.

**Muita coisa? Que coisa?**

Mãe da gente.

**Certo, e aí o que a senhora sente quando olha pra Nossa Senhora? Qual é o sentimento?**

Emoção [chorando].

**A senhora tá emocionada agora?**

[chorando] Hunrrum...

**Mas respire um pouquinho, viu? Fique tranquila. Como a senhora tá se sentindo?**

Bem.

**Tá se sentindo bem? Qual a emoção, dona Dulcineia, que a senhora tá sentindo?**

Eu nem sei explicar...

**Certo.**

Eu sou uma manteiga derretida.

**A senhora é uma manteiga derretida?**

Eu choro.

**É? Tudo a senhora chora? Mas é bom, é bom chorar né? A senhora tem sentimentos, é pra chorar mesmo.**

*Ajuda a lavar os olhos [risos].*

**É, lavar os olhos de dentro pra fora. Esse bando de sentimento que tá aí e a senhora não consegue nem explicar, a senhora pode dizer o que quiser, certo? Se a senhora fosse dizer 6 palavrinhas que resumissem esse sentimento todo que a senhora tá sentindo aí, essa vontade de chorar, quais seriam elas? Vamos procurar uma: primeira?**

Vontade de ficar boa. Vontade de ver o meu filho.

**Que mais?**

Saudade da minha liberdade.

**Saudade? Respire um pouquinho, dona Dulcineia. Respire um pouquinho... Que mais?**

Queria ter minha liberdade.

**Hunrrum... Certo. Que mais? Esse bando de sentimento aí, Dona Dulcineia. Respire um pouquinho, respire.**

Tenho saudade do meu filho.

**Que mais, dona Dulcineia, mais alguma coisa? Mais duas palavrinhas?**

Ficar boa dessas doenças que eu tenho. Mal de Parkinson, né? Osteoporose...

**Certo. Dona Dulcineia, se alguém perguntasse pra senhora o que pensa do abrigo, esse abrigo onde a senhora mora...?**

É bom.

**É bom? A senhora diria isso?**

Diria sim. Muito bom.

**Certo. Se a senhora fosse comparar o abrigo com alguma coisa, com o quê compararia?**

Com a minha casa.

**Quais os dois lugares preferidos aqui no abrigo pela senhora?**

Tem que ser aqui?

**Qualquer lugar aqui no abrigo, dentro da casa, que a senhora prefere ficar.**

Aqui mesmo.

**Aqui nessa cama? Onde?**

Noutro lugar eu não posso, sou doente... Entrei numa casa de repouso. [fala de difícil audição]

**A senhora gosta de ficar aqui nas camas?**

Andando...

**A senhora gosta de ficar andando?**

Não tem clima...

**Quando a senhora pede pras cuidadoras lhe deixarem em algum lugar que a senhora mais gosta de ficar, onde é?**

Peço pra vir pra cama.

**Pra cama? Tem um segundo lugar que a senhora gosta mais de ficar?**

Só um mesmo.

**Só aí mesmo? Por que o lugar preferido é a cama?**

Eu também gosto do salão.

**A senhora gosta do salão também?**

Gosto. Depois é que venho pra cama.

**Ah, o primeiro é que é o salão?**

É.

**O segundo é a cama?**

A cama pra eu deitar.

**Certo. Porque a senhora gosta de ficar no salão? O que é legal lá, o que é bom?**

Porque fica mais à vontade do que na cama.

**Certo. E tem um lugar que a senhora menos goste de ficar?**

Hunrrum. Na minha cama.

**Na cama é que a senhora menos gosta?**

É. Só gosto é de dormir mesmo.

**Só pra dormir? [...] A senhora costuma receber visita, dona Dulcineia?**

Nunca.

**Nunca?**

Nunca, porque há 10 anos que eu tô aqui e ninguém veio.

**Mas vem aquelas equipes pra visitar a senhora, vem pessoas aqui, médicos, pra saber como tá, vem também?**

Vem no começo, agora nem tanto.

**Vem menos né?**

É.

**Tem algum momento que a senhora sai aqui do abrigo?**

Não.

**Nunca?**

Nunca.

**Certo. Como a senhora se sente com as outras idosas daqui do abrigo?**

Bem.

**Bem?**

É.

**Tem alguma idosa que a senhora é mais apegada?**

Nenhuma. Pra mim, são todas iguais.

**Todas iguais né?**

É.

**Certo. E com relação aos profissionais, os cuidadores?**

São ótimos.

**Tem algum que a senhora se sinta mais apegada?**

Não. É tudo igual.

**Tudo igual também?**

É.

**Tá certo... Dona Dulcineia, agora só vou perguntar umas coisinhas pra senhora de informação pessoal, certo? Só pra gente finalizar já. Estamos acabando. Tá bom?**

Tá.

**A senhora chegou a estudar?**

Só a primeira série.

**Certo. Qual a profissão da senhora?**

Doméstica.

**Há quanto tempo a senhora tá aposentada, a senhora sabe?**

Não sei não... Faz bem uns 15 anos. Mas não tenho certeza.

**Certo. A senhora recebe alguma coisa?**

Um salário.

**Quanto tempo a senhora tá morando aqui no abrigo?**

Eu vim pra cá no dia 3 de agosto.

**De que ano?**

De 2011 ou 10. Vai completar dois anos, mas eu vim pra cá dia 3 de julho.

**Certo. Pronto, dona Dulcineia. Pra senhora fica um pouquinho complicado pra assinar?**

Eu assino.

**A senhora consegue assinar? Dulcineia Gonçalves de Brito, né?**

É.

**A senhora só precisa assinar, certo? É aqui ó, dá pra assinar?**

Onde é?

**Aqui onde tem esse x.**

Prontinho.

### **3.5 TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL SER IV (44 min.)**

**Pronto. Dona Tereza, qual a data de nascimento da senhora?**

24 de abril de 1935.

*Descreva o que a senhora sente em relação à instituição.*

**Pronto. Agora a senhora vai fazer um desenho aqui. Não tem problema não, não tem desenho certo [vozes misturadas]. Como seria a imagem de uma casa de repouso? Aí senhora pode desenhar.**

Não sei desenhar [risos].

**Mas não tem desenho bonito nem feio não.**

Certo.

**Certo? É um desenho, a forma como a senhora vê. Porque pra escrever, a gente vai escrever mais lá na frente. Entendeu? Faça um desenho, pode ser qualquer imagem.**

*É algo bem simbólico, bem representativo de como vem esse sentimento, de como vocês veem o recanto Sagrado Coração.*

**Viu, dona Lúcia?**

Hum?

**Escrever, a gente vai escrever mais na frente, nessa primeira folha...**

Eu não sei fazer desenho.

*Então pronto.*

**É pra vocês desenharem, certo? Se vocês quiserem descrever, podem falar pra gente e a gente desenha pra vocês.**

Vixe Maria, não sei não, viu...

Desenhar não sei não.

O que representa?

**Uma imagem.**

*O que a senhora pensa em uma imagem? Diga como seria essa imagem?*

É uma figura, um retrato.

**Pronto. É como se fosse um retrato.**

*Pode até não ser um retrato aqui, mas a senhora diz o que está imaginando e a senhora vai descrevendo, que eu vou aqui anotando.*

Eu já sei.

**Diga lá, dona Terezinha, qual imagem a senhora vê quando pensa no Recanto Sagrado Coração?**

[vozes misturadas] Poesia.

**Desenha aí.**

*Jardim... Então pronto, já está começando, olha aí.*

*O que a senhora imagina quando pensa aqui no Recanto Sagrado Coração?*

Um sítio assim... Com muita... De manhã cedo, a gente acorda, os passarinhos todos cantando, lugar pra gente passear.

**(Então vamos desenhar as pessoas).**

Pronto, eu represento como se fosse uma casa de fazenda, né? Porque tem muito alpendre, assim, é muito bonito, sabe? É uma coisa maravilhosa. [vozes misturadas]

**Pode ser isso? A gente pode fazer mais ou menos uns desenhinhos de gente? Várias pessoas assim? Mas é o meu desenho...**

É um lugar de fazenda.

Eu gosto de ficar só.

*O que chamou a atenção aqui da senhora foi o fato de estar com várias pessoas?*

Foi.

[vozes misturadas]

**Então, essa é a representação da senhora. Tá bom?**

(Eu me deito a hora que quero).

**Não tem feio nem bonito. Não, mas ainda tem as próximas, calma dona Lúcia!**

(É animado, tem muitas festas).

*Tá alegre ou tá triste?*

Tá alegre.

Às vezes, a gente senta lá fora, lá também é muito bom; a gente vê aquela avenida...

**Então, na imagem da parte de fora tem avenida. É isso?**

É, isso. A gente vai pra missa.

**É muita gente ou é pouca gente?**

Mais ou menos.

Tem as orações, tem o terço toda noite. A gente se senta mais as colegas pra conversar.

**A senhora quer ir tomar banho?**

Vamos terminar logo!

**Vamos, tá certo, vamos passar pra frente, que a gente vai falando mais sobre o desenho nas próximas perguntas. Tá certo?**

Tá.

Eu não tô entendendo.

**Vamos falar agora sobre isso que a senhora falou. Certo?**

**Então vamos lá. A gente pensando no desenho que a gente fez ou imaginou ou descreveu, o que significa esse desenho? O que significa pra dona Terezinha esse aqui: as flores?**

[vozes misturadas]

Significa uma coisa assim, até muito elegante, sabe? Muito alegre. Porque, pelo menos se eu estivesse morando sozinha, eu não tava tão assim... Às vezes, eu fico sozinha, às vezes eu saio e vou passear. É muito bom aqui, viu?

**Então, significa elegância e alegria?**

Alegria; é o que já falei né?

**Pronto, é isso mesmo. Não tem certo, não tem errado, pode dizer a mesma coisa de novo. É pra gente ficar em torno disso que a senhora já falou, dessa imagem. Essa imagem já é ampla?**

É.

**Pronto. Agora a gente vai só reportar algumas coisas.**

Eu acho muito bom aqui. As moças são muito legais com a gente...

**Vocês vão indo no ritmo de vocês, certo? Eu vou propondo aqui e a gente vai indo no ritmo. Se vocês perceberem que a gente tá indo muito rápido, vocês falam. Tá, a gente falou sobre o significado do desenho né? E qual é o sentimento que o desenho desperta, assim, em vocês? Esses desenhos que vocês fizeram. Qual sentimento desperta esse desenho, quando a senhora olha?**

[vozes misturadas]

Se precisar de ajuda, tenho alguém. Se precisarem de ajuda, eu ajudo. Eu gosto muito de ajudar.

**Vamos pensar. Se não der, não tem problema.**

Porque eu não sei muito ler...

**Sinta-se à vontade, viu?**

O sentimento que me traz é que se eu estivesse morando sozinha ou morando com amiga ou com qualquer outra pessoa eu não me sentiria bem. E aqui eu me sinto bem, porque é como eu estivesse na minha casa. Sabe?

[vozes misturadas]

**É só pra exercitar essa história do sentimento.**

**Então eu vou colocar que o sentimento é como se estivesse em casa.**

É. Na minha casa, com minha família.



Aqui é bom, mas tem vezes que eu tô sozinha e me lembro da minha mãe, lembro da minha família, aí eu saio pra ver se eu me sinto melhor, vou conversar, vou olhar os passarinhos. Eu gosto muito de passear, só não gosto mais porque não dá pra eu ficar caminhando, eu já tô velha.  
[ruídos][vozes misturadas]

Tem uns projetos muito legais aqui, a gente faz, eles criam pra gente. A gente passa a tarde todinha ali, conversa e se diverte. É um sentimento muito bom, a gente esquece tudo o que já passou. Aqui é melhor pra gente né?

**Se precisar de ajuda, tem alguém né?**

É.

**O que é, o que mais?**

[vozes misturadas]

***Qual o sentimento, quando a senhora pensa no seu desenho?***

Seu eu tivesse com a minha família, tinha minha mãe, meus irmãos, aí era melhor né? Eu fico eu e Deus...

Tô com vontade de mandar todo mundo praquele lugar [risos].

Ela sabe mais ler do que eu.

**O sentimento com relação ao desenho da senhora, a senhora lembrou de festa, de ajuda...**

**Que mais? São palavras.**

***Pode dizer o que a senhora tá pensando.***

**Não se preocupe em fazer sentido não, em ter uma explicação não.**

É muito bom, sabe? [risos]

**Sentimento bom?**

É, muito bom, a gente de tarde se arruma, vai lá pra fora, de noite, a gente... É isso o que eu já falei, não tenho mais o que falar não.

**União, família...**

[vozes misturadas]

**Outra palavra.**

Que é, um galo tá cantando aí? [risos] Maria hoje tá que tá né? [risos]

**A dona Terezinha fica mais no questionário da outra do que... [risos] Dona Tereza, olhando pra cá, a senhora falou ajuda, festa, união, família... Que mais?**

***O que a senhora pensa do Recanto?***

Bom, lá é muito bom, muito sossegado, é muito divertido, muito elegante, cheio de planta. Lembra quando eu morava no interior.

[vozes misturadas]

***Pode botar gente? Então, muita gente.***

**Fiquem à vontade. A senhora só faz o que quiser fazer, tá bom? A senhora fazendo, vai estar participando da pesquisa, a senhora fique totalmente à vontade, se não quiser fazer não precisa, viu dona Lúcia? É porque a gente tem que fazer na sequência, entendeu?**

[vozes misturadas]

(É melhor do que qualquer lugar).

***Qual lugar a senhora mais gosta aqui do Recanto?***

Aqui é muito bom ao ar livre.

**Se a senhora pensasse em como é morar aqui, diria o quê?**

Eu gosto.

[vozes misturadas]

Não quero continuar, não tô gostando.

*Quer tentar? Eu pergunto essa daqui. Se a senhora não quiser, não precisa. Não quer nem saber?*

[vozes misturadas]

**Onde a senhora fica com frequência?**

Às vezes, de manhã, eu fico no meu quarto, quando não, eu fico sentada no corredor. Meu quarto fica no corredor.

**Como é lá? Descreva seu quarto.**

É assim: tem a primeira sala, que tem a televisão, aí tem um corredor bem grande.

**Como é o quarto da senhora?**

Meu quarto é muito difícil, fica encostado aqui na lavanderia.

**Como é o quarto, descreve pra mim?**

É um quarto grande. O banheiro também é grande.

[vozes misturadas]

**Quais os dois lugares preferidos da senhora?**

Meu quarto.

**E qual o outro?**

(Tem banheiro grande, tem uma cama, tem uma cadeira, guarda-roupa)...

**Tem algum outro lugar?**

De manhã, fico no corredor. É comprido, têm os quartos, um aqui, outro ali, tem o dela, tem o dela aqui... Cada um tem o seu quarto. Eu fico no corredor até de manhã [?]. 10 horas, vou tomar banho, aí vou almoçar 11 horas, depois do almoço a gente deita um pouco, descansa. Eu descanso até 3 horas. Às vezes, tem merenda, não vou pra ali porque o sol ainda tá quente. Saio quando o sol tá mais baixo, 4 ou 5 horas eu tomo banho.

[vozes misturadas]

Eu gosto do meu quarto. Porque lá eu me deito, a gente fica à vontade. Eu gosto também mais é de ficar lá fora.

*Terapia ocupacional, massagem... [sobre as atividades].*

**Como a senhora se relaciona com os outros idosos aqui da instituição?**

Eu me sinto bem.

**Tem alguma que a senhora é mais apegada?**

A Madre Superiora.

É nessa sala aqui que não gosto de ficar. Sempre que eu tô melhor, vou lá pra fora. Ali é fresco, aqui é muito quente. Aqui é bom pra assistir televisão.

[vozes misturadas] [incompreensível]

Eu ainda não tomei meu banho!

*Só depois das 11.*

Sábado teve uma festinha aqui pra nós [sobre as visitas].

**Então, a senhora não recebe visitas, só às vezes das pessoas de fora né? E me diga uma coisa, a senhora sai às vezes?**

Quando eu tava com a vista boa, eu saía. Eu ia pra casa duma amiga minha...

**E hoje em dia, a senhora sai?**

Saio. Por enquanto não to saindo por causa da minha situação que tá muito difícil. Quando eu estiver com meus óculos de grau, eu vou. Vou pegar as minhas receitas, comprar meus remédios lá no centro. Vou lá no José Walter fazer minha última consulta pro médico passar os óculos, sabe?

**Então, a senhora vai ao posto, ao médico?**

Vou. Agora não tem mais médico, remédio eu compro lá no centro, na Farmácia Popular. À vezes eu vou pra casa duma amiga minha, que eu nunca mais fui, lá na Leste Oeste, perto de onde eu morava. Vou para casa de uma ex-patroa minha aqui na Antonio Sales. Mas agora não... [?]  
Quando eu tava boa da vista, eu fazia tapete, eu fazia crochê [sobre as atividades].

**Vai voltar a fazer?**

Eu não sei. Eu fazia crochê e pano de prato, mas uma irmã que bordava aqui, uma senhora, dava muito pra gente fazer crochê, ela foi embora e não faço mais.

**Então hoje a senhora não participa?**

Não participo mais, porque...

[vozes misturadas]

**Faz 2 anos e 8 meses que a senhora mora aqui?**

É, que eu cheguei e me instalei.

*Ah, então a senhora tá trabalhando...*

**Pronto, dona Tereza. Muito obrigada.**

[vozes misturadas]

Obrigada, minha filha, tudo de bom!

**Boa semana pra senhora.**

[vozes misturadas]

Eu converso muito com ela...

*Muito obrigada!*

**Qual a atividade que a senhora faz? Dança?**

É, fazer ginástica, dança e informática...

**Coloque só uma setinha, que eu já sei. Aqui é com relação a trabalho.**

*A senhora está liberada.*

[vozes misturadas] [ruídos]

**Quanto tempo a senhora mora nessa instituição?**

Três meses.

***E em relação aos profissionais da instituição, como a senhora se sente?***

Eu me sinto muito bem. São pessoas muito boas. [?] Eu posso sair, posso fazer as coisas. Então, ela diz assim: ‘você vai sozinha’. Com essa minha cirurgia... Eu arrumava meu quarto, lavava minha roupa. Faz quatro meses que meu quarto e meu banheiro não vai limpo, porque não posso fazer. Aí eu pedi pra Marcilene passar uma vassoura no meu quarto, mas entrou por um ouvido, saiu pelo outro: ‘ai, eu não tenho tempo não’.

**E dessas pessoas, profissionais, tem alguém que a senhora se sente mais apegada?**

Das funcionárias? Nenhuma.

**Ninguém?**

Essa outra que passou aqui também não faz nada. Elas fazem pras outras tudinho, mas não fazem pra mim. Essa semana mesmo, vou tirar um dia pra eu lavar minha roupa. Pra poder lavar minha roupa, tenho que botar um tamborete, um balde grande pra botar minhas roupas na lavanderia. No dia que cheguei, não fazia 15 dias que tinha feito a cirurgia, fui lavar roupa, aí tive problema no olho. Porque aqui ninguém faz. Elas acham que eu sou boa, que eu sei fazer.

**A senhora mora aqui há quanto tempo?**

Eu moro aqui há 6 anos.

**A senhora recebe algum rendimento mensal, algum valor?**

Tenho não, só minha aposentadoria mesmo, que é um salário mínimo.

**A senhora é aposentada?**

Sim. Quando eu cheguei aqui tinham umas meninas muito boas, a médica era boa, a irmã que tomava conta da gente foi embora, vive viajando.

**Dona Terezinha, a senhora recebe um salário mínimo, né isso, da aposentadoria?**

É.

**E a senhora tá aposentada tem quanto tempo?**

Nem me lembro mais, faz muitos anos que sou aposentada. A minha mãe faleceu no ano de 80 e... Não sei se 82. Ela tem a memória muito boa pra gravar as coisas.

**A senhora não lembra né?**

Não.

**A senhora não estudou?**

Estudei pouco, só até o primeiro ano, sei só assinar meu nome. Não sei ler. Às vezes, eu mando a Lúcia ler pra mim alguma coisa, bula de remédio.

**Qual é a profissão da senhora?**

Primeiro, foi na roça, no campo. Eu plantava, capinava, eu trabalhei em casa de família, lavava roupa pra fora com a minha mãe, tudo com ela. Eu apanhava algodão, eu trabalhei em tudo, trabalhava em casa também.

**E a aposentadoria da senhora, aposentou-se como o quê?**

Sim, aí quando cresci, isso eu tinha 10 anos ou 15 anos. Quando fui crescendo mais, eu tinha 20 e poucos anos, aí trabalhei 3 anos numa firma de castanha na Leste Oeste, a Brasil Oiticica. Depois fui pra fora, fui pra São Paulo, porque tinha uma irmã que morava lá, aí trabalhei muito em casa de família, em conjunto de senhora de idade.

**Então, a senhora trabalhava com agricultura e também...**

Quando eu estava aqui, trabalhava com agricultura, quando viajei pra São Paulo, trabalhava com carteira assinada.

**A carteira assinada lá era como o quê?**

Lá eu pagava metade e a patroa pagava a metade.

**Na casa de família é?**

É, na casa de família. Já tomei conta de senhora de idade lá, eu era mais nova, tinha 20 e poucos anos quando fui pra lá. Aí, quando cheguei aqui... Eu não me dei mais lá em SP, vim embora pra cá, já tava mais de idade, só vivia doente, com dor de cabeça. Desde criança eu tenho dor de cabeça, tenho sinusite, constipação. Aí lá não tava dando por causa do frio e vim embora pra cá. Aí quando cheguei aqui, uma senhora de idade arrumou emprego pra mim lá na Água Fria. Lá fui tomar conta de uma senhora na casa da patroa né? Ela é evangélica. Tomei conta da mãe dela muitos anos, eu me aposentei aqui, na casa dela. Aí foi o tempo que minha mãe adoeceu, minha mãe sofreu muito, minha irmã não tinha paciência. Eram duas irmãs e quatro homens. Minha irmã não teve paciência e pediu pra eu dar conta da minha mãe até falecer. Eu trabalhei muito tempo com a mãe dela lá, na casa, morando com ela já, ela era uma pessoa boa, distinta, o marido também. Quando me aposentei lá, vim tomar conta da minha mãe. Tomei conta dela até Deus levar. Vim de lá já aposentada né? Muita gente me ajudava, ela me ajudou, eu fui... Tinha uma pessoa perto da minha casa... Que eu não pensava nessas coisas né? Meu irmão disse assim 'vai te aposentar'. Eu nasci em Santa Quitéria, um lugar que fica perto de Sobral. Saí de lá criança. Não conheci ninguém lá. Ele disse 'viaja pra lá'. Como vou pra lá se não conhecia ninguém? Se meus tios e tias e avós tudo tinha morrido já? Meus irmãos nunca fizeram nada por mim. Foi o pessoal daqui de fora que fez por mim. Aí teve uma senhora que disse pra eu procurar minha aposentadoria. Aí fui procurar uma senhora que batia muito computador perto da minha casa, fui

lá, conversei com ela: ‘mulher, tu tá passando da hora de se aposentar, vá procurar sua aposentadoria que seu tempo tá passando’. Eu fui procurar ajuda de um, de outro.

**Por idade?**

Por idade e metade de...

**Por tempo de serviço?**

Por tempo de serviço, né? Metade do INPS, que eu paguei quando morava em São Paulo. Aí juntou tudo, metade INPS, metade da idade, aí foi que me aposentei. Quando me aposentei, mamãe veio a falecer, eu senti muito a morte dela, porque eu cuidei dela desde quando me aposentei. Claro que foi com a ajuda dos outros né? Ela trabalhou um tempo com Nonato Albuquerque. Você conhece? Aqui do canal que faz o programa Barra Pesada. Aí, fui lá, pedi uma ajuda a ele, meu dinheiro recebi. Era aposentada eu, mamãe e minha irmã, morava as 3 juntas numa casa na Leste Oeste. O dinheiro da mamãe quem recebia era meu irmão, aí entregava tudo nas mãos da minha irmã. Meu dinheiro recebi e comprava minhas coisas e pra mamãe: fralda, coisas que precisava. Deixei ele de mão, comprava só as coisas pra mamãe, porque queria muito bem à minha mãe. Claro que com a ajuda dos outros. O Nonato Albuquerque, as irmãs dele, a mãe dele vinha deixar saco de coisa pra gente, fralda, Asseptol, porque ela pegou uma ferida aqui do lado, sabe? Eu que fazia o curativo dela, que trocava na cama, levantava, ela não dava trabalho. Muito calma a minha mãe. Foi tanto que Deus me ajudou...

E a senhora veio pra cá?

Aí ela pediu a uma senhora que morava lá perto, muito amiga das irmãs, que meus irmãos sempre foram muito desunidos comigo, sabe? Minha irmã brigava comigo, batia em mim, aquela confusão toda. Então, ela pediu pra uma senhora que mora perto dela, queria muito bem a mim: ‘quando você viajar, arrume um lugar pra Quiterinha, porque sei que ela vai sofrer muito’. Eu me lembro, dá vontade de chorar... Aí, a mulher disse assim: ‘tá certo, vou arrumar um lugar pra ela, ela cuidou da senhora, cuidou da minha mãe bem direitinho’. Minha mãe faleceu, eu cheguei aqui em pranto. Em pranto, sabe? Minha irmã me botou pra fora de casa: ‘você pode arrumar suas coisas, pode ir embora, não quero você aqui mais!’ Quer dizer, ela queria sossego na casa, sabe? ‘Essa casa não é sua, é minha, foi mamãe que deixou tudo aqui pra nós, pra mim.’ Eu tenho um irmão casado, casou novo, mas bebe muita cachaça, é muito violento, deixou a mulher e a mamãe fez um quartinho pra ele no fundo do quintal, ele ficou morando lá. Hoje, ele tá lá. Também bebe cachaça, botava a gente pra fora de casa debaixo de faca, sabe? É violento até com ela. Ela sustenta ele. Quando ele bebe cachaça, bota ela pra fora de casa. Ela preferiu ele do que eu. Então, minha filha, eu digo que não tenho ninguém. A amiga das irmãs viu tudo e disse que ia arrumar um lugar pra mim, aí fiquei em pranto, entrei aqui em depressão. Cheguei e encontrei muita gente boa aqui, teve uma mulher muito boa aqui que fizeram o favor de levar. Eu não almoçava, não jantava, era só dentro de casa chorando, pensando na minha mãe. Porque a gente pensa mesmo, mãe é mãe, ninguém substitui. Aí ela disse ‘vou te levar na psicóloga’. Aí me levou lá, era muito boa, contei toda minha situação pra ela. Ela disse ‘ela não tem nada de doida’. Porque o pessoal tava me chamando de louca, sabe? Porque passava dia e noite chorando.

**E hoje a senhora tá melhor?**

Eu tô melhor. A psicóloga passou remédio e falou ‘ela tá com o sentimento da mãe dela e tá de luto’, aí me passou remédio pra dormir, porque não tava dormindo de noite, aí as coisas melhoraram.

**A senhora melhorou?**

Melhorei um pouco. Mas hoje não durmo mais bem, porque depois que fiz essa cirurgia, fiquei assim, tudo acabou pra mim. Sabe?

**A senhora vai receber seus óculos quando?**

Tenho que pedir a uma pessoa, porque não posso comprar. Uma pessoa pra me ajudar, porque eu não posso. Eu tomo 4 remédios controlados. É um pra dor de cabeça, um pra... Foi ela que me ajudou pra cirurgia. Tomo remédio pra dormir...

**Entendi.**

E hoje eu tô assim, eu fiz uma cirurgia nesse olho, tá ruim o outro. Tá remelando, doendo, mas amanhã já vou com ela lá pro médico me passar. Ele não faz nada, só faz escrever: não pode abaixar a cabeça, não pode fazer esforço, levar sol, não pode fazer nada. Agora ela disse, não pode ficar dentro dos quartos, tem que sair um pouco. Eu não posso mais assistir televisão, acho que é falta dos meus óculos de grau, é isso! Eu sei, minha filha, que eu tenho sofrido por causa desse negócio aí...

**Vai dar tudo certo, dona Quitéria, se Deus quiser. Tenha fé em Deus pra continuar na luta. Muito obrigada pelas palavras da senhora. Foi muito bom, a senhora conseguiu fazer tudinho.**

Muito obrigada.

**Prazer, viu?**

E eu gosto muito de conversar com a pessoa, sabe? Que me entende, sabe? Porque aqui a gente conversa e 'ai, tu só fala besteira, tu tá é com história'.

**É bom falar né? Com certeza. Obrigada por ter ajudado a gente, ter trabalhado com a gente hoje. Boa semana pra senhora. Obrigada e tudo de bom.**

Obrigada.

**Agora vão tomar o banho e almoçar né?**

É sim.

**A gente vai organizar tudo pra deixar...**

**3.6 TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL SER V (45 min.)**

**PESQUISADORA (TODAS AS FALAS EM NEGRITO SÃO DA PESQUISADORA) - Eu vou fazer algumas perguntinhas pra vocês. Como falei, eu sou psicóloga, certo? E eu vim aqui fazer algumas perguntas pra vocês e quero que se sintam bem à vontade pra responder essas perguntas. Tá bom? São perguntas simples, pra que vocês me falem um pouquinho como é a relação de vocês aqui no lar, aqui no abrigo. Certo? A minha pesquisa é sobre isso. Tá bom? Se vocês não estiverem se sentindo bem no caminho, vocês me avisem. Tá bom? Se vocês não quiserem responder alguma pergunta, vocês dizem. Tá certo? Então, vamos lá. A minha primeira pergunta, que eu gostaria de fazer pra vocês, é: vocês desenham? Conseguem desenhar?**

[risos] [? Voz distanciada] É ruim...

**Pra senhora, a senhora consegue desenhar? Consegue?**

**R11 -** Eu tô meio adoentada.

**Aí a senhora não consegue? Certo. A senhora consegue desenhar? Não, né? Então, a gente vai fazer o seguinte, é como se vocês estivessem desenhando. Tá bom? Eu vou desenhar pra vocês. Tá certo? Eu quero que vocês imaginem como é quando vocês lembram do abrigo, qual a imagem que vem à cabeça? Se vocês fossem fazer um desenho de uma imagem de como você vê o abrigo, como você se sente no abrigo, como seria esse desenho?**

**R11** - Desenho? De saúde, né?

**De saúde, o que mais, Dona Valdira? Pode deixar a imaginação fluir. Qual seria a imagem que a senhora teria?**

**R11** - Aqui é bom demais. Eu sofria...

**A senhora sofria?**

**R11** - Aqui é bem melhor. Estou aqui há 5 anos.

*[Interrupções – arrumação do local e anotação do nome das entrevistadas].*

**Então, vamos lá. Qual imagem seria? Uma imagem de saúde pra senhora quando pensa no abrigo?**

**R11** - É isso aí. Eu não tinha saúde antes, passava mal, sofria.

**Antes a senhora não tinha, e agora?**

**R11** - Agora tem tudo, tem saúde, tem comida, tem carinho, tem visita, tem festinha.

**Ah, é? Olha!**

**R13** - Eu tô há 20 anos aqui.

**20 anos, é?**

**R13** - É, minha filha.

**E a senhora faz 5 anos.**

**R13** - 6 anos [*? Voz inaudível*].

**Então, já é 7 quase né?**

É.

**E a senhora, Dona Josefa?**

Cheguei aqui faz 15 dias... [*?*]

**Ah, faz pouco tempo, um mês né?**

Eu também gosto daqui demais, eles me tratam muito bem.

**Dona Josefa, se a senhora fosse fazer um desenho do abrigo, como seria?**

Eu não sei desenhar.

**A senhora não vai precisar fazer, mas se fosse fazer um desenho, como seria? Um desenho que representasse a forma como a senhora se sente aqui e como vê o abrigo.**

Eu tô bem demais, paz aqui eu tenho. Desde os 18 anos que eu trabalho em casa de família e aqui eu descanso, graças a Deus. Cuidam de mim, as meninas me tratam bem, eu gosto de todas elas, graças a Deus.[AGRADABILIDADE]

**Certo. E a senhora, dona Francisca, se fosse desenhar o jeito que vê e sente o abrigo, como seria esse desenho?**

Seria feliz. Sou feliz aqui, todo mundo gosta de mim, gosto muito e me tratam bem.

**Então, seria uma imagem de felicidade?**

Nós temos aqui.

**Explicar pra vocês que minha pesquisa tem relação com o envelhecer, com o morar. Não tem relação com o lugar, ao lar, não estou aqui para avaliar, de jeito nenhum, quero só saber como voes se sentem aqui. Tá bom? Então, vamos passar para a próxima pergunta.**

**Dona Valdira, o desenho da senhora que eu fiz aqui foi assim: “antes eu não tinha saúde, sofria, passava mal e agora eu tenho saúde, comida, carinho, eu passo bem”. Pra senhora, qual o significado que tem esse desenho, o que isso significa?**

Porque é bom, minha filha, é bom demais. Muito bom...

**Certo, dona Valdira. E pra senhora, dona Josefa? O desenho da senhora foi assim: “eu não tinha paz e agora eu tenho.” O que significa pra senhora isso?**

Uma coisa maravilhosa na minha vida, né?

**Mais alguma coisa?**

Aqui eu tenho paz, descanso. Aqui eu só tenho descanso, graças a Deus. Como muito bem, durmo bem, graças a Deus.[PERTENCIMENTO]

**Ótimo, dona Josefa. E a senhora, dona Francisca? O desenho da senhora foi assim: “felicidade”. Foi a imagem da felicidade, quando a senhora pensa no abrigo. Qual o significado que isso tem pra senhora?**

É bom, é bom demais.

**Agora, vou perguntar mais pra vocês com relação a sentimentos. Tá certo? Quero que vocês tentem acessar como se sentem. A próxima pergunta é: pra senhora, dona Valdira, seu desenho foi “antes não tinha saúde, sofria, agora eu passo bem”. Qual o sentimento que desperta na senhora o que falou?**



Minha filha, é porque é muito bom, tem paz, tem amor, tem carinho, é bom. Como 5 vezes por dia [risos].

**E a senhora, dona Josefa, “antes não tinha paz, agora eu tenho” - qual o sentimento que seu desenho desperta?**

Aqui eu descanso, eu me alimento bem, graças a Deus. Não tenho doença.

**E pra senhora, dona Francisca? O seu desenho foi da felicidade. Qual sentimento desperta na senhora um desenho como esse?**

É bom, minha filha, é muito bom. O que tenho que dizer é isso, que é bom demais aqui. É muito bom.

**Depois dessas perguntas vai ficar mais agradável. A gente tá falando de sentimentos, eu queria que vocês me falassem 6 palavrinhas, pode ser qualquer palavra, que resuma o sentimento de vocês com relação ao desenho que vocês fizeram.**

Eu não sei responder...

**Sabe [risos]. A gente vai se ajudando aqui, dona Francisca, por isso pedi pra gente ficar em grupo. Tá bom? Não se preocupe não, fique tranquila que a gente vai chegando. Tá certo?**

**[Risos] Então, vamos começar pela dona Valdira: 6 palavras que resumam o sentimento da senhora em relação ao desenho que a senhora fez ou aos elementos “antes não tinha saúde, sofria, passava mal e agora tenho saúde, comida, carinho e passo bem”. Quais seriam essas 6 palavras que resumem o sentimento da senhora nesse desenho aqui?**

Que eu passo bem.

**Que mais? Tem alguma palavra, alguma coisa a mais?**

Aqui é tão bom, é calmo, não tem zoada. Durmo bastante.[PERTENCIMENTO]

*[Interrupção: E aí meninas, estão indo bem?]*

**Estão respondendo tudo aqui. E a senhora, dona Josefa, tem alguma palavra que resuma isso pra senhora?**

Aqui é bom, calmo... [?]

**Mais alguma coisa?**

Eu me dou muito bem com minhas companheiras, graças a Deus. Aqui eu me sinto bem, durmo bem e me alimento bem. [?] Tenho remédio, graças a Deus.[PERTENCIMENTO POR SOBREVIVÊNCIA]

**A dona Josefa tá aqui há menos de um mês né? Bem pouco tempo aqui. Certo.**

Minha vida nunca teve tanto amor e carinho. [?]

*Ela tem ciúme das novatas quando chegam, porque é veterana né? Aí a bichinha foi andar na casa, não acertou as luzes do quarto dela, foi puxar o braço dela e levou uma queda e levou a pior.*

**Vixe, Maria! [risos] Tem ciúme, dona Francisca, tem não? [Risos] Dona Francisca, a senhora conseguiria colocar em 6 palavras como se sente?**

Minha filha, muito bem.

**Mais alguma coisa, dona Francisca?**

Aqui eu sou feliz.

**Tá bom, tá certo. Mais alguma coisa, dona Valdira? A senhora falou que passa bem, é calmo, dorme muito, não tem zoada... Mais alguma palavra?**

Tenho carinho, as festinhas...

**Ah sim, as festinhas.**

Tem presente também.

**Presente?**

Sim, tem muito.

**Se alguém perguntasse pra senhora, dona Valdira, o que pensa sobre o abrigo onde mora, o que a senhora diria?**

Que eu vou ficar.

**A senhora vai ficar aqui?**

Se Deus quiser. Não sei quando né?

**É, ninguém sabe.**

Aqui faz muito bem.

**Como é, dona Francisca?**

Faz 20 anos que eu moro aqui...

**Certo. E dona Josefa, se alguém perguntasse pra senhora o que pensa da instituição, o que a senhora falaria sobre o abrigo?**

Que eu me sinto muito bem nesse abrigo. [*? Voz distante*]

**E a senhora, dona Francisca, o que diria sobre o abrigo?**

Eu diria que aqui é muito bom...

**Certo, que a senhora passa muito bem né?**

É.

**Dona Valdira, se a senhora pudesse comparar o abrigo com algum lugar ou outra coisa, compararia com o quê?**

O céu.

**E a senhora, dona Josefa?**

Mesma coisa também.

**A senhora iria comparar com o céu?**

Aqui é um pedaço de céu.

**E pra senhora, dona Francisca, se fosse comparar com outra coisa, compararia com o quê?**

**Como se aqui fosse o quê?**

Aqui é bom demais.

**Certo. Tá ok. Dona Valdira, qual o lugar, dois lugares, que a senhora mais gosta de ficar aqui no abrigo?**

Minha caminha [risos].

**E o segundo lugar que a senhora prefere?**

No almoço. [risos]

**E a senhora, dona Josefa, qual o lugar preferido?**

O único lugar que encontrei paz e amor foi nesse abrigo.[PERTENCIMENTO POR SOBREVIVÊNCIA]

**Mas aqui no abrigo, qual o lugar que a senhora prefere ficar?**

No meu quarto.

**Tem outro lugar que seja assim também? O quarto é o melhor de todos? Não tem um segundo lugar que a senhora goste de ficar? Pode ser qualquer lugar aqui dentro da casa.**

Onde tenho meu repouso.

**Certo. Dona Francisca, qual o lugar que a senhora prefere ficar aqui? Qual o lugar preferido da senhora aqui no abrigo?**

Na minha arezinha, na minha área.

**Tem um segundo lugar que a senhora costuma ficar além da área?**

Na cama [risos].

**Dona Josefa, a senhora falou o quarto, mas tem outro lugar onde costuma ficar, além do quarto?**

Minha área, fico a manhã toda.

**Agora, a gente falou desses lugares e eu queria saber qual o lugar que vocês mais gostam de ficar e o que menos gostam de ficar. Certo? Começando pela senhora, dona Valdira, qual o lugar que a senhora mais gosta? Dos dois, a senhora falou no almoço e da caminha. Qual desses a senhora mais gosta?**

Almoçando [risos].

**Por que, dona Valdira?**

Porque é bom, isso é bom.

**Certo. E qual lugar a senhora menos gosta?**

Nenhum.

**Não tem um lugar que a senhora menos goste de ficar?**

Tem não, aqui é bom, a sala é boa [risos], o banho é bom também.

[?]

**Dona Francisca:** Fiz cocô no banheiro.

**Ela que limpou o cocô?**

*É a parte que ela não gosta, ela odeia.*

Onde ela faz? No banheiro, essa limpeza?

*A moça.*

**Mas e aí quando ela vai tirar isso, você disse que ela não gosta.**

*Não. Eu que limpo.*

**Mas a senhora vai pra algum lugar específico da casa?**

Pro banheiro.

**Será esse o lugar que a senhora menos gosta, o banheiro?**

[?]

**Qual lugar a senhora mais gosta na instituição aqui, dona Francisca? A senhora falou de dois lugares que gosta de ficar: na área e na cama. Qual a senhora mais gosta?**

Eu já disse que é na cama, na mesa...

**Se a gente fosse dizer que é na cama que a senhora mais gosta de ficar, por que a senhora gosta de ficar mais na cama?**

Pra descansar.

**Certo. Dona Francisca, tem algum lugar aqui no abrigo que a senhora goste menos de ficar? Não é que não goste, que goste menos. Tem?**

Eu gosto de todo canto.

**E a senhora, dona Josefa?**

Gosto de todos os lugares aqui.

**Qual o lugar preferido, que a senhora mais gosta?**

Onde eu descanso.

**A cama pra descansar né? E o lugar que a senhora menos gosta? Tem algum lugarzinho assim que a senhora não se sinte bem, que quando fica ali prefere sair?**

Não, nenhum.

**Certo. Alguma de vocês costuma receber visita?**

Até demais.

Recebo muitas.

**A senhora não?**

Recebo.

**Recebe?**

Ontem chegou três.

**São visitas de família ou os amigos que vem?**

Amigo.

**Tem visita de família?**

Tem, ano em ano.

*Eu registrei ela como minha filha, porque não tinha certidão de nascimento, nem documento nenhum. Fomos ao cartório, ao fórum, aí a juíza deu pra ela se registrar. Agora ela é uma cidadã.*

**Certo. Dona Valdira, a senhora recebe de ano em ano quem, que a senhora falou?**

Meu irmão.

[?]

**E a senhora, dona Francisca, a senhora recebe visita? Muita visita né, a senhora disse? São vários amigos que vêm visitar a senhora?**

É.

**Tem alguém da família?**

Não.

**São vários amigos né?**

É.

[?]

**E a Dona Josefa, que tá aqui faz pouco tempo?**

É, tem família não.

**Recebe muita visita, mas são visitas de amigos né?**

É, de amigos, da igreja evangélica, da minha comunidade.

[?]

**Dona Valdira, a senhora sai daqui da instituição, do abrigo? Tem algum momento em que a senhora sai?**

Teve um passeio ano passado.

**Pra que a senhora saiu?**

[?] *Ela não sabia dirigir a Kombi, aí ficou em pânico.*

**E a senhora, dona Josefa? Está aqui há pouco tempo né, mas a senhora sai ou fica mais aqui dentro?**

[silêncio]

**E a senhora, dona Francisca, a senhora sai?**

**Dona Valdira:** Foi também.

**Foi nesse passeio, ano passado?**

*Foi. Antigamente ela fugia, agora não foge mais. Porque a Chiquinha era na época que assumiram o abrigo, morava uma pessoa aqui que ela tinha que sair de casa, porque essa pessoa maltratava ela... Ela abria o portão e saía, chegava morta de bêbada.*

**É mesmo?**

*Aí ela pegava e tomava todas as esmolas que ela podia. Ficava com as esmolas dela todinha. Depois botava ela de novo pra pedir esmola, até chegar o dia que ela veio pro abrigo e não pediu mais esmola. Aí ela não saía mais. [?] Né, Chiquinha?*

É.

**Maria, faz quanto tempo que a senhora está aqui trabalhando?**

*Vai fazer 15 anos.*

**E o abrigo já tem 30.**

*Sim. Ia fundar uma congregação em Recife de freiras, eu tava agora recentemente numa missa e vi as freiras e tomei um choque, [?] então foi uma opção minha né pra Deus, pra minha vida, fiz de tudo pra ficar com elas [?] e elas estão tão perto de mim que ai do homem que encostar em mim pra querer casar, a Chiquinha é a primeira que não deixa [risos]. Né Chiquinha?*

**[Risos]**

**Vai perder? Não pode. Tem que ficar aqui né?**

*Chiquinha vê um homem se aproximar de mim e diz “ei, solta ela!” [risos] “É nossa mãe, não pode namorar não!” São umas abençoadas, viu?[?] A mãe tem que estar por perto. É igual menino pequeno, mulher, ave Maria... [risos]*

**Deixa eu continuar a perguntar. Dona Valdira, a senhora participa de alguma atividade aqui? Tem alguma atividade que a senhora participa, algo que faz com frequência?**

Não.

**Dona Josefa?**

Eu tenho não, mas quando tem sou muito comprometida.

**Certo, tá ok, amém. E a senhora, dona Francisca, tem alguma coisa que a senhora faça aqui com frequência no abrigo?**

Também não.

**Tá ok. Pronto, já tá quase acabando. Dona Valdira, como a senhora se sente com as pessoas que moram aqui, com as outras idosas?**

Gosto de tudinho.

**Gosta de tudinho? É mesmo, Dona Valdira? Tem alguém que a senhora se sente mais apegada?**

É à Joana, que tá lá fora

**Por que é a Joana?**

Porque ela fica mais eu, ri tanto.

**Ri? Ela é uma idosa também?**

É. Uma mangadeira [risos].

**Ela fica mangando?**

Fica mangando da gente.

**Joana o nome dela né?**

É.

**E a senhora, dona Josefa, mesmo falando que está aqui há pouco tempo, como está se sentindo com as outras idosas?**

Bem, graças a Deus.

**Tem alguma que a senhora é mais apegada?**

Tem.

**Quem é?**

A Maria.

**Ela é idosa também?**

É idosa sim.

**Por que a senhora se sente mais apegada à Maria?**

Desde que cheguei aqui, conheci ela, ela me trata muito bem.

**Que mais?**

Foi minha primeira amiga aqui dentro.

**E a senhora, dona Francisca, como se sente com as outras idosas aqui?**

Eu gosto de tudinho.

**Gosta de todas?**

Gosto de todas; nenhuma me faz mal.

**Tem alguma que a senhora seja mais apegada, das idosas?**

Sou mais apegada à Joantina.

**Joana também?**

[Risos].

**Por quê?**

Porque ela é aleijada.

**A senhora se sente mais apegada a ela, porque é aleijada? Tem mais alguma coisa que faça a senhora ser mais apegada a ela?**

Não, é isso mesmo.

**E dona Valdira, com relação às pessoas que trabalham aqui e organizam, os funcionários, como a senhora se sente?**

Juliana... Gosto dela, amo ela, amo!

**Por quê?**

Porque é boazinha demais.



**Mas o que ela faz que a senhora gosta?**

Ela dança, dá carinho, a bichinha é boa.

**Como a senhora se sente com relação a todos os outros profissionais? A Juliana é a preferida, né? A que a senhora é mais apegada. E com relação aos outros?**

Gosto de tudinho, mas gosto mais da Juliana, há 5 anos já. Ela é tão alegre, dá carinho, dança, canta... É boa demais.

**Certo. Ok, e a senhora, Dona Josefa? Como está se sentindo com relação aos profissionais que trabalham aqui no abrigo?**

Estou me sentindo muito bem.

**Tem alguém que a senhora seja mais apegada? Dos profissionais?**

Que trabalham?

**É, que trabalham aqui. Tem alguém que a senhora se sinta mais apegada?**

Tem a Madalena aqui.

**Por que a Madalena?**

Porque ela me trata muito bem, me ajuda muito. Quando tô doente, ela tá sempre perto. Ela é uma bênção...

**Certo. E a senhora, Dona Francisca, como se sente em relação às pessoas que trabalham aqui?**

Gosto de todo mundo.

**Gosta de todo mundo?**

Todas as duas.

**Tem alguém que a senhora seja mais apegada, dos profissionais?**

Sou apegada a todas duas.

**Quais são os nomes delas, das duas?**

A Maria e a Juliana.

**Certo. Por que a senhora é apegada a elas?**

Porque são boazinhas.

**As duas são boazinhas?**

É.

**Tá bom. Ok, então, só pra finalizar, já é a última parte. Tá certo? Vou só fazer uma perguntinha pra vocês, enfim, algumas informações tá? Dona Valdira, a senhora estudou?**

Estudei.

**Até que série?**

Quinta série.

**E a senhora, dona Josefa, estudou?**

Estudei, mas uma pessoa me orientava os estudos.

**A senhora não chegou a ir pra escola?**

Não.

**E a senhora, dona Francisca, chegou a estudar?**

Não, nunca estudei.

**Qual a idade da senhora?**

88.

**Vai fazer 88 esse ano né? Qual a profissão da senhora?**

Quando eu trabalhava, era cozinha, cozinha.

**A senhora tem alguma ocupação hoje aqui?**

Não.

**A senhora também não né dona Valdira?**

Quem sabe quando eu ficar boa faça alguma coisa.

**Qual a profissão da senhora?**

Bordadeira.

**A idade da senhora?**

70.

**Fez agora.**

Fiz agora em março. Foi bom...

**Cantaram os parabéns?**

Teve parabéns, teve bolo, teve bola, meus irmãos, foi bom demais.

**Ô coisa boa!**

Foi de oito até as seis horas da noite.

**Eita, que festa!**

Foi bom.

**Qual a profissão da senhora, dona Francisca?**

Nada.

**A senhora era dona de casa?**

Não.

**O que a senhora fazia?**

Nada.

**Vocês estão aposentadas, não é isso?**

Isso.

**Faz quanto tempo, dona Josefa, que a senhora é aposentada?**

Nem sei.

**Nem aproximadamente, mais ou menos?**

Não tenho ideia.

**E a senhora?**

2000.

**Desde 2000?**

É.

**E a senhora, dona Francisca?**

Quem sabe é a Maria.

**Certo. Então, todas são aposentadas, vocês recebem mais ou menos o valor de um salário mínimo, é isso?**

Isso.

**Vocês recebem mais alguma coisa?**

Não. Só o salário.

**Salário mínimo, né? E aí a senhora tá aqui mais ou menos há um mês, a senhora tá aqui vai fazer 7 anos agora em junho e a senhora tá aqui há 20 anos, né isso do na Francisca?**

É.

**Pronto!**

[Risos]

**Isso aqui vai pra uma pesquisa que eu tô fazendo sobre os idosos na cidade de Fortaleza, sobre os vários abrigos que tem aqui na cidade de Fortaleza.**

É mesmo?

**É. Aí eu peguei, tô fazendo uma pesquisa sobre os idosos, como eles se sentem no lugar onde moram. Eu sou psicóloga e trabalho com psicologia ambiental. A senhora já ouviu falar?**

Não. Isso é pra doido.

**Não, psicólogo não é pra doido não, dona Francisca [risos]. Psicóloga é pra trabalhar com gente.**

Gente doida!

**É pra conversar... Pra pessoa se sentir mais feliz, melhor. Tá bom? Pois eu agradeço a vocês, vou desligar agora o gravador. Tá certo?**

De nada.

**Com esses dados que vocês me deram, vou fazer uma pesquisa, depois vou trazer de volta pra vocês algum retorno. Tá bom?**

Tá.

**Tá legal.**

#### **4.7 TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL SER VI (1h20min.)**

**A gente vai gravar aqui e caso vocês se sintam desconfortáveis e não queiram participar, podem dizer. Tá bom? Fiquem à vontade.**

Tô à vontade.

**Ótimo. Então, a gente vai trabalhar com um questionário aqui. A primeira coisa que vamos pedir pra vocês fazerem é descrever como é a instituição aqui, o Lar Nossa Senhora de Lourdes. Certo?**

Tá.

**A pergunta é a seguinte: como você vê e sente o Lar Nossa Senhora de Lourdes? Aí você pode desenhar ou escrever. Quem quer desenhar?**

Eu quero escrever mesmo.

**Nessa primeira pergunta, é pra desenhar, aí as outras é que são pra escrever.**

Desenhar o que aqui?

**É. Desenhar como o senhor se sente e como o senhor vê e percebe o Lar Nossa Senhora de Lourdes. Certo?**

Desenhar como? Desenhar aqui o hospital é?

**Do jeito que o senhor quiser, quando pensa assim: Lar Nossa Senhora de Lourdes é onde eu moro, como me sinto aqui? Quando lembro do Lar Nossa Senhora de Lourdes, o que me vêm à cabeça?**

*Quando o senhor fecha o olho, o que o senhor pensa?*

**Certo? O senhor vai querer desenhar?**

Vou.

Eu me sinto muito feliz aqui. Tô realizada.

**É? Pois dona Dalva, a senhora quer fazer um desenho?**

Quero.

**Pronto, então venha pra cá, chega um pouquinho mais perto. Não tem problema, a senhora faz o desenho e quando for na parte de escrever, a gente dá um jeito, a gente escreve aqui pra vocês. Tá bom?**

Tá!

**Quando a senhora fecha os olhos e pensa no Lar Nossa Senhora de Lourdes, onde mora, o que a senhora pensa? O que vem à cabeça?**

Vem tudo de bom, minha filha.

**A senhora vai fazer o desenho. Não tem certo nem errado. Não tem um jeito que eu quero que a senhora faça. O jeito que vier à cabeça, a senhora faz um desenho aqui nessa primeira folha. Pode ser?**

Eu não sei desenhar.

**Não tem problema nenhum. A gente dá um jeito, dona Francisca. Seu Vicente, o senhor quer fazer um desenho?**

Bom, moça, não sou muito pra desenhar não.

**Desenhar não, pois então tá certo, não tem problema não. A gente vai fazer o seguinte: a dona Dalva vai fazer o desenho dela, o senhor Antônio vai fazer o desenho dele e aí a senhora vai dizer pro Leonardo, se a senhora fosse descrever o Lar Nossa Senhora de Lourdes, como descreveria? E ele vai desenhar. Tá certo? Pode ser?**

Descrever o quê?

**A senhora vai dizer como a senhora vê lá, percebe... Como descreveria? Se fosse fazer um desenho, com seria? Aí, quem vai fazer o desenho é o Leonardo.**

Eu não sei fazer nada [risos].

**Tem problema não!**

Só sei comer [risos].

**Dona Francisca, não se preocupe, que não tem nada de certo nem de errado. A senhora vai falar pro Leonardo como é quando a senhora pensa no Lar Nossa Senhora de Lourdes. O que a senhora lembra?**

Que é bom, tudo aqui é bom, o pessoal é bom...

*Qual a imagem que a senhora lembra, quando fecha o olho?*

Nossa Senhora Aparecida.

Certo! Ok, então vamos lá, dona Dalva. A senhora vai conversando com o Leonardo e vou ver com seu Vicente. Dona Dalva vai fazer o desenho dela e o senhor Antônio tá fazendo o dele. Tá bom?

Eu não sei desenhar nada.

**Não tem jeito certo de desenhar não, dona Dalva. A senhora vai fazer o seguinte, vai lembrar o Lar Nossa Senhora de Lourdes, qual imagem vem quando penso no lar? Essa imagem não precisa ser uma coisa assim fixa, pode ser qualquer coisa que vier à cabeça da senhora.**

A imagem é Nosso Senhor Jesus Cristo...

**Pois faça aqui alguma representação.**

Nossa Senhora...

**Desenhe alguma coisa aqui que a senhora pensa. O que vem à cabeça?**

Não sei, sou burra, burra mesmo.

**Não diga isso. Pois dona Dalva, vamos fazer o seguinte, vou ver aqui com o seu Vicente e aí já eu faço o seu desenho.**

*É assim, mais ou menos? Como a senhora se sente vendo?*

[Risos]

*Que mais a senhora vê?*

Só coisa boa aqui. O pessoal todo é bom. Eu gosto muito de comer, só não como carne.

*O que mais a senhora lembra de imagem?*

Um bocado de santo.

**Qual a imagem que vem na cabeça do senhor quando pensa no Lar Nossa Senhora de Lourdes?**

O que eu lembro do Lar Nossa Senhora de Lourdes, é que eu vim por causa da minha melhora do que eu senti lá dentro da minha casa. A perna dormente, o braço... Adormeceu. Outro problema que aconteceu também, sei lá, uma coisa horrível, uma coisa incrível, aí vim pra cá.

**Tá certo. Mas seu Vicente, quando o senhor pensa no lar Nossa Senhora de Lourdes, o que vem à cabeça do senhor?**

- Boa! **[interrupção]**

**Boa, seu Wagner, o senhor veio também! Vixe-Maria, eu acho que só não tem outro papelzinho... Sente aqui que a gente vai dar um jeito.**

Não tem problema não.

Tem um pedaço de papel aqui, ó, tem muito papel!

*É da senhora.*

[Seu Vicente] O que penso do Lar Nossa Senhora de Lourdes é o seguinte, desde que saí de lá, que me trouxeram pra cá, eu vim aqui e não conhecia ninguém.

[Seu Wagner] Você vai me dar licença, porque tô com um pouco de dor de cabeça.

**Então, tudo bem, seu Wagner, não tem problema não, fique à vontade.**

Certo? Não ache ruim não, viu? [risos]

**Não, não acho não. Fique à vontade, viu, seu Wagner?**

Tá bom, obrigado.

**Da próxima vez, a gente trabalha junto.**

A Dalvinha tai lhe assistindo né?

**É, ela tá aqui ajudando a gente.**

Tô aqui fazendo o que eu não sei [risos].

***Posso desenhar Jesus Cristo aqui?***

Pode, Nossa Senhora também.

**Certo, seu Vicente...**

Há poucos dias eu tinha me aposentado, aí de qualquer maneira eu me conformei e vim pra cá. **[vozes misturadas]** E aí vou ver como vão resolver comigo, porque com paciência, bom eu não tô, ainda tô doente do braço e da perna. Eu tô assim um pouco esquecido também. Aí quero saber o seguinte, como vai ficar a minha situação, que eu não tô bom, se eu vou passar mais uns dias aqui pra ver se me recupero, com o poder de Deus que vai me proteger e abençoar, só o poder do céu, lá de cima e os santos do céu. Os daqui da Terra também, tem as pessoas boas.

**Pra ajudar o senhor a melhorar né, seu Vicente?**

É, melhorar minha vida. E eu quero ir embora daqui, não quero ficar aqui não. Minha casa é lá depois da Santa Maria, pra baixo, um pouco. Quero ir embora pra minha casa, vou ver se melhoro um pouquinho. Entendeu?

**Então o senhor tá aqui pra melhorar né?**

Pra melhorar.

**Certo. E me diz uma coisa, quando o senhor pensa aqui nessa casa, qual imagem vem na cabeça do senhor?**

O que vem à minha cabeça é o seguinte, a dor que eu senti né? Posso dizer que foi jogado em cima de mim... Eu tô todo doente desde que eu vim pra cá.

**Quando o senhor pensa no lar, pensa em doença?**

Do que aconteceu comigo. Eu quero resolver esse problema, ver se melhoro dessas coisas que eu senti. E melhorar minha vida, ver se passo mais uns tempos bons na minha vida. Tempo bom não, melhor.

**Seu Vicente, o senhor tá aqui pra melhorar né? Um lugar onde a gente fica pra melhorar, como é esse lugar? É como se fosse...**

Ir lá pra minha casa. É minha casa, tenho muita vontade de ajeitar e vender minha casa, pegar esse dinheirinho, algum dinheiro que arranjar, um sacrifício, e ir embora pra Natal, lá pro Rio Grande do Norte, porque sou de lá, não sou daqui não. Trabalhei foi tempo aqui.

**Seu Vicente, então eu poderia dizer assim que o senhor está aqui nesse momento pra melhorar de uma doença. Posso dizer que aqui é como se fosse um lugar, tipo um hospital, pra o senhor melhorar, é isso?**

Tipo um hospital, é. É que me trouxeram pra cá.

**Certo, pro senhor se recuperar né?**

É, me trouxeram.

**O senhor tá aqui há quanto tempo, seu Vicente, o senhor sabe?**

Não falaram pra vocês aqui não?

**Não, a dona Marli falou do tempo de algumas pessoas daqui, mas eu não tô lembrada quanto foi o tempo que o senhor tá aqui.**

Acho que foi fim de dezembro, o último mês... Acho que tô há 3 meses aqui.

**Eu vou perguntar direitinho pra dona Marli.**



Pergunte a ela direitinho, que ela sabe.

**Vou perguntar sim. Seu Antônio ainda tá aí no desenho?**

Tô.

**Fique à vontade.**

Tá.

*Você quer que eu vá escrever pra você as perguntas?*

**Pronto. Pois o Leonardo vai fazer o seguinte, agora, nessa segunda parte, quando o seu Antônio terminar, a gente vai passar pras próximas perguntas e vocês vão pensando e vão dizendo. Aí o Leonardo tá lá escrevendo no questionário de vocês, tá bom? Aqui é da dona Dalva e esse da dona Francisca, né?**

*Isso.*

**Pois então, seu Vicente, vou botar aqui no seu desenho tipo um hospital. Tá bom?**

Certo.

**Quando o senhor pensa no lar, pensa como se fosse um hospital. Vou botar uma cruz aqui no hospital né?**

Eu vim pra me tratar dos problemas que senti lá dentro da minha casa. De lá me trouxeram pra cá. Então, nesse abrigo aqui vim me tratar da coisa que eu senti lá na minha casa... Não fui porque quis e nem procurei briga com ninguém, eu senti lá dentro da minha casa. O que eu posso dizer é isso, me trouxeram pra cá através desse tipo de coisa assim. Sempre acontece na vida da pessoa coisa que nem espera.

**É verdade, seu Vicente. Com certeza.**

Então, eu quero trabalhar. Eu sou um homem trabalhador, viu? Estudei pouco, mais eu meus irmãos e minhas irmãs, no tempo em que eles estudavam...

**Pois vamos passar pra próxima pergunta e aí a gente vai conversando mais, certo?**

Nem que eu precise ir pra um lugar mais distante, vou procurar melhorar a vida...

**Um melhor trabalho, né? Como se tivesse mudando pra isso né?**

É isso mesmo.

**Com certeza, seu Vicente. Então, diga uma coisa, a dona Francisca desenhou Nossa Senhora, a dona Dalva desenhou Jesus Cristo, quando pensam no Lar Nossa Senhora de Lourdes. Vocês lembram né?**

É.

**O seu Vicente falou que lembra de hospital, porque ele tá aqui pra se tratar de uma doença, né?**

Vim da minha casa doente pra me tratar desse tipo de coisa que eu senti, essa atribulação que eu senti lá dentro da minha casa. Até que estranhei muito uma coisa dessas, sei lá...

**Certo. Então, qual o significado que tem pra vocês esse desenho que fizeram? O que significa pra vocês quando pensam no lar lembrar Nossa Senhora?**

É porque toda noite eu rezo e Nossa Senhora Aparecida eu tenho devoção com ela. Viu? Porque eu tenho fé em Deus também que eu vou ficar boa das minhas pernas. Se Deus quiser, e ele quer né?

**Com certeza. Então, quando a senhora lembra de Nossa Senhora, lembra da fé né?**

Que vou ficar boa.

**Ok, que vai ficar boa da perna né, que vai melhorar?**

Eu tive um AVC.

E eu dessa perna e desse braço, estou bem melhor.

**O senhor Vicente quando lembra do lar, que pensa no hospital, o significado que tem pro senhor é melhorar?**

O significado é eu melhorar o que passei na minha vida lá, num bocado de dias que melhorei, com muita paciência, a cada dia tô melhor.

**Aos pouquinhos né?**

As coisas da vida quando são um pouco difíceis, o que eu quero é ver se melhoro... Esse negócio do meu braço e da minha perna. Tenho que tomar remédio.

***Qual o significado de Jesus Cristo pra senhora?***

**E pra senhora, dona Dalva, qual o significado desse desenho que fez de Jesus Cristo?**

É tudo de importante na minha vida, porque Jesus é tudo. Deus, Nossa Senhora, Jesus são tudo na vida. Vou dormir, rezo. Eu me acordo tão feliz. Eu tive trombose já, esse braço aqui não ficou bem, ele é esquecido assim sabe? Tem dia que amanheço melhor. Vou vivendo até onde Deus quiser.

**Tá certo. Vamos passar pra próxima pergunta agora, tá bom? Dona Francisca, a senhora desenhou Nossa Senhora, qual o sentimento que tem?**

Nossa Senhora Aparecida?

É.

Porque eu tenho fé nela e tenho fé em Deus também, eu vou ficar boa. Eu vou ficar boa. Essa igreja, sei que tem em São Paulo, mas não vou, vou ficar por aqui pra cumprir minha promessa né?

**Certo.**

Eu cheguei aqui, não sabia se vinha pra cá não. Porque eu fiquei assim com a cabeça meio doida, aí arrumaram pra eu vir pra cá, mas cheguei aqui não sabia de nada. Foi quando eu fiquei melhor, mas passei bom tempo no Eusébio. Quando cheguei do Eusébio, eu andava, cheguei aqui piorei. Se eu não tivesse caído, acho que andava por todo o canto.

*A senhora caiu foi?*

Caí. Quando vim pra cá foi toda cortada, toda remendada, cheia de sangue.

Dona Francisca, quando perguntei pra senhora sobre o sentimento, a senhora disse 'eu tenho fé que vou melhorar'. A senhora tá falando do sentimento de esperança, é isso? A senhora tem esperança que vá melhorar é?

Vou.

**Mas o que mais de sentimentos a senhora tem em mente?**

Em primeiro é Nosso Senhor Jesus Cristo, que mais ajuda a gente, é o pai de todo mundo. Mas eu tenho fé em todo santo, eu rezo pra um bocado de santo.

**Dona Dalva, quando a senhora pensa no seu desenho, em Jesus Cristo, qual o sentimento a senhora tem?**

Tudo de bom na minha vida, minha filha. Eu peço as coisas a Deus e eu vejo... Deus me dá aquele...

*Aquela força.*

Sim, aí eu vejo, eu sinto.

**O que a senhora sente, dona Dalva?**

Aquela alegria de estar ao lado do Nosso Senhor Jesus Cristo, os anjos, sabe? É uma alegria medonha.

**Alegria. Tem mais alguma coisa?**

Alegria de viver feliz. Tô num canto muito feliz, gosto muito de estar aqui, elas são muito legais comigo, graças a Deus, não tenho o que dizer, porque não sou daqui, eu sou do Rio Grande do Norte.

**Também?**

Sou. Lá do Pan-americano, onde eu morava.

**Seu Vicente, qual sentimento o senhor tem quando o senhor pensa no desenho do hospital?**

Sentimento pelo desconhecimento da memória da pessoa né? Vim lá da minha terra natal, RN, a gente com 22 anos de idade, eu tinha e fui morar lá com meus conterrâneos no Rio Grande, de lá com bocado de dia vim pra primeira firma que trabalhei. Trabalhei pouquinho, 5 meses só, eu tava com problema, doente, também não foi muito certo, porque eu tava doente, aí depois saí e me operei, melhorei, fiquei bom, graças a Deus.

**Qual o sentimento, seu Vicente?**

No que a gente passa na vida, a vida continua e a gente tem paciência. Trabalhei lá na Esmaltec, (cita outras empresas) o que me lembro é isso [?].

*Seu Vicente, quando o senhor pensa aqui no lar, o que sente? Qual o sentimento quando o senhor pensa nesse desenho que fez? É a sensação de recuperar, de estar no hospital? Quando o senhor tá aqui, o que sente?*

Rapaz, o que eu sinto é o seguinte, fico até pensando no meu comportamento. Tenho fé em Deus que tô bom, não tô doente, mas eu vou pedir a meu Deus do céu que me proteja e me ajude a defender das coisas más que vierem a mim e procurar viver uns dias mais pra frente, viver minha vida em paz, pra minha família me esperar lá... Quando eu chegar lá eles me receberem. Não matei ninguém, não furei ninguém... O que eu digo é isso, tocar minha vida pra frente e enquanto eu puder fazer alguma coisa, trabalho, progredir em algum trabalho, eu faço um trabalho até pegar um boi brabo, botar no cultivador e cultivar os terrenos. Lá nós temos os terrenos da gente.

*Mas a sensação que o senhor tem aqui é de proteção, de alegria, de fé? O que o senhor sente aqui?*

O que eu sinto é ainda ter prazer na minha vida, ir pra frente, pra ver se melhoro minha vida. O que eu sinto é isso. Não mexi em nada de ninguém, eu deixo quieto, nunca assaltei ninguém. Se fiz alguma besteira, deixa pra lá e nunca mais eu quis. Tomei o regime da regularidade da minha vida, sei viver no mundo, mais ou menos, graças a Deus, eu sei viver. Tenho coragem de enfrentar a luta da vida, trabalhar e aí por diante a gente tem que saber viver no mundo né?

**Certo! Dona Francisca, qual sentimento a senhora tem quando olha pro seu desenho, de Nossa Senhora? Como a senhora se sente?**

Bem. Muito bem, porque eu tenho fé em Deus e nela, que eu vou ficar boa. Quando eu vim pra cá, eu não sabia de nada, fiquei num quarto como uma doida. Graças a Deus que eu tô boa né? Só

tem o negócio das minhas pernas, mas tenho fé em Deus que fico boa cedo. E outra, vivi foi muito no Eusébio, quando vim pra cá, vim andando bem, quando cheguei aqui levei queda por cima de queda. Ainda tô sem poder andar, mas ando. Eu caio de quatro pé, caio de todo jeito, taco a cabeça [risos]. Eu tô sentada aqui, cai a cabeça, bate aqui...

**Se eu perguntasse pra vocês 6 palavras que possam resumir qual o sentimento que vocês tem em relação ao desenho que vocês fizeram? Vamos começar pela dona Francisca. Quando a senhora olha pra esse desenho aqui, diga uma palavra que tem vontade de falar.**

De ficar boa, né, mulher? E ir pra casa. Vivo bem aqui, porque não tenho intriga com ninguém, todas as duas são boas pra mim, dona Marli... Não me dão as coisas, mas as pessoas são boas de coração.

**Então, é ficar boa, ir pra casa...?**

Ajudar minha neta a criar os filhos dela.

**Só mais três. Que mais?**

Os bichinhos ficam sozinhos trancados. Agora ela arrumou colégio pra ir de manhã e só chegar de noite. Vão pro colégio, mas eu tenho medo...

**A senhora fica preocupada, dona Francisca?**

Muito. Lá num colégio encostado onde a gente mora um matou o outro.

**Foi? Pois dona Francisca, vamos ver de novo. Eu queria que a senhora dissesse aqui do desenho.**

Só de ficar boa né? De tudo que eu sinto. Eu tenho fé em Nossa Senhora Aparecida que eu vou um dia à igreja dela levar uma oferta pra ela né? Tenho fé em Deus também. Eu queria deixar de tomar remédio, chega dá vontade de provocar.

**Certo. Dona Dalva agora. Quando a senhora olha o seu desenho de Jesus Cristo, vamos tentar olhar e dizer 6 palavras que resumam como a senhora se sente com relação a esse desenho.**

Eu me sinto muito bem. Jesus, Nossa Senhora, porque eu amo demais.

**Amor?**

Amor no coração. Que eu tenho por Deus, Nossa Senhora e Jesus Cristo. Rezo à noite, não durmo sem rezar. Graças a Deus, isso aí minha mãe me ensinou.

**Certo. Então, tem muitas coisas boas quando vocês duas olham o desenho de Nossa Senhora, Jesus Cristo, né? Fé, amor, né? A senhora também, dona Francisca sente amor quando olha?**

Sinto.

**Que mais, dona Dalva, a senhora sente sobre seu desenho?**

Sinto amor, sinto paz, sou feliz aqui, muito feliz, graças a Deus.

**Amor, paz, felicidade... Que mais a senhora sente?**

Tudo de bom, tem almoço, tem merenda [risos], tudo.

**E o senhor, seu Vicente, quando olha pro seu desenho que eu fiz e o senhor disse, como se sente? 6 palavrinhas que resumam isso.**

Também não tô bom, não me sinto bem, mas vou vivendo e quero ver se me trato mais, se melhora mais pra conseguir alguma coisa e ir embora pra algum lugar, pra minha terra Natal, RN.

**Vamos pensar assim em 6 sentimentos, como é?**

Sou resolvido. Ou morrer aqui no Ceará ou ir pro meu lugar, RN, porque lá me sinto melhor, tem minha família né? Não é família de gente que eu me casei aqui e não deu certo, que me botou pra trás, uma mulher errada. Minha família é lá no Rio Grande do Norte, quero ir embora pra lá pra ver se minha família me ajuda, meus irmãos e irmãs.

**Então, quando o senhor olha pro seu desenho, lembra da sua casa? O senhor lembra de lá, do RN?**

Do Rio Grande do Norte eu me lembro, por causa dos meus irmãos, minhas irmãs... Meu pai e minha mãe já morreram, então... Eu quero é voltar pra minha terra natal, ficar lá e resolver minha vida até quando Deus quiser.

**Certo.**

*Seu Vicente, quando o senhor olha pra casa aqui, pro terreno, o que o senhor sente dentro do senhor? Em uma palavra, o que poderia dizer?*

A casa e o terreno?

**Aqui pro lar.**

*Qual a sensação que o senhor tem, em 1 palavra o que poderia dizer? A dona Francisca disse que era amor, a dona Dalva disse alegria, felicidade, tudo de bom, a dona Francisca disse que era ficar boa, é esse o sentimento que elas têm. Qual o sentimento do senhor?*

Quando tô aqui eu sinto como se fosse quase que um interior, é mesmo que estar num sítio, no interior. Então me lembro da minha terra natal lá, os terrenos perto da pista da BR, assim mais pra dentro do lado de cá.

***E o senhor gostava lá do terreno?***

Gostava.

***Então, o senhor se sente bem aqui?***

Eu me sinto bem aqui. Lá no interior e aqui é quase interior também. Exatamente. E eu gosto muito de trabalhar, gostei muito de trabalhar, graças a Deus. Amansei boi brabo, burro brabo também, caí de queda de burro brabo, sou uma pessoa resolvida, gostei de viver lá, graças a Deus.

***Vamos passar pra próxima, certo?***

Hum.

***Começando pela dona Francisca, se alguém perguntasse pra senhora sobre o que pensa dessa instituição, o Lar Nossa Senhora de Lourdes, onde a senhora mora, o que diria?***

Eu acho bom né? Acho bom demais aqui, passo bem. Só não passo tão bem, porque não como carne de jeito nenhum, mas quando o pessoal faz do jeito da comida da dona Vera, o pessoal bota pra mim também. Eu gosto de feijão, não mulatinho, mas gosto do de corda. Minhas comidas são tudo da mata, cuscuz, mugunzá, feijão de corda... Não como carne de galinha nem de gado, peixe só sem ser da praia, sendo da praia não como de jeito nenhum. A minha neta traz massa pra mim, leite pra eu comer mingau, minhas comidas são todas assim de menino pequeno [risos].

***Certo. E dona Dalva, se perguntassem pra senhora o que pensa sobre o Lar Nossa Senhora de Lourdes, o que a senhora diria?***

Tudo de bom. Aqui é uma casa de Deus. Muito ótima, não me falta nada, graças a Deus, são tudo bom pra mim, são bons. Não tenho que falar de nada aqui.

***Seu Vicente, e se alguém perguntasse pro senhor sobre o que pensa do lar?***

O que penso é o que vi aqui o progresso, as coisas aqui, a bondade das pessoas, o pessoal é maravilhoso, é um pessoal bom, né? E daí por diante, a gente tem que dar valor às pessoas que cuidam da gente, que vivem na terra natal deles. Eu tenho que dar valor a eles.

***Então, o senhor falaria da bondade das pessoas, que elas são maravilhosas. Mais alguma coisa?***

É um pessoal bom, que não mexe com ninguém, trata a gente... Me trata mais ou menos, não é muito bem, mas também não passo mal não. Não vou dizer que passo mal aqui e tô morrendo de fome? Não, de jeito nenhum. A gente só passa melhor quando tá na casa da gente, tendo condições né?

**Certo... Senhor Antônio, tá tranquilo aí?**

Tô.

**Se quiser perguntar alguma coisa, o senhor diz.**

Tá certo, depois eu pergunto.

Vai perguntar eu?

**Vou, vamos continuar.**

[Risos]

**Tá com fome, dona Francisca?**

Não, já merendei.

**Pois então, vamos pra frente, que já termina. Certo?**

Certo.

**Dona Francisca, se a senhora tivesse que comparar o lar Nossa Senhora de Lourdes, onde a senhora mora, com alguma outra coisa, compararia com o quê?**

[Risos] Só não ao céu, porque é muito diferente né? Mas é bom...

**A senhora compararia com o céu?**

É.

**Dona Dalva, a senhora compararia o lar com o quê?**

Tudo de bom na minha vida [risos].

**Mas se a senhora pudesse pensar numa coisa, num lugar, num sentimento, compararia com o quê o lar Nossa Senhora de Lourdes? É como se fosse...**

A minha casa.

**Certo, e o senhor, seu Vicente? O lar Nossa Senhora de Lourdes é como se fosse...**

Minha casa, né?

**É?**

Casa dos meus pais, comparavelmente é assim. Mas a casa da minha mãe é muito melhor.

**O senhor compararia com o que então?**



Comparava com o que eu vim, quando cheguei aqui, foi preciso resolver esses problemas, então resolver aqui o que tiver de resolver hoje e der certo. E continuar pra frente, tratar as pessoas bem, dar boa educação e tratar direitinho.

**Já tá acabando. Diga aí dona Francisca dois lugares que a senhora prefere ficar aqui no lar, que a senhora mais gosta de ficar.**

*Na cama, na varanda, no alpendre...*

**Pode dizer qualquer lugar.**

Eu gosto do alpendre. Só vivo acolá sentada, agora aqui gosto que tem missa, tem diversões de todo jeito, tem vez que a gente recebe presente, presente assim, toalha, lençol, qualquer coisa recebe. Eu vivia mais minha filha, mas ela morreu do coração, aí fui morar mais a minha neta, aí ela tem um filho que morreu. Tenho vontade de encontrar ela, quando sair daqui. Aqui o pessoal tudo são bom, do mais novo ao mais velho, tudo é unido.

**Então, dona Francisca, a senhora gosta de ficar no alpendre né? E qual o outro lugar que a senhora gosta de ficar mais?**

Não tem não.

*Fica direto no alpendre né?*

É. Só de noite que eu entro pra me deitar.

**A senhora fica no alpendre e no seu quarto? São os dois lugares que fica mais?**

É.

**No quarto também?**

Só de noite.

**Certo.**

Fico lá assistindo televisão. Essa daqui fica até às quatro assistindo televisão [risos].

**Dona Dalva, quais os dois lugares preferidos da senhora aqui no lar?**

Todos, minha filha, de todos eu gosto.

**Quais os dois melhores?**

O alpendre, que eu também gosto de me sentar ali. Aqui eu sou muito feliz, eu sou uma andorinha [risos]. É ótimo aqui... Vivo muito feliz, graças ao meu bom Deus.

**Ótimo, dona Dalva. Mas além do alpendre tem outro canto que a senhora gosta mais de ficar?**

Meu quarto. Onde vou me deitar, tô mole e me deito, descanso, aí vou almoçar, vou jantar.

**E seu Vicente, quais os dois lugares que gosta mais?**

Eu digo o seguinte, tô satisfeito, até aqui não tive quase escolha, mas o que eu sinto aqui é saudade da minha terra, quero voltar pra minha terra natal, RN. Eu não matei ninguém, nem furei ninguém, pratiquei crime doloroso com ninguém. Por que não posso voltar pro meu lugar? Tenho que voltar pro meu lugar! Eu tava era trabalhando, minha carteira tá lá assinada na minha casa...

**Aqui no lar, o senhor disse que tem vontade de voltar pra sua terra natal, mas no Nossa Senhora de Lourdes tem um lugarzinho que o senhor prefere ficar mais que outros lugares?**

**Que o senhor passe o dia?**

Aqui eu tô, tô aqui na espera que esse pessoal me dê a minha saída, que quero ir embora pro meu lugar.

**Mas tem algum espaço aqui que o senhor goste?**

Aqui, não. Eu passei coisas na vida, sofri, pra ficar aqui... Não. Quero cuidar da minha vida, ajudar meus irmãos. Graças a Deus, eu tenho coragem de trabalhar.

**Dona Francisca, o local que a senhora mais gosta, já disse, é o alpendre. Mas tem um lugar que a senhora menos gosta?**

Eu gosto de todo canto, minha filha. Eu só vivo mais lá, porque não posso andar. Se eu pudesse, andava por aqui por todo canto.

*Ela não pode caminhar.*

Se eu pudesse andava isso aqui tudinho, todo dia.

**Mas não tem um lugar que a senhora menos goste de estar? Se a senhora pudesse escolher, que a senhora não iria? Todo canto é bom?**

É.

**Certo. E dona Dalva, não tem um lugar que a senhora menos gosta de estar aqui?**

Não.

**Por que a senhora gosta de ficar lá no alpendre?**

Porque é mais divertido, vejo o pessoal entrando naquele portão.

**Gosta do movimento né?**

É, se eu ficar só olhando pra aqui vai ter um bocado de velha acamada na outra casa [risos]. Aí arrumaram pra botar os velhos aqui. Bonita a casa.

**A senhora gosta de ficar ali, porque vê o movimento do pessoal entrando...**

Eu vejo os carros chegando, quando saem as pessoas pra ir embora, quando chegam de manhã, que eu tomo o café bem cedo, tomo banho e me sento ali pra olhar o pessoal chegar no trabalho.

*Hoje eu amanheci o dia muito feliz [risos].*

**Tem algum canto aqui dona Dalva, que a senhora menos goste de estar?**

Tem não, mulher. Vou pro meu quartinho quando vou dormir e fico à vontade, graças a Deus.

**E por que a senhora falou que gosta de estar no alpendre e no quarto?**

Todo canto aqui.

**Mas os preferidos são o alpendre e o quarto, né? Por quê?**

É. Porque no quarto, estou deitadinha, ressonando, pensando nas coisas boas que já passei; hoje não passo mais, que tô velha já, aí me aquieto, fico no meu canto.

**Isso no quarto da senhora né, e no alpendre, por que é bom?**

Porque chega o pessoal, fala com a gente, a gente tem amizades. Eu gosto assim de conversa, aí eu gosto.

**E o senhor, seu Vicente, tem algum lugar que o senhor menos gosta de estar no lar? Porque não tem um lugar preferido, né?**

Eu tô aqui dentro e só durmo de noite, de dia não durmo. Só um cochilozinho de dia e pronto, não vou me deitar não, eu fico lá onde tem aqueles cajueiros, por ali.

*Tem cajueiro aqui?*

**O senhor fica lá embaixo dos cajueiros?**

Isso é meio-dia, depois do almoço.

**O senhor gosta de ficar ali?**

Gosto de ficar ali. Só durmo de noite.

**Então, o senhor gosta de ir pro seu quarto só pra dormir?**

À noite.

**Tem algum canto aqui no lar que o senhor não gosta de ficar?**

Eu gosto de ficar no canto que dá certo eu ficar, não todo canto, fico por ali mesmo.

**Gosta de ficar no alpendre?**

É. Por mim, posso ficar lá mesmo, no alpendre.

**Vocês falaram que gostam de ver o pessoal entrando, saindo... Qual a frequência que vocês recebem visita?**

Domingo.

***Uma vez por semana.***

Só lá de casa, da minha neta, é quem cuida de mim. Ontem ela veio lá do Curió pra cá, deixou umas coisas aí. Quero muito bem aos dois meninos dela também, tudo me chama de vó.

**Aí a senhora recebe uma vez por semana né, a sua neta?**

É.

**E a senhora, dona Dalva?**

Eu, demora muito. Minha filha trabalha. Só vem aqui... Já hoje ela ligou pra mim graças a Deus, tô tão feliz que ela ligou pra mim.

**Ah foi, ela ligou?**

Foi hoje, graças a Deus, ligou. De vez em quando ela vem fazer umas coisas pra mim, eu gosto.

**Ela vem de quanto em quanto tempo, dona Dalva?**

Ela demora, porque trabalha.

**É uma vez por mês? A cada quinze dias?**

É, tipo um mês, quinze dias, quando ela não tá trabalhando.

**Ela fica muito ocupada, né dona Dalva?**

É, tem filho né?

**Uma frequência de quinze dias a um mês, né?**

É.

**E o senhor, seu Vicente?**

Eu, o seguinte, o que eu digo é que saí de minha terra natal, vim pra cá pra Fortaleza pra trabalhar, não sou vagabundo, sou homem trabalhador.

**Seu Vicente, o senhor recebe visita aqui no lar?**

Achei estranho que me jogaram aqui pro outro lado, aí fiquei na minha, na minha situação. Seja o que Deus quiser. Não matei, nem roubei, não assaltei ninguém, quero viver minha vida em paz e no dia que sair daqui, sair em paz, como pessoa de bem.

**O senhor fica mais aqui com o pessoal do lar né, não vem visita?**

A carteira não tá lá assinada? Eles devem reconhecer. Eu não era vagabundo. Tá com um bocadinho de assinatura lá na carteira. Sempre eu trabalhei avulso também. Quero viver minha vida em paz e pronto.

**Dona Francisca, a senhora sai daqui da instituição?**

Algumas vezes. Domingo agora foram me buscar pra almoçar.

**Uma vez por semana a senhora recebe visita e dá um passeiozinho?**

É.

**A senhora vai pra onde, normalmente, quando a senhora sai?**

Vou pra casa dela, vou almoçar lá no centro. Ela leva pra eu comer fígado, gosto muito.

**Pra almoçar uma coisa diferente?**

É.

**E a senhora, dona Dalva, sai de vez em quando?**

Saio não. É bom aqui ficar descansando.

**Tem bastante espaço né aqui?**

*Tem.*

Pra passear, tem o povo pra conversar... Quando não quero conversa, fico no meu quarto.

**Os cuidadores levam né? A senhora anda ainda com os cuidadores né?**

É.

**E o senhor, seu Vicente, o senhor chega a sair daqui do lar?**

Uma vez, lá na minha casa onde eu tava morando.

*Mas faz tempo?*

Faz um mês já que eu tinha que ir lá na minha casa resolver umas coisas, uns problemas que tinham lá.

*Foi só essa vez, seu Vicente?*

É. Não fui mais. A casa é minha, foi com o suor do meu trabalho.

**A senhora falou, dona Francisca, que aqui sempre tem alguma coisa acontecendo. A senhora participa de alguma dessas atividades?**

Participo, o pessoal me carrega pela mão, porque não gosto de carrinho não. Vou agarrada na mão até chegar lá.

*Aqui é animado. Aqui é bom.*

*O que a senhora faz, dona Francisca, participa do quê?*

Da missa, de novena que tem aqui, vejo o pessoal dos colégios.

**Então, a senhora participa mais dessas coisas né, da missa, novena?**

É.

**E a senhora, dona Dalva?**

Também.

**A senhora participa?**

Graças a Deus.

**Têm outras coisas aqui, outras atividades, além da missa, da novena?**

Tem o pessoal que vem trazer as coisas, veio uma senhora de 106 anos...

**Foi, eu vi, a dona Francisquinha né?**

Tão linda.

**105 anos, foi... Dona Dalva, a senhora participa da missa e também tem esses encontros com as pessoas que vão vir aqui pra doar né?**

Isso, minha filha, tudo.

**E o senhor, seu Vicente?**

Eu digo é isso, cada qual procura o seu destino, como eu procuro ir pra minha terra natal, o meu lugar e ir embora daqui, não quero ficar aqui. Não sei por que eles estão me amarrando desse jeito aqui. Vocês ainda vão explicar né?

**Não sei, seu Vicente.**

Quero saber por que eles estão me amarrando aqui dentro, eu quero ir embora daqui!

**O senhor quando tem alguma atividade proposta pelo lar, participa? Da missa, da novena?**

Participo. Todas às vezes o padre vem, reza a missa, já me confessei umas três vezes...

**Quando vem alguém fazer alguma doação, como a dona Francisquinha antes de ontem, o senhor gosta de participar, de estar lá no meio das pessoas?**

Exatamente.

*O segundo grau não pertence ao curso superior não né?*

**Não, aí é até aqui completo, ensino médio completo.**

Por que eu tô demorando tanto aqui? O pessoal tá me amarrando aqui dentro, sinceramente. Não posso ficar aqui dentro não. Quero ir embora daqui.

**Vamos continuar. Deixa eu perguntar uma coisa, dona Francisca, a senhora falou que aqui tem várias pessoas, tem os cuidadores que levam a senhora de um lado pra outro, pela sua dificuldade de andar. E como a senhora se sente com essas pessoas que moram aqui, com os outros idosos? Como se sente com eles?**

Bem.

**É boa a convivência?**

É.

Todo dia eu dou uma pisa nela [risos]. Né Francisca?

**Então, a senhora tem uma boa convivência com os outros idosos?**

Tenho.

**Com quem a senhora é mais apegada?**

Aqui?

**É, dos idosos.**

Essa daqui, que não é idosa ainda não [risos].

**Com a Dona Dalva é?**

É.

**E a senhora, dona Dalva, gosta de conviver aqui com outros idosos? Tem algum problema?**

Tem não, minha filha, pra mim tá tudo bem, tudo ajeitadinho.

**Com quem a senhora é mais apegada aqui, dos idosos? É a dona Francisca?**

É [risos].

**Certo. Agora falando dos cuidadores, seu Vicente, como o senhor se sente com os outros idosos aqui?**

Eu me sinto bem, ninguém mexe comigo, nem eu mexo com eles. Tenho paciência com os outros seres humanos, com a vida. Eu me sinto bem. Uma senhora dessa aí é gente boa, eu respeito como se fosse minha mãe, apesar de ser mais nova, não sei.

*Obrigada. Eu tenho 60 anos.*

**Qual o ano do senhor (Vicente)?**

Dia 2 de janeiro de 1942.

**Vocês estavam dizendo que a convivência é boa né? Por que é boa? O seu Vicente já falou que é porque aqui ninguém mexe com ele, nem ele mexe com ninguém.**

É do mesmo jeito.

*Eu me alimento bem, estou bem, graças a Deus. Por isso fico feliz, não me falta nada.*

Sendo de boa conduta, em qualquer canto a gente se dá bem com as pessoas.

**E com os profissionais?**

Também. Eu gosto de todos.

**Por quê, dona Dalva?**

Porque são bem educados, tratam a gente muito bem. Não vou dizer nada que não se passa comigo, só digo o que é verdade.

**E a senhora, dona Francisca?**

É do mesmo jeito. Gosto de todo mundo aqui, as enfermeiras todas são boas, ficam indo não sei quantas vezes no quarto da gente olhar. Eu acho bom.

*São ótimas.*

**Ficam olhando a senhora, vendo se tá tudo bem né?**

É.

**Como o senhor se sente com os profissionais daqui, seu Vicente?**

Por mim, eles nem são carne nem são peixe. Uns eu conheço, outros eu tenho menos conhecimento, mas não mexo com a vida deles, nem eles mexem com minha vida. Se algum diz uma coisa que não me agrada, deixo pra lá, porque assim a gente vive a vida da gente em paz.

**Tem algum profissional que vocês são mais apegados?**

Eu tenho.

**Quem é, seu Antônio?**

A Jerry (?), enfermeira. A dona Fátima e a Cíntia.

**O senhor colocou no seu questionário?**

Não. Botei todos, no geral, que me dou bem com todos os funcionários. Mas sou mais apegado com a dona Fátima, com a Jerry e com a Cíntia.

**São enfermeiras?**

A dona Fátima é ajudadora e a Cíntia e a Jerry é enfermeira.

**Certo. E a senhora, dona Francisca, tem algum profissional que a senhora é mais apegada?**

De enfermeira, essas coisas?

**É o pessoal que cuida aqui.**

A Zélia é quem cuida mais.

**É enfermeira ou cuidadora?**

Enfermeira... É quase tudo [risos].

**Tem alguém que a senhora sinta mais apego?**

A Zélia. Quando eu cheguei aqui, era ela.

**E a senhora, dona Dalva, tem alguém?**

Eu gosto de todos, graças a Deus, sou essa pessoa doidinha assim, gosto de todo mundo.

**Por que a senhora gosta de todo mundo?**

Porque todo mundo me trata bem, graças a Deus, sou muito feliz.



*Qual a pergunta você vai me fazer?*

**Seu Antônio, até mesmo pelo tempo, acho que...**

*O senhor já fez tudo já, respondeu tudo. Mas qual o profissional que o senhor gosta mais?*

*É a dona Fátima, a Jerry... E a Cíntia.*

**Por que o senhor gosta delas?**

*Porque me tratam bem, elas me tratam melhor, dão mais coisas. A Jerry me dá um cafezinho [risos], dá comida boa.*

**Pronto, seu Antônio, tá tudo respondido aí?**

Tá.

*Falta só o senhor assinar depois.*

**Depois peço pro senhor assinar, mas não se preocupe que vou atrás do senhor, viu?**

Tá, vou só beber água mesmo.

**Tá bom, pode ficar à vontade. Ok, então, com quem o senhor se sente mais apegado, seu Vicente?**

Eu me sinto mais ou menos com quase tudo, tem alguns desiguais, mas eu também não vou maltratar ninguém.

*Mas tem um que o senhor ache legal? Qual é?*

Tem. Eu gosto das pessoas que não me maltrata com conversa meio chata. Eu gosto de ficar calado, não gosto de maltratar ninguém com conversa não.

**Agora só pra finalizar, dona Francisca, a senhora estudou até que ano? Não estudou?**

Bem pouquinho, só até a terceira.

*Fundamental né? Foi só até o ABC ou a senhora foi mais?*

A primeira, daquelas cartilhas.

**E a senhora, dona Dalva? Estudou até...?**

Até nada [risos].

**Mas a senhora começou?**

Todas nós sabemos ler, eu que sou a burra.

*Foi até que série?*

Eu sou burra [risos].

**A senhora só começou, né dona Dalva?**

Comecei e terminei. Eu era muito doente, sofria com as minhas amigas, ficava sem fala.

**Seu Vicente?**

Estudei até o quinto ano primário, no Acarape, com a professora Ana Glória.

***Fundamental completo. E a senhora, dona Dalva?***

[Risos] *Ensino fundamental incompleto.*

**Seu Vicente, qual a idade do senhor?**

2 de janeiro de 1942.

**72 anos né?**

72 anos.

***E a senhora, dona Dalva, 60 né?***

Completei 60, graças a Deus.

**Qual sua profissão, seu Vicente?**

Agricultor. Operário.

***E a senhora, dona Francisca?***

86.

***A senhora trabalhava co mo quê, dona Dalva?***

Dona de casa mesmo.

**E a senhora, dona Francisca?**

Eu quando moça trabalhava na roça, depois que casei, fiquei trabalhando em casa.

**Trabalhava na agricultura né?**

Eu também (dona Dalva), mais meu pai. Plantava, apanhava feijão... Ô, meu Deus, era muito bom.

**Era bom né? [Risos]**

Era bom demais.

**Hoje em dia vocês não tem nenhuma ocupação aqui?**

Não.

*Tenho vontade de aprender a fazer crochê (dona Dalva).*

A atividade aqui é só comer e dormir [risos] (dona Francisca).

**O senhor tá aposentado (seu Vicente)?**

Vim lá de Messejana pra cá, aposentado. Eu me aposentei, quem encaminhou foi a prima da Erisvalda lá vizinho ao Bradesco.

**Quanto tempo faz que o senhor tá aposentado?**

Pouco tempo, tem uns 3 anos.

**A senhora recebe um salário mínimo, né dona Francisca?**

É.

**Recebe Bolsa família, algum salário?**

[Risos] Não. Eu tô comendo aqui, me empapando.

**E o senhor, seu Vicente?**

Um salário. Não sei como vai ficar isso.

**Hoje em dia o senhor recebe alguma coisa?**

Não tô recebendo nada.

**Última pergunta, porque vocês já estão cansados né?**

Eu não tô cansada, pode passar o dia todinho perguntando [risos].

**Faz quanto tempo que vocês moram aqui?**

Aí é que eu não sei dizer.

**A senhora sabe, dona Dalva, quanto tempo tá aqui?**

Não lembro, meu amor...

**Certo, eu pergunto pra dona Marli, não tem problema não. E o seu Vicente sabe quanto tempo faz que está aqui?**

No dia 31 de dezembro, acho que faz 3 anos mais ou menos.

**Eu trouxe um negocinho pra gente fazer, mas acho que acabou demorando muito o questionário, aí em outro momento a gente faz outra atividade mais legal, que vocês não tenham que responder um monte de perguntas. Outro dia eu venho pra gente fazer essa atividade.**

No dia que quiser, nós estamos aqui pra responder.

**Tá ótimo, dona Dalva, muito obrigada.**

*Diz o nome da senhora todo.*

Maria Dalva Ribeiro Silva.

**Qual o nome todo do senhor, seu Vicente?**

Vicente Ferreira de Araújo.

**A data de nascimento da senhora, dona Dalva?**

17 de julho de 1947.

**Nome da senhora completo, dona Francisca?**

Francisca Teixeira de Oliveira.

**E a data de nascimento da senhora?**

Rapaz, eu sei que sou de agosto [risos].

[vozes misturadas]

**Assine aqui nesse x. O senhor pode assinar nessa linha, se não conseguir, não se preocupe não.**

Eu não escrevo nada (dona Francisca).

**A senhora não se preocupe, a gente faz de outro jeito, viu?**

Eu tirei todos os meus documentos sem saber ler.

*Analfabeta. Meu pai me botou no colégio, mas fui burra.*

**Cada um faz sua história, faz o que pode, né dona Dalva? Muito obrigada pela participação de vocês.**

Obrigada digo eu, muito obrigada!

**ANEXO 1 - INSTRUMENTO GERADOR DOS MAPAS AFETIVOS**

1. Primeiramente, obrigada pela sua colaboração. Desenhe abaixo como você vê e sente a instituição onde você mora ou, então, descreva como você a desenharia.

2. As seguintes perguntas são sobre o desenho feito por você. Queremos conhecer suas opiniões e impressões.

a. – Explique o significado do desenho que você fez:

b. – Fale sobre os sentimentos que o desenho lhe desperta:

c. – Escreva 6 palavras que resumam seus sentimentos em relação ao desenho ou aos elementos indicados:

1. \_\_\_\_\_

4. \_\_\_\_\_

2. \_\_\_\_\_

5. \_\_\_\_\_

3. \_\_\_\_\_

6. \_\_\_\_\_

3. Caso alguém perguntasse o que você pensa sobre a instituição onde você mora, o que você diria?

4. Se você tivesse que fazer uma comparação entre a instituição onde você mora e qualquer outra coisa, com que você a compararia?



10. Como você se sente com os profissionais desta instituição? Com que você se sente mais apegado? Por quê?

---

---

### **DADOS SÓCIO-ECONÔMICOS**

1. Você estudou até que ano?

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> sem estudos                   | <input type="checkbox"/> ensino médio incompleto |
| <input type="checkbox"/> ensino fundamental incompleto | <input type="checkbox"/> ensino médio completo   |
| <input type="checkbox"/> ensino fundamental completo   | <input type="checkbox"/> curso universitário     |

2. Sexo:  Feminino  Masculino

3. Idade: \_\_\_\_\_

4. Qual a sua profissão? \_\_\_\_\_

5. Tem alguma ocupação atual?  Sim  Não

Caso sim, qual é? \_\_\_\_\_

6. Há quanto tempo está aposentado? \_\_\_\_\_

7. Qual o seu rendimento mensal aproximadamente?

- de 0 a 2 salários mínimos
- de 2 a 4 salários mínimos
- mais de 4 salários mínimos

8. Há quanto tempo você mora nessa instituição? \_\_\_\_\_



**ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**  
**CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA**  
**Endereço:** Av. Universidade, 2995 - Benfica - CEP 60020-181  
**Fone:** (85) 3366-7661/7651  
**Fax:** (85) 3366-7651  
E-mail: [costacarol.ana@gmail.com](mailto:costacarol.ana@gmail.com)

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido****Prezado (a),**

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Você não deve participar contra sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Meu nome é Ana Caroline Costa e estou desenvolvendo minha pesquisa de Mestrado na área de Psicologia intitulada “**Lar Doce Lar? Um Estudo sobre a Afetividade de Idosos Residentes em Instituições de Longa Permanência**”, sob orientação da Professora Doutora Zulmira Áurea Cruz Bomfim. A pesquisa tem como finalidade investigar a afetividade dos idosos em relação às instituições de longa permanência onde vivem.

O presente estudo é relevante, pois permitirá conhecer a respeito da afetividade dos idosos com relação ao lugar onde moram e assim refletir sobre a possibilidade de melhorias nesses locais. Cientificamente, a pesquisa justifica-se pela escassez de estudos nessa temática e a crescente demanda relativa à população idosa.

Para que a pesquisa seja realizada, solicitamos que responda a um questionário e pedimos sua permissão para gravar tanto a aplicação do questionário quando o momento da entrevista. Esta tem o objetivo de conhecer aspectos da sua afetividade com relação ao seu local de moradia, isto é, como se sente morando nesse lugar.

Caso haja algum desconforto, sinta-se à vontade de recusar-se a continuar participando da pesquisa e também de retirar o seu consentimento sem que isso venha a lhe trazer nenhum prejuízo.

A pesquisa não trará riscos aos envolvidos. Todos os dados e/ou material coletados serão utilizados apenas para esta pesquisa. Esclareço ainda que eu não receberei nenhum pagamento por participar dessa pesquisa. Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou não quiser

mais fazer parte do mesmo, pode entrar em contato no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC, localizado na Avenida da Universidade, 2995, Benfica, Fortaleza-CE, CEP 60020-181, através dos telefones (85) 3366-7661/7651, 8763-8963, do fax (85) 3366-7651 ou pelo E-mail [costacarol.ana@gmail.com](mailto:costacarol.ana@gmail.com). Ou ainda se tiver alguma dúvida sobre sua participação na pesquisa entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC - Rua Coronel Nunes de Melo, 1127 Rodolfo Teófilo fone: 3366-8344.

Asseguro que você não será identificada (o) e todas as informações por você fornecidas serão confidenciais, sendo utilizadas somente nessa pesquisa. A divulgação das informações si será feita entre os profissionais estudioso do assunto.

\_\_\_\_\_  
Ana Caroline Costa  
(pesquisadora principal)

\_\_\_\_\_  
Zulmira Áurea Cruz Bomfim  
(pesquisadora responsável)

### Consentimento pós-informação

O abaixo assinado, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ anos, RG: \_\_\_\_\_ declara que é de livre e espontânea vontade que está participando como voluntário da pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro ainda estar recebendo uma cópia assinada deste termo.

Fortaleza, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

Data: \_\_/\_\_/\_\_

Nome do Voluntário: \_\_\_\_\_.

Assinatura: \_\_\_\_\_.

Registro Geral (RG): \_\_\_\_\_.

Data: \_\_/\_\_/\_\_

Nome do pesquisador: \_\_\_\_\_.

Assinatura: \_\_\_\_\_.

Data: \_\_/\_\_/\_\_

Nome da testemunha (se o voluntário não souber ler): \_\_\_\_\_.

Assinatura: \_\_\_\_\_.

Data: \_\_/\_\_/\_\_

Nome do profissional que aplicou o TCLE: \_\_\_\_\_.

Assinatura: \_\_\_\_\_.